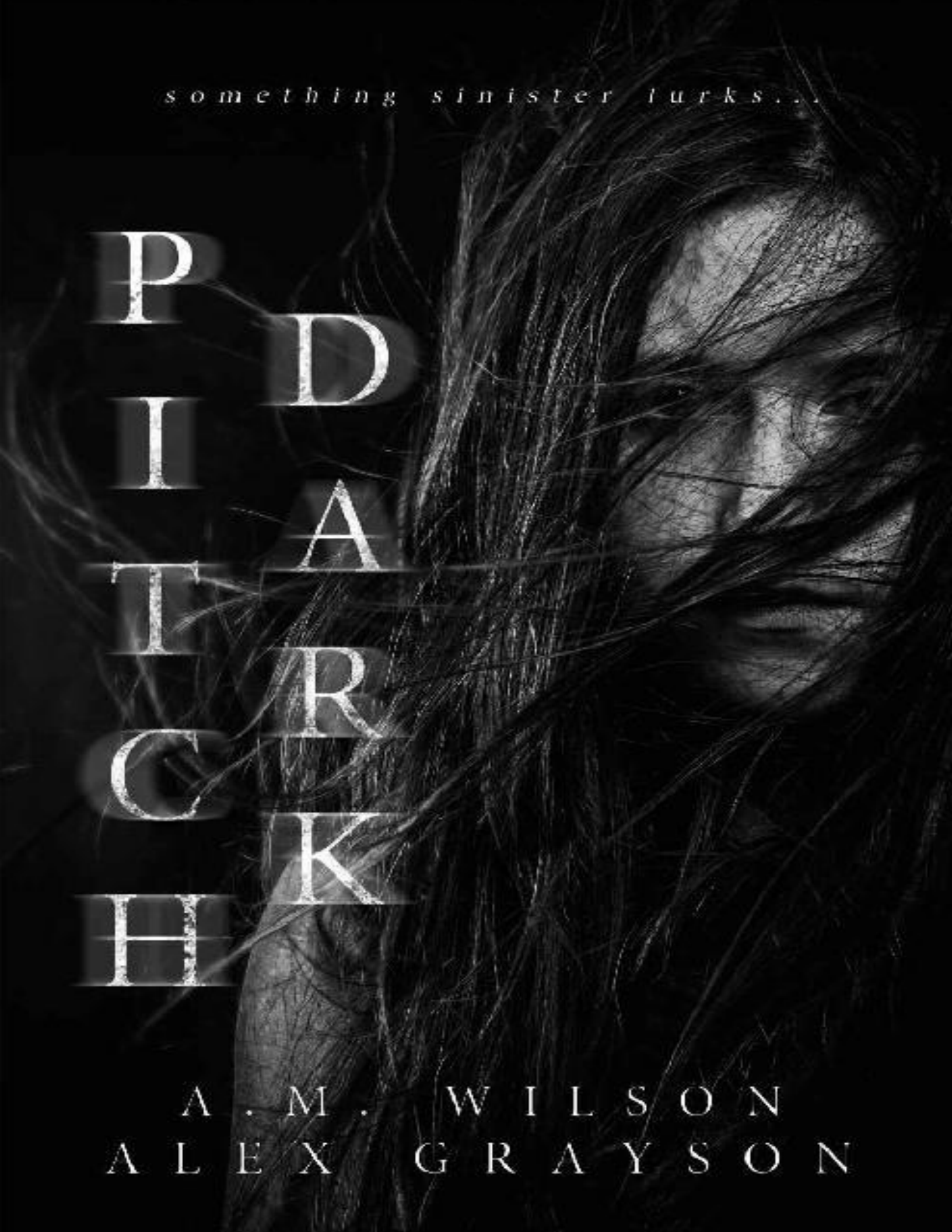

something sinister lurks...
PITCH
DARK
A.M. WILSON
ALEX GRAYSON


Valkyrias
Traduções

SINOPSE

Uma garota desapareceu. Depois de quinze anos, seu corpo frio e sem vida foi encontrado no chão úmido da floresta. Nem uma polegada dela foi poupada pelos horrores que ela sofreu. Sozinha, desnutrida, abusada de maneiras horríveis, foi assim que ela morreu.

Uma garota foi encontrada andando pelas ruas, coberta de sujeira e cicatrizes. Ela não tinha lembrança de quem era, de onde veio ou o que aconteceu com ela. Mesmo que as marcas em seu corpo atestassem anos de abuso hediondo, sua força brilhava a cada momento.

Vingança e justiça foram juradas.

Anos de buscas trouxeram nada além de becos sem saída. Era tarde demais para o detetive Niko James salvar sua amiga de infância, mas ele promete não decepcionar mais ninguém.

O relógio está correndo e a trilha está escura como breu.

Queridos leitores,

Este livro contém situações e representações que podem ser angustiantes para alguns leitores. Se você tiver gatilhos, recomendamos que você use seu julgamento antes de prosseguir. Leia críticas, converse com seus amigos e, se ainda estiver em dúvida, pergunte-nos. Estamos aqui por você.

PROLOGO

Niko

As folhas estalam quando atravesso a área coberta de vegetação. Galhos e arbustos roçam nas pernas da minha calça, tentando se enterrar no jeans como se tentassem me segurar do que está à frente. Como se soubessem mesmo antes de mim, que estou prestes a entrar em algo que vai me destruir. Meu coração bate forte no peito, como se soubesse que o que estou prestes a encontrar, mudará minha vida para sempre. Gotas de suor rastejam pelas minhas têmporas até minhas bochechas. Não pelo calor, mas pela enorme quantidade de pavor que enche meu estômago a cada passo que dou.

Quando Tavers, um velho amigo meu e detetive da minha cidade natal, telefonou uma hora e meia atrás com a exigência de que eu voltasse para casa porque ele tinha algo importante para me mostrar, eu sabia no fundo do meu coração o que era. Foi o tom hesitante que ele usou. Tavers não é do tipo que fala suavemente, a menos que esteja no modo detetive. Não pedi detalhes porque não estava pronto para lidar com eles. Eu queria negar. Inferno, *estou* negando. Eu não vou, *não posso* acreditar até ver por mim mesmo.

Não pode ser ela.

Porra, não pode ser ela.

Luzes vermelhas e azuis piscando me cegam junto com os muitos raios de lanterna que fluem ao redor da cena do crime arborizada. Olhos me observam enquanto passo por marcadores de evidências no chão e fita amarela da cena do crime. Olhos simpáticos. Olhos tristes. Olhos que ignoro porque estou tão focado no local que vejo quinze metros à minha frente. Aproximo-me de Tavers com as mãos enfiadas nos bolsos e olhando para o lençol branco que me recuso a reconhecer.

Minhas mãos se fecham em punhos tão apertados que as articulações dos meus dedos protestam. Tavers olha para cima quando estou a três metros de distância, e seu olhar me diz tudo. Eles seguram uma montanha de dor e um oceano cheio de simpatia.

Ainda me recuso a acreditar. Não tem como acabar dessa maneira. Não depois de todos os anos que a procurei. Não depois de comprometer toda a minha vida com isso. Deus não pode ser tão cruel.

Quando paro na frente de Tavers, ainda sem olhar para o lençol e o que está por baixo, ele estende a mão e a coloca no meu ombro. —Niko.

—Não. — eu rosno e bato na mão dele. —Você está errado. — Eu me inclino e cuspo as palavras em seu rosto.

Ele não recua ou se acovarda. Na verdade, sua expressão fica ainda mais sombria e me irrita.

—Niko. — ele tenta novamente, mas sabiamente mantém as mãos para si mesmo. —Sinto muito, cara, mas é ela.

—Não. — Repito. —Você não sabe disso. — Minha voz falha no final, e isso só me irrita ainda mais.

—Olhe. — Seus olhos caem para o lençol, e então ele os levanta de volta para mim. —Ela tem a marca. —Termina em silêncio.

Tudo grita para eu não fazer isso. Na verdade, parece que mãos invisíveis estão apertando os lados da minha cabeça, não me permitindo olhar para baixo. Tão assustado quanto estou, forço minha cabeça a baixar, mas antes que meus olhos encontrem o lençol, os fecho com força. Fortes arquejos deixam meus lábios enquanto tento controlar as emoções que rodam através de mim.

Uma mão cai no meu ombro e, desta vez, não a afasto. Eu mal a sinto. Tudo o que sinto agora é raiva violenta, medo intenso e tristeza avassaladora.

Afasto minhas pálpebras e meu olhar se liga ao lençol. O ar sai dos meus pulmões e, quando respiro mais, minha respiração parece mil picadas de alfinete. O corpo embaixo do lençol é pequeno. Muito, pequeno demais. Não pode ser ela.

Caio de joelhos porque eles não me sustentam mais. Me sinto tão malditamente fraco.

Agora que meus olhos estão no lençol, eles se recusam a desviar o olhar. Sinto Tavers ao meu lado e quero que ele saia. Eu quero que todos saiam.

Fecho minhas mãos em punhos, não tenho certeza de que posso expor a forma sob o lençol. Estou com tanto medo do que isso fará comigo se descobrir o que tenho tanto medo de descobrir. Não tenho certeza de como vou sobreviver sabendo a

verdade, sabendo que não protegi a única pessoa que deveria proteger. Depois de procurar anos por ela apenas para descobrir que falhei.

Tavers cai de joelhos ao meu lado. Sinto seus olhos em mim enquanto observo cegamente o lençol. Sua mão se estende para o material, sabendo que eu não posso fazer isso sozinho.

Ele pega o lençol e lentamente começa a descobrir o corpo. Cabelo castanho emaranhado é exposto, e a visão faz meu estômago revirar. Os holofotes cercam o perímetro e parecem muito mais brilhantes que o normal. Cada centímetro revelado parece brilhar na luz.

Bem quando o lençol mostra carne branca brilhante, eu estendo a mão e agarro seu pulso. —Pare! — Eu grito. Sem desviar os olhos do material branco, digo a ele: —Não posso... — Balanço a cabeça e prossigo. —Eu não posso fazer isso agora.

Sou um covarde, e sei disso, mas preciso confirmar o que Tavers é tão inflexível quando ninguém está por perto. Preciso de mais tempo para me preparar para a iminente obliteração da minha alma. Eu não estou pronto, caralho. O pequeno pedaço de pele que vi estava sujo e mostrou um corte profundo, e sei que o resto será ainda pior.

Tavers, entendendo minha necessidade sem que eu diga, cobre a pequena porção que ele revelou.

—Vamos esperar até que ela esteja no necrotério. Dê um tempo para você se preparar — ele diz baixinho ao meu lado, soando tão clínico.

Mostro os dentes, querendo me virar e enfiar o punho na mandíbula dele. Mantenho meu controle apenas porque ele sabe o quanto isso é difícil para mim. Ele está lá desde o começo - na verdade, antes do começo - então sabe o tempo e a emoção que dediquei em procurá-la.

Eu cambaleio quando me levanto. Desviando o olhar do lençol, me viro sem dizer uma palavra e caminho de volta pela floresta até a minha caminhonete.

Me afasto da cena com apenas um pensamento em minha mente.

Como diabos eu me preparo para algo que eu sei que vai arrancar meu coração e acabar comigo?

Eu estou na frente da mesa de metal que sustenta meu passado não resolvido e doloroso. Um passado que consumiu minha vida por quinze anos. Um passado que lutei muito para descobrir sem sucesso. E, finalmente, um passado que acabará por destruir o meu futuro.

Minhas mãos tremem e gotas de suor brotam na testa enquanto pego o lençol. Eu tenho que travar meus joelhos por medo deles dobrarem. Aperto o material em minhas mãos, sem medo de

admitir que estou aterrorizado para puxar o lençol. Não apenas Tavers disse que era ela, mas o relatório do médico legista confirma. Mesmo agora, eu me recuso a acreditar. Não vou acreditar até ver por mim mesmo. Se ao menos eu conseguir que minha maldita mão funcione e mova o lençol.

Ontem à noite na cena do crime, eu não estava preparado. Ainda não estou, mas sei que preciso fazer isso. Não só por ela, por mim também. Eu preciso saber.

Percebo um pequeno pedaço de cabelo castanho espreitando por baixo do lençol. Minha mão se desvia do material e pega a mecha de cabelo. Parece frágil, e oleoso ao mesmo tempo. Eu assisto enquanto o esfrego entre os dedos.

Dor como nunca senti antes se forma no meu peito. Uma tão poderosa que não tenho certeza de que irá desaparecer. Sempre será uma parte de mim.

Eu gentilmente coloco a mecha de cabelo de volta na mesa de metal como se apenas esse comprimento de cabelo fosse precioso. E é. Cada parte dessa garota é preciosa.

Fecho meus olhos com força e respiro fundo antes de forçar minha mão a puxar lentamente o lençol. Quando os abro novamente, todo suspiro que tenho nos pulmões sai em um assobio doloroso. O lençol desliza do meu alcance quando apoio minhas mãos na mesa de metal frio para me segurar. Meu coração bate contra as paredes do meu peito, e uma dor me agarra tão fortemente que parece que está perfurando meu interior.

Eu já vi muitas vítimas na minha linha de trabalho, mas nunca vi algo tão horrível quanto o que estou vendo agora. E o que

torna isso insuportável é o fato de eu amar essa mulher mutilada que está morta na minha frente desde que eu era criança.

—Aislin... — Eu respiro através do nó na garganta.

Seus cabelos castanhos, que antes eram grossos, agora estão emaranhados e sujos, com partes faltando. Seu lindo rosto com o que costumavam ser deslumbrantes olhos verdes parece magro e está coberto de hematomas, lacerações abertas e várias cicatrizes antigas. As órbitas dos olhos estão afundadas e as maçãs do rosto se destacam demais. Seu pescoço gracioso tem marcas de impressões digitais, onde alguém a segurou e apertou. Não abaixo o lençol, mas sei como deve estar o resto do corpo dela. Eu li o relatório, e o filho da puta que fez isso não deixou nenhum lugar em seu corpo sem marca. Ela estava desnutrida e desidratada. O filho da puta a fez passar fome e a privou de líquidos, por Deus sabe quanto tempo. Não apenas isso, mas ela também foi agredida sexualmente tantas vezes e de maneira tão severa que o médico legista ficou surpreso por ela ter vivido tanto tempo com ferimentos internos tão graves.

Ela está desaparecida há quinze anos. Um peso enorme na forma de culpa se instala no meu peito, deixando-o esmagado ao pensar nela sofrendo esse abuso por todos esses anos.

Meus olhos batem em algo, e a dor no meu peito aumenta ainda mais. Logo abaixo da orelha esquerda está uma marca de nascença. Uma estrela. Memórias minhas chamando-a de Norte me assaltam. Eu sempre afirmei que não importava onde estivéssemos, eu sempre a encontraria porque ela era meu farol. Minha estrela Norte.

Por mais que doa olhar para seu corpo mutilado, não consigo desviar os olhos. Este é o meu castigo por não a proteger, por não a encontrar a tempo, por falhar com ela. Eu deveria ser morto a tiros à queima-roupa na cabeça, por não estar lá quando ela precisou de mim. Por não a encontrar como eu sempre disse que faria. Prometemos quando crianças que nunca deixaríamos o outro. Sempre estaríamos lá para nos proteger da vida dura que ambos vivemos. Essa promessa foi arrancada de mim e quebrada além do reparo. Não, eu não a deixei, mas não trabalhei duro o suficiente para encontrá-la. Tinha que haver algo que eu poderia ter feito de maneira diferente. Alguma pista que eu perdi. Eu ainda era criança quando ela foi levada, mas eu era sua única chance. Todo mundo pensou que ela tinha fugido. Ela era uma criança problemática que vivia com uma mãe viciada em drogas. Ninguém acreditou em mim quando disse que ela não teria fugido. Ela não teria me deixado - pelo menos, não sem me dizer primeiro.

A diferença entre ela e eu era que eu tinha pais que se importavam. Morávamos em um bairro de merda cheio de drogas, tiros à noite e gangues, mas meus pais sempre me protegeram da melhor maneira possível. Eles até protegeram Aislin quando puderam. Eles sabiam do nosso vínculo e o quanto nos importávamos um com o outro. Eu implorei e implorei aos meus pais que conversassem com a polícia, mas até eles pensaram que ela tinha fugido. Fui pessoalmente à delegacia e disse que eles estavam errados. O detetive no caso apenas olhou para mim com simpatia e me disse para ir para casa, que não havia mais nada que eles pudessem fazer se ela não quisesse ser encontrada. Ela tinha

apenas treze anos. Eu queria socar o babaca, mas sabia que isso não me faria nenhum bem. Eu saí, mas não estava desistindo.

Minhas opções eram limitadas em uma idade tão jovem, mas, quando fiquei mais velho, tornei a missão da minha vida fazer o possível para encontrá-la. Escolhi minha carreira na esperança de que isso me ajudasse. Durante anos, aqueles que me conheciam disseram que eu precisava desistir da busca, mas não importava o quão convincentes fossem, não importava a falta de provas e não importa quanto tempo se passasse, eu simplesmente não podia. Eu ainda sentia a luz dela profundamente no meu peito. Eu *sabia que* ela ainda estava viva e me esperando. Recusei-me a desistir quando soube que ela não se fora. Sua luz ainda estava muito brilhante e o vínculo que tínhamos ainda era forte demais para que ela fosse varrida da terra.

Mas agora ela está aqui, brutalmente espancada e estuprada até a morte por algum merda doente. Eu estava muito atrasado. A luz que senti durante anos finalmente se apagou, deixando-me na escuridão total. O lugar no meu peito onde meu coração deveria residir agora é apenas um espaço vazio.

Inclino minha cabeça para trás e olho para o teto enquanto a raiva e a dor tomam conta do meu corpo. Eu quero rasgar algo. Quero encontrar o cara que fez isso e tirar a pele dos ossos. Quero ouvir seus gritos de dor e pedidos de misericórdia e depois rir em seu rosto quando nego a ele seu desejo de morrer. E assim que eu acabar com ele, quero mijar em seu corpo sem vida e jogá-lo em algum lugar para os abutres se deleitarem.

Afasto as lágrimas que ameaçam cair e me inclino até minha testa descansar na suja de Aislin. Coloco minhas mãos trêmulas em cada lado de suas bochechas. Ela está tão fria agora, quando costumava ser uma das pessoas mais calorosas que eu conhecia. Beijo sua testa, desejando com tudo o que sou que as coisas fossem diferentes. Desejando poder tê-la salvado.

—Sinto muito, Norte. — Eu sussurro minhas desculpas quebradas ao seu corpo sem vida, usando o nome que dei a ela quando criança e esperando que ela possa me ouvir onde quer que esteja. — Juro pela minha vida que vou pegar esse bastardo, e ele pagará por tudo o que fez com você. Juro que você será vingada. Eu sempre vou te amar.

Olho no rosto ainda bonito dela pela última vez antes de beijar sua testa macia, mas cheia de cicatrizes, pela última vez e puxar gentilmente o lençol sobre ela. Uma lágrima escorre pela minha bochecha e eu a afasto. Eu me viro e caminho até a porta de metal que separa meu passado de mim e meu futuro. Um futuro que parece sombrio, mas agora está cheio de mais determinação do que nunca.

CAPÍTULO 1

Niko

11 anos de idade

Fecho a revista e enfio-a debaixo da almofada ao meu lado enquanto um rubor rasteja por minhas bochechas por quase ser pego. A madeira range e ouço uma respiração pesada segundos antes de uma cabeça cheia de cabelos castanhos bagunçados aparecer do buraco no chão. Um sorriso aparece no meu rosto quando grandes olhos verdes aparecem e me encaram.

—Já estava na hora de você chegar aqui— digo a Aislin, minha melhor amiga, e me levanto para ajudá-la o resto do caminho até a nossa casa na árvore escondida. —Eu estive esperando uma eternidade até você chegar.

Ela bufa quando fica de joelhos, em seguida, pega minha mão para ajudá-la a se levantar. Ela empurra a blusa amarela suja que está levantada, exibindo vários centímetros do estômago. Eu desvio meus olhos, dando-lhe privacidade.

—Minha estúpida mãe tem outro cara— ela resmunga com um beicinho. —Felizmente, eles foram para o quarto, então eu escapei.

Enfio minhas mãos nos bolsos do meu jeans, fechando-os em punhos, como sempre faço quando ela me diz que sua mãe tem um cara. Eu odeio saber que a mãe dela tem todos os tipos de homens em sua casa, fazendo todos os tipos de coisas que os adultos fazem. Tenho apenas onze anos, mas já sei o que é sexo. Aislin tem nove anos e sabe também. Infelizmente, Aislin sabe por que viu em

primeira mão desde as muitas vezes que sua mãe fez sexo no sofá, na cozinha ou na lavanderia - o tempo todo sabendo que sua filha poderia entrar a qualquer momento. Inferno, Aislin até pegou sua mãe fazendo sexo em sua própria cama. Naquela noite, Aislin não dormiu lá, repelida pelo ato que testemunhou. Ela se arrastou para a minha janela, chateada e triste, e adormeceu na minha cama comigo esfregando as costas e passando os dedos pelos cabelos, tentando acalmá-la.

Mamãe me criou para nunca bater em uma garota, mas eu quero bater na mãe de Aislin. Ela é doente e vil, sempre usa drogas e não cuida de Aislin. Eu gostaria que ela pudesse morar comigo. Até conversei com meus pais sobre isso, mas por mais que gostem de Aislin e saibam de sua situação e quão próximos somos, sei que eles têm problemas suficientes para alimentar e cuidar de mim e de meu irmão e irmã.

Aislin se senta na almofada ao lado da que eu estava usando. Observo para garantir que ela não descubra a revista por baixo antes de ir para a caixa com os lanches que roubamos do mercado no final da rua. Pego duas tortas de creme de aveia e um refrigerante de laranja e então me sento ao lado dela.

—Você está animada com a escola amanhã? — Pergunto, entregando um dos lanches e a lata de refrigerante.

Os olhos dela baixam quando rasga o plástico do lanche e enfia metade dele na boca.

—Você sabe que não estou. Nós vamos estar em escolas diferentes agora. O que vou fazer sem você comigo, Niko?

Seus ombros caem, e eu coloco meu braço em volta dela, puxando-a para mais perto do meu lado. Ela tem apenas nove anos, mas como tem sido sua vida, ela teve que crescer rápido. Ela gosta de bancar a durona, e ela é. Ela é mais forte do que qualquer outra garota que eu conheço, mas ela ainda tem partes de uma garotinha dentro dela. Peças que ela só me deixa ver. Peças que eu sempre protegerei.

—Você sabe que eu sempre estarei lá para você. Você me avisa se alguém mexer com você, e eu cuidarei disso.

Ela levanta o nariz e projeta o queixo no verdadeiro modo fodão de Aislin. —Eu não estou preocupada com esses idiotas. Eu odeio saber que não vou te ver durante o dia.

Ela pode não se preocupar, mas eu faço. Eu odeio não estar com ela este ano na escola. As crianças podem ser idiotas. Na maioria das vezes, sou capaz de mantê-los longe dela quando estou com ela, mas me preocupo com o que acontecerá quando estiver sozinha sem mim.

Uma coisa que sei é que, se descobrir que a machucaram, de alguma forma, cabeças vão rolar. Posso ser jovem, e mamãe pode ter me educado para evitar brigas sempre que possível, mas aprendi algumas coisas ao morar em um bairro tão difícil. Para morar aqui, você precisa, ou nunca conseguirá. Uma coisa que eu nunca vou tolerar é alguém machucando Aislin.

—Prometa que vai me dizer se alguém mexer com você.

Ela abre o refrigerante e toma um gole. Quando coloca ao lado dela, eu entrego a segunda torta de creme. Sempre a deixo ter a minha porque sei que ela não recebe muita comida em casa.

Ela rasga o segundo tão rápido quanto.

Engolindo sua mordida, ela olha para mim. —Eu não quero que você entre em brigas por mim. Você vai ter problemas.

Eu sorrio para ela. —Não se preocupe com isso. Eu não vou lutar com eles. Vou apenas dizer para deixá-la em paz. —A mentira escapa facilmente.

Ela olha para mim duvidosamente. Ela me conhece tão bem.

—Niko... — ela começa a se mexer e está de frente para mim, cruzando as pernas magras. Me cutucando no peito com um dedo, ela diz: —Não se atreva a fazer nada.

Pego a mão dela e a aplico no meu peito, depois sorrio. —Você me conhece. Você é meu Norte. Ninguém mexe com o meu Norte.

Eu dei o nome a ela anos atrás, várias semanas depois que nos conhecemos. Eu tinha oito anos e ela seis. Ela acabara de se mudar para a casa ao lado da nossa com a mãe. Elas estavam sozinhas, apenas as duas. Cerca de uma semana depois que se mudaram, eu estava do lado de fora brincando com meus carros quando a mãe dela saiu, gritando para o bairro que sua filha estava desaparecida. Mamãe saiu em seguida, exigindo saber o que estava acontecendo. Minha família foi a única família que ajudou a mãe de Aislin a procurá-la, e foi uma das únicas vezes que sua mãe realmente fingiu que se importava com o que aconteceu com sua filha. Eu não conhecia a garotinha que estava desaparecida, mas insisti para mamãe que queria ajudar. Ela deixou e, uma hora depois, a encontrei na floresta atrás da minha casa, sentada em uma pedra, chorando baixinho. Ao longo de três semanas, ela desapareceu mais três vezes, e eu sempre a encontrava. Eu nunca

disse a eles exatamente onde a encontrei, apenas que estava na floresta. A última vez que a encontrei, notei a marca de nascença abaixo da orelha e disse que parecia uma estrela. Lembrei-me de mamãe me contando uma história uma vez sobre um garoto se perder até encontrar a Estrela do Norte, que o levou para casa. A partir daquele dia, seu apelido era Norte. Afirmei que, não importa quantas vezes ela fugisse, eu a encontraria. E me mantive fiel a isso.

Nós dois assistimos um ao outro por vários minutos. Eu com um sorriso apontado para ela, e ela com a mesma carranca. Ela me conhece bem o suficiente para saber que não vou recuar. Ela sabe como sou com ela, porque ela é igual comigo. É uma coisinha minúscula, mas se você mexer com o Niko dela quando ela está por perto, não tem medo de enfrentar ninguém. Eu tive que puxá-la várias vezes para impedir que fosse pulverizada.

Ela bufa e vira para trás, de costas para a parede. Por sua vez, a almofada se move, revelando um canto da revista. Antes que eu tenha a chance de pegar, ela a agarra. Os olhos dela se arregalam quando a segura na frente do rosto.

Não digo nada ou tento pegar a revista de volta. Ela já viu, então não faz sentido tentar esconder agora. Coloca no colo e abre lentamente. Estremeço quando mostra uma mulher de joelhos na frente de um homem com o pênis na boca. Os peitos da garota estão pendurados no sutiã e ela não está usando calcinha.

Aislin ainda não diz nada enquanto passa para a próxima página. Me mexo desconfortavelmente ao lado dela. Esta página mostra uma mulher de costas com as pernas bem abertas. Ela está se tocando.

Eu quero arrancar a revista. Ela não deveria estar vendo coisas assim, mesmo que tenha visto na realidade com a mãe e os homens com quem dorme. Fico com tanta raiva que Aislin tem tanto conhecimento sobre esse tipo de coisa.

—Você gosta desse tipo de coisa? — Sua pergunta quieta me faz olhar para ela. Não há censura ou julgamento por trás de sua expressão, apenas curiosidade aberta.

Eu dou de ombros. —Na verdade não.

—Então por que você estava olhando? De onde você pegou isso?

Seus olhos voltam para a revista enquanto vira para outra página.

—É do meu irmão. Encontrei debaixo da cama dele outro dia e peguei porque estava... curioso.

Ela olha para mim. —Você quer fazer essas coisas? Como o que o cara está fazendo com essa mulher?

Olho para baixo, mais para evitar os olhos dela do que para o que está se referindo. Mesmo assim, meu olhar pega uma mulher em suas mãos e joelhos com um homem ajoelhado atrás dela. Seus dedos estão tocando suas partes íntimas, e parece que ele está se preparando para colocar a boca nela.

A visão me faz querer vomitar, mas também faz outra coisa estranha ao meu corpo. Sinto um formigamento no meu jeans. O sentimento é estranho para mim, mas eu sei que tem algo a ver com o meu corpo reagir à visão de uma mulher nua.

Estico as pernas e cruzo os tornozelos, tentando afastar a sensação. Me sinto estranho falando sobre isso com Aislin.

—Na verdade não— digo a ela, não tenho certeza se é uma mentira ou não. Eu nunca menti para ela antes e não gosto de saber que posso estar mentindo agora.

—Mas por que você estava olhando? — Ela insiste.

—Eu não sei— murmuro, desejando que ela simplesmente mude de assunto. —Era apenas algo novo para olhar.

—Então você não quer fazer isso? — Ela pressiona.

—Aislin, por favor, me dê a revista para que eu possa jogar fora. Foi estúpido trazê-la aqui.

Eu estendo minha mão, mas ela não me entrega imediatamente. Em vez disso, olha novamente por alguns segundos antes de entregá-la. Levanto-me imediatamente e enfio a revista no fundo da caixa que usamos como lixo.

Eu ainda estou de costas para ela quando sua voz suave chega aos meus ouvidos.

—Você pode não querer fazer essas coisas agora, mas um dia você fará.

Eu me viro para dizer que ela está errada, mas paro quando a vejo olhando para o colo. Ela está mexendo na pele das unhas. Eu não posso mentir para ela. Pode ser apenas uma curiosidade agora, mas sei que um dia em breve estarei mais interessado em garotas. Eu não sou idiota. Eu sei que está prestes a acontecer. Aislin também não é estúpida. Ela provavelmente sabe mais do que eu sobre sexo e o que as pessoas fazem quando transam.

Volto e me sento ao lado dela novamente, colocando meu braço em volta dos seus ombros. Ela olha para mim com seus lindos olhos verdes. Mesmo sendo tão jovens e não tendo ideia do que realmente

significa amar alguém, sei que sinto amor por ela. Pode ser o amor inocente e fraterno, mas é amor. Então, quando vejo o olhar triste em seus olhos, faz meu peito ficar pesado.

—Não importa, norte. Não importa o que aconteça depois, você sempre será minha garota número um. Você é minha Estrela do Norte, meu farol.

Ela sorri para mim e está tudo certo no mundo novamente.

CAPITULO 2

Niko

Jogo a revista de volta na caixa. Voltei um dia depois que Aislin a encontrou debaixo da almofada e a enfiei na nossa lata de lixo improvisado. Não sei por que voltei por isso. Não era porque estava particularmente interessado no que havia dentro, embora eu a tenha visto várias vezes. Não, acho que era porque sabia que as coisas mudariam entre ela e eu. E mudaram.

Aislin e eu podemos saber o básico sobre sexo, mas ainda éramos inocentes. Eu ainda era criança, e meu corpo estava começando a se tornar desconhecido para mim, então minha visão de Aislin continuava a mesma; inocente e fraternal. Não foi até anos depois que comecei a olhar para Aislin de maneira diferente, sob uma luz mais sexual, mas a partir desse dia em diante, muitas vezes me vi imaginando como ela seria quando fosse mais velha.

Aislin também mudou. Não tínhamos muitos amigos em comum, mas sempre que eu estava perto de garotas, ela nos observava de perto, com uma expressão curiosa e preocupada no rosto. Na época, eu não sabia o que ela estava procurando ou se alguma vez o encontrou, mas tive a sensação de que ela temia a resposta para o que quer que fosse.

Levanto-me do sofá, jogando a tampa de volta em cima da caixa que carrega muitas outras lembranças que eu colecionei quando criança em conexão com Aislin. Eu os mantive todos esses anos como um lembrete do que éramos quando crianças. Claro,

mesmo se eu não tivesse os itens, ainda não esqueceria o vínculo que ela e eu compartilhamos. Era tão forte quanto qualquer pedaço de aço.

Caminhando para a cozinha, encho um copo com água da torneira e engulo. Eu me viro e encaro o resto da sala. Olhando por cima do balcão que separa a sala da cozinha, vejo várias caixas no canto que ainda preciso desembalar. Ainda mais estão espalhadas em todo o resto da casa. Estou aqui há uma semana e quase não desempacotei nada, exceto os itens essenciais que preciso para viver.

Coloco meu copo na pia e vou para a janela com vista para a casa vizinha. Assim que saí do necrotério depois de ver a forma mutilada de Aislin há dois meses, fui direto ao meu chefe e me transferi para Westbridge, minha cidade natal. Sabendo que o corpo de Aislin foi encontrado na mesma cidade da nossa infância, e, portanto, ela provavelmente estava aqui o tempo todo, debaixo do meu nariz, quase me deixando enlouquecido.

Me mudei há sete anos para Brighton, uma pequena cidade perto de Pittsburgh. Os recursos eram melhores do que em Westbridge, e estava a apenas duas horas de distância então, se eu precisasse voltar por algum motivo, não seria um problema.

Meus pais, que mantiveram o emprego nos últimos 25 anos, finalmente decidiram se aposentar e se mudar para a Flórida. Quando eles me ofereceram a casa, soube imediatamente que era onde eu deveria estar. Parecia apropriado morar no mesmo bairro onde minha angústia começou. Estar na mesma casa

quando exigir minha vingança contra o bastardo que levou e torturou minha Aislin.

Meu olhar desliza pelo pátio lateral até a casa abandonada ao lado, que guarda tantas lembranças. Nunca esteve nas melhores condições, mas agora é uma verdadeira tristeza. Especialmente com os habitantes do bairro mudando ao longo dos anos e a área sendo limpa. Não é a terra devastada por gangues que já foi. As casas são limpas, os quintais cortados, as pessoas são legais e a taxa de criminalidade é quase inexistente. A casa ao lado, no entanto... A grama está na altura dos joelhos, partes do tapume estão caindo, a varanda está cedendo e várias janelas estão quebradas.

Cerca de cinco anos atrás, a mãe de Aislin foi embora e deixou a maioria de seus pertences para trás. O local foi deixado em uma situação tão terrível que os donos da casa nunca tentaram consertá-lo e apenas a colocaram no mercado. Com a condição em que está, não houve interesse na casa, e está apenas ali abandonada. Eu tenho um compromisso com o corretor de imóveis amanhã. Minhas memórias da casa dela não são tão boas, mas ainda é uma conexão com ela que eu preciso.

Meu telefone tocando no bar chama minha atenção da casa ao lado e eu ando e o agarro.

—Ei, mãe. — eu respondo cansado.

—Olá docinho. Você parece cansado. Tudo certo?

—Sim, está tudo bem. Apenas me estabelecendo. Você sabe como é.

Vou até o sofá de couro e me sento. Minha mão se move para o meu peito e esfrego o local que sempre dói quando penso em Aislin.

—Como foi o fechamento da casa? — Pergunto.

—Seu pai e eu agora somos os orgulhosos proprietários de um pequeno bangalô na praia! — Mamãe diz animadamente.

Eu sorrio pela felicidade dela. Meus pais trabalharam por toda a vida adulta para proporcionar a melhor vida possível para mim, meu irmão e irmã. Fico feliz que eles finalmente estejam em um lugar onde possam relaxar e aproveitar a vida. Eles merecem e muito mais.

—Isso é ótimo, mãe.

Depois de alguns minutos de silêncio, mamãe diz: —Agora, me diga como você está realmente?

—Mãe, eu estou bem. Realmente. Eu estou apenas…

—Niko, posso ser velha, mas ainda não sou senil. Conheço meus filhos e posso ouvir em sua voz. Como você está *realmente*?

Inclino minha cabeça no sofá e solto um suspiro cansado. Ela está certa. Mamãe não é estúpida e sabe o quanto esses últimos meses foram difíceis. Ela sabe parte do motivo pelo qual voltei a Westbridge. Eu não contei a ela sobre minha necessidade de vingança, só que eu preciso estar perto de onde o corpo de Aislin foi encontrado.

—Estou comprando a casa dela.

Ela fica quieta no começo, mas depois diz baixinho: —Você tem certeza de que é inteligente, querido?

—Sim. — digo a ela sem hesitar. —Não tenho certeza do que farei com isso, mas é algo que preciso fazer. Eu vou consertar e decidir quando terminar.

O silêncio é pesado entre nós até que ela mais uma vez fala.

—Sinto muito, Niko.

Quebra meu coração ouvir a dor na voz dela. Eu nunca culpei meus pais por não me ouvirem quando eu era criança, mas ambos se sentem culpados, especialmente mamãe. Ela sabe o quanto eu e Aislin éramos próximos e o quanto eu a amava.

—Pare. — digo firmemente enquanto ainda mantenho meu tom respeitoso. —Eu já te disse que não culpo você e papai. Você fez o que achou certo naquele momento.

—Eu sei, mas se tivéssemos ouvido você, talvez pudéssemos salvá-la. Aquela pobre garota. —Sua voz falha.

Meus olhos pousam na pasta marrom na mesa de café à minha frente que contém todas as informações que tenho no caso de Aislin. Não é muito espessa, pois não havia muito o que fazer quando ela foi levada. Ainda está indeciso se ela fugiu primeiro e depois foi pega ou se foi levada desde o início. Eu sei que ela foi levada no primeiro dia. Ela não teria simplesmente levantado e saído. Ela não teria feito isso comigo.

Esfrego o ponto sobre meu coração com mais força à medida que a dor fica mais forte. Há tantos 'e se'.

—Não há como saber com certeza, mãe. A polícia estava convencida de que ela fugiu e, a menos que houvesse evidências que sugerissem o contrário, duvido que tivessem mudado de ideia, mesmo que você e papai tivessem pedido.

—Eu sei. Eu só queria ...

—Bem, não. — Meu tom sai mais duro do que eu pretendia. Eu a ouço fungando pelo telefone e me sinto um pedaço de merda. —Sinto muito mamãe.

—Não sinta. Eu sei que isso é difícil para você.

—Olha, eu preciso ir. Ainda tenho uma tonelada para desempacotar.

Eu odeio apressar o telefonema com ela, mas sempre dói quando ela traz Aislin.

—Certo, docinho. Ligue-me se precisar de mim ou do seu pai. Eu te amo.

—Amo você também.

Jogo meu telefone em cima da mesa na minha frente e o vejo bater na superfície. Descansando os cotovelos nos joelhos, esfrego as mãos no rosto. Uma pitada de dor começa em minhas têmporas, e eu sei que uma enxaqueca está a caminho.

Levantando-me do sofá, vou ao banheiro e ao frasco de Tilenol que guardei no armário de remédios. Depois de beber dois, lavo o rosto e olho para o meu reflexo no espelho. Eu pareço cansado para caralho com meus olhos afundados e meu rosto pálido. A barba no meu rosto tem vários dias e é hora de ser raspada. Meu cabelo castanho escuro não está muito melhor. Parece que eu não o penteava há dias, o que seria correto.

Antes que eu saiba o que estou fazendo, meu punho se conecta com o copo, e assisto quando ele se quebra. Os pedaços caem na pia, os menores tilintam quando caem pelo ralo.

Eu odeio me olhar, porque tudo que vejo é fracasso. Eu fui a única pessoa que prometeu mantê-la segura e falhei com ela. Eu falhei com ela da pior maneira possível. Por minha causa, ela foi tão torturada que nem um centímetro de seu corpo foi deixado intocado. Deveria ter sido eu naquela mesa, quase irreconhecível.

Agarrando a borda da pia, olho para baixo e vejo minhas juntas quebradas. Estilhaços de vidro saem da minha pele com sangue pingando na porcelana branca. Meus olhos travam em um pedaço de vidro preso entre os nós dos dedos. Eu flexiono meus dedos, e a dor mal registra. Nenhuma quantidade de dor poderia compensar o que Aislin passou.

Eu mereço muito mais.

Também não há quantidade de dor que não darei ao bastardo que a levou. Apenas o tempo fica entre ele e eu. E está acabando.

CAPITULO 3

Lelu

A garota na cama está de costas para o canto, com os braços firmemente ao redor das pernas, tentando esconder o máximo possível do corpo. Seus olhos sem vida olham fixamente através de uma cortina de cabelo sujo para a janela do outro lado da sala. Ela cava os dedos dos pés no colchão e os dedos na carne das pernas. Ela está nua e faz frio no quarto, mas está tão entorpecida com tudo o que aconteceu que não sente mais o ar gelado.

O homem na sala acima observa a garota do computador em sua mesa. Mesmo que ele a tenha deixado trinta minutos atrás, seu corpo irradia de prazer, e seu pau fica duro quando olha para os ângulos de sua forma desnutrida. Sua mão se move para o colo, e ele se esfrega no jeans sujo de sua calça. Seu sangue esquenta com a antecipação da próxima vez que se permitirá tocá-la.

—Logo. — ele sussurra para si mesmo.

Hoje marca o aniversário de cinco anos de tê-la, e ele comemorou sendo especialmente cruel. Todos os dias, sua necessidade por ela cresce até consumir todos os seus pensamentos.

Sua cadeira range quando abre a calça para segurar sua dureza, e a garota levanta os olhos para o teto.

Ela deveria estar assustada, e quando ele entrar pela porta novamente, ela ficará, mas no momento, com o corpo ainda doendo

desde a última vez que ele esteve na sala, ela não consegue encontrar a energia para ficar com medo.

Lágrimas silenciosas escorrem por suas bochechas, mas ela não se importa. O fluido que vaza entre suas pernas umedece o colchão sujo abaixo dela. Ela não precisa olhar para saber que o sangue está misturado com o sêmen dele. O banheiro do outro lado a provoca, mas sua força de vontade para se mover é inexistente. Não tem sentido, de qualquer maneira. Assim que ela lavar a maldade, ele voltará e a marcará novamente. Ele gosta de saber que ela tem seu esperma nela.

Ela afasta os olhos do vaso sanitário e eles pousam nos pequenos cortes em seus braços. Alguns são velhos e têm cicatrizes, e outros são novos, o sangue coagulando sobre as feridas. Suas pernas, costas e estômago carregam as mesmas marcas.

A garota deixa a cabeça cair contra a parede e fecha os olhos. Ela está tão cansada, mas não quer dormir. Não há como dizer quando ele voltará, e ela odeia estar dormindo quando ele chegar. Coisas ruins acontecem quando ela está dormindo. Ela não apenas tem que viver esse pesadelo enquanto está acordada, mas também vive em seus sonhos. Não há como escapar do tormento que suporta.

Assim como muitas vezes antes, a garota tenta evocar lembranças antes de ser levada. Tornou-se um jogo para ela, um que está perdendo lentamente. Suas memórias estão desaparecendo rapidamente, e ela tem medo de que logo as esqueça. Mesmo agora, ela não tem certeza se os clipes curtos de

que se lembra são verdadeiros ou se sua mente está apenas pregando peças nela.

Ela não tem certeza de quanto tempo está neste quarto, apenas que é quase a única coisa de que se lembra agora. Ela não consegue mais se lembrar de como são o sol, as nuvens, as árvores ou a grama. Seu corpo está sem roupas há tanto tempo que até a noção de usá-las é estranha para ela.

Apesar do desejo de permanecer acordada, as inúmeras horas de tortura a drenaram tanto física quanto mentalmente, e ela entra em inconsciência, apenas para que a tortura continue...

Um barulho agudo acorda a garota, e ela abre os olhos vermelhos para ver um rato correndo pelo chão. Ver roedores é comum, por isso não a perturba. Ela silenciosamente agradece ao rato por acordá-la de seu sonho nojento.

Ela libera o aperto que tem nas pernas e as estica para a frente, gemendo quando as articulações doem por ficar na mesma posição apertada por tanto tempo. A bagunça entre as pernas agora secou, deixando a pele pegajosa. Não sendo mais capaz de adiar a limpeza, ela se levanta da cama lentamente e vai para o banheiro. Não há pia no cômodo, então ela é forçada a usar a água suja do vaso sanitário. Usar a água escura não a incomoda como costumava. Agarrando o pequeno pedaço de pano pendurado em uma prateleira, ela mergulha um canto no vaso e usa para limpar o sangue e o sêmen entre as pernas. Depois, ela o joga no chão.

Seus olhos se fixam janela do outro lado da sala. Com as pernas bambas, caminha lentamente até a vidraça. Seu estômago contorce, lembrando que ela não come há dias. É assim que tem

vivido. Ele apenas a alimenta o suficiente para mantê-la viva, às vezes menos que duas vezes em vários dias. A comida é branda - pão seco, maçã, arroz branco -, mas não sente mais o gosto. Como usar a água do banheiro, a falta de variedade em sua dieta não a perturba mais. A princípio, pensou que morreria apenas com a pontada de fome, mas pouco a pouco, seu estômago encolheu até que o pensamento de comer a fizesse engasgar.

Depois que chega à janela, ela espia por cima do selo e encontra o de sempre quando olha por ele. A visão faz seu estômago apertar ainda mais. Uma garota está deitada na cama, enrolada como uma bola, chorando baixinho. Seu cabelo está sujo, e seu corpo está cheio de marcas novas e antigas, como as dela. Lágrimas brotam de seus olhos, e ela tenta forçá-las a voltar. Chorar é fraqueza, e a garota do outro lado do vidro não passa de uma fraca. Elas são uma só. Ela representa a garotinha dentro dela que está aterrorizada, a garotinha que quer desistir e ir dormir e nunca acordar. Todos os dias, as duas ficam mais fracas. A necessidade de sobreviver está diminuindo, e ela se pergunta se logo restará algo dela. Ela tentou por tanto tempo permanecer forte, mas muitas vezes, se perguntou qual é o sentido. Não há ninguém lá fora procurando por ela. Ela está sozinha neste mundo terrível.

Ela quer sacudir a garota e dizer para ser forte e não desistir, mas sabe que é inútil. Não há esperança. Sua luta interna está enfraquecendo.

Um som de clique faz a cabeça da garota bater na porta de metal à sua esquerda. Um sentimento oco se forma em sua garganta, e seu coração bate tão forte que pode ouvi-lo em seus

ouvidos. A porta se abre lentamente, mas não precisa se perguntar quem vai entrar. Ele é o único que entra na sala.

Bile sobe na garganta quando vê o balde que ele está carregando. Ela ama e odeia esse balde e o que ele representa.

Suas costas ficam retas, e ela imediatamente entra na posição em que ele sempre a quer quando entra na sala; olhos no chão, mãos cruzadas atrás das costas, pés afastados. Ele gosta dessa posição porque permite que veja o corpo dela sem nada no caminho. Isso a faz se sentir nojenta, mas já está acostumada.

Os pés dele aparecem e coloca o balde ao lado. Ela mantém a cabeça abaixada, os olhos no temido balde enquanto a palma da mão suada vai para sua garganta. Por dentro, ela se encolhe, mas por fora, permanece calma.

O homem olha para a garota, descendo pelo pescoço, sobre os seios pequenos e arrebitados, o estômago esbelto, até o ápice das coxas. Franze a testa quando vê que ela limpou sua semente de mais cedo. Ele não gosta disso. Quer seu esperma nela o tempo todo. É onde ele pertence. Isso os lembra que ela pertence a ele e a mais ninguém, e ela só pode limpá-lo quando ele disser que pode. Ele terá o prazer de cobri-la novamente.

Os dedos que envolvem sua garganta se apertam. A menina choraminga, e o pau dele pressiona em seu jeans. No começo, não queria machucá-la, mas tinha que fazê-lo, porque ela lutou com ele com unhas e dentes. Agora, quando vê o medo e a dor nos olhos dela, isso o excita. Às vezes, a emoção se torna demais e ele não tem controle sobre suas ações. Ele gosta de ver a dor dela, mas não

quer destruí-la completamente. Seu tempo com ela está longe de terminar. Isso nunca vai acabar. Ela será dele para sempre.

A mãe dele costumava sufocá-lo quando ela se forçava em seu pênis. Ela ligava a televisão e se sentava no colo dele. Ela sempre o sufocava até a visão dele ficar embaçada e ele quase desmaiar.

Ele dá um passo mais perto e usa o polegar para forçar a cabeça dela. Seus olhos sem brilho encontram os dele. Sua carranca se aprofunda quando eles não mostram emoções. Ele quer ver o medo, a dor. Eles o estimulam.

—Lelu. — diz o homem.

Quando a viu anos atrás, ele mal se conteve de tomá-la, mas ainda não era hora. As coisas tinham que ser perfeitas. No final, acabou levando-a cedo de qualquer maneira. Simplesmente não podia deixar passar a oportunidade. Quando a trouxe aqui, o medo que viu nela o lembrou do medo que sentiu quando sua mãe brincou com ele pela primeira vez. Ele tinha seis anos quando ela entrou em seu quarto e o fez tirar todas as roupas e se deitar na cama. Não tinha ideia do que sua mãe estava fazendo, mas ele a adorava e fazia o que ela pedia. Quando ela tirou suas próprias roupas e se arrastou na cama com ele e tocou suas partes íntimas, foi quando o medo entrou.

Notou o medo da garota vazando dela nos últimos meses. Ele não sabe se é porque a quebrou e ela se entregou ao seu destino, ou se está ficando mais forte e se recusando a mostrar mais medo. De qualquer maneira, ele quer o medo de volta.

Quando o homem levanta a cabeça e chama seu nome, um nome que ela odeia, seus olhos deixam o balde para encontrar os

dele. Seu cabelo castanho curto já está retrocedendo e seus olhos escuros não mostram nada além de desejo lascivo. Ele não veste uma camisa e o peito é peludo. Ela se lembra de sentir os fios em seu próprio peito e contra suas costas. Ele gosta de se esfregar nas feridas abertas dela.

Ele não diz nada, apenas se inclina para pegar o balde e colocá-lo na frente da cama, depois se senta na beira. A garota se move roboticamente para o balde. Ela sabe o que ele quer e odeia.

Por um lado, o pensamento de estar limpa de novo envia uma pequena emoção à garota, mas saber o que ela terá que passar para se limpar é o que faz seu estômago revirar. Ela não pode tomar banho com muita frequência, e tanto teme quanto aguarda ansiosamente a ocasião. Não tendo certeza se é sorte ou se é uma maldição, o homem deixa uma pomada no quarto para as feridas abertas da garota. Ele também a faz engolir um remédio com cheiro desagradável de vez em quando para afastar infecções.

Ela se ajoelha, certificando-se de manter as pernas afastadas, e pega a esponja amarela da água e sabão. Seus olhos ficam colados ao homem na frente dela, exatamente como ele quer, e ela o levanta no braço. A água fria com sabão e a esponja fazem os cortes do braço arder, mas ela não estremece. Depois de limpar um braço, ela muda para o próximo, nunca tirando os olhos do homem. Ele a observa com olhos impacientes.

O corpo do homem vibra enquanto observa a garota se limpar. Quando ela termina com os braços e o rosto, ele abre o zíper da calça e puxa o pau duro. Uma gota de pré- sêmen escorre da ponta. Ele limpa com um dedo e se inclina para frente. Sem ter que

perguntar, ela abre a boca e ele coloca o dedo. A raiva bate no peito dele quando ela fecha os olhos, então ele enfia o dedo no fundo da garganta dela, fazendo-a querer vomitar. Mas tem o efeito desejado quando ela abre os olhos novamente.

—Chupe. — o homem diz com raiva.

Ela quer tanto morder o dedo dele, mas sabe que se arrependeria desse erro, e faz o que ele diz. Um minuto depois, ele puxa o dedo da boca dela e ela volta a se lavar.

Com água fresca na esponja, ela a leva aos seios. O homem se senta, com o pau na mão, acariciando-se. Seus olhos gananciosos seguem os movimentos da esponja, que desliza sobre as encostas de seus seios pequenos. Seios que ele mordeu com tanta força que tirou sangue e deixou cicatrizes. Sua boca fica com água ao pensar em quando ele fará isso novamente.

Ela mergulha a esponja no balde novamente, e o pau dele cresce mais quando ela a escorre pelo estômago, deixando um rastro de espuma para trás até encontrar o cabelo entre as pernas. Seus golpes se tornam mais rápidos em seu eixo, e ele pode sentir o acúmulo de seu orgasmo chegando. Ele diminui seus movimentos, ainda não está pronto para gozar. Outras coisas ainda precisam ser feitas primeiro.

A menina passa a esponja sobre o sexo, forçando-se a manter os olhos no homem à sua frente. Essa é a parte que ela mais odeia. É a parte que tem que trabalhar muito para não vomitar. Uma vez que suas partes íntimas estão limpas, ela coloca a esponja de volta no balde. Forçando as lágrimas, coloca a mão entre

as pernas. Ela faz uma pausa por um segundo, o que traz os olhos do homem de volta para os dela.

—Faça. — ele rosna ameaçadoramente.

Mantendo os olhos fixos nele por medo de vingança, ela coloca um dedo na abertura e empurra para dentro. Sua pele está escorregadia de se lavar, mas por dentro está dolorosamente seca. Era uma vez, a vergonha a faria tremer, mas a vergonha não tem lugar em sua vida agora. É uma emoção inútil que ela não se permite mais sentir.

Ela ainda está dolorida de quando ele a tomou antes. Ela não se lembra de um tempo que não sentiu dor por ele tê-la tomado.

—Outro.

Ela força outro dedo em seu canal. O homem arfa, e ela sente o cheiro do suor que cobre seu corpo, quase a engasgando. Antes que ele possa pedir, ela adiciona outro dedo aos dois primeiros, como se soubesse que ele quer.

Ele cai de joelhos no chão, bem na frente dela, agarrando seus cabelos e puxando-os de volta para olhar para ela. Ela sente a respiração dura dele em todo o rosto e deseja que acabe logo. Ele grunhe enquanto continua se masturbando. A ponta do pau dele bate contra o estômago dela com cada golpe de sua mão.

Soltando o cabelo dela, ele coloca a mão em seu peito e a empurra para trás, forçando os dedos a se retirar de suas partes íntimas para se segurar. Ela cai com força de costas e arranha as palmas das mãos. Ela não tem tempo para se recuperar antes que ele agarre seus quadris bruscamente e a vire até ficar apoiada nos

joelhos e mãos. Sabendo que ele não pode ver o rosto dela, ela fecha os olhos com força.

—Coloque meu pau em você. — ele geme, quase carinhosamente em seu ouvido.

Degradando-se ainda mais, a garota alcança entre as pernas, agarra o pênis dele e coloca a ponta em seu centro.

O prazer explode através do homem. Essa é a parte que ele mais gosta, sabendo que a garota está ajudando-o a colocar dentro de si a parte que mais a machuca. Sabendo que ela deve odiar tanto quanto ele ama.

Uma vez que sua ponta está roçando a abertura dela, ele solta um dos quadris e agarra a frente do pescoço dela, apertando com força ao mesmo tempo em que avança. Ela está seca, por isso não entra facilmente. Suas paredes raspam contra ele, puxando a pele de seu pau enquanto ele se empurra com força dentro dela. Ambos sentem dor, mas enquanto a garota choraminga e tem que conter as lágrimas, o homem gosta disso. Não porque ele gosta de sentir dor, mas porque gosta de saber que ela está com dor.

Ele briga constantemente consigo mesmo; porque ele ama a garota, não *quer* machucá-la, mas algo dentro dele o faz. É como se um pedaço dele a odiasse, e esse pequeno pedaço domina durante esses tempos. Seu controle sempre se quebra quando está dentro dela, e por mais que não queira pensar nela sendo destruída além do reparo, sempre envia euforia através dele.

O aperto do homem aumenta em sua garganta enquanto ele empurra com mais força. Ele está usando seu aperto para forçar o

corpo dela de volta em seu pau. Sua visão fica fraca e ela aceita a possibilidade de desmaiar. Ela espera, *ora* por isso.

Sua cabeça cai enquanto seus braços ficam fracos. Quando ele coloca um dedo em sua entrada traseira e depois empurra outro, e outro, ela não consegue nem gritar pelo aperto que ele tem em sua garganta. Seu corpo cai no chão, e ele a segue para baixo, aterrissando com força em cima dela, forçando o ar que ela deixou em seus pulmões com um doloroso whoosh.

Seus braços estão tão fracos que sua cabeça bate contra o concreto quando cai, obscurecendo ainda mais sua visão. Ele bate os quadris para frente com tanta força que seu corpo arranha o chão, deixando ainda mais arranhões.

Ele não afrouxa a garganta dela e seus olhos ficam pesados. Ela fica deitada com a respiração pesada dele no ouvido e o suor escorrendo pelas costas dela. Seus grunhidos se tornam mais altos, e ela sabe que ele está quase terminando.

Com mais um empurrão final, ele para, esvaziando-se na garota. Ele tira a mão do pescoço dela, satisfeito por ela não ter desmaiado. Puxa a cabeça dela para trás pelos cabelos até poder ver o rosto dela. Ela está quase inconsciente e vê-la com uma dor insuportável o satisfaz. Inclinando-se para a frente, ele pega o lábio inferior entre os dentes e puxa com força, provando sangue.

Soltando, ele beija o lado do pescoço dela. —Mantenha meu esperma em você até eu dizer que pode lavá-lo, Lelu. — Ele abaixa a cabeça que bate com força contra o concreto duro.

Ela está deitada no chão enquanto ele se levanta, puxa as calças para cima, pega o balde e sai da sala.

CAPÍTULO 4

Niko

—Niko.

O prego cai da minha boca quando atendo a chamada inesperada. Estou de férias há três dias, dias que passei na antiga casa de Aislin, do nascer ao pôr do sol. Dois meses atrás, me encontrei com a corretora de imóveis, e ela praticamente empurrou a papelada em minhas mãos. Não era de surpreender que ela tivesse dificuldades em vender o lugar porque precisava de muito trabalho. Felizmente, reformar casas era um hobby que eu gostava. Se eu não estava imerso em um caso, estava construindo algo. Eu sou assim desde criança. Normalmente, quando trabalho em um projeto, não quero ser incomodado, mas algo sobre o número desconhecido me faz parar de bater nos pregos e atender a chamada.

—Niko, é Tripp. Tenho algumas novidades para você.

Tripp é um contato da Geórgia que conheci em outro caso há cerca de três anos. A cada dois meses, entramos em contato, geralmente quando um suspeito que estou caçando faz movimento em sua área. Ele está fortemente envolvido no tráfico de seres humanos ao longo da costa sudeste. Com o aeroporto internacional de Atlanta e muitos navios chegando ao porto, ele vê muito movimento de criminosos, especialmente aqueles que tentam transportar pessoas para dentro e fora do país de maneira discreta e ilegal. O homem tinha histórias que quase me deram

pesadelos. Ou seja, se eu já não estivesse preso no meu próprio pesadelo nos últimos quinze anos.

Uma semana depois que me mudei, uma pessoa chamada Tucker, que estava na área por volta do desaparecimento de Aislin, não apareceu para o check-in. Inicialmente suspeito, ele foi condenado por estuprar uma menina de quatorze anos na cidade e preso um ano após seu desaparecimento. Não importava o quanto pressionássemos, chegando a colocar uma barganha na mesa, não conseguíamos uma confissão dele. Mesmo assim, eu sempre mantive meus olhos em seus movimentos após sua libertação.

Então ele saiu da cidade apenas alguns dias antes de o corpo de Aislin ser encontrado. Na verdade, eu sei que ele esteve na prisão por onze anos depois que ela desapareceu, então ele não poderia tê-la mantido o tempo todo, mas e se ele não estivesse trabalhando sozinho? Um cara numa casa de passagem deixou escapar que ele tinha uma garota no Sul para a qual estava escrevendo cartas enquanto estava preso. Quando soube disso, liguei para Tripp com o endereço dela e pedi para ele me ligar com qualquer informação. É a primeira vez que ele faz contato desde então.

O martelo desliza da minha mão e o barulho retumbante faz minha pastora alemã, Betsy, aparecer e inclinar a cabeça com curiosidade.

—Desembucha.

—Eu tenho que dizer rápido, mas ainda não há sinal de Tucker.

—Imagino. — Sento-me nos calcanhares e limpo o suor da minha testa.

—Tenho outra pista para você. Uma grande. Uma rede no norte de Minnesota foi completamente aberta. O líder foi retirado pelo que parece ser uma dupla de vigilantes.

—Você está brincando. — eu rosno.

—Eu não poderia inventar essa merda. Não sei dizer se são idiotas ou corajosos como o inferno. O que eu sei é que eles salvaram muitas garotas. Pelo que ouvi, o líder adorava guardar troféus. Nenhuma mulher foi traficada sem deixar algo para trás. — Sua voz fica tensa, revelando o quão doente o pensamento o deixa.

—Do que você está falando? Partes do corpo? Cabelo?

Um momento de silêncio se estende antes de Tripp xingar baixinho. —Fotos. Anos de imagens criptografadas em um disco rígido portátil. Eu tenho um nome e um número, se você quiser entrar em contato sobre sua garota.

Merda. Esta poderia ser uma grande oportunidade.

Fecho meus olhos com força e envio um pensamento silencioso para Aislin que, onde quer que ela esteja, me desculpe por não ter conseguido a pista dele mais cedo. Ao mesmo tempo, espero que ela não tenha feito parte de algum círculo de tráfico sexual durante todo esse tempo.

—Você está aí?

—Sim. — eu resmungo e limpo a garganta. —Envie-me a informação. Eu agradeço.

—Você sabe como é, cara. Pode levar meses ou anos para que eles examinem todas as imagens e tentem combiná-las com as pessoas desaparecidas, mas pensei em ajudar a acelerar o processo

para você. —A linha fica muda, então ele continua. —Talvez seja hora de passar o caso adiante. Agora que ela foi encontrada, é isso.

—Não. — Minha resposta foi direta. —Viva ou não, eu prometi a ela. — Faço uma pausa, me engasgando com as próximas palavras enquanto a emoção que eu normalmente sinto com qualquer pensamento de Aislin me consome. Quando continuo, minha voz é muito mais baixa. —Prometi a ela que não iria desistir até descobrir a verdade, e não vou voltar atrás nessa promessa.

Como se sentisse minha angústia, Betsy atravessa a sala e cutuca minhas costelas com o nariz. Eu envolvo um braço em volta dela, afundando meus dedos em seu pelo macio.

—Eu sei. Vá com calma, pelo menos, e ligue-me se encontrar mais alguma coisa. Eu mesmo teria telefonado, mas achei que era algo que você precisava fazer.

—Sim. Eu agradeço. Até mais tarde.

Termino a ligação sem esperar pela resposta dele. Solto o telefone e pego roboticamente meu martelo, enfio alguns pregos entre os lábios e volto a prender o novo subpavimento no que costumava ser a cozinha de Aislin. Acho que agora é minha cozinha, visto que comprei o lugar, mas nunca será totalmente minha. Juro, que a primeira vez que entrei aqui depois de todos esses anos, ainda pude sentir o cheiro do xampu dela e ouvir sua voz ecoando nas paredes. Aqueles primeiros dias foderam tanto com minha cabeça que quase liguei para a corretora de imóveis para rescindir minha oferta. Então, em uma tentativa de me acalmar, fechei os olhos, e cada vez que a imagem dela deitada sob aquele

maldito lençol branco entrava em minha mente, eu me lembrava exatamente por que estava fazendo isso.

Aislin merece justiça, e eu sou o único que pode cumprir.

A única razão pela qual tirei alguns dias de licença é porque, depois de passar os últimos meses perseguindo minha própria cauda, eu precisava de tempo para me reagrupar. Às vezes, parece que penso melhor enquanto trabalho em um projeto, e é isso que pretendo fazer. Nada parece clarear minha cabeça tão facilmente quanto cortar armários novos, colocar ladrilhos ou pintar uma sala. E quando eu finalmente conseguir limpar os pensamentos caóticos, as peças do quebra-cabeça começarão a fazer sentido.

Betsy sai do meu caminho enquanto me abaixo para prender o pedaço de piso seguinte, e meus pensamentos voltam para onde sempre vão quando penso em Aislin - o começo.

Lembro-me tão vivamente do relatório porque já o li inúmeras vezes. Aislin desapareceu em algum lugar entre sua casa e a escola. Um fato que fodeu com minha cabeça por um longo tempo. Ela estava a um ano de frequentar a mesma escola que eu, o que significaria pegar o mesmo ônibus novamente. Um ano. Em vez disso, ela teve que andar sozinha pelo nosso pequeno bairro de periferia cheio com o pior da sociedade todas as manhãs porque o ensino médio onde eu estudava começava uma hora antes do ensino fundamental.

Seis suspeitos iniciais, apesar de como começaram com seis, nunca vou entender. O relatório era uma bagunça; parecia que eles pegaram alguns pedaços aleatórios de merda e os chamaram de suspeitos. Inferno, qualquer um dos nossos vizinhos naqueles

quatro quarteirões poderia facilmente ter sequestrado uma menina, mas nenhuma testemunha apareceu.

Ricardo, o desprezível namorado de sua mãe na época e o homem que eu pessoalmente testemunhei fazendo comentários obscenos e sugestivos em relação a Aislin, foi o primeiro da lista.

Vince Bellemi, o criminoso sexual registrado a dois quarteirões, era o suspeito óbvio, mas foi liberado quase imediatamente.

Tucker Caed, cujo potencial envolvimento no desaparecimento de Aislin foi o que levou a polícia à vítima que ele foi preso por agredir.

Clay Campbell, o motorista de ônibus de Aislin, estava suspeitosamente afastado do trabalho naquela manhã, mas apareceu na rota da tarde. Os registros provaram que ele tinha uma consulta médica na época do desaparecimento dela. Ele foi liberado depois de permitir que a polícia revistasse sua casa.

Demitri Ditmars e Matt Richardson eram amigos de foda da mãe, mas não quem ela estava vendo no momento do desaparecimento de Aislin. Nenhum dos dois era encarado com muita seriedade. Além de algumas violações por drogas, nenhum dos dois tinha muitos registros. Matt facilitou meu trabalho quando morreu em um acidente de carro um ano depois. Demitri, no entanto, foi um pouco mais difícil de rastrear. Sete anos atrás, depois de me transferir para Brighton, segui-o para a Califórnia. Ele esteve no meu radar por três meses antes de eu o perder.

Largo meu martelo no chão, terminado o último pedaço de piso. Amanhã, posso começar a instalar a madeira escura que

escolhi para a cozinha. Sentado no chão, joelhos puxados, pego a garrafa de água ao meu lado para me refrescar. Os raios do sol poente filtram sem impedimentos pelas janelas da sala. Meu olhar se instala nessa direção.

Ainda me surpreende que, com seis suspeitos iniciais, o caso tenha esfriado tão rápido. Era como se os policiais desta cidade tivessem desistido quando ela não apareceu uma semana depois. Eu tive que implorar e suplicar ao detetive principal na época para tomar minha declaração, e ele estava relutante, inflexível de que ela tinha fugido.

Eu conhecia Aislin. Não havia nada que a fizesse fugir sem me dizer. Minha intuição sabia. Eu não precisava ver seu corpo desnutrido quinze anos depois cheio de sinais de abuso crônico, cicatrizes e feridas abertas ou ler o relatório médico que detalhava cada marca em sua pele anteriormente sem mácula para ter a confirmação de que ela simplesmente não tinha fugido.

Uma pequena pitada de esperança veio do fato de o departamento local estar se esforçando para concluir a investigação. Os tempos eram diferentes agora. Naquela época, uma garota desaparecia e seu rosto estava no noticiário e no jornal. Seria um assunto quente por alguns dias ou semanas, mas assim que a trilha esfriasse, ela seria esquecida. Hoje em dia, com a descoberta de seu corpo, os meios de comunicação nacionais estão inundando a pequena cidade de Westbridge, desesperados pela história.

Com toda a pressão da mídia, o departamento passou por uma revisão completa e isso levou a minha equipe. Normalmente, eu não seria designado para este caso porque estava muito próximo e tinha

conexões pessoais, mas fui eu, junto com Tavers, reunimos informações ao longo dos anos. Ninguém estava mais equipado do que eu e ele para assumir o caso. É claro que o departamento ter feito merda tantos anos atrás também ajudou a decisão dos superiores.

Os cidadãos da cidade ficaram chocados. Muitos não moravam aqui há mais de uma década. Quando o mercado imobiliário entrou em colapso, as hipotecas não pagas expulsaram a maioria dos senhorios de merda e os canalhas que moravam na área, o que deixou um lucro enorme para pessoas como eu, que mudam de casa. A área foi rapidamente limpa e novas famílias começaram a se mudar. O medo que estava ausente com o desaparecimento de Aislin sacudiu Westbridge como uma onda.

Ao meu lado, meu telefone toca com uma nova mensagem. O e-mail do Tripp chega na minha caixa de entrada. Rapidamente leio os detalhes, mas não há muito. O nome de um cara, Sin, e um número de telefone.

Depois de debater os prós e os contras de esperar até segunda-feira para ligar ou ligar agora, não demorou muito para chegar a uma conclusão. Quando se trata de Aislin, não sou bom em esperar. Meu polegar toca o hiperlink azul no número de telefone dele e levo o celular ao ouvido. Toca duas vezes.

—Sin. — Uma voz profunda resmunga, e percebo que deveria ter esperado para ligar para um telefone de departamento na segunda-feira.

—Meu nome é detetive Niko James e estou ligando em relação a uma mulher desaparecida. Foi-me dito que você pode ter algumas informações sobre um círculo de tráfico desmontado.

—Não estou mais envolvido nisso. Eles estão trabalhando em identificações. Você precisa ligar para o Departamento de Polícia de Minneapolis para obter mais informações.

—Meu contato disse que você poderia ajudar diretamente. Um banco de dados ou algo assim. Eu preciso saber se ela já esteve lá.

—Você não está me ouvindo? — Ele late. —Eu não tenho nada para você.

O cabelo no meu pescoço fica arrepiado quando meu próprio temperamento começa a subir. Pela primeira vez desde que eu era criança, perco o controle desse fio de restrição cuidadosamente construído, e estalo.

—Ouça-me. — eu começo em um tom baixo e ameaçador. — Eles poderiam levar um ano ou mais para passar por todas essas fotos e registros e fazer correspondências com as pessoas desaparecidas. Eu já esperei quinze anos para descobrir o que aconteceu com minha mulher e, como eles encontraram seu corpo há alguns meses, estou cansado de esperar. Não tenho mais um ano disso em mim, principalmente sabendo que nunca vou recuperá-la.

O outro lado da linha fica silencioso, e tudo o que posso ouvir é o som do sangue correndo pelos meus ouvidos e minha própria respiração pesada. A mão que envolve o telefone se contrai com a necessidade de desligar a cada segundo que passa.

—Só um segundo, vou abrir o banco de dados. — O som da digitação em um teclado filtra através da linha telefônica.

Minha boca se aperta em uma estranha mistura de alívio e suspense enquanto espero. —Obrigado. — eu murmuro.

—Descrição?

—Mulher branca entre 13 e 30 anos. Cabelos castanhos, o comprimento varia. Os olhos são verdes. Mais ametista verde que cor de jade.

—Alguma marca distintiva? Marcas de nascença, tatuagens, piercings?

—Hum... — Eu tusso para limpar minha garganta. —Uma marca de nascença cor de café. Abaixo da orelha esquerda. Parece uma estrela.

—Executando a pesquisa. — ele me informa, mas apenas ouço pela metade. Estou muito ocupado tentando controlar meus pensamentos sobre Aislin.

O silêncio filtra a linha, mas se é estranho, eu não sinto. Não sinto muita coisa agora. Cinco minutos provavelmente passam em um piscar de olhos. Minutos que nunca terei de volta e que não lembrarei pelo resto da minha vida, mas são os minutos que antecederam a Sin, dizendo-me as notícias que simultaneamente me mantêm unido e me rasgam.

—Sinto muito, ela não estava aqui. Não estou conseguindo uma combinação.

—Obrigado pelo seu tempo. — Enquanto puxo o telefone para longe do meu ouvido, sua voz vem para mim, e mesmo que eu não queira nada além de jogar a coisa através de uma porra de janela,

eu o coloco de volta na minha cabeça para ouvir o que ele tem a dizer.

—Peguei minha mulher por causa dessas merdas doentes. Vi-a atravessar a linha da vida e da morte, tão agredida que pensei que ela nem acordaria. Tive sorte que ela fez. Sei que não significa muita coisa vinda de um estranho, mas sinto muito pela sua perda.

—Meu contato disse que o esquema foi desmontado por alguns vigilantes. Foi assim que você se envolveu? —Não sei por que pergunto. Parte de mim aprecia suas condolências, eu acho, mesmo que elas fodam tudo para trazer Aislin de volta.

—A versão curta.

Não sei o que isso significa, mas acho que não é da minha conta. — Obrigado novamente por sua ajuda.

—Sem problemas.

A linha fica morta.

Sem pensar muito, vou até a porta, abandonando minhas ferramentas. Eles esperarão que eu continue de onde parei amanhã. Ou às três da manhã, quando não consigo dormir. Betsy segue obedientemente atrás de mim, esperando enquanto tranco, e fazemos a curta caminhada pelo quintal de volta para minha outra casa.

Adormecer é surpreendentemente fácil, mas estava errado sobre uma coisa. São quatro horas da manhã quando estou de volta à casa velha de Aislin, agitado e batendo nos pregos, na tentativa de silenciar seus gritos conjurados dos pesadelos em minha cabeça.

CAPITULO 5

Niko

Saio da minha caminhonete e guardo minhas chaves no bolso. Meus passos são lentos e instáveis enquanto subo os degraus até a delegacia onde fui transferido há um mês. Ter voltado ao serviço por duas semanas agora tem sido uma bênção e uma maldição. Apesar do objetivo de me tornar detetive para ajudar na minha busca por Aislin, gosto do meu trabalho. É gratificante saber que ajudo a defender a lei e que outras pessoas dependem de mim para protegê-las e garantir sua segurança. Embora a lei e a ordem possam ser distorcidas e injustas às vezes, ainda é um sistema do qual me orgulho de fazer parte. Entre trabalhar e consertar a casa antiga de Aislin, os dois me mantiveram são.

No entanto, as horas que passo no trabalho são horas que não passo procurando pistas do sequestrador de Aislin. Eu amo meu trabalho e sou muito bom nisso, mas até encontrar o que estou procurando e fazer o bastardo pagar, não vou descansar. Quero passar cada momento acordado vasculhando as ruas até encontrar as respostas que procuro.

Carrego duas fotos no bolso em todos os lugares que vou. Uma é de Aislin quando ela tinha doze anos e a outra é de sua forma mutilada na mesa do examinador. Com todas as pessoas que encontro, quero parar, mostrar as fotos e perguntar se elas a reconhecem. Ela se foi por quinze anos, e é difícil acreditar que ninguém a viu novamente.

Em uma tentativa de corrigir a merda deles, o departamento fez várias declarações públicas sobre seu caso. Eles postaram a foto dela quando menina. Com o rosto dela tão irreconhecível provavelmente aterrorizaria as pessoas se eles vissem o dano, eles olharam por trás das cicatrizes e usaram um software de progressão de idade para gerar uma imagem de como ela seria sem as cicatrizes e feridas de hoje. Tivemos algumas chamadas, mas cada uma era a porra de um beco sem saída. Era como se ela não existisse para todo mundo, quando para mim, ela *era* minha existência. Ela era a razão de me levantar de manhã. Ela era a razão de ter mudado de vida. Ela era a razão de continuar seguindo em frente. Ela era minha luz há anos, mas agora essa luz apagou.

Entro no departamento, passando por dois funcionários da recepção que lidam com perguntas dos cidadãos. Atravesso a abundância de mesas espalhadas pela sala e vou direto para a cafeteira que tem café com sabor de bunda. Não me importo no momento, porque preciso desse estímulo, mesmo que isso me faça querer vomitar enquanto bebo.

Colocando uma pasta de arquivo embaixo do meu braço, eu me sirvo do café com sabor de lama terrível antes de levá-lo ao meu escritório. Jogo a pasta na minha mesa e caio na cadeira.

—Você parece uma merda esquentada.

Olho para cima e encontro David Tavers andando pela porta. Como um dos meus amigos mais antigos, eu o conheço desde antes de Aislin desaparecer. Ele é uma das poucas pessoas com quem mantive contato ao longo dos anos. Antes que o corpo de Aislin fosse encontrado, nós dois trabalhamos no caso dela nas

horas vagas. Quando uma pista precisava ser seguida, eu fazia o rastreamento enquanto Tavers cuidava do restante. Nós dois sabíamos que os idiotas que trabalhavam em Westbridge na época não estavam se importando com o caso dela.

—Foda-se. — eu resmungo, levantando a xícara para meus lábios, depois me encolho quando o líquido desagradável atinge minha língua.

—Como diabos você consegue aguentar essa merda? — Tavers pergunta, apoiando um quadril na minha mesa e cruzando os braços.

—Não posso, mas é isso ou tirar uma soneca em um dos beliches.

—Outro sonho?

Tavers sabe sobre os sonhos fodidos com os quais trato regularmente. Inferno, eles não são sonhos; eles são pesadelos. Pesadelos que teriam uma pessoa mais fraca acordando com as calças sujas. Ontem à noite, depois de dormir por apenas trinta minutos, acordei com o rosto de Aislin uma bagunça distorcida, ouvindo seus gritos. Visões de um homem sem rosto pairando sobre ela empunhando uma faca ensanguentada, seu sorriso brilhante a única coisa que eu podia ver através da escuridão.

Não havia como eu voltar a dormir depois disso, apenas para o pesadelo me agarrar novamente. Algumas noites eu consigo superá-los, mas outras, como a noite passada, deixam minha adrenalina correndo e meu corpo tremendo. Eu sou um homem crescido, mas às vezes esses pesadelos me assustam.

Nunca orei tanto a um Deus que não tenho certeza de sua existência para que Aislin não tenha suportado os horrores que minha mente inconsciente evoca.

—Sim.

Ele se inclina para a frente, garantindo que ninguém ouça nossa conversa. —Acha que precisa conversar com alguém sobre eles? Eles não estão melhorando, cara. Pelo contrário, estão piorando.

Eu atiro uma carranca para ele. De forma alguma vou falar com algum psiquiatra que tentará analisar o que estou passando. Não há como consertar o que há de errado comigo. Reconsidero o pensamento. Existe uma maneira de consertar isso. Encontrando a porra distorcida que é a raiz dos meus pesadelos e arrancando todos os órgãos do corpo dele enquanto ainda está vivo.

—Foda-se isso. Eles não podem fazer nada por mim.

Puxo a pasta na minha direção e a abro. É um caso aberto que Tavers e eu estamos trabalhando sobre o assassinato de uma criança de quatro anos de idade. Os pais saíram para um encontro enquanto a babá de dezessete anos estava em casa assistindo o menino. Ocorreu um assalto e a criança foi esfaqueada nas costas enquanto dormia na cama. A coisa toda parece errada. Os pais não estão sofrendo como pais normais que acabaram de perder um filho por um crime violento. Sem mencionar, por que o ladrão entra no quarto da criança e a mata enquanto dorme? Algo a mais está acontecendo aqui.

Mal tenho a pasta aberta quando o capitão Morgan - sim, Morgan é o sobrenome dele - entra no meu escritório com um homem mais velho seguindo-o.

—James. Tavers. Mudança de planos. Coborn vai cuidar do caso da criança de quatro anos. Este é Clem Stewart. —Ele gesticula para o homem dar um passo à frente. Seus olhos estão vermelhos e inchados, indicando que esteve chorando. Sua mão treme quando eu a agarro na minha por um aperto.

Morgan volta-se para o Sr. Stewart. —Sr. Stewart, estes são dois dos meus melhores detetives. Eles serão os que que trabalharão no seu caso. Você diz a eles o que acabou de me dizer, e eles poderão ajudá-lo.

Fechando o arquivo, entrego-o ao capitão e faço um sinal para o Sr. Stewart se sentar na cadeira em frente à minha mesa. Pego uma caneta e um bloco de papel para fazer anotações quando Tavers fica ao meu lado.

—Sr. Stewart, com o que podemos ajudá-lo?

Stewart esfrega as duas mãos no rosto pálido, como se quisesse se recompor antes de dizer: — Preciso de ajuda para encontrar minha sobrinha. Eu acho que ela foi sequestrada.

—Quando foi a última vez que a viu? — Pergunto.

—Dois dias atrás.

Olho o homem, avaliando sua idade entre trinta ou quarenta e poucos anos.

—Quantos anos tem sua sobrinha, Sr. Stewart?

—Vinte e quatro.

—E o nome dela?

—Rebecca.

Eu anoto as informações no bloco.

—O que faz você pensar que Rebecca foi sequestrada? É possível que ela simplesmente não tenha tido tempo de entrar em contato com você?

Seus olhos lacrimejam quando ele torce as mãos no colo. — Não, detetive. Ela mora comigo. Eu a vejo todos os dias desde que ela tinha onze anos. Algo está errado. Algo aconteceu com ela. Lágrimas silenciosas escorrem por suas bochechas.

—Está tudo bem, Sr. Stewart. Vamos ver o que podemos descobrir. Você tem uma foto dela com você?

Com mãos trêmulas pega uma foto do bolso da camisa e desliza sobre a mesa. Eu pego e examino. Rebecca parece mais jovem do que eu esperava que a garota de 24 anos fosse. Ela tem cabelo castanho médio, na altura dos ombros, com olhos azuis. Embora ela esteja sorrindo, parece que não estava muito feliz quando a foto foi tirada, mas estava tentando fingir como se estivesse.

Entrego a foto para Tavers e depois considero o Sr. Stewart. — Essa é a foto mais recente dela?

Seus olhos caem no colo, mas ainda vejo seu lábio tremer quando ele responde.

—Não. — ele diz calmamente. —Essa tem vários anos. Ela parece... diferente agora. Ela não gosta de tirar fotos. —A voz dele falha no final.

—Podemos ficar com esta?

Ele assente silenciosamente.

Eu tiro a foto de Tavers, rasgo o papel do bloco e prendo a foto nele para que seja colocada em um novo arquivo.

Trinta minutos depois, temos a declaração completa do Sr. Stewart, incluindo como é sua vida cotidiana. Depois de uma promessa nossa de que telefonaremos com perguntas ou atualizações, um oficial o acompanha.

Casos como esses são os mais difíceis, mas quando os resolvemos e os fechamos, pode ser o mais gratificante. As respostas nem sempre podem ser o que queremos que sejam, mas pelo menos são respondidas e não deixadas abertas no ar.

Jogo meu café meio cheio no lixo com um 'já vai tarde' e pego o bloco de papel. Tavers e eu procuramos alguns lugares que o Sr. Stewart acredita que Rebecca possa ter visitado. Segundo ele, ela sofreu bastante na escola e nunca fez amigos por causa disso. Ela não tinha emprego, nem namorado, e era eremita, escolhendo raramente sair de casa. Isso nos deixou com quase nada para continuar. Os lugares que visitamos e as pessoas com quem conversamos resultaram em um beco sem saída.

Muitas vezes, situações como essas me lembram o caso de Aislin. Ela nunca está longe da minha mente e não posso deixar de compará-las. Desde minha ligação com Tripp, não recebi mais pistas. Quanto mais eu esvazio, mais a raiva toma conta de mim. Especialmente durante os períodos em que interrogo suspeitos em casos de agressão sexual. O capitão me avisou várias vezes que se não me acalmar, ele me deixará temporariamente sem licença e não me deixará voltar até que o psiquiatra residente da delegacia me libere. Quero dizer a ele para se foder e me mandar

para casa, mas as pessoas dependem de mim. Eu me recuso a decepcionar mais alguém.

—Como está indo com a casa? — Tavers pergunta enquanto voltamos para o carro, depois de outra pista vazia. Este foi o último lugar na lista.

—Terminei o chão e pintei as paredes. Vou arrancar os armários da cozinha neste fim de semana.

—Você sabe que se precisar de ajuda, pode me ligar.

Ele se ofereceu várias vezes para ajudar, mas consertar a casa de Aislin - e para mim, sempre será a casa dela - é algo que preciso fazer sozinho. Isso me ajuda quando a raiva toma conta e a dor no meu peito me domina. Me acalma estar dentro da mesma casa onde ela esteve. Não estou na presença dela há mais de quinze anos, mas ainda a sinto lá. É onde me sinto mais próximo dela.

Quando comprei a casa, ela veio com a maioria das coisas que sua mãe havia abandonado. Além de me livrar dos móveis desatualizados, ainda não passei pelos itens mais pessoais. Eu as empacotei e enfiei no sótão para lidar depois, quando minha mente estiver em um lugar melhor. O quarto de Aislin não foi tocado. Eu nem sequer entrei na sala. Eu sei que é o mesmo que era antes que ela saísse da rápida espiada que dei quando o corretor me mostrou a casa. Não sei se foi porque a mãe dela estava com preguiça de se livrar de suas coisas ou se uma pequena parte dela amava sua filha e não suportava se separar delas. Se eu for honesto comigo mesmo, estou com medo de sequer pisar no quarto. Vendo suas coisas antigas, do jeito que foi a última vez que estive lá, as pequenas coisas que ela colecionou ao longo dos anos de nossa

amizade. Estou aterrorizado que qualquer coisa me mande para o limite. Talvez quando eu encontrar o assassino dela, eu vou conseguir lidar com isso, mas até então, o quarto ficará mais fechado quanto Fort Knox.

—Eu vou deixar você saber. — digo a Tavers, mas nós dois sabemos que não vou ligar para ele. Ninguém além de mim entrou nessa casa desde que a comprei.

—Sabe o que você quer fazer com isso?

—Ainda não.

Ele verifica os espelhos antes de se afastar do meio-fio e entrar no trânsito.

—Deixe-me saber se você quer vender. Mindy tem um amigo corretor de imóveis.

Eu cerro os dentes com a dor no peito. Até o pensamento de vender a casa dela deixa meu peito com a sensação de um caminhão cheio de cimento. Não tem como eu me livrar da casa dela. Pelo menos, não até encontrar as respostas que preciso.

—Não tenho certeza se vou seguir esse caminho, mas se for, vou deixar você saber. — Pego minha xícara de café fresco que compramos depois de sair da delegacia e tomo um gole. Muito melhor do que essa merda na delegacia. —Como estão Mindy e o bebê?

Mindy é a esposa de Tavers. Eles se conheceram na faculdade no primeiro ano e estão juntos desde então. Eles tiveram um bebê há três meses, nascido por cesariana um mês antes. Tinha algo a ver com o cordão umbilical enrolado no pescoço do bebê. Foi difícil

por um tempo, mas pela última vez que ouvi, ambos estavam indo muito bem.

— Os dois estão bem. Shelly está com cólica e nos mantém acordados metade da noite, mas prefiro isso que qualquer coisa. A garota é forte e resistente.

A nota orgulhosa em sua voz é inconfundível, e isso me faz feliz pelos dois. Eu mantive distância do bebê porque me faz pensar em ter o meu. Mesmo aos quinze anos, e ainda não entendendo a ideia de um bebê, eu sabia que queria me casar com Aislin e ter uma família com ela um dia. Tudo, porra, me lembra dela.

—Mindy quer que você venha jantar. Ela não teve a chance de te ver muito desde que você voltou.

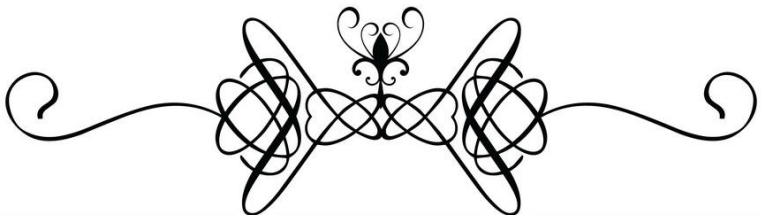
Sou um amigo de merda desde que voltei e não passei pela casa deles tanto quanto deveria.

—Sim, não tenho certeza se sou a melhor pessoa para ter por perto agora.

Ele sabe o que eu quero dizer. Ultimamente, minha atitude não vale nada e uso uma carranca constante no rosto. Tenho certeza de que provavelmente vou assustar o bebê, mesmo que tenha coragem de olhar para ela.

—Talvez seja disso que você precisa. Estar perto de pessoas que se importam com você.

Eu quase ri de sua sugestão. Estar perto de pessoas felizes não é algo que eu quero agora, especialmente aqueles que tiveram um bebê recentemente. Isso não me ajudaria, e apenas tornaria o humor deles azedo. É melhor eu ficar longe das pessoas o máximo possível por enquanto.



Mais tarde naquela noite, estou sentado na minha sala de estar com Betsy no chão aos meus pés. Eu tenho o arquivo de Aislin aberto no meu colo com as imagens que o médico legista tirou espalhadas sobre a mesa de café na minha frente. Eu faço isso toda noite. Eu os estudo repetidamente, esperando que algo novo apareça, mas nada nunca acontece. Eu tenho esse arquivo há um mês e, nessas quatro semanas, é assim que termino todos os dias.

Tomo minha cerveja e coloco a garrafa na mesa. Betsy se move aos meus pés, o barulho do copo batendo na madeira perturbando seu sono.

Pego o relatório do examinador e o leio mais uma vez. Embora eu conheça o relatório de cor, minhas mãos ainda tremem de raiva quando leio que o examinador encontrou mais de cento e cinquenta cicatrizes em seu corpo. Ela tinha cicatrizes até na parte inferior dos pés por queimaduras de cigarro e atrás das orelhas pelo que o examinador acredita serem lâminas de barbear. Tudo isso não inclui as feridas frescas. Havia mais de trinta delas.

Quando continuo a ler que o interior dela estava tão machucado que tinha sangramento interno e que o tecido cicatricial existia de abuso sexual anterior, meu sangue ferve nas veias tão

quentes que eu juro que sinto a queimadura. Meu estômago se revolta, e eu tenho que forçar a bile.

Largo o arquivo sobre a mesa e apoio os cotovelos nos joelhos, segurando o cabelo nas mãos em frustração. Não estou nem perto de descobrir quem a levou e onde ele a manteve. Não tem como ela ter desaparecido sem deixar rastro. Estou falhando com ela mais uma vez. Mas não vou desistir. Eu nunca vou desistir.

Erguendo a cabeça, olho o bracelete gasto e esfarrapado que Aislin me deu no último Natal que a vi. Acaricio o pingente em forma de um meio coração. É feito com um daqueles pingentes que você vê com metade do coração dizendo 'melhor' e a outra metade dizendo 'amigos'. Eu tenho o 'melhor' e ela tem os 'amigos'. É de plástico e barato, mas é um dos meus bens mais valiosos. Surpreendentemente, durou todos esses anos. Eu o mantenho no meu pulso todos os dias desde que ela me entregou, exceto quando tive que tirá-lo para adicionar outro pedaço de barbante para torná-lo mais longo.

Erguendo o pé, chuto a mesa para longe de mim, espalhando os papéis pelo chão. Betsy dá um pulo e choraminga. Estendo a mão e esfrego ao longo de sua cabeça peluda, acalmando-a.

—Desculpe garota. — Murmuro.

Meu coração bate forte e meu peito pesa com minha respiração pesada. Fico sem olhar para os papéis por vários minutos antes de me levantar, reuni-los e colocá-los de volta na caixa. Agarrando a garrafa de cerveja vazia, eu a levo para a cozinha e a jogo no lixo. Pego outra na geladeira e bebo a metade. Minha

cabeça cai enquanto apoio minhas mãos no balcão, tentando acalmar o meu temperamento.

Betsy solta um latido alto e eu olho para cima. Ela está olhando pela janela que fica de frente para a casa de Aislin com os pelos nas costas levantados. Ela late mais duas vezes e depois solta um gemido.

—Betsy. — eu chamo, caminhando até ela. Estou ao lado dela e olho pela janela também. A casa ao lado está escura. Estendo a mão e corro meus dedos pela pelagem dela. —Não há nada lá fora, menina.

Eu procuro na escuridão por alguns minutos antes de decidir que ela deve ter sentido um animal selvagem. Talvez um guaxinim ou gambá. Virando-me para tomar um banho, dou dois passos quando ela começa a latir novamente, exceto que, desta vez, não está parando. Ela corre até a janela e coloca as patas dianteiras no peitoril, as unhas clicando no vidro. Ela late algumas vezes e depois choraminga, apenas para latir e depois lamentar novamente.

Treinada desde filhote para ser um cão policial, Betsy passou dez anos na unidade K-9 de Brighton antes de ser baleada enquanto procurava drogas em uma casa. Em vez de curar e voltar ao trabalho, eles a aposentaram, e ela é minha desde então. Os instintos de um cão são fortes, mesmo sem treinamento, então a Betsy é afiada e mais forte. No departamento de polícia, você aprende a sempre confiar nos instintos de um cachorro. Algo obviamente lá fora está a agitando.

De olho na janela, vou até a mesa de café onde coloquei meu revólver mais cedo. Tiro do coldre e pego uma lanterna da gaveta de lixo na cozinha.

Na porta dos fundos, assovio por Betsy, e ela está imediatamente ao meu lado. —Vamos. Vamos ver o que há por aí.

Uma vez que estamos do lado de fora, ela não foge atrás do que pensa estar lá fora, como um cachorro normal sem treinamento faria. Em vez disso, ela fica perto do meu lado enquanto atravessamos o gramado úmido e entramos na propriedade de Aislin. Começando pelo quintal, ilumino em todos os lugares enquanto ando pela casa até parar onde comecei. Betsy não latiu mais, mas choramingou mais algumas vezes.

Pego as chaves do meu bolso e destranco a porta dos fundos. A casa está escura quando entramos. Não querendo assustar um intruso, se houver, certifico-me de manter a lanterna apontada para o chão. Os filhos da puta precisam ser pegos e acusados de arrombamento e invasão.

Uso o feixe de luz e verifico a lavanderia e a despensa da cozinha. Ambos estão vazios. Meus passos estão quietos enquanto entro na sala com Betsy ainda ao meu lado. A sala está vazia de móveis e, além de uma caixa de piso de madeira restante, alguns armários e algumas ferramentas jogadas aqui e ali, está vazia.

Eu verifico o banheiro do corredor em seguida e novamente não encontro nada. Amaldiçoo baixinho quando abro a porta do quarto da mãe de Aislin e ela chia. Eu preciso me lembrar de lubrificar as dobradiças amanhã. Este quarto também está vazio e

cheira bastante a tinta fresca. Tanto este quarto como o banheiro anexo estão vazios, junto com o quarto de reposição ao lado.

Meus passos diminuem quando chego ao quarto de Aislin. Betsy fica ao meu lado, e eu olho para ela antes de observar a porta fechada. Eu fico olhando pelo que parece uma hora. Minhas mãos suam quando as estendo e coloco na maçaneta fria. Cerrando os dentes e respirando fundo, eu viro e empurro a porta lentamente. Espero por alguns segundos antes de deixar a luz da lanterna atravessar a sala. Eu não entro; em vez disso, inspeciono a área da porta. Juro que sinto seu cheiro e a ouço rir dentro do quarto. Ele causa um arrepio na espinha e a mesma dor pesada enche meu peito. Eu não deixo a luz demorar muito tempo, com medo do que vai revelar.

Eu sou um covarde quando se trata deste quarto. Sei disso. Eu aceito. O que me torna ainda mais covarde, porque não faço nada para mudar.

Depois de não encontrar nada fora do comum, eu fecho a porta, e esta não faz barulho. Eu descanso minha cabeça contra a madeira por um momento até que meu coração esteja batendo normalmente. Betsy cutuca o nariz frio contra a minha mão, me lembrando que ela está lá.

—Ei, garota. — eu sussurro, e ela olha para mim. Seus olhos parecem tristes, como se ela soubesse o que estou passando e queira ajudar.

—Vamos. Vamos sair daqui.

Ela choraminga uma vez, mas segue atrás de mim. Obviamente, o que a assustava era um animal selvagem lá

fora, afinal. O quarto de Aislin era o último quarto da casa, e nenhuma pessoa viva estava lá dentro; apenas os fantasmas do passado.

CAPÍTULO 6

Niko

13 anos

Usando meu dedo anelar, espalho o carvão sob o olho esquerdo, produzindo uma sombra no desenho em que trabalho há semanas. Eu não sou bom. A única habilidade que aprendi na aula de arte. Senhorita Pierce, minha professora, é realmente talentosa e disse que eu tenho potencial. Não sei se esse potencial será de alguma coisa, mas continuo tentando. Quero que esse desenho de Aislin seja perfeito, para que eu possa dar a ela em seu aniversário daqui a algumas semanas. Mesmo se eu não terminar, o desenho me dá uma boa distração da minha vida.

Eu me levanto e escondo minhas mãos enegrecidas debaixo da minha mesa enquanto a porta do meu quarto se abre. Quando vejo Aislin, solto um profundo suspiro de alívio.

—Hey. — Minha voz é sombria. É tudo o que digo antes de deixar meu olhar voltar para o bloco de papel na minha frente. Ela fecha a porta e começa a atravessar a sala, então eu o alcanço e fecho.

—O que você está fazendo?

Não olho para ela, mas sei que inclinou a cabeça e esticou um pouco o quadril. Ela provavelmente cruzou os braços também. Sei tudo sobre Aislin, o que significa que também sei que ela está aqui para me verificar. Mesmo que eu tenha dito para ela não fazer.

—Eu poderia perguntar a mesma coisa.

—Não, não poderia. — ela joga de volta em desafio. —Você sabe por que estou aqui.

Eu suspiro. —Você não deveria ter vindo. Vamos embora daqui a alguns minutos.

Seus passos silenciosos percorrem o chão antes que ela empurre seu quadril contra o meu para se empoleirar comigo na minha cadeira. —Eu precisava ter certeza de que você estava bem. Sinto muito pelo seu avô.

Engulo o nó na garganta. —Obrigado. Enfim, ele era velho.

—Não significa que você sentirá menos falta dele.

Ela está tentando fazer a coisa certa me confortando, e é bom. Ninguém mais prestou muita atenção aos meus sentimentos. O vovô era o pai da mamãe, então ela ficou quieta e o papai trabalhou muito para que ele pudesse comparecer ao funeral. E quando ele não está no trabalho, ele está com a mamãe. Reece e Tori são mais velhos que eu e estão com seus amigos desde que o vovô morreu. Não o víamos muito, mas ele ainda era da família.

—Você vai ficar bem, você sabe.

—Aislin, pare. Não vou chorar nem nada.

—Bem, se quisesse, você poderia. —Seu ombro roça o meu enquanto ela encolhe os ombros. —Eu não riria.

E de repente, não é tão bom ela me confortar. Minhas bochechas esquentam de vergonha. Claro, eu vou ficar bem. Eu estou sempre bem. Eu a conforto. Ela precisa de mim. Não o contrário. Eu cerro meus punhos. —Eu não vou chorar.

—Você está bravo?

Eu a sinto se virar em minha direção, mas não olho para ela. Não quero que ela veja como estou chateado. Papai sempre dizia que eu era um canhão solto quando estava com raiva, mas nunca entendi o que aquilo significava até aquele momento. Eu posso sentir algo se construindo sob a superfície. O problema é que, se ela não parar de me empurrar, não sei o que vai sair. Só sei que vou explodir. —Por favor, vá embora. — murmuro desesperadamente quando a água se acumula nas minhas pálpebras inferiores.

A cadeira que estamos compartilhando range quando ela se inclina para frente. —O que foi isso? — A mão dela pousa suavemente no meu ombro.

Eu pulo do meu assento tão rápido que ela tem que se segurar na minha mesa para não cair. O tremor nas minhas mãos fica tão forte que as enfio nos bolsos. Quando olho para baixo, noto que minha camisa amassada se abriu.

Uma batida soa na porta logo antes de se abrir. Os olhos da minha mãe estão avermelhados, e ela circula o olhar pela sala, sem olhar para nada em particular, mas absorvendo tudo. Suavemente, ela anuncia: —Está na hora de ir, Niko.

Eu apenas aceno e passo por ela para entrar no corredor. Quando estou de costas para Aislin, passo a mão sob os olhos.

—Você é bem-vinda para ficar. — mamãe diz a Aislin, algo que ela diz toda vez que saímos de casa quando ela estava presente. E, como todas as outras vezes, Aislin declina.

—Obrigado por oferecer, senhora James. Eu irei para casa.

Mamãe, emocionalmente esgotada demais para discutir, acena com a cabeça. —Você é sempre bem-vinda, querida.

—Eu sei.

Nós três andamos pelo corredor escuro até a cozinha iluminada pelo sol. Faço uma pausa junto ao resto da minha família que está vestindo casacos e sapatos para sair, e mamãe me entrega minha jaqueta enquanto veste a dela.

Aislin inclina a cabeça para o lado, tentando chamar minha atenção, mas em vez de dar a ela, eu me atrapalho em colocar meus braços na minha jaqueta. Feito isso, ajoelho-me para calçar os sapatos.

—Vejo você mais tarde.

Não sei por que, mas olho para ela e vejo seu rosto quando se afasta. O sorriso dela, sempre presente, parece fraco e triste. Só isso me faz sentir mal por ficar chateado. Eu corro para fora atrás dela.

—Aislin!

Seu cabelo castanho gira em torno de seu rosto ao vento quando ela se vira para mim. —Sim? — Ela responde, cruzando os braços sobre o peito.

Eu paro na frente dela, perto o suficiente para ver o verde em seus olhos. —Volte mais tarde... se você puder.

Seus olhos flutuam sobre o meu ombro para olhar minha família saindo de nossa casa. Quando os traz de volta para mim, ela encolhe os ombros e descruza os braços. —Eu não sei. Talvez.

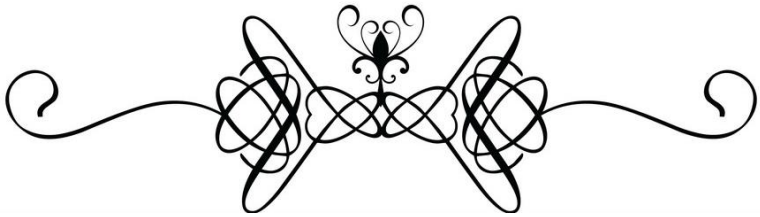
Dou um passo mais perto e abaixo minha voz em um sussurro. —Hoje vai ser péssimo. Eu poderia precisar de um amigo.

—Niko! Nós vamos nos atrasar! —Minha irmã, Tori, grita do carro. Não que ela precise. Estou a apenas cinco passos de distância.

Aislin não parece convencida, mas estou sem tempo. Estendendo a mão, pego sua mão fria na minha e aperto. — Por favor. — Seu braço está solto, e quando eu largo a mão dela, ela cai frouxamente ao seu lado.

Eu me viro e corro para o carro, fazendo Tori gritar quando eu rastejo sobre ela para me sentar entre ela e Reece. Quando papai manobra o carro de ré, Aislin já se foi.

Eu tinha razão. Hoje vai ser péssimo.



Horas depois, a noite caiu quando chegamos em casa. Toda a família está drenada, tanto emocional quanto fisicamente. O serviço foi pequeno e silencioso. Foi triste ver meu avô assim. Além de papai, ele era o homem mais forte que eu conhecia, mas eu sabia que depois de vê-lo no caixão - frágil e quebrado, sem mencionar morto - seria difícil lembrá-lo dessa maneira.

Eu tentaria. O vovô sempre dizia que não tenho nada para viver se não trabalhar para isso. Não sei por que, mas esse ditado sempre me fez pensar em Aislin. Como ela teve que trabalhar mais em sua curta vida do que muitas pessoas nesta cidade degradada. Espero

que isso signifique que a vida dela ficará mais fácil porque ela tem muito pelo que viver.

Esses pensamentos se dispersam quando um grito gutural quebra o ar da noite. Cinco pares de olhos cansados se voltam para a casa ao lado.

—Qual é o problema? Você me deixou chupar seu pau por uma dose extra na semana passada!

—Crianças, para casa. — Papai nos comanda com uma voz vazia de choque. Infelizmente, já ouvimos esse argumento antes.

Meus irmãos ouvem, mas eu paro, esforçando-me para ouvir a resposta abafada da porta ao lado e olhar entre os rostos dos meus pais.

Mesmo exausta, mamãe abaixa a cabeça no meu nível, agarra meu ombro e diz com firmeza: - Entre. Eu sei que você se preocupa, mas você não ajudará ninguém permanecendo no escuro e no frio. Você sabe que a nossa porta está sempre aberta para ela.

—Como assim, terminou comigo? Com quem mais você vai foder?

A mãe de Aislin fala tão alto que poderia estar de pé no jardim da frente. Meia dúzia de outros vizinhos da rua apagam as luzes em resposta aos gritos dela.

—Podemos chamar a polícia? — Eu sussurro, meu olhar não se movendo da casa ao lado, meu coração querendo que Aislin venha caminhando pelo pátio lateral.

Meus pais trocam um olhar e minha mãe olha para mim novamente. —Você sabe que não podemos.

—Por quê? — Eu quase choro de surpresa quando o som de vidro se quebra da casa de Aislin.

O aperto da mamãe aumenta no meu ombro e ela começa a me puxar em direção a casa. —Ninguém mais nesta rua vai ligar para a polícia. Não queremos criar problemas para nós mesmos, mas a mãe dela saberia que somos nós.

—Então? — Eu argumento, ficando com raiva. —Aislin está lá!

—A mãe dela não bate nela, e os homens da mãe dela não batem nela. Ela virá quando puder. Ela ficará bem.

O jeito que ela disse fez parecer uma oração.

Mais alguns sons baixos e abafados vêm da casa antes que a mãe de Aislin grite. —Qual é o seu problema? Minha boceta não é mais o suficiente para você? Talvez você goste delas jovens. Sim? Você gosta delas jovens? Você está fodendo minha filha pelas minhas costas, é isso?

Dou dois passos em direção à casa dela antes que braços se enrolem no meu peito e me levem para dentro.

Batendo os pés, chuto, perdendo um sapato na varanda. Papai me coloca no chão, mas não solta, pressionando minhas costas contra a parede da nossa sala de estar.

—Controle seu temperamento, Niko. Controle. Você não pode sair do controle. Você é apenas uma criança, mas um dia desses você vai acabar em uma confusão enorme se perder o controle assim.

Meus ombros tremem com a velocidade das minhas respirações. Apertando minhas mãos com tanta força que corto minha pele com as unhas. Tudo o que eu quero é pegar minha amiga e levá-la a algum lugar seguro. Saber que ela está naquela casa com

sua mãe drogada, provocando algum homem estranho, me faz querer vomitar.

—Vá para o seu quarto e prepare-se para dormir. Tenho certeza que ela virá em breve.

Sabendo que tudo o que poderia fazer é assentir, faço o que ele diz.

Deito-me na cama, ouvindo os gritos da mãe de Aislin se tornarem menos frequentes e tentando não contar quantos minutos se passaram. Aislin ainda não apareceu. Nós se formam no meu estômago, e eu tenho que tomar um copo de água porque minha boca está muito seca. Algo próximo ao pânico se aproxima quando me lembro da maneira como deixamos as coisas antes. Ela provavelmente acha que ainda estou chateado. Por que fiz isso? Por que fiquei bravo com ela em primeiro lugar? Ela estava apenas tentando ajudar.

Depois de quarenta e dois minutos, e os sons dos meus pais indo para a cama, jogo as cobertas. Aislin não virá, o que significa que algo está terrivelmente errado.

Depois de puxar dois moletons com capuz sobre minha camiseta, amarro o velho par de tênis que guardo no armário e retiro cuidadosamente a tela da janela do meu quarto. Agarrando a borda, desço todo o caminho até o chão. Meus dedos tocam silenciosamente o solo macio e úmido.

Rastejando pelo pátio lateral que separa a casa de Aislin da minha, encontro a janela dela, a mais à esquerda do medidor de gás, e espio dentro. O brilho de uma luz no interior de sua casa me permite ver facilmente seu quarto. Está vazio.

Minhas pernas tremem quando eu saio pelos fundos da casa dela, quase tropeçando ao ver a porta dos fundos se abrindo. Um oceano de agitação no estômago. Alguém saiu por aquela porta, mas não sei quem e para onde foram. Enquanto vou para a floresta atrás de nossas casas, espero e oro com tudo dentro de mim que Aislin esteja correndo para nossa casa na árvore.

Um arrepio percorre minha espinha. Não posso deixar de desviar os olhos pela área apagada, esforçando-me para ouvir qualquer coisa que não seja o som dos meus pés batendo no chão da floresta e minha respiração ofegante. Assim que estou longe das casas, clico na lanterna que enfiei no bolso do moletom. Comparada à escuridão de uma floresta rural, a luz é escassa, mas é alguma coisa. Eu mentiria se dissesse que não estou morrendo de medo. Cada barulho de folhas e galhos embaixo dos meus sapatos ecoa, e não posso dizer se estou realmente sozinho. Por que Aislin não me procurou como sempre? Por que ela está me fazendo procurá-la?

A corrida me fez suar, mas sinto tanto frio por dentro. A casa da árvore aparece e o pânico começa a diminuir. Ela tem que estar lá. Onde mais ela estaria?

Engulo o nó na garganta, a dúvida e grito. —Aislin?

No começo, não consigo ouvir nada sobre minhas próprias respirações. Nem mesmo um animal correndo por perto. Eu chamo de novo. —Aislin, você está aí?

Começo a subir a escada quando a madeira acima da minha cabeça geme. Meu coração dispara. Deve ser Aislin.

Eu hesito um segundo. Cheio de antecipação e medo de ser atacado ou encontrá-la vazia, enfio a cabeça no buraco.

Meus ombros caem e eu me levanto. —Aislin.

Seu único movimento é apertar os braços com mais força em volta dos joelhos.

Rastejando até ela, apoio a lanterna contra a parede para iluminar um pouco e me sento ao lado dela. Ela esteve aqui sozinha na escuridão fria. —Você não veio.

Ela responde virando a cabeça para o lado, para longe de mim, e a coloca de joelhos.

—Você está bem?

—Vá embora, Niko. — Ela está quieta, mas o toque de teimosia em seu tom me alivia. Minha Aislin está lá em algum lugar.

—Eu sinto muito. Por mais cedo. E me desculpe, você sentiu que não podia vir quando precisava, porque fui um idiota.

Silêncio.

Minhas mãos tremem, e as coloco no capuz do meu moletom, então me lembro por que coloquei dois. Agarrando o de cima pelo capuz, eu o puxo sobre a cabeça e o coloco sobre Aislin. Ela não reconhece, mas vai. O jeans e a camiseta que ela veste são finos e esburacados. Eles não podem mantê-la muito quente, e ela está aqui há mais de uma hora.

Eu respiro fundo. —Aquele homem não tocou em você— afirmo em vez de questionar. O pensamento de lidar com a alternativa me faz querer vomitar. —Sua mãe estava apenas chapada de novo... certo?

—Não, ele não me tocou. Agora vá embora —ela cospe.

Jogo meu braço, prendo-o em seus ombros e a arrasto para o meu lado. Eu a envolvo apertada, uma mão puxando a cabeça para o meu ombro enquanto a outra esfrega sua pele nua, tentando aquecê-la.

Ela chia de surpresa. Quando a cabeça dela entra em contato com meu ombro, esse chiado se transforma em um soluço abafado, e isso parte meu coração. Às vezes me sinto tão impotente em relação a minha melhor amiga. Eu posso estar lá por ela e levá-la para dentro de casa quando ela precisa de um lugar seguro, mas sinto que não estou fazendo nada por ela. Ela ainda tem que ir para casa e viver com aquele monstro de mãe.

Eu não a menciono chorando. Aislin é teimosa e quer ser forte. Em vez disso, a seguro e envolvo o moletom extra em torno dela com mais força. Quando parece estar sob controle, a forço a vestir o moletom. Nossos olhos fazem um breve contato antes que ela desvie o olhar.

—Obrigada.

Pego a mão dela e começo a puxá-la para a saída, mas paro antes de descer.

—Você nunca precisa me agradecer, mas preciso que você me prometa algo. — Faço uma pausa, esperando que ela preste atenção em mim antes de continuar.

Ela assente com a cabeça.

—Prometa que nunca mais fará isso.

—Niko. — Ela suspira.

—Não. Você não saiu assim desde que nos conhecemos e eu a encontrei escondida aqui sozinha. Você é minha Estrela do Norte,

mas preciso que venha até mim primeiro, se sentir vontade de desaparecer. Podemos ir juntos. Estendo a mão para esfregar a parte de trás do meu pescoço. —Eu nunca quero sentir esse medo novamente.

Ela hesita e, quando responde, fica quieta. —Ok.

CAPITULO 7

Niko

O desenho que fiz de Aislin quando eu tinha treze anos olha para mim do arquivo desarrumado espalhado pela minha mesa. Eu usei o desenho quando tentei reportá-la como desaparecida, já que não tinha uma foto dela e não ia pedir uma para a mãe dela. Depois que ela desapareceu, descobrimos que ela não teria dado uma para nós de qualquer maneira. Não porque não se importava com a desaparecimento da filha, embora eu sempre soubesse que isso era verdade. Não, ela não deu uma à polícia porque não existia uma única fotografia de Aislin.

A polícia teve que escanear sua foto do anuário para usá-la em folhetos. O mesmo folheto na minha mesa com **FUGITIVA EM PERIGO**, em grandes letras em negrito, embaixo da palavra DESAPARECIDA escrito em vermelho. É a mesma foto que eu carrego no meu bolso.

Recostando-me na cadeira da mesa, mastigo a ponta da caneta e estudo a papelada antes de voltar para o pequeno arquivo arrumado no meu colo. É o arquivo de Rebecca Stewart, a jovem desaparecida há quase um mês.

O caso deixou Tavers e eu perplexos. Não importa quão longe cavemos ou com quem conversamos, ninguém viu ou ouviu falar de Rebecca Stewart. Inferno, ninguém sabe quem ela é. É como se ela não existisse. Clem Stewart disse que ela é eremita, raramente sai de casa, mas alguém tinha que tê-la visto em algum momento.

Frustrado, jogo a pasta na minha mesa, ao lado do desenho de Aislin e passo os dedos pelos cabelos. Os dois casos são semelhantes no sentido de que não existe nenhuma evidência. Ambas, mulher e criança simplesmente desapareceram. São coincidências demais e tornou-se mais pessoal do que deveria. Ao longo dos anos, trabalhei em vários casos, mas os de Aislin e agora este são os únicos com os quais tive tanto problema.

Eu não gosto disso.

Quando me tornei policial e detetive, meu principal objetivo era descobrir o que aconteceu com Aislin e ajudar outras pessoas em situações semelhantes. Se eu pudesse impedi-lo, ninguém passaria pela mesma dor que eu senti quando perdi Aislin e não sabia nada do que aconteceu com ela. Embora tenha encontrado alguns casos bastante difíceis de resolver, consegui desenterrar peças suficientes para entender o que aconteceu. Alguns resultados foram mais duros que outros e talvez nem todas as perguntas tenham sido respondidas, mas pude dar algum tipo de paz às famílias.

No caso de Rebecca, no entanto, temos mais perguntas do que respostas, e parece que não há respostas para encontrar. É frustrante para caralho.

Eu bebo os restos do meu café e, em seguida, cuidadosamente arrumo a pasta de Aislin. Depois, coloco as poucas informações que temos de Rebecca em seu arquivo e as levo para a sala de estar comigo. Pego meu telefone e bato no número de Tavers.

—O que há? — Ele responde no segundo toque.

—Acho que precisamos fazer uma visita ao Sr. Stewart. — Eu vou direto ao ponto. —Deve estar faltando alguma coisa.

—Concordo. — Há um farfalhar no lado dele da linha. —A mulher não poderia simplesmente desaparecer sem deixar vestígios. Se eu não soubesse melhor, diria que ele fez algo com ela, ou ela nunca existiu.

O pensamento definitivamente me passou pela cabeça nas últimas duas semanas. A situação é perfeita demais. Como diabos alguém simplesmente desaparece assim? No entanto, nas duas vezes em que vi o Sr. Stewart, ele parece genuinamente perturbado e preocupado com a sobrinha. Considero-me um excelente juiz de caráter - uma característica necessária nas forças armadas - e não recebi vibrações nefastas do homem. Ele tem sido muito cooperativo, respondendo a todas as perguntas que fazemos sem hesitar, e chegou a oferecer que passássemos pela casa dele com um pente fino antes de termos a chance de mencionar. As emoções profundas em seu rosto são sinceras. Claro, existem pessoas por aí que podem convencer alguém a pensar no que querem, mas meus instintos me dizem que ele não está escondendo nada.

—Quer que eu te pegue no caminho? — Tavers pergunta.

—Não. — resmungo, pegando minhas chaves do balcão. —Eu já estou do lado de fora. Esteja pronto em quinze.

Desligo e subo na minha caminhonete. Meu olhar permanece na casa ao lado. Eu terminei o banheiro no fim de semana passado, e o exterior precisará ser feito em breve. Uma dor se forma no meu peito quando percebo que a casa está quase completa. Ainda não sei o que quero fazer depois de concluir todos os reparos. É algo que

evitei pensar, porque quando faço, quero esmagar algo ou chorar como um maldito bebê no canto.

Aponto minha caminhonete na direção de Tavers, abandonando meus pensamentos depressivos.

Trinta minutos depois, estamos parando na frente da casa do Sr. Stewart. É a casa típica com tinta branca, persianas pretas e uma varanda com duas cadeiras e uma pequena mesa. O gramado bem cuidado faz os canteiros das duas janelas da frente se destacar. Um carro pequeno vermelho fica na entrada da garagem.

Olho em volta para as casas vizinhas enquanto Tavers e eu andamos pela calçada até a porta.

—É estranho como nenhum dos vizinhos sabia que Rebecca morava aqui. — observa Tavers, sentindo minha linha de pensamento.

—Sim, mas se ela nunca saísse de casa, eles não a veriam.

De todos nas casas vizinhas, apenas um casal se lembra de Rebecca. Os McRoberts são um casal de idosos que vive no bairro há cinquenta anos. Segundo eles, eles se lembram de uma jovem com a mesma descrição que Rebecca teria na idade dela, entrando na casa há treze anos. A única razão pela qual eles se lembram dela era porque esse era o dia em que o neto nasceu e eles acabavam de voltar do hospital. A garota estava chorando histericamente. O Sr. Stewart estava com ela e teve que pegar a garota nos braços para carregá-la para dentro, porque ela estava muito perturbada. Os McRoberts disseram ouvir que a mãe da menina, irmã de Stewart, tinha acabado de morrer, e ele era a única família que restou.

Tavers bate na porta e, alguns segundos depois, é aberta por um Sr. Stewart, cansado.

—Sr. Stewart — digo, dando um passo à frente. —Podemos entrar? Temos mais algumas perguntas para você.

Ele assente e dá um passo para trás, abrindo a porta para entrarmos. —Claro.

Uma vez lá dentro, ele nos leva a uma sala de estar básica. Uma TV fica em pé em frente a uma poltrona reclinável e sofá com mesinhas de cada lado. Um pequeno vaso de plantas decora um canto junto com uma foto de Rebecca. Vários outros quadros estão na parede com fotos de Rebecca e quem ele diz ser a mãe dela.

—Você tem alguma novidade? — Ele pergunta, sentando-se na poltrona.

Tavers e eu nos sentamos no sofá. Inclinando-me para a frente, descanso os cotovelos nos joelhos e fecho as mãos.

—Não senhor, ainda não.

O olhar desanimado que ele nos dá cai pesadamente no meu peito. Ele parece desamparado e arrependido. Eu sei exatamente como se sente. Eu me sinto assim há anos enquanto procurava por Aislin.

—Viemos descobrir se há mais que você possa nos dar — digo a ele. —Estamos tendo dificuldades para encontrar alguém associado a Rebecca.

Ele assente e olha pela janela em frente a ele.

—É minha culpa. Eu deveria tê-la empurrado mais para sair. Ele olha para nós. —Quando ela veio morar comigo pela primeira

vez, estava tão retraída, nunca querendo fazer nada além de se sentar em seu quarto. Eu pensei que ela estava deprimida com a morte da mãe, então não a empurrei. Eu esperava que ela melhorasse sozinha. Nunca fomos próximos, mas eu a amava muito. Sua mãe e eu nunca nos demos bem, então nunca fui capaz de estabelecer um vínculo com ela. Eu gostaria de poder ter feito mais por ela.

Ele pega seu copo de chá da mesa e toma um gole. Não perco o brilho das lágrimas nos olhos dele.

—Você disse que ela estudou na escola por um tempo quando veio aqui pela primeira vez? — Tavers observa, puxando um pequeno bloco de notas do bolso do terno. —Você tem certeza de que ela não manteve contato com ninguém da escola ao longo dos anos?

Balançando a cabeça, ele coloca o copo de volta. —Não. Ela só estudou na escola por um mês antes de eu a retirar e decidir educá-la em casa. As crianças de lá... elas não a entenderam e a atormentaram.

Tavers assente e escreve algo no bloco de notas.

—E ela nunca teve namorado?

Stewart balança a cabeça novamente, olhando para o colo com uma expressão desanimada. —Ela só teve um namorado. Isso foi há cinco anos e era de um desses sites de namoro.

Meus ouvidos se animam com isso. Se pudéssemos encontrar alguém que se lembrasse dela, talvez isso pudesse levar a outra pessoa.

—Você se lembra do nome dele?

Suas sobrancelhas se franzem enquanto ele pensa por um momento. Seus olhos brilham e ele estala os dedos.

—Mark—. Ele assente. —Acho que lembro que o nome dele era Mark.

Olho para Tavers e compartilhamos um olhar antes que ele anote o nome.

—Sobrenome?— Ele pergunta, olhando para cima.

A expressão do Sr. Stewart cai. —Não. Eu nunca soube seu sobrenome. Eu também nunca o encontrei. Na verdade, nem Rebecca. Eles sempre se falaram pela internet.

Eu tenho que segurar um rosnado de frustração. Um passo à frente e cinco passos para trás. Não importa a avenida que tentamos, não há nada lá.

Tavers sente minha frustração e pergunta: —E você disse que ela nunca trabalhou?

—Não. Ela tentou uma vez, mas acabou não indo no seu primeiro dia.

Abaixo a cabeça por um momento e depois a levanto novamente. —Sr. Stewart, você tem que nos dar mais para trabalhar aqui. Tento manter minha voz calma. —Estamos em um beco sem saída. Deve haver alguém que conheça sua sobrinha além do senhor. Alguém não pode ser tão recluso. Ela já foi às compras? Ou talvez pagar as contas? Executar recados? E os médicos? Ela já foi ao médico?

Ele aperta as mãos no colo enquanto lágrimas brotam dos olhos. Sua voz está rouca quando ele sussurra: —Ela nunca saiu de casa. — Seus olhos imploram para que eu entenda. —Eu tentei

tanto fazê-la sair, mas nada funcionou. Ela simplesmente não queria sair. Ela disse que o mundo exterior era muito estressante. A assustava. O máximo que ela faria é se sentar na varanda dos fundos e, mesmo lá, ela apenas olhava para o espaço. Sempre que eu mencionava que ela saísse, ela surtava e me implorava para não fazer. Ir aos médicos era um grande não para ela.

Fecho os olhos e aperto a mandíbula. Estamos chegando a lugar nenhum aqui. Ouço o som de Tavers fechando seu bloco de notas e abro os olhos. Ele parece tão frustrado quanto eu; ele apenas esconde melhor.

Nós dois nos levantamos do sofá, e o Sr. Stewart segue nossa liderança.

—Gostaria de poder ajudar mais. Sei que não lhe dei muito, mas Rebecca era tão fechada. Ele olha para a foto de Rebecca na parede e enxuga uma lágrima. Quando ele olha para nós, seus olhos estão vermelhos como se estivesse tentando se segurar. —Só espero que onde quer que ela esteja, não esteja sofrendo.

Tavers estende a mão e a coloca nos ombros caídos do Sr. Stewart. —Estamos trabalhando o máximo que podemos. Vamos descobrir o que aconteceu com sua sobrinha.

Ele assente miseravelmente antes de nos levar à porta da frente.

—Ligaremos se tivermos mais perguntas, e se você pensar em alguma coisa, ligue para nós.

—Apenas, por favor, encontre-a — diz Stewart com uma voz triste.

Olho para Tavers quando estamos no caminhão. —Isso é uma bagunça do caralho — eu rosno, segurando o volante com os punhos apertados. —Deve haver algo em algum lugar. Nenhum crime é perfeito.

—Talvez não haja crime. — Atiro meus olhos para ele, e ele esclarece. —Pense nisso. Talvez ela tenha simplesmente saído? Talvez ela estivesse cansada de ficar presa na mesma casa dia após dia, mesmo que fosse por escolha. Sei que é altamente improvável que alguém com os problemas dela mude tão drasticamente assim, mas é um caminho que devemos seguir.

Ele tem razão. Embora eu duvide que seja o caso. As chances de alguém como Rebecca querer repentinamente deixar a proteção de sua casa são extremamente raras. Mas nossas opções são limitadas neste momento, portanto não faria mal procurar outros meios de seu desaparecimento.

—Você está certo. — Esfrego minha testa, sentindo uma dor de cabeça se formando. —Comece a formular uma lista de transportes locais e começaremos por aí.

Afasto-me do meio-fio enquanto Tavers puxa seu bloco de notas.

Horas depois, estou de volta em casa. O suor escorre pelo meu peito enquanto eu silenciosamente conto as flexões que estou fazendo na barra que instalei na porta do antigo quarto de Tori que virou sala de musculação. Meus músculos queimam quando eu me puxo e lentamente me deixo descer.

Assim que termino minhas repetições, caio no chão e enxugo o suor do rosto. Estou fazendo isso há algumas horas agora. Ultimamente, não tenho tido muito tempo para fazer um bom exercício. A mudança, me estabelecer no departamento, trabalhar incansavelmente no caso de Aislin e reparar a casa dela, consumiu a maior parte do meu tempo. É bom treinar um pouco. Também ajuda a diminuir a energia inquieta que tenho.

Pego minha garrafa de água da mesinha dentro da sala de musculação e tomo vários goles. Fechando-a, levo-a ao banheiro conectado ao meu quarto. Dispo-me e entro no chuveiro frio para lavar o suor e a sujeira do dia. Apoio os braços no azulejo à minha frente, abaixo a cabeça e deixo a água bater nos meus ombros tensos.

Quinze minutos depois, eu visto uma calça de moletom cinza escuro e pego uma cerveja na geladeira quando meu celular toca. Pego no balcão e aceito a chamada.

—Ei, mãe — eu digo como resposta.

—Ei, querido, como você está?

Levando minha cerveja comigo, saio da cozinha e entro na sala de estar. Ligo a TV, certificando-me de que está sem som, e me sento no sofá.

—Eu estou bem. Apenas me acomodando para assistir o último jogo.

Ela ri. —Seu pai está passando por abstinência. Ir a todos os jogos em casa nos últimos cinco anos o estragou. Quando eu disse a ele que teria que trocar de time para poder ir aos jogos da Flórida aqui, seus olhos se contraíram... pouco antes de ele ameaçar se divorciar de mim.

—Bem, você pediu por isso — eu digo, rindo. —Você sabe como ele é sobre seus Buckeyes.

—Isso eu sei — ela responde com uma risadinha. —De qualquer forma, liguei para perguntar se você poderia ir até o sótão e pegar algo para mim. Há uma velha caixa de padrões lá em cima que pertencia à vovó. Pedi a Christopher que pegasse para mim antes de nos mudarmos, mas você sabe como seu pai pode ser esquecido algumas vezes.

—Sim, mãe. Eu posso fazer isso.

—Obrigada, querido.

Apoio meus pés na mesa de café e sorrio quando penso em mamãe batendo na parte de trás da minha cabeça se me visse fazendo isso.

—Mais alguma coisa que você precisa que eu envie? — Eu pergunto, tomando um gole da minha cerveja.

—Não. Não que eu possa pensar. Oh! —Ela exclama. —Conversei com a Tori hoje. Ela mencionou em possivelmente fazer uma visita em alguns meses. Eu estava pensando que talvez seu pai e eu pudéssemos ir também. Fazer uma reunião de família ou algo assim.

Não vejo minha irmã há quase um ano. Ela e o marido se mudaram para Phoenix há alguns anos para o trabalho de Michael. Eles têm dois filhos agora, mas eu só conheci a mais velha deles, Bryanna. Quando Trey, o caçula, nasceu, eu estava trabalhando em um grande caso e não conseguia me afastar do trabalho. Não houve um bom momento desde então para eu fazer a viagem para lá. Vai ser bom vê-los.

—Eu ligo para ela amanhã. Descubro quais são os planos dela e a informo.

—Tudo bem. — Ela fica em silêncio por um momento e depois pergunta, hesitante: —Você conversou com Reece desde que voltou?

—Uma vez. — eu resmungo.

Reece e eu não somos íntimos há anos. Ele é o mais velho de nós três. Cinco anos mais velho que eu e três anos a mais que Tori. A culpa me come porque a distância entre nós é minha culpa. Quando Aislin desapareceu, empurrei todos para longe, e isso o machucou quando todo o meu foco se voltou para descobrir o que havia acontecido com ela. Mesmo na adolescência, fiz o que pude para encontrá-la. Minha mágoa e raiva ofuscaram todo o resto, e eu só queria ficar sozinho. Ele tentou me dizer para esquecer, que Aislin simplesmente fugiu, e isso me irritou. Fiquei ressentido com ele. Eventualmente, parou de tentar e ficou amargo. Quando percebi o que havia feito, que lhe causava uma imensa quantidade de dor ao empurrá-lo para longe, era tarde demais. Ao longo dos anos, tentei formar um vínculo com ele, mas ele não quer nada comigo e mal me aguenta quando forçado.

—Você acha. — mamãe começa, faz uma pausa e depois começa novamente. —Você acha que poderíamos levá-lo para jantar uma noite quando chegarmos?

Eu suspiro. —Eu vou falar com ele. Pode não dar certo, mas vou levá-lo.

Eu posso ouvir a esperança em sua voz quando ela diz: — Obrigada, Niko. Eu sei que as coisas estão tensas entre vocês dois. Eu esperava que a tensão dissipasse um pouco com você vivendo tão perto de novo.

—Eu também quero isso. — digo a ela e falo sério. Eu quero meu irmão de volta. Eu dei a ele espaço desde que voltei para que ele possa se acostumar com a ideia, mas é hora de superar essa briga e aceitar o fato de que estou aqui e farei parte de sua vida, ele goste ou não.

Depois de mais alguns minutos conversando sobre nada importante, desligamos. Pego minha cerveja na mesa e termino no caminho para a cozinha. Voltando, paro e desligo a TV, decidindo deixar de assistir o resto do jogo. Minha cama parece muito boa neste momento depois do meu dia estressante e decepcionante trabalhando no caso de Rebecca.

Puxo a corda que desce a porta do sótão e subo as escadas. O ar está um pouco mais quente no espaço pequeno, e tenho que dobrar a cabeça para encaixar minha estrutura alta. Puxando o cordão para a luz suspensa, olho em volta e espio várias caixas por todo o espaço. Eu procuro a caixa verde clara que mamãe me disse que mantém os padrões antigos. Quando se mudaram e eu decidi

tomar o lugar, eles me disseram que haviam deixado várias caixas aqui em cima.

Encontro uma pequena pilha de caixas e percebo mais algumas por trás delas. Espiando o verde no fundo, começo a levantar as outras. Faço uma pausa quando vejo meu nome escrito com marcador preto em uma das caixas. A curiosidade me faz agachar e deslizar a caixa para mais perto de mim.

As abas não estão presas, então eu as abro com facilidade. Minhas mãos congelam no caminho para dentro da caixa, e meu coração bate no meu peito quando vejo um grande envelope vermelho dentro. Eu sei exatamente o que é.

Minha bunda bate no chão enquanto meus olhos se prendem na caixa, estupidamente assustado para puxar o envelope, mas querendo desesperadamente. Respiro fundo, estendo as mãos trêmulas e deslizo o envelope da caixa.

Na realidade, o envelope é leve, mas parece centenas de quilos em minhas mãos. Esta foi uma das últimas coisas que eu recebi de Aislin. Como acabou nesta caixa, não faço ideia. Eu procurei e procurei a maldita coisa por semanas depois que ela desapareceu, e nunca a encontrei. É algo tão simples, mas significa o mundo para mim porque veio dela.

Com o coração batendo forte nos ouvidos e as palmas das mãos suando, puxo o pedaço de papel branco do envelope. Ela tem mais de quinze anos, mas juro que ainda sinto o cheiro inocente dela no papel enquanto o desdobro e começo a ler.

Niko,

Rosas são vermelhas.

Todos sabemos que é verdade.

Mas violetas são roxas.

Não essa idiotice de azul.

Aposto que você está rindo agora, certo? Sim você está. Pode admitir. Mas falando sério, quem fez esse poema? É uma mentira total. Enfim, eu sei que isso não é muito, mas eu queria fazer algo no Dia dos Namorados. Mesmo se eu tivesse dinheiro para comprar algo para você, não teria ideia do que comprar. O que as meninas costumam das aos meninos no Dia dos Namorados? Por alguma razão, não vejo você querendo flores, chocolates ou um ursinho de pelúcia macio e felpudo. Pelo menos assim, eu sei que você realmente sorrirá e ficará feliz com isso. Ok, eu vou agora para me preparar para encontrá-lo na casa da árvore. Vejo você em breve.

Amor sempre,

Sua Estrela do Norte.

O papel treme quando eu o levo aos meus lábios e o beijo por cima do nome dela. Ela estava certa. Nada mais que ela poderia ter me dado teria me feito sorrir maior ou mais feliz. Eu sempre amei seus presentes caseiros. Esses itens vieram do seu coração.

E o sorriso dela era tão grande quando ela viu o meu. Aislin não tinha muito o que sorrir em sua vida, mas ela sempre sorria quando estava comigo.

Lágrimas formigam meus olhos quando penso naquele sorriso sendo um dos últimos que vi enfeitar seu lindo rosto. Sete meses

depois, ela se foi. Eu só tive mais duzentos e vinte e cinco dias com ela antes que fosse tirada de mim.

O papel enruga nas minhas mãos trêmulas enquanto eu cuidadosamente redobro e coloco de volta no envelope. Agarrando a aba, viro a caixa e olho para dentro, encontrando-a quase vazia, exceto por alguns papéis velhos de trabalhos escolares. Devo ter colocado acidentalmente nos papéis quando estava fazendo as malas. Mamãe sempre quis que eu guardasse meus antigos trabalhos escolares. Ela disse que eu gostaria de olhar para eles quando fosse adulto.

Empurrando a caixa, levanto-me com o envelope vermelho na mão. Colocarei na caixa que tenho no meu armário. Pertence a tudo o que tenho de Aislin.

Pego a caixa verde para mamãe, puxo a corda para a luz e deixo o sótão.

CAPITULO 8

Lelu

A menina senta-se na cama suja com as pernas cruzadas. Suas costas estão retas enquanto olha para o espaço. Seu rosto não mostra emoção, a expressão estoica. Ela está tão quieta que, se não fosse pela ligeira subida e descida do peito, se pensaria que ela estava morta. Por fora, parece calma e não afetada, mas por dentro, sua mente está gritando de agonia. As marcas em forma de crescente das unhas na parte interna das coxas atestam isso. Mas ela se recusa a mostrar seu medo e dor.

O homem escovando os emaranhados de seus longos cabelos castanhos puxa a cabeça para trás. Ele tem as pernas bem abertas com ela sentada entre eles. A garota aprendeu a fechar os sentidos ou o cheiro forte de seu perfume que a envolve e a sufoca. Apenas a visão do homem a deixa doente. Ela faz o possível para manter os olhos nele sempre que possível. Quando ele a toca, ela afasta sua mente. Ignora os grunhidos dele, enquanto tira o prazer de seu corpo.

De costas para o homem, ele não consegue ver a careta quando passa os dedos pelos cabelos dela, quase amorosamente. Esses tempos são piores do que quando ele está batendo, cortando, queimando ou estuprando, porque ela sabe que é falso. As falsas sutilezas são mais do que sua mente pode suportar.

—Lelu. — o homem sussurra e desliza seu corpo para mais perto dela.

Ele geme quando seu peito nu encontra as costas dela, envolvendo o belo cabelo comprido que passou trinta minutos escovando em seu punho. O cabelo dela sempre fascinou o homem. Desde o primeiro momento em que a viu, ele queria envolver a massa grossa em torno de seu eixo e se masturbar. Os fios são macios e parecem seda fiada. Ele a deixou lavá-lo hoje - não seu corpo, apenas seus cabelos. Está especialmente macio quando o segura e leva a mão ao nariz respirando profundamente.

As unhas da garota cavam mais profundamente em sua pele até que sente o sangue escorrer pelas coxas e pingar no colchão. A dor auto infligida é diferente da dor que o homem lhe causa. Ela pode tolerar essa dor porque isso a distrai. Ela precisa da dor para esquecer o que o homem está fazendo com ela.

Lábios e bochechas ásperas arranham seu ombro. A náusea invade o estômago da garota, então ela usa o dedo e esfrega com força contra os cortes que fez com as unhas. A dor explode através de suas coxas e, com isso, quase aparece um sorriso.

Um momento depois, sua cabeça é puxada para trás com tanta força que ela ouve um estalo no pescoço e uma dor instantânea a enche. Antes que possa se conter, ela grita. Os dedos dela caem das coxas enquanto tenta se impedir de cair para trás.

—Pare com isso. — o homem rosna atrás dela e puxa novamente.

Ele força a cabeça dela para trás até os olhos dela encontrarem os dele. A raiva ali a assusta. Ela já viu a raiva dele

antes e suportou a força dela, então sabe que seu castigo será rápido e sem piedade.

Os olhos do homem piscam para as novas feridas em suas coxas, e isso aumenta sua pressão arterial. A visão o repugna, o que é irônico, porque ela está coberta de marcas causadas por ele. Por mais que o pensamento dele machucando a garota transforma seu pênis em pedra, ele não tolerara que a garota se machuque . Ele já avisou sua Lelu antes, mas, obviamente, ela precisa aprender essa lição novamente. Se ela quiser dor, ele a entregará pessoalmente.

—O que diabos te disse sobre se machucar?

O cuspe dele voa no rosto da garota, pousando em seus lábios. Ela quer limpá-lo, mas não se atreve a se mexer.

—Você acha que sua dor vai superar a minha? Você acha que pode me fazer desaparecer tão facilmente? Você se lembra da última vez que tentou isso?

A menina lembra muito bem. Está queimado em seu cérebro, e ela nunca estará livre dessa memória. Não é sempre que ela desobedece ao homem, mas, nas poucas vezes em que o fez, lembra-se bem do horror que recebeu.

Ela mantém a boca fechada, sem saber se ele realmente quer que ela responda. Depois de observá-la por alguns segundos, ele desce da cama, mantendo o aperto em seus cabelos. Seus joelhos raspam o chão enquanto ela tenta se equilibrar quando ele a arrasta para o banheiro velho. Ele a empurra para o chão em frente ao banheiro até o peito dela encontrar a bacia, em seguida, pega o pedaço de corda que trouxe com ele mais cedo. Puxando os braços

da garota atrás das costas, ele enrola a corda firmemente em volta dos pulsos. Ver o vermelho já manchando seus dedos envia sangue direto para o pau dele.

Uma vez que está segura, ele pega outro pedaço de corda, corre-o pelo vaso sanitário e depois pela cintura dela, amarrando-o para segurá-la no lugar.

A garota não luta porque sabe que é inútil. Ela lutou com ele no passado, e só terminou muito dolorosamente para ela. Por mais que possa estar assustada por dentro, seus olhos ficam para a frente e ela mantém seu corpo flexível. Quanto mais ela coopera, melhor para ela. Tudo o que ele planejou acontecerá independentemente.

O homem passa a língua pelo pescoço da garota, gemendo com o gosto. Embora ela esteja suja e não tome banho há dias, ela ainda tem um gosto melhor do que qualquer coisa que ele já teve antes. Ele pega o cabelo e envolve o longo comprimento na garganta e depois solta o resto pelas costas. Ele se senta nos pés dela, preparando-se para a luta que sabe que virá.

A garota fica tensa quando sente a respiração do homem em suas mãos. A repulsa faz seu estômago revirar quando os lábios dele deslizam ao redor de um dos polegares. Ela abaixa a cabeça e quase encontra a borda do vaso sanitário. Ela olha para a água suja, tentando afastar o que está acontecendo e pensar em outras coisas. O problema com isso, porém, é que não há outras coisas em que pensar. Ela não tem lembranças de como era sua vida antes de vir aqui. Suas memórias de como o céu se parece, ou como a grama se sente sob seus pés descalços, ou a sensação do vento soprando

em seus cabelos são tão nebulosas que ela se pergunta se são lembranças ou apenas uma invenção de sua imaginação.

Um grito de agonia deixa os lábios da garota quando o homem arranca sua unha do polegar com os dentes. Ela luta contra as cordas e não chega a lugar nenhum. Antes que a dor tenha a chance de diminuir um pouquinho, o homem agarra a unha do indicador da garota com os dentes e puxa até que a unha rasgue. Ele faz isso repetidamente até que todas as dez unhas se foram. A dor não permanece focada nos dedos da menina, mas viaja pelo resto das mãos e pelos braços. A corda está tão apertada a sua volta que cada respiração pesada dói no peito. Lágrimas escorrem pelo rosto da garota e caem no banheiro.

O homem atrás dela lambe os lábios, saboreando o gosto acobreado de seu sangue. Ele pega um dos dedos do meio da garota e chupa a ponta, puxando mais sangue dela na boca dele. Os gritos da garota são altos, mas o som é pura música para seus ouvidos.

Deslizando o dedo da boca dele, ele olha para o estrago, hipnotizado por isso. Ele não pegou a unha completa. Apenas mordeu no canto e a rasgou, não se importando que rasgasse parte de sua pele. Ele só queria que as malditas unhas sumissem, para que ela não pudesse cavá-las em sua carne novamente.

O homem desabotoa as calças e puxa o zíper. Seu pênis pesado cai do jeans e dá um tapa na bunda da garota. Empurrando a base, ele a coloca entre as pernas dela, onde repousa contra sua vagina. Uma boceta que unicamente sentiu seu pênis, e uma que sentirá apenas seu pênis.

Quando se esfrega contra ela, ela está seca. Ela está sempre seca, e enquanto normalmente ele adora se enfiar dentro do calor seco dela, desta vez, ele quer algo diferente. Usando o sangue que pinga da ponta dos dedos da garota, ele esfrega os dedos sobre o ânus dela, molhando-o e deslizando dois dedos para o interior. A garota não move um músculo, exceto por seus fungados silenciosos, o que o irrita ainda mais. Adicionando um terceiro dedo, ele os empurra para dentro com tanta força que seu estômago desliza pela bacia do vaso sanitário alguns centímetros. Isso obtém a resposta que ele queria; seus gemidos de agonia.

Retirando os dedos de dentro dela, ele junta mais sangue na palma da mão, agarra seu pênis e dá alguns golpes, certificando-se de revestir seu eixo. Ele aponta para o buraco traseiro dela e empurra apenas a cabeça. Agarrando a ponta do cabelo que ainda está pendurada no ombro dela com a maior parte enrolada no pescoço, ele puxa com força. Ele é forçado a parar de puxar quando as cordas que a seguram impedem qualquer movimento adicional.

—Você se machucou de novo, eu não vou ser tão legal, Lelu. — ele rosna, empurrando o resto do caminho com toda sua força.

A dor que dispara dentro do intestino da garota faz seu corpo se contrair e um grito gutural escapa de seus lábios. Ela se esforça contra as cordas e o vaso sanitário ao qual está amarrada, mas não importa o quanto tente, ela não pode se afastar da força brutal atrás dela. Ela fecha as mãos em punho e, embora a dor nos dedos seja intensa e aguda, não se compara à dor insuportável que percorre sua bunda, coxas e costas agora.

Suas costas arqueiam para trás com o cabelo preso em volta do pescoço. Uma mão passa por baixo de seu braço e sobe pelo peito até que agarra seu ombro pela frente, onde ele usa a posição e o cabelo para puxá-la para baixo enquanto ele empurra para cima. A menina já sentiu dores antes, muitas e muitas vezes, mas isso é insuportável.

Sua visão começa a tremer e a náusea se agita no estômago. Ela tenta engolir a bílis de volta, mas o cabelo ao redor da garganta impede que os músculos funcionem. Lágrimas vazam de seus olhos, tanto pela dor quanto pelo próprio cabelo, sufocando-a.

O homem atrás dela empurra seus quadris com força brutal. Seus músculos tensos apertam-no, não por espasmos de prazer, mas por seu corpo tentando expulsá-lo. Seus gemidos se tornam grunhidos quando ele empurra seu peito contra as costas dela e, por sua vez, empurra o peito dela contra a bacia de cerâmica, cortando mais seu fluxo de ar.

A cabeça dela está inclinada para trás, quase deitada no ombro dele. Ele diminui seus movimentos para passar o nariz pelo pescoço dela e depois segue o mesmo caminho com a língua, lambendo as deliciosas lágrimas que deslizam por sua bochecha. Ele enterra o rosto nos cabelos dela, respirando seu perfume.

Quando ela chora baixinho com gemidos suaves, sua satisfação se dissipa. Ele tira a mão do ombro dela, pega a borda do vaso com uma mão e a parte de trás da cabeça com a outra e empurra o rosto para frente. Seu peito se dobra sobre o vaso

sanitário e seu rosto encontra a água escura lá dentro. Ele pode sentir a luta dela, tentando se afastar para libertar o rosto da água. Tudo o que ela consegue fazer é empurrar sua bunda contra ele, alojando-o impossivelmente mais profundo. Ar assobia entre os dentes com o prazer que essa garota está inconscientemente dando a ele, e ele usa a borda do vaso sanitário para fortalecer seu impulso para a frente.

Ele mantém o rosto dela na água por várias investidas antes de puxar a cabeça para trás. A água escorre por seu rosto enquanto ela se engasga e tosse.

—Você vai se machucar mais, Lelu? — O homem pergunta contra a orelha dela, certificando-se de evitar a água desagradável escorrendo pelo rosto.

Quando ela não responde, ele começa a empurrar seu rosto de volta ao vaso. —Não. — ela chora.

Satisfeito com a resposta, mesmo que realmente não acredite, ele coloca as duas mãos na borda do vaso sanitário e avança mais uma vez. Ele para tempo suficiente para esfregar a pélvis contra as costas dela. Sentindo a ponta do pau bater em algo, ele então se afasta lentamente, apenas para bater novamente. Ele olha para o pau e vê ainda mais sangue em seu corpo do que o que usou para se lubrificar.

Suas bolas apertam com seu orgasmo iminente quando ele entra e sai dela. Sua cabeça está inclinada para frente e pequenos gritos de dor deixam seus lábios cada vez que ele se empurra para dentro.

A dor da garota é o prazer do homem.

Ele grunhe alto e se mantém imóvel enquanto libera seu esperma dentro da bunda da garota. Sem fôlego, ele inclina seu peso, descansando a cabeça contra as costas dela.

Momentos depois, ele se afasta, ajeita as calças e desamarra a garota. Ela cai frouxamente no chão ao seu lado, porra e sangue pingando de sua bunda. Ele a agarra pelo braço e a levanta.

—Vá para a cama. — ele resmunga, em seguida, observa impaciente enquanto ela lentamente se aproxima da cama e se senta. Seus lábios se curvam em um sorriso quando ela estremece de dor quando seu traseiro encontra o colchão.

Pegando a escova do chão onde caiu quando ele a arrastou para o banheiro, novamente se senta atrás dela. Ele desenrola o cabelo do pescoço e começa a escovar os emaranhados mais uma vez.

CAPÍTULO 9

Niko

Os faróis da minha caminhonete no acostamento iluminam minha antiga garagem. Aperto o botão para abrir a porta e espero enquanto se move. Ela precisa ser substituída. Se bem me lembro, meus pais instalaram um novo há cerca de quinze anos. Eu dediquei tanto tempo a trabalhar na casa de Aislin — porra, quero dizer, minha outra casa — que estive relaxando em minhas próprias atualizações. Meus pais cuidavam bem de sua casa, principalmente depois que a economia aumentou e nós, os filhos, nos tornamos mais independentes. Estava desatualizada, mas que casa por aqui não era? Para um cara solteiro que nunca está em casa, ela está funcionando muito bem, mas suponho que é hora de começar a atualizar.

Pego minha caminhonete e desligo o motor. Depois de apertar o botão da porta da garagem, sento-me na escuridão silenciosa. Esfregando uma mão sobre o meu rosto cansado, passo pelo cabelo antes de deixá-la cair frouxamente no meu colo. Hoje foi outro desperdício. Percorremos todos os táxis, ônibus, trens e motoristas independentes da região, esperando que apenas uma pessoa reconhecesse Rebecca. Qualquer coisa, por menor que fosse, mas chegamos de mãos vazias. Eu esperava por isso, mas tinha esperança de algo melhor. Não posso dizer que tenho sido um

exemplo brilhante de positividade recentemente. A cada dia que passa, a negatividade se arrasta ainda mais.

Com um suspiro, saio na escuridão da minha garagem. Um sentimento estranho desliza pela minha espinha. Minha mão direita pousa na coronha da minha arma, onde está no coldre logo atrás do quadril direito, e olho em volta do espaço vazio. Uma bancada de trabalho corre paralela ao longo da parede traseira; o pegboard cobre a parede acima, à esquerda da janela, com uma série de ferramentas penduradas em ganchos. Ao lado do banco, há duas lixeiras - reciclagem e lixo -, mas não há espaço suficiente para alguém se esconder. Viro-me levemente e passo para a frente da minha caminhonete. O lado direito da garagem tem os novos armários que instalei depois que me mudei para cá. As prateleiras que papai levantou eram um sério risco à segurança. E as ferramentas que eu queria armazenar não cabiam.

Porra, eu me xingo. Aqui não tem ninguém. Quando estacionei a caminhonete na garagem para um carro, eu teria visto alguém, mas o pensamento não traz conforto quando ainda sinto que estou sendo vigiado.

Olho pela única janela para o meu quintal, forçando meus olhos para ver através da fina quantidade de luz da lua fluindo através do vidro borrado. A memória me lava daquela época em que corri pela floresta procurando por Aislin. Eu andei muitas noites sozinho desde então, e a cada vez esse mesmo sentimento doentio vem sobre mim. Esse desejo desesperado de sair correndo ou voltar à segurança me faz sentir como um puto covarde, mas não sou capaz de me livrar desde que eu era apenas uma criança.

Eu rolo minha cabeça, estalando meu pescoço de um lado para o outro, e me forço a relaxar. Estou com excesso de trabalho e pouco descanso. Isso é tudo.

No segundo que o pensamento que sai da minha mente, Betsy uiva alto de dentro da minha casa.

—Droga! — Eu tiro minha arma do coldre, amaldiçoando-me novamente. Desta vez por não confiar no meu intestino e baixar a guarda.

Posicionando-me ao lado da porta, minha arma agarrada ao meu lado, eu escuto. Mais desse silêncio sinistro me envolve. Betsy rosna novamente e solta uma série aguda de latidos. Todos os músculos dentro de mim ficam tensos como se eu estivesse esperando alguém entrar pela porta. Suas patas estalam pelo chão, tão silenciosamente que se eu não estivesse prestando atenção, não as ouviria. Eu acho que ela está se movendo em direção à janela.

Então silêncio.

Aperto a maçaneta, girando e empurrando a porta. As dobradiças rangem - da mesma forma que há trinta anos. As malditas coisas precisam ser substituídas. Esse pensamento se afasta quando eu me concentro no meu treinamento e no meu entorno.

As tábuas do chão estalam debaixo das minhas botas. Atravesso o corredor, ambas as mãos segurando a pistola pronta. Viro à esquerda e olho a sala de estar. Uma sombra brilha através da parede, e eu quase saio da porra da minha pele com a adrenalina que me atinge. Um carro vira na minha rua e os faróis brilham pela janela da frente. Filho da puta.

Um rosnado baixo soa novamente perto da parte de trás da casa. Com a frente limpa, eu caminho cautelosamente nessa direção. Outra tábua do assoalho range quando passo e sou grato por não estarem fazendo muito barulho. Quem está na minha casa sabe que não está sozinho, mas é mais difícil identificar minha localização quando apenas alguns pontos no chão fazem barulho.

A área de jantar tem uma janela baixa e é aí que vejo Betsy. A cadela idosa está apoiada nas patas traseiras, as patas dianteiras pressionadas contra o vidro. O vapor de sua respiração ofegante embaça o vidro à sua frente, fazendo-a balançar a cabeça para frente e para trás para enxergar entre as nuvens de vapor. Ela solta outro rosnado baixo; seus olhos negros se fixaram em algo lá fora. Uma bola de tensão se solta do meu intestino e meu aperto afrouxa na arma. Ninguém está lá dentro. Lá fora, no entanto...

—O que é, Bets? — Eu pergunto, indo em direção à porta do pátio. Alguém pode não estar *na* minha casa, mas algo lá fora está provocando-a.

Suas patas estalam agitadamente contra o vidro, e ela rosna, ainda fixada no que vê.

A porta se abre silenciosamente com um empurrão, apenas o suficiente para enfiar um pé e metade do meu tronco. O ar frio da noite escova minha pele. Examino a escuridão, procurando movimento, qualquer coisa.

Esse silêncio misterioso volta, mas eu tento não me deixar levar. Depois de cinco minutos de pé do lado de fora da minha porta com uma arma na mão e sem ver nada, estou convencido de que não há nada lá. Não mais. Com uma última varredura na linha de

árvores na borda da minha propriedade, dou um passo para dentro, fecho a porta e tranco-a.

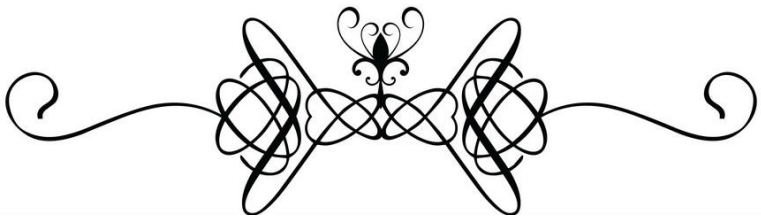
—Descanse, Bets. — murmuro enquanto coloco minha arma de volta no coldre e caminho pela área de jantar para a cozinha. Eu preciso de uma cerveja, agora. Depois de um longo dia de trabalho, já são quase dez da noite e não comi nem bebi nada em horas. Minha velha garota segue minha liderança, roçando seu corpo quente contra a minha perna, e percorro meus dedos por seu pelo eriçado. Ela para em sua cama ao lado da cozinha enquanto continuo direto para a geladeira.

A tampa da garrafa clica na bancada quando a jogo, e o sabor refrescante do lúpulo proporciona alívio instantâneo. Bebo metade da garrafa e limpo a boca nas costas da mão. Inclino-me de volta para a geladeira em busca de comida, mas não há muito o que escolher. Eu realmente preciso ir ao supermercado.

Pego os ingredientes e preparo um sanduíche. Uma mordida e a exaustão de um dia inteiro me atingem como uma onda. Não precisarei da ajuda de um treino para adormecer esta noite. Pela primeira vez no que parece uma eternidade, meu corpo cede e deixa o sono me envolver.

Depois de lavar o jantar com o resto da minha cerveja, desabotoo a camisa e a tiro no caminho para o meu quarto. Colocando-a no cesto, tiro o coldre e coloco minha arma na mesa de cabeceira à direita da minha cama, em seguida, tiro a camiseta branca. Minhas calças são as próximas e, usando apenas uma cueca, caio de bruços na minha cama king-size.

—Foda. — murmuro, incapaz de combater minhas pálpebras à deriva fechando, e em segundos, qualquer pensamento restante do dia se dissipa enquanto o sono me leva embora.



Me sento com um solavanco na cama. Betsy rosna de seu lugar na cozinha, e eu posso ouvir atordoadamente suas unhas estalando freneticamente no chão. Meus olhos ardem de secura por terem sido abertos durante um sono profundo. Que porra está acontecendo?

Esforço-me por ouvir um som, qualquer coisa que não seja Betsy, e minha mente tonta volta ao início da noite. Quem provocou meu cachorro deve estar de volta. Merda.

A sonolência se dissipa e a adrenalina toma seu lugar. Disso eu sei. *Isto* estou familiarizado.

A maioria das pessoas provavelmente diria que, de maneira imprudente, dou as boas-vindas ao fogo da caçada. Algum filho da puta está à espreita do lado de fora da minha casa, e ele não vai fugir desta vez. Com esse pensamento, balanço minhas pernas para o lado da cama, pego minhas calças sujas de mais cedo e as puxo pelos meus quadris. Pego meu telefone, visto a camiseta às pressas e começo a discar. Desta vez, estou ligando por reforços.

—Tavers.

—Preciso de você na minha casa. Faça uma ligação para a central. Segunda vez hoje à noite, alguém provocou meu cachorro e não vou deixá-lo fugir dessa vez.

Tavers xinga baixinho, provavelmente na tentativa de não acordar a esposa e o filho. Pego minha arma carregada na mesa de cabeceira e verifico o corredor. Limpo.

—Estou a caminho. Talvez você deva esperar pelo backup.

Meu queixo aperta com o tom de desaprovação dele. —Eu não vou deixá-lo desaparecer novamente. Não gosto de ser trapaceado.

É quando eu os ouço. Tiros.

Dois. Três. Quatro O *pop é* tão alto que parece que estão do lado de fora da minha maldita casa.

Volto para o corredor e me agacho quando a voz ansiosa de Tavers dispara em meu ouvido.

—Droga, Niko, fale comigo. O que está acontecendo por lá?

Eu posso ouvi-lo correndo, mas tudo o que faz é servir como uma distração. Alguém está atirando no meu quintal; a última coisa que vou fazer é sentar e esperar que eles terminem ou tentem entrar.

—Chegue aqui o mais rápido que puder. — eu falo ao telefone antes de desligar e colocá-lo no meu bolso. Confio nele para fazer exatamente como faria se a situação fosse revertida.

Enquanto eu rastejo para a área aberta da casa, os faróis se acendem diretamente na minha janela da frente. As persianas estão puxadas, escurecendo o amarelo abafado, mas a direção parece que alguém está estacionado no meu quintal da frente.

Não percebo o quanto minhas mãos estão tremendo até alcançar a porta deslizante de vidro do pátio para destrancá-la e esgueirar-me pelos fundos. Isso não tem nada a ver com a situação atual - sou policial há muito tempo e permanecer calmo sob pressão sempre foi meu forte. O que isso tem a ver é que estou nesta casa, nesse maldito bairro, ouvindo tiros disparados no meio da noite novamente. Algo com o qual não lembro há muitos anos. Algo que eu costumava lidar pelo menos uma vez por semana quando criança. Com esse pensamento, minha mente imediatamente se volta para minha família, e a necessidade gritante de correr pelo corredor para garantir que todos estejam seguros me consome. Exceto que minha família não está aqui porque eu não sou mais uma criança e agora este é um bairro seguro.

Meu estômago contorce dolorosamente quando engulo seco e saio para a noite negra. —Abaixo. — murmuro baixo para Betsy, que tenta seguir. Ao meu comando, ela cai de bruços diretamente em frente à porta do pátio. Não onde eu a quero, mas serve. Eu fecho a porta atrás de mim na saída para mantê-la dentro.

Centrando meu foco, pressiono minhas costas ao longo do lado da minha casa e examino a área na minha frente. Assim como antes, há um silêncio misterioso e nada mais. Nenhum movimento. Nem o estalar de um galho ou o estremecer de uma sombra. Dirijo meu olhar para as janelas da casa velha de Aislin, mas depois de um momento, fica claro que também não há movimento óbvio lá.

Confiante de que a ameaça real está no meu gramado da frente, eu lentamente rastejo ao longo da parede dos fundos ao lado

da minha casa. Assim que começo a espiar, Betsy começa uma série de latidos por dentro. Eu posso ouvi-la pulando contra a porta de vidro do pátio. Seu barulho repentino me assusta, e eu tropeço mais ao ar livre do que pretendo. Os faróis do carro no meu gramado me banham em seu brilho amarelo, e parece que *eu sou* o criminoso aqui. Porra! Eu sei o segundo em que o motorista me vê, embora não consiga ver nada. Os pneus giram e pedaços do meu gramado voam no ar. Eles saem pela estrada e, sem um segundo de hesitação, se foram.

Também não espero mais e corro para os fundos da minha casa. Meus pulmões queimam com o movimento repentino, a adrenalina e a intensidade da situação. Eu continuo correndo para o outro lado, verificando a área entre a casa antiga de Aislin e a minha.

Vazia.

Os latidos de Betsy param, mas eu posso ouvir seu rosnado baixo vindo de dentro. Quando viro a esquina novamente, ela está sentada em frente à porta do pátio, olhando para a área arborizada atrás da minha casa. Eu começo nessa direção, forçando meus olhos e ouvidos para captar algum movimento. Cada passo mais longe da minha casa traz uma nova onda de paranoia. O som de tiros ecoa na minha cabeça. Minha pele está tensa e a área logo abaixo da orelha direita formiga. Rolo a orelha no ombro e comprimo os músculos para tentar aliviar a sensação. Um suor frio começa a escorrer pela minha testa. Minha visão escurece ao longo das bordas e, de repente, o som do meu sangue correndo enche meus ouvidos.

—Niko, ei. Ei!

Uma mão pesada cai no meu ombro e eu quase morro de susto. De alguma forma, Tavers conseguiu andar logo atrás de mim, e eu não fazia ideia.

—Você está bem? Verificamos a frente da casa, dentro, fora, porra, você estava - eu não sabia para onde você foi. Que porra é essa, cara?

Eu me viro para vê-lo me inspecionando. —Cristo, cara, um pequeno aviso na próxima vez.— eu respondo irado. Percebo que ainda estou segurando minha arma, então coloco a trava de segurança e a enfio na cintura.

Suas sobrancelhas se enrugam em confusão. —Eu estava chamando seu nome. Assim que o local foi limpo, parti procurando por você. Gritando por você. Eu dei a volta nos fundos da casa, e você está de pé aqui olhando para a porra das árvores. Você nem estava se mexendo. Ainda bem que você estava em pé, ou então eu teria pensado... — Ele deixa o que quer que esteja pensando cair no silêncio.

Eu estava me mexendo, não estava? Olho em volta da minha localização e percebo que de alguma forma parei ao longo da linha das árvores entre minhas duas casas. Que porra?

Ele dá um passo ao meu lado, olhando através das árvores. — Você tem certeza que está bem? Sei que o trabalho tem sido uma série de becos sem saída, mas agora essa merda está chegando à sua casa... talvez você deva tirar alguns dias de folga?

—Não. — eu rebato.

—Niko...

Nivelo meu olhar firme com o dele - a única coisa em mim que parece firme neste momento. Por alguma razão que não consigo entender, isso está mexendo com minha cabeça.

Ele me encara de volta, não é alguém que se intimida facilmente, e então levanta as mãos em sinal de rendição. —Tanto faz. Não tire alguns dias de folga, mas você precisa sentar-se na nossa mesa de jantar uma noite esta semana ou Mindy vai morder minha cabeça.

Eu suspiro. —Isso eu posso fazer.

—Vamos. Há um oficial na frente pronto para receber sua declaração. Chegamos aqui, vimos os rastros no seu gramado e enviamos o segundo esquadrão para patrulhar a outra direção, já que não passamos por ninguém a caminho de cá. O outro policial, acho que se chama Daniels, e eu não vimos ninguém quando verificamos o perímetro.

—Droga.

Nós caminhamos para a frente do meu quintal, onde quatro longos tocos se estendem por toda a largura e pedaços de terra fresca cobrem meu gramado.

—Detetive James, se você não se importa em me deixar pegar sua declaração, podemos sair daqui e deixá-lo voltar para a cama — uma voz feminina chama enquanto ela se aproxima de nós.

Eu me deixei apreciá-la. Pernas longas e magras e quadris curvilíneos, esse uniforme da polícia faz muito por sua forma. Deixa mais do que sugestões do que está por baixo, e posso dizer que em outro estado de espírito, poderia querer descobrir.

Esta noite, porém, eu só quero que ela vá embora.

—Oficial Daniels, não é? — Ela acena com a cabeça e pega minha mão estendida. —Desculpe arrastá-la aqui. Vou ser rápido para que todos possamos continuar com a nossa noite.

Eu não perco o jeito que seus olhos correm sobre a camiseta esticada no meu tronco, e eu juro que quando eles voam de volta para os meus olhos, eles têm um pouco de desejo.

—Não é um problema, detetive. — Ela sorri.

—Niko — eu resmungo.

Sua mão pequena cai levemente no meu bíceps. Esse pequeno contato acende a adrenalina novamente, e eu a afasto como se o toque dela queimasse. Ela se engasga em choque. Um suor frio começa no meu pescoço.

—Desculpe. — eu murmuro. Que porra há de errado comigo?

—Vamos pegar sua declaração, ok?

Cruzo os braços sobre o peito e aceno com a cabeça, embora meus molares traseiros estejam moendo juntos.

Depois que eu passo minhas informações, ela parte, mas ainda lança um olhar apreciativo para mim antes de ir completamente. Tavers segue minutos depois, pronto para voltar para casa com sua esposa e filho.

Entro e dou alguns bons tapinhas em Betsy por fazer seu trabalho e me acordar. Quando me viro para o corredor do meu quarto, porém, paro. Ainda não consigo me livrar da paranoia. Sinto como se pudesse pular da minha maldita pele. Mesmo depois do pesadelo mais repugnante, sou capaz de encontrar uma maneira de me manter ocupado até que o medo desapareça. Isso não é medo, no entanto. Isso é outra coisa. Só consigo pensar em uma coisa que

vai ajudar. Pego minhas chaves da tigela na entrada e saio para o meu caminhão.

CAPÍTULO 10

Niko

Meus punhos batem na pesada porta de madeira de uma casa que visitei uma vez cerca de dez anos atrás. Independentemente desse fato, eu poderia encontrá-lo durante o sono. Não porque é no mesmo bairro em que cresci, mas porque me vi passando por ele mais de uma vez quando visitei a casa. Eu nunca encontrei a coragem de parar e conversar, no entanto. Minhas palavras se atropelavam tão rápido na minha cabeça que me deixavam doente; não achei que pudesse falar.

Eu bato de novo. Dessa vez, mais forte — o eco soa mais alto do que o suficiente para acordar o morador adormecido. Quando meu punho balança para fazer contato pela terceira vez, uma voz chama de dentro.

—É melhor você voltar ao seu veículo e sair se souber o que é bom para você. Eu tenho uma arma e não tenho medo de usá-la.

Minha garganta seca ao ouvir uma voz que só ouvi na caixa de mensagens de um celular por quase uma década. Tanto que, quando respondo, apenas uma única palavra raspa minha garganta. —Reece.

Metal arranha sobre metal e, em seguida, a pesada porta se move para dentro de um pé.

—O que você quer?

—Você vai atirar em mim? — Eu pergunto. Não sei por quê. Não estou tentando ser engraçado, mas o clima é muito tenso.

Algo o impede de bater a porta na minha cara. Pode ser a minha aparência ou o som da minha voz, não tenho certeza. O que quer que ele perceba é suficiente para fazê-lo abrir a porta ainda mais e se inclinar para fora. —Você está bem?

—Houve tiros. — Esse pensamento singular é suficiente para fazer meu estômago revirar novamente. Algo que me incomoda ao mesmo tempo que me irrita.

Reece revira os olhos e zomba. — Você é um policial. Isso não é novidade.

—Na nossa casa velha. Reece, eu não ouvia tiros lá em pelo menos uma década. É só... porra. — Estendo a mão e passo na parte de trás do meu pescoço. Estou tenso novamente e os suores voltaram.

Ele me olha sem dar uma dica do que está pensando. Sem reconhecer o que eu disse, ele abre a porta da frente o resto do caminho e entra na casa. —Quer uma cerveja? — Ele chama minha atenção, e tomo isso como minha sugestão para segui-lo para dentro.

Fecho a porta gentilmente atrás de mim e coloco a fechadura. —Hum, claro. O que você tiver está bem.

Quando o som do barulho de garrafas vem da cozinha, eu uso o momento sozinho para observar discretamente sua sala de estar. Porta-retratos se alinham sobre uma velha lareira de tijolos. Não sei dizer se ele foi atualizada para parecer velha ou se é tão antiga que está de volta em grande estilo. Não me lembro como era a lareira da vez em que estive aqui. Inferno, se me perguntassem, provavelmente não teria lembrado que ele tinha

uma. Dou um passo mais perto para inspecionar as fotos. Nossa família. Cada um deles possui membros de nossa família. Até meu rosto está presente, o que me choca ainda mais. Era de se esperar que depois de tanto tempo sem nos falarmos, ele não os colocaria.

O som de seus passos serve como um aviso prévio, e recuo das fotografias. Ele me entrega uma cerveja gelada e levanto o queixo. —Obrigado. — Eu tomo um gole, o líquido frio acalmando minha garganta seca.

—TEPT — anuncia Reece abruptamente. De repente, engasgo com minha cerveja.

—O quê? — Eu mal consigo sufocar.

—Você tem TEPT.

Eu me endireito com as palavras dele e, embora ainda esteja recuperando o fôlego, consigo: —Quem fez de você um psiquiatra?

Ele encolhe os ombros, tomando um gole de sua própria cerveja. —Não precisa ser um para saber o que é. Por qual razão você me acordaria no meio da noite porque ouviu tiros?

—Não é isso. Estou na força há doze anos, primeiro como policial, agora como detetive. Se eu tivesse TEPT, teria largado o emprego há muito tempo. Inferno, eu nem seria capaz de fazer isso.

Reece balança a cabeça, o fogo que eu conhecia tão bem iluminando seus olhos. —Esse não é o caso. É diferente quando você está perseguindo um criminoso que está atirando em você e pode ver exatamente o que está acontecendo. Não é tão fácil colocá-lo em uma caixa quando ouve tiros aleatórios do lado de fora de sua casa no meio da noite.

Eu cerro os dentes, tentando me impedir de sair. —Como você sabia que eles estavam do lado de fora da minha casa?

Com sua cerveja, ele gesticula em direção à mesa final no canto da sala perto do sofá. Sigo a direção dele com meus olhos e lá, no topo, está um velho scanner da polícia.

—É do papai?

Reece apenas assente.

—Certo. Voltando ao assunto em questão, ainda não vou concordar com você.

—Sim? — Ele desafia. —Por que você está aqui, então?

A pergunta me impede fisicamente. Nem um músculo se contrai, nem mesmo meus pulmões, enquanto repito a pergunta várias vezes. *Por que você está aqui?* Por que estou aqui?

—Estou apenas checando. — assobio entre dentes, sabendo o quão estúpido pareço. É por isso que demorou tanto tempo para me reconectar com Reece, e é exatamente por isso que não tenho certeza se algum dia iremos. Não somos mais dois garotos brigando por Legos ou bonecos de soldados; somos dois homens adultos. Temos um temperamento quente e teimoso para caralho, e nenhum de nós gosta de admitir que está errado.

Talvez seja hora de começar a corrigir isso.

Ele bufa em resposta e derrama a última gota cerveja na garganta. —Continue dizendo isso a si mesmo.

—Eu tive que verificar você. Talvez você esteja certo, talvez esteja errado, mas não ouvi tiros do lado de fora da minha casa - porra, fora *daquela* casa - há mais de uma década. Quando uma merda desse tipo acontecia, costumávamos checar um ao outro, e

acho que não conseguia me livrar dessa sensação. — Dreno minha cerveja, dou dois passos e bato em sua lareira. —Não faz diferença. — Puxo a tranca e abro a porta. Estou prestes a fechá-la quando ele chama atrás de mim.

—Minha porta está sempre aberta.

—Sim, eu posso ver isso. — eu respondo com desprezo e depois fecho a mesma porta.

Quando entro na minha caminhonete e aponto para a cidade, deixo-me sentir a verdade. Vir aqui fez toda a diferença. Fez todo um mundo de diferença. Os tremores pararam e não estou mais suando. Ver meu irmão fez exatamente esperava, mas, dito isso, ainda não estou pronto para ir para casa.

O caminho para a cidade é curto e, em minutos, estou entrando no beco atrás do Bar 9. O proprietário realmente experimentou os bares 1 a 8 antes de ter sucesso, embora nem todos tivessem nomes de números. Não sei exatamente o que aconteceu com os outros, mas o proprietário, Tom, os chama de — prática—. Uma perspectiva melhor do que eu teria. Eu provavelmente os chamaria de fracassos.

Deixo minha caminhonete no estacionamento quase vazio atrás do bar. Agarrando meu telefone no banco do passageiro, saio e tranco as portas. Enquanto ando pela porta dos fundos, meu telefone vibra na minha mão. *Tavers chamando...*

Apertei ignorar e a tela mostra outras duas chamadas perdidas dele. Eu abro uma mensagem. Há um assento vago perto do canto mais distante do balcão, a três do final, então vou nessa direção enquanto digito uma resposta.

12:24 Eu: Eu estou bem.

Conheço meu parceiro o suficiente para saber que ele está apenas checando meu estado. Tenho certeza que ele chegou em casa e sua esposa começou a fazer perguntas sobre mim. Ela provavelmente o convenceu a me ligar mais uma vez e, quando eu não respondi, ela provavelmente exigiu que ele continuasse ligando até eu fazer. Eu rio de mim mesmo, pensando nessa mulher. Ela é uma cabeça quente, com certeza, e mantém Tavers na ponta dos pés.

Quando me sento, Tom chama minha atenção com um movimento do queixo. Levanto três dedos - meu indicador, meio e polegar - para comunicar a ele que quero três doses. Não tenho vergonha de admitir que estive aqui o suficiente para que ele conheça minha bebida preferida. Normalmente, ele só precisa saber a quantidade. É assim que acontece em um pequeno bar da cidade. Eu poderia ter acabado de voltar para a cidade, mas frequentei aqui o suficiente ao longo dos anos.

Enquanto espero minhas bebidas, vou ao bar e encontro apenas algumas pessoas aqui esta noite. Um grupo de jovens adultos, com vinte e poucos anos, passeando na mesa de sinuca. Dois caras da minha idade assistindo a um resumo de esportes do outro lado do bar. À minha direita e um banquinho nos separando, está um homem de meia idade que parece bastante inebriado. Sua cabeça repousa pesadamente na mão enquanto brinca com o copo no balcão.

Tanto faz. Ele não está fazendo nenhum mal, e estou de folga. Contanto que não tente tropeçar em seu carro, decido deixá-

lo em paz. Não estou com disposição para conversar de qualquer maneira. Já houve o suficiente por esta noite.

Tom pousa minhas bebidas e dou a ele meu cartão. É melhor iniciar uma conta.

Bebo a primeira dose de vodca como se não fosse nada além de água. No meio do caminho para pegar a segunda, meu telefone vibra com um texto. Tavers do caralho. Mais como a esposa dele, mas não posso amaldiçoar a doce mulher. Ela faz o melhor assado de panela que já comi, e odiaria perder meu privilégio em sua mesa. A segunda dose desce a escotilha.

—Como está a vida, Niko? — Tom pergunta, parando na minha frente para limpar um lugar no bar. O homem é tão velho quanto meu pai e se parece com ele com seus cabelos grisalhos e as linhas ao redor dos olhos. Ele tem seis filhos, mas nenhum deles mora por aqui, então trata seus clientes como seus filhos. Olhos gentis me observam por trás do bar, e mesmo que tenha passado uma noite infernal, a vodca me ajuda a dar um meio sorriso.

—Oh, você sabe, o de sempre. Criminosos sendo criminosos. — Arrasto as pontas dos dedos ao longo da terceira dose. O movimento chama a atenção de Tom.

—Precisa de outro?

—Três. — eu resmungo, perdendo o meio sorriso.

Os olhos de Tom se arregalam. Ele coloca as duas mãos em cima da barra lascada e me avalia criticamente. —Algo está acontecendo, filho?

—Nada mais que o normal.

Acho que você deveria ir para casa. Sou dono de um bar há tantos anos quanto você vive; sei melhor que ninguém que o licor não resolve nada.

—Pare de pregar e traga as bebidas para o garoto. Enquanto você está nisso, estou de fora — o homem à minha direita dispara. Tom aperta o punho e dá um breve aceno de cabeça.

—Não é nada pessoal, Tom. Eu tive duas semanas de merda. — Eu bato a terceira dose quando ele coloca mais três.

Outro aceno. —Deixe-me saber se você precisar de mais alguma coisa. — Ele se afasta.

Meu telefone vibra novamente, lembrando-me que nunca li o outro texto de Tavers.

1:07 Tavers: Você está bem? Merda, você não está bem. Onde você está?

E depois-

1:09 Tavers: Mindy não me deixa dormir até eu receber a confirmação de que você está em casa em segurança. Estou cansado pra caralho. Vá para casa e salve a nós dois.

A segunda me faz dar uma gargalhada. Eu posso imaginar a situação claramente também. Sua esposa provavelmente o chutou para o sofá. Ela é forte. Uma coisinha italiana mal-humorada, com não mais que um metro e meio e cinquenta e dois quilos, mas ela o pega pelas bolas. Nenhuma dúvida sobre isso.

Eu não estou com vontade de apaziguar nenhum deles, por mais fofo que seja, então respondo sua mensagem e pego minha quarta dose.

1:10 da manhã Eu: Diga a ela que fico grato e obrigado. Estou no Bar 9 tomando algumas bebidas para relaxar. Não se preocupe comigo, mamãe, eu estarei em casa depois que o bar fechar.

Adiciono um par de lábios rosa para dar um efeito maior. A resposta de Tavers vem rapidamente e diz apenas duas palavras.

1:11 Tavers: Foda-se.

—Sua namorada? — O velho ao meu lado resmunga.

—O quê? — Eu pergunto e inclino minha cabeça para dar uma olhada rápida nele. Ele está tão inclinado sobre a barra que sua testa quase toca o topo, mas seus olhos estão direcionados para mim. Ele acena com a cabeça em direção ao meu telefone.

—Enviando mensagens para você?

Normalmente, acharia o bisbilhoteiro rude e provavelmente diria isso, mas hoje à noite, estou sem dinheiro para dar. — Não. Meu parceiro de trabalho. A esposa dele não gosta que beba sozinho, mas às vezes esse é o único caminho a percorrer.

—Um brinde a isso. — o velho murmura antes de tomar um gole forte de sua bebida. Parece algum tipo de mistura borbulhante, mas não conseguiria adivinhar o que há no copo.

O barulho sobe um decibel enquanto as crianças no canto comemoram seu jogo de sinuca. Olho para eles, incapaz de ajudar a minha curiosidade. Parte do meu trabalho é estar sempre atento ao meu redor. Mesmo algumas crianças inocentes podem mudar de turbulentas para mortais quando o álcool está envolvido.

—Você se lembra de ser tão despreocupado? Eu com certeza não. Tudo o que sei agora é miséria... — ele se interrompe,

murmurando baixinho e baixando a testa até que ela fique plana no bar. Meu Deus, esse cara está bêbado. Eu me pergunto por que Tom ainda não chamou um táxi para ele. É óbvio que ele está chegando ao ponto além do limite. Bastardo sortudo. Se conseguir o que quero hoje à noite, estou no meu próprio caminho para ficar bêbado. Com esse pensamento, bebo a quinta dose. Eu posso sentir o efeito agora. Aquela primeira dica de álcool correndo pelo meu sistema. Tudo dentro começa a esquentar como se lava derretida enchesse minhas veias. Quase sinto formigar, e a dormência começa a tomar conta. Eu sei que se estivesse de pé agora, tropeçaria.

Suas palavras me fazem pensar nos meus próprios anos como um jovem adulto, e eu posso considerar. —Não — rosno sombriamente quando os pensamentos da minha infância perdida tomam conta. No minuto em que Aislin desapareceu, subi em espiral por um caminho desolado de desesperança. Todos esses anos depois, ainda não me recuperei.

Gostaria de saber se será sempre assim. Pelo menos com o corpo dela encontrado, posso começar a curar. A única maneira de encerrar completamente este capítulo seria encontrar o assassino e levá-lo à justiça. Não vou me contentar com nada menos. Meu telefone vibra no bar. Sem olhar, estendo a mão e pressiono o botão para desligá-lo completamente.

Ele olha para mim novamente. — Você é jovem, filho. Você tem tempo de sobra para consertar seus erros. Não eu, no entanto. Não. Eu estraguei tudo além do reparo desta vez.

Trago minha última dose para a minha boca e olho para ele. — Oh sim? Não posso dizer que há muita coisa na vida que é completamente imperdoável.

—Talvez não, mas desta vez ganhei a sorte grande.

—Não falo com meu irmão há cerca de uma década. Fui vê-lo pela primeira vez hoje à noite. A visita foi curta, mas saí com a sensação de que poderíamos consertar as coisas algum dia.

—Bom para você, filho. — ele resmunga, não cruel. Tenho a nítida impressão de que minhas palavras o afetam. Só não sei como.

Dou-lhe um olhar lateral, definitivamente sentindo todos os efeitos da vodca agora. —Sim.

Nosso lado do bar fica quieto. Aposto que o licor finalmente deixou esse cara inconsciente. Eu vejo Tom do outro lado e começo a acenar quando o homem fala novamente.

—Fodi tudo. — ele murmura. Depois de uma breve pausa, ele continua. —Eu não tive intenção.

Normalmente, eu o deixaria em paz, mas uma vibração estranha me bate no estômago. Eu seria um detetive de merda se não confiasse em meu próprio intestino. Então o pressiono ainda mais. —O que você não quis fazer?

—Foi um erro.

—Você pode consertar? — Pergunto.

—Não. — ele geme. —Não, caramba. — Agora sua voz é quase um sussurro. —Ela não merecia isso. Ela não merecia o que fiz com ela.

—Você traiu sua esposa?

Ele olha para mim com os olhos vermelhos. Agora que estou vendo-o de frente, posso perceber seu estado terrível. Eu pensei que ele estivesse bêbado antes, mas agora posso ver que ele provavelmente está completamente alcoolizado. Seu cabelo parece sujo e emaranhado, oleoso por não ser lavado, grudando em alguns lugares.

—O que você fez não pode ser tão ruim assim.

—Trair minha esposa — ha! — Ele solta um som sem humor. —Eu a trairia mil vezes se ela ainda estivesse viva. Qualquer coisa diferente do que fiz. Qualquer coisa —ele geme, a agonia em sua voz ressoando profundamente dentro dos meus ossos.

—Eu não sou um maldito padre, mas se você está buscando alguma absolvição, não posso ajudar até que me diga o que fez.

—Eu a matei. — ele murmurou bêbado, tão suave que quase perdi. Quase. —Uma garota... uma mulher... porra cara, eu não pretendia fazer isso. E então entrei em pânico e a joguei na floresta. Oh Deus. Ah Merda. O que eu fiz? O que eu fiz?

Qualquer outra coisa que ele diz é cortada por um rugido nos meus ouvidos, tão alto que o resto do bar fica em silêncio. Eu voo do meu banquinho, o objeto de madeira caindo no chão atrás de mim, mas não faz barulho. Não para mim. A única coisa que posso ouvir é meu próprio coração pulsando em meus ouvidos. Não consigo pensar, apenas reagir, e é isso que faço. Eu vou com instinto. Meu treinamento voa pela porra da porta, e estalo.

—Niko! — Alguém grita quando eu jogo meu peso inteiro sobre o cara. Para seu crédito, ele nem sequer vacila quando meu corpo

de 150 kg voa pelo ar. Envolvo meu punho na camisa suja em seu peito e o levanto do banquinho, que se junta ao meu caído atrás de nós. Pressionando suas costas contra a parede, envio velhas placas de recordações pelo chão.

—Por favor, apenas me mate. Não posso mais viver com essa culpa.

—Cale a boca. Levante-se. — eu cuspo. Pareço controlado, mas mal estou pendurado no precipício. Recuo o braço direito para trás, mas no balanço para a frente, alguém envolve o braço em volta do meu bíceps e *me* puxa de volta.

Eu luto. O velho afunda no chão, resmungando e chorando enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto sujo. Pego meu braço livre e me preparo. Eu vou bater nesse cara até o inferno, à merda o álcool. Ele merece. Ele merece sentar e levar tudo o que dou. Eu vou para a prisão, mas matá-lo seria a mais doce vingança.

—Niko, pare!

Outro par de mãos agarra meu outro braço, mas não antes de eu pousar um cotovelo no intestino de alguém, e os dois conseguem me puxar de volta. Eles não param até que eu esteja do outro lado do balcão, e eles enfiaram minha bunda em uma cadeira.

—Solte. — rosno, finalmente olhando para ver quem se atreveu a me parar. Estou um pouco surpreso e imediatamente irritado. —O que você está fazendo aqui? — Pergunto a Tavers, que está ao lado de Tom. Seu rosto está vermelho e ele está respirando com dificuldade, segurando a mesa ao lado dele em busca de apoio.

—Salvando sua bunda. — ele rosna de volta para mim. —O que você estava pensando? Uma briga de bar? Você está tentando se colocar na cadeia?

O lembrete de brigas e prisão envia meu olhar cintilando para o cara deitado no chão, e minha raiva volta com uma vingança.

—Ligue para o capitão. E um esquadrão — digo a ele, sem tirar os olhos do homem.

—Está bem. — Tom responde e corre para ligar para 9-1-1.

Tavers segue minha linha de visão antes de bloqueá-la com seu corpo. —Diga-me o que está acontecendo. — ele diz baixo.

—Ele acabou de confessar um assassinato.

Os olhos do meu amigo se arregalam um pouco antes de se estreitarem. —Ele disse de quem?

—Não. — Eu aperto minhas mãos ao meu lado.

—Niko... — Tavers inclina a cabeça e continua: —Eu sei o que você está pensando, mas as chances são de...

—Duas garotas desapareceram deste condado na última década, então é provável que seja uma delas. — eu sussurro agitado e passo a mão pelos meus cabelos.

—Então nós o levamos. Nada de errado com isso, Niko, mas você não pode espancar o cara. Ele está bêbado e você também, o que já é um mal sinal. Você conhece tão bem quanto qualquer um que temos que fazer isso direito. Fazemos de acordo com o livro.

Eu olho para ele.

—Olha, você quer fazer isso, então pegue um pouco de água e entre no meu maldito caminhão. Vou esperar por um oficial e iremos juntos à delegacia.

Depois de mais alguns segundos de raiva, faço o que ele diz. Ele está certo e estou bêbado. A última coisa que quero fazer é estragar tudo.

Seguimos o policial com o homem bêbado de volta à delegacia. Tavers vai encontrar o capitão enquanto vou ao banheiro para jogar um pouco de água fria no meu rosto. Olhos me observam do velho espelho acima da pia. Eu seguro a tigela de porcelana quadrada com juntas brancas, mal controlando a necessidade de jogar meu punho no vidro. O álcool revira no meu intestino. Eu respiro fundo e abaixo a cabeça, jogando mais água fria no rosto.

Eu posso fazer isso.

Mantendo esse pensamento, saio do banheiro em busca de Tavers e do capitão. Os dois estão do lado de fora da sala de interrogatório; capitão com as mãos nos quadris e Tavers segurando uma pasta na mão.

—Ele está aí? — Pergunto. Dois pares de olhos balançam na minha direção, mas ninguém responde. Olho de um lado para o outro entre os dois homens, tentando ler seus rostos no meu estado de embriaguez. —O que?

—Você não pode fazer isso. — começa o capitão, e eu imediatamente balanço minha cabeça.

—Foda-se sim, posso. Este caso é *meu.* Qualquer coisa relacionada a Aislin é minha. Aquele cara confessou para mim.

—Você está bêbado, James.

—Ele também. — Eu aceno com a cabeça na direção do nosso suspeito.

—Estamos cientes. — ele responde secamente.

Dirijo os olhos para Tavers, embora fale com meu chefe. — Então qual é o problema?

—Você está sobrecarregado; esse caso tirou muito de você. Alguém atirou no seu quintal e agora você está bêbado. Você precisa de uma pausa antes que quebre. Você é um bom detetive, mas não valerá nada se se deixar queimar.

—Isso não tem nada a ver com ser queimado. Esse é o meu caso, então vou lá. Se algum de vocês souber o que é bom, não ficarão no meu caminho.

Tavers balança a cabeça e olha para o chão.

—Isso é uma ameaça? — Capitão assobia.

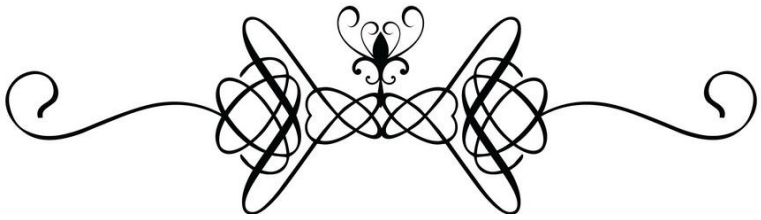
—É uma maldita promessa. — Ele tenta interferir, então levanto minha mão. —Eu o respeito muito. Você me ensinou quase tudo o que sei, então sei que pode se colocar no meu lugar e entender. Se essa fosse sua irmã, filha, sobrinha ou prima desaparecida há anos e encontrada morta, você estaria aqui brigando comigo, bêbado ou não. Eu sei que pode ver exatamente meu ponto de vista.

Ele parece refletir sobre minhas palavras. O músculo em sua mandíbula pula. —Tire uma soneca, James. Temos que deixar esse cara dormir também, então faça o mesmo. Você pode questioná-lo

quando estiverem ambos sóbrios. Oito horas, no mínimo. Agora saia da minha frente antes que o advirta por insubordinação.

Justo.

Vou até os beliches reservas e subo ao topo para fechar os olhos. Não ouso que Tavers me leve para casa. Conhecendo esses dois, eles teriam o advogado do cara e o questionado antes de eu acordar. Pelo menos assim ainda estou aqui, e se eles ousarem começar sem mim, haverá um inferno a pagar.



A porta batendo me assusta, mas é a luz do teto que me irrita. Me sento e a tontura bate junto com o frio no meu estômago. —Jesus Cristo. — mordo.

—Levante-se e brilhe, princesa. O capitão está pronto para colocar esse show na estrada, e vocês dois tiveram dez horas de descanso.

Dez *horas?* —Desde quando levo dez horas para ficar sóbrio?

—Tivemos que esperar o outro cara, que parecia ter bebido um pouco mais do que você.

Fecho os olhos contra a luz forte e esfrego a mão na testa. —Obrigado pelo rude despertar — resmungo antes de pular instável.

—De nada. Vamos acabar com isso para que possa voltar para casa com minha esposa. Preciso lembrá-la mais uma vez que você é um homem adulto, para que ela pare de me mandar atrás de você.

—Você pode dizer a ela que vou levar o vinho da próxima vez que for jantar.

Tavers me lança um olhar. Eu o sigo até a sala de interrogatório, onde nosso capitão está do lado de fora da porta. Ele parece chateado e cansado, mas quem pode culpá-lo? Me desculparia, exceto que não tenho remorso se este for o cara que estamos procurando.

—Faça sua mágica, Niko. Imagino que se ele estava confessando em um bar, ele será fácil de quebrar, mas nunca se sabe. O álcool solta as pessoas e nada aperta um imbecil como a ameaça de uma sentença de prisão vitalícia. —Ele estende o arquivo para mim. Eu pego, e sem uma palavra, entro na sala.

—Você descansou o suficiente? — Pergunto, colocando o arquivo na mesa e mantendo meu tom calmo. Só de olhar o cara me deixa doente. Mas não é hora de assustá-lo. Ainda não. Agora, preciso ser amigo dele.

—Eu suponho.

—Posso pegar algo para você beber? Água? Sei que poderia beber um pouco depois de todas aquelas doses. —Sem esperar por uma resposta, vou até o frigobar no canto e puxo uma garrafa gelada. Tiro a tampa e tomo um gole refrescante, não dando a mínima para que parte dela escorra pelo meu queixo. Faço um gesto para ele com a garrafa aberta, jogando um pouco para o lado. —O que você diz? Posso pegar uma para você?

Ele parece dividido. Observo seus olhos vermelhos e a pele pálida quando ele finalmente assente. —Sim, claro. Por que não.

Entrego-lhe uma garrafa, chuto a geladeira e finalmente me sento.

—Eu sou o detetive Niko James. Você pode me dizer seu nome?

Ele brinca com a tampa da garrafa com os dedos trêmulos. — Louie... Louis DeLucia.

—Você sabe que não está preso. Estamos aqui apenas para fazer algumas perguntas.

Ele assente, e continuo a lhe dar seus direitos de Miranda. — Não, sem advogados, não preciso de ninguém. Por que você disse isso se não estou preso?

Eu aplaudo minhas mãos na pasta na minha frente. —Você e eu tivemos uma conversa interessante no bar. Uma muito... auto incriminadora. Estou apenas informando seus direitos constitucionais antes de continuarmos. Devo dizer, cobrindo os traseiros de nós dois.

—Por que você faria isso?

Eu me certifico de manter meus olhos firmes nos dele, mesmo que a mera visão desse homem faça meu sangue ferver. —O licor pode fazer as pessoas dizerem coisas engraçadas. *Fazer* coisas engraçadas. Estou do seu lado, Louie. Você parecia querer conversar no bar, então estou aqui para ouvir.

—Eu não sabia que você era policial. — ele argumenta. —Você armou para mim. Isso é uma armadilha ou algo assim, e é ilegal.

—Se fosse uma armadilha, não estaria bebendo. Eu estava quase tão bêbado quanto você. Qualquer coisa que eu disser em relação à nossa conversa será descartada como

inadmissível. Qualquer juiz me chamaria de testemunha não confiável. Foi uma feliz coincidência eu estar lá, não acha?

—Como é essa sorte? — Ele pergunta de volta, ficando mais agitado. Inclino-me na cadeira de metal, tentando parecer relaxado através das ondas de raiva que me assaltam por dentro.

—Eu diria que você quer estar aqui. Você estava ansioso para conversar com um estranho sobre sua culpa. Não é isso que você queria? Ser absolvido?

Louis deixa a cabeça cair nas mãos e puxa os cabelos sujos. — Eu não quero ir para a cadeia.

—Diga-me o que aconteceu. — eu persuado, uma ligeira borda aparecendo na minha voz. Eu tento tanto esconder, mas estou tão perto da verdade que quase sinto o gosto. —Não posso prometer nada, mas facilitará muito mais para si mesmo se me disser a verdade. Eles dão todo tipo de sentenças mais leves para pessoas que são honestas.

Ele passa as mãos pelos cabelos novamente antes de achatá-las na mesa entre nós. Ele olha para cima, para baixo, para longe - em qualquer lugar, menos em mim por vários momentos, e acho que ele vai ficar quieto. O capitão estava certo. Mesmo quando as pessoas sabem que devem fazer a coisa certa, mesmo quando merecem as consequências, elas ficam caladas para evitar uma sentença de prisão.

—Eu posso deixar você sozinho para pensar sobre isso. — Eu me levanto da minha cadeira e caminho calmamente até a porta. Abro a porta e vejo Tavers do outro lado, mas o pensamento de sair sem confissão desencadeia algo dentro de mim. Quando

olho para trás, Louis parece aliviado com a minha retirada, e isso é o suficiente para eu ficar completamente fodido. Atravesso a sala em dois passos, agarro as costas da cadeira de metal em que estava sentado e a viro no ar com uma mão. Pego-a por duas das pernas e, com tudo dentro de mim, cada grama de emoção reprimida, envio-a cortando o ar e batendo no chão com um estalo retumbante.

—Diga-me o que aconteceu!

Louis joga o corpo para trás, afastando a cadeira da mesa. — Eu não quis fazer isso. Não era meu plano. Eu não tinha um plano maldito. — ele recita rapidamente, enterrando os dedos nos cabelos e balançando a cabeça. O medo está forte em seu rosto pálido.

Tavers chama minha atenção. Balanço a cabeça, comunicando que não preciso dele, e ele fecha a porta enquanto usa uma expressão duvidosa. Eu endireito minha cadeira e, quando me sento, cruzo as mãos em cima da mesa.

—O que deu errado? — Eu pergunto baixinho.

Tudo o que Louis pode ver dá a aparência de calma, mas embaixo da mesa, minhas pernas estão tão tensas que estou prestes a me dar uma maldita cãibra. Eu luto para relaxar enquanto ele começa a falar novamente.

—Foi um acidente. Eu não pretendia fazer isso. — ele repete.

—Quem era ela?

—Eu não peguei o nome dela — ele murmura.

—Quantos anos ela tinha? — Eu pressiono.

—Eu não sei.

—Doze? Quinze?

Sua cabeça se levanta. —Eu matei alguém, mas não sou um pedófilo do caralho! Eu tenho netos nessa idade!

Se ela não era jovem, isso significa que ele não tinha Aislin. A menos que ele não a sequestrasse e de alguma forma... a adquirisse... de outra maneira quando ela era mais velha. A doença da minha bebedeira retorna com uma vingança.

—Se você me desse as informações, não precisaria adivinhar. Me ajude aqui, Louie. Ela tinha família. Quero dar um encerramento à família dela. Não é?

—Sim-sim. — Sua voz treme. —Ela era mais velha. Sua idade, talvez. Nós nos conhecemos em um bar em Bakersville. Ela queria voltar para casa para brincar, e um homem velho como eu não estava disposto a dizer não à uma boceta jovem. Eu só... nós nos deixamos levar. Ela queria experimentar um pouco daquela porcaria de asfixia erótica. Eu a estava sufocando, tinha minha mão enrolada quase completamente nas vias aéreas dela, apertando enquanto ela gozava e eu gozava, e quando acabou, devo ter apertado por muito tempo porque ela parou de se mover. Seus olhos estavam vidrados e ela estava olhando para o teto... Ela estava morta.

As pernas da minha cadeira de metal raspam alto no chão enquanto eu empurro para trás. Louis levanta a cabeça como se tivesse esquecido que eu estava sentado lá. Abro o arquivo na minha frente, tiro uma foto cortada em um pedaço de papel e giro para encará-lo. —É ela?

—O quê? — Ele pergunta, seu rosto colorido em confusão.

—É. Esta? —eu pontuo, mal me segurando na minha restrição restante. Eu preciso terminar isso para que eu possa sair daqui.

Seu olhar cai para a imagem gerada por computador de uma Aislin de 28 anos, modificada a partir do esboço original que eu fiz dela todos esses anos atrás. Ele chupa o lábio inferior, aperta os olhos e começa a balançar a cabeça. —Não. De jeito nenhum. Essa não é ela.

—Olhe mais de perto. — eu mordo.

—Não! Seu cabelo era vermelho, como uma cor profunda e escura que era obviamente falsa, e ela tinha um sinal de Cindy Crawford acima do lábio.

Porra! O cabelo não me convenceu, mas ela não podia ser Aislin com uma marca tão reveladora. Sem mencionar que o cara disse que a estrangulou até a morte, sem tirar a vida sempre amorosa de sua carne.

Desloco o arquivo aberto, pego um pedaço de papel novo e empurro-o com uma caneta na frente dele. —Se você puder escrever tudo isso, terminaremos aqui. Eu volto já.

Dou-lhe um segundo para pegar a caneta e começar a escrever antes de sair. Tavers e o capitão estão me esperando do outro lado.

—Bom trabalho, James. — elogia o capitão quando a porta é fechada.

Estou tão pronto para explodir que nem consigo falar. Eu tinha tanta certeza de ter encontrado o cara ou, mais precisamente, que ele caiu direto no meu colo. Descobrir que estou errado parece perdê-la novamente.

—Agora sai daqui.

—O quê? — Eu giro minha cabeça na direção do capitão. — Você está me mandando para casa depois disso? Depois que consegui essa confissão sem derramamento de sangue?

Tavers parece tão confuso quanto eu, mas não fala. Ele sabe que não tem voz nessa luta. Não como eu.

—Sim. — ele responde em breve. —Ele não é seu cara, então agora você está fora deste caso. Obrigatório. Cinco dias. Eu não quero ver você; não quero ter notícias suas.

Começo a me defender, mas ele levanta a mão.

—Não me force a tornar indefinido. Apenas saia daqui, tome um pouco de R&R[1] e limpe sua cabeça. Nós continuamos daqui. — Ele desaparece na sala de interrogatório.

—Foda-se essa merda — rosno e viro as costas.

—Niko... — Tavers começa.

—Diga oi para sua esposa.

—Onde você está indo? — Ele chama atrás de mim.

—Fique fora disso. — rebato e passo pelas portas duplas que levam para fora. Eu não tenho meu caminhão e não me incomodo em chamar um táxi. Meus pés são capazes de me levar para onde quero — não, preciso ir, — que é direto de volta ao Bar 9 para pegar minha caminhonete. Depois disso, vou passar pela loja de bebidas e passarei o primeiro dia das minhas férias obrigatórias em casa.

[1] Um tipo de drink com Rum & Raspeberry

CAPÍTULO 11

Niko

Idade: quatorze

Eu pulo do último degrau da minha varanda, xingando-me por estar atrasado para ir ao ponto de ônibus de Aislin. Normalmente, vou com ela no ônibus, mas hoje tive uma consulta médica, então saí mais cedo. E então o compromisso levou mais tempo do que deveria. O ponto de ônibus fica a apenas dois quarteirões de distância, mas ainda não gosto do pensamento dela andando sozinha. Não no nosso bairro. Coisas ruins acontecem por aqui, especialmente para uma garota tão jovem quanto ela.

Meus pés ganham velocidade quando viro a esquina. Apenas mais um quarteirão e mais uma volta e estarei lá. Eu chuto uma lata de Coca-Cola esmagada no meu caminho. Mal posso esperar até ter idade suficiente para dirigir. Mais dois anos e nenhum de nós terá que pegar o ônibus novamente. Ainda não descobri como vou comprar um carro, mas vou. Eu deveria começar a cortar gramas neste verão, então vou começar a economizar.

Levanto os olhos quando dobro a última esquina, esperando ver Aislin caminhando em minha direção. Quando não o faço, paro no meu caminho. O ônibus já deveria ter chegado. Eu me viro e olho para trás para o caso de passarmos um pelo outro em lados opostos da estrada, mesmo sabendo que não havia como isso acontecer. O medo agarra minha garganta, dificultando a respiração. Giro de volta

e olho para o ponto de ônibus. Começo a correr em direção a ele, algo dentro de mim me dizendo para seguir por esse caminho.

Paro na esquina da rua onde fica nosso ponto de ônibus e olho em volta novamente. As casas em torno desta área são todas surradas e quebradas, descascando a tinta ou o tapume caindo de alguns lados. Lixo ou brinquedos estão espalhados pelos quintais, e a grama está coberta de ervas daninhas ou inexistente.

Corro os olhos por todas as casas, vendo se alguém está lá fora para perguntar se viu uma garota descer do ônibus. Uma cortina se agita em uma casa, indicando que alguém está olhando de dentro. Muitos moradores aqui têm medo de sair e o fazem apenas quando necessário. A maioria das pessoas que vive aqui não se importa se algo ruim acontece. Eles viveram aqui a vida inteira, para saberem quando ser cautelosos e quando é seguro. Eles sabem o que esperar em um lugar como este.

Meus olhos pousam em algo azul no quintal lateral da casa de alguém. Eu corro até lá, sabendo o que é antes de chegar. Meu sangue esfria quando me curvo e apanho a mochila de Aislin. É azul brilhante com um unicórnio prateado no bolso da frente. Eu olho para cima, meus olhos se estreitando no quintal.

Dou um passo quando ouço um grito vindo de trás. Eu saio correndo e viro a esquina segundos depois. O que vejo me aterroriza ao mesmo tempo que a raiva torna minha visão embaçada.

Dois garotos vários anos mais velhos que eu, mantem Aislin presa nos fundos da casa. Lágrimas escorrem por suas bochechas, mas seus olhos estão ardendo de ódio. Ela é um pouco cuspidora quando precisa ser, mas precisa aprender a se controlar. Agora seria

um daqueles momentos. Os caras vão rasgá-la em pedaços e Deus sabe o que mais está no processo. Agora, porém, eles mexeram com a garota errada.

Com um grunhido, saio correndo. Os dois garotos ouvem o som feroz e viram a cabeça. Eu rosno para um deles. Denny Valeris, um dos punks do bairro. Alguém que tentou fazer com que eu me juntasse à sua gangue estúpida de atormentadores. Ele não gostou que o recusei, e está no meu pé desde então.

Eu balanço meu punho para ele assim que estou perto o suficiente. A jogada o surpreende o suficiente para que ele solte Aislin, e eu consigo acertar seu queixo; no entanto, coloco tanto balanço por trás do soco que tropeço. Me equilibro logo antes de cair e girar para encará-lo. Ele está esfregando a mandíbula, os olhos brilhando de fogo enquanto olha para mim. Olho para onde Aislin estava apenas para encontrar o outro garoto, Ricky, segurando-a contra seu peito com a mão sobre a boca. Ela está lutando, e há pura aversão em seus olhos. Esse olhar me deixa orgulhoso e preocupado. Orgulhoso porque ela não tem medo desses caras, e preocupado porque deveria ter medo deles.

—Solte-a, Ricky — rosno, dando um passo em sua direção.

Meus olhos voltam para Denny quando ele pisa na frente de Aislin e Ricky.

—Não precisa ficar todo irritado, Niko. Nós estávamos nos divertindo um pouco — ele diz, sua voz causando arrepios na parte de trás do meu pescoço. —Do jeito que eu vejo, a mãe dela dá para qualquer homem que pedir, então achei que a pequena Aislin aqui também.

Um grunhido escapa da minha boca e ranjo os dentes para ele. —Seu caralho doente! Ela tem doze anos. Agora deixe-a ir!

Ele dá um passo em minha direção e minhas costas ficam retas, sem recuar. Ele pode ser mais velho e maior do que eu, mas tenho mais determinação. Ninguém mexe com Aislin.

—Não importa. — Ele encolhe os ombros e mostra os dentes amarelos. —Ela ainda tem as mesmas partes que funcionarão tão bem quanto. Embora ela ainda não tenha peitos, mas vai servir.

A bile surge na minha garganta, e tenho que segurar a necessidade de vomitar. É a minha vez de dar um passo em sua direção. Uma coisa que você aprende aqui em nosso tipo de mundo é não demonstrar medo. No minuto em que você mostra, se torna vulnerável.

Denny é mais alto do que eu por vários centímetros, então tenho que esticar o pescoço para trás para olhar para ele. Eu cerro meus punhos ao meu lado, querendo enfiá-los em sua garganta. Olho para ele, silenciosamente, deixando-o saber que não estou recuando. Sim, posso levar um chute no traseiro, mas não será antes de causar algum dano nele. Felizmente, será suficiente para Aislin se libertar. Eu não ligo para o que acontece comigo; só preciso saber que ela está bem. De jeito nenhum vou deixar esses caras fazerem o que eles querem com ela.

—Garoto, você não tem ideia do que está entrando aqui. Apenas vire-se e vá embora.

—Dane-se, Denny. Não vou embora sem Aislin.

Ele sorri torto. —Grandes palavras vindas de você, Niko. — Ele inclina a cabeça para o lado e torce os lábios. —Eu tive uma ideia. Vi

como você e ela estão sempre juntos. Eu sei que você quer ter um pouco dela. Que tal deixá-lo experimentar primeiro, depois nós iremos.

Suas palavras enviam uma centelha de fogo no meu sangue. Já ouvi a frase vendo vermelho antes e nunca pensei que houvesse verdade nela, mas existe. Juro que minha visão vai de colorido a vermelho puro. Meu coração bate no meu peito, e parece que minha cabeça vai explodir com as batidas.

Antes que eu perceba o que estou fazendo, estou me lançando nele. Eu o pego de surpresa e o derrubo no chão. Então estou sentado no peito dele, batendo os punhos contra seu rosto. Ele tenta bloquear os golpes, mas estou tão absorvido que apenas bato nas mãos dele com os punhos. Rugidos soam no meu ouvido e leva um minuto para perceber que está vindo de mim. Minha garganta queima de tanto gritar.

Soco após soco, não parando enquanto suas palavras de um momento atrás brincam na minha cabeça. Nenhuma pessoa jamais colocará a mão em Aislin. Não enquanto eu estiver respirando ou capaz de detê-los.

Um grito agudo me faz parar no meio do soco e levantar a cabeça. Meu sangue fica ainda mais frio quando vejo Ricky levantar a mão e bater em Aislin na lateral do rosto dela. —Sua puta de merda — ele rosna.

Ela cai de lado com um grito alto. Me afasto de Denny e corro para Ricky quando ele dá um passo ameaçador mais perto dela, com as mãos levantadas para golpeá-la novamente. Minha cabeça bate no lado dele, e nós dois caímos no chão com grunhidos. Eu chego na

metade do caminho em cima dele, e ele consegue levantar a perna e me dar uma joelhada nas costelas. Caio para o lado quando o ar sai dos meus pulmões. Eu rolo de lado, apenas para um punho pousar no meu rosto. Minha cabeça bate no chão de terra e vejo estrelas.

Vejo Ricky se levantando. Eu respiro fundo, estremecendo com uma dor aguda no estômago. Meus olhos pousam em Aislin, que ainda está deitada no chão. Ela se afastou de mim, então não posso ver o rosto dela, mas vejo o lado dela subindo e descendo. Enquanto eu estou de joelhos, Ricky se vira para mim. A satisfação me atinge quando vejo um arranhão marcando sua bochecha.

—Você cometeu um grande erro, garoto. — diz ele lentamente, ampliando sua postura.

Levanto-me e fico com as mãos fechadas em punhos. —Você não vai tocar nela.

—Oh, eu acho que vou. — ele provoca, seus lábios inclinando em um sorriso. —Eu acho que eu e Denny vamos nos divertir muito com ela.

Ele olha por cima do meu ombro e, quando me viro para ver o que ele está olhando, temendo que eu já saiba, um punho firme encontra meu rosto. Tropeço, mas em vez de cair de bunda, sou pego e sustentado por Ricky. Denny zomba de mim e fecha a lacuna entre nós. O sangue jorra do nariz dele e escorre pelo queixo. Ele tem um corte acima do olho direito.

O prazer de ver seu rosto fodido dura pouco quando ele dá um soco no meu estômago, me fazendo dobrar de dor. Ricky puxa meus braços para trás que gritam em protesto.

Antes que eu tenha a chance de me recuperar, outro soco me acerta no lado da cabeça. Denny se inclina e fica na minha cara.

—Íamos com calma com ela, mas você só estragou tudo. Calma está fora de opção agora. E você vai assistir, seu merdinha.

—Foda-se! — eu chio. —Você a toca e mato você.

Ele ri escuro. —Não é foda-me. É foda a ela, e é exatamente isso que ela vai conseguir. Eu e Denny vamos rasgar sua boceta de novo e de novo até que fique tão desgastada quanto a de sua mãe.

Agarrando os dois lados da minha cabeça, Denny levanta o joelho ao mesmo tempo em que puxa minha cabeça para baixo, conectando o joelho com meu nariz. Sinto algo trincar e uma forte dor no nariz, me pergunto brevemente se está quebrado. Meu peso é suportado pelos meus braços enquanto Ricky me segura. Manchas pretas invadem meus olhos e o sangue escorre do nariz, espirrando no chão.

Levanto minha cabeça, precisando ver Aislin, mesmo sabendo que não posso fazer nada para impedir isso. Eu conheço o tipo de Denny. Eu sei que ele cumprirá com sua ameaça. Dizem na rua que ele forçou outras garotas antes. Meu estômago aperta quando penso no que ele e Ricky farão com Aislin, no dano e na dor que eles causarão a ela. O pensamento me faz sentir como se tivesse levado um soco no estômago novamente, roubando toda a minha respiração.

Denny ainda está perto de mim quando abro os olhos, seu sorriso me fazendo querer vomitar. Vejo algo brilhar e olho para baixo. Ele está segurando um par de soqueiras. Eu cerro os dentes e me preparo para a surra que vou tomar. Eu aceitaria cem vezes, se isso salvasse Aislin. Talvez tenhamos sorte e eles me espancarão por

tanto tempo que alguém ouvirá e virá ajudar. Eu quase rio com o pensamento. Ninguém aqui levantará um dedo para ajudar.

De repente, ouço um grito, segundos antes que meus braços sejam soltos e sou empurrado para frente. Caio de joelhos e me apoio em meus braços. Me viro e caio sentado. Levanto os olhos bem a tempo de ver Aislin empunhando um longo galho de árvore e batendo em Ricky. Ela o leva adiante com todas as suas forças e bate em um Ricky acovardado, encolhido ao seu lado. Ela parece selvagem ali de pé; os cabelos castanhos emaranhados de terra e folhas, a camisa azul rasgada no ombro. Ela tem uma linha de sangue escorrendo pelo canto da boca e seus olhos parecem loucos enquanto continua balançando o galho da árvore.

Ela olha para cima quando Denny faz um movimento em sua direção. Segurando minhas costelas doloridas, fico de pé. Seus olhos piscam brevemente para os meus antes de trazê-los de volta para Denny.

—Afaste-se, seu bastardo! — Ela rosna e levanta o galho sobre a cabeça.

Ricky ainda está no chão, gemendo. Denny para, olhando do galho para o rosto dela, depois para Ricky e de volta para ela.

—Niko? — Ela diz, sua voz rouca. —Você está bem?

Vou até ela e paro a um pé de distância. Ela mantém os olhos fixos em Denny. Parece que ele quer cometer um assassinato, mas sabe que não pode fazer nada agora. Ele está fodido agora, exatamente como eu estava alguns minutos atrás.

Estendo a mão e limpo o rastro de sangue de seu queixo. —Eu estou bem. — Eu agarro seus braços e os abaixo. Ela me deixa, mas mantém o galho na mão. —Vamos. — digo a ela.

Seus olhos cheios de ódio não deixam os de Denny. Seu peito sobe e desce com a respiração pesada; tenho certeza que é pela adrenalina de bater em Ricky com o galho.

—Ela pode ser minha mãe, mas eu não sou nada como ela. — diz ela com força. —Nenhum garoto vai me tocar e se safar por isso inclusive você, Denny!

Eu posso ver que ele mal consegue se controlar pelos punhos cerrados ao seu lado. Veneno - essa é a única palavra que posso usar para descrever o olhar dele.

—Vamos ver. — ele ferve com os dentes cerrados.

Me surpreende o quão forte Aislin parece agora. Ela está enfrentando o monstro na nossa frente sem vacilar um músculo. Eu não poderia estar mais orgulhoso dela neste momento. Mas precisamos ir antes que Ricky pare de se contorcer no chão e se levante. Não sei se podemos vencer os dois com apenas um galho de árvore.

—Precisamos ir, Norte. — eu digo, puxando seu braço.

Nossas costas estão voltadas para o pátio lateral, e começo a arrastá-la para trás. Seu aperto no galho mantém-se firme, seus olhos penetrantes em Denny permanecem os mesmos. Ele traz seus olhos para os meus, e um lado de sua boca se levanta.

—Vejo você mais tarde para terminar o que começamos, Niko. Você não vai ficar perto o tempo todo para defender essa cadela.

Paro e dou dois passos em direção a ele. — Estou avisando... Você a toca novamente e mato você. Posso ser pequeno, mas isso não significa nada por aqui. Existem outras maneiras de machucar alguém, além de usar os punhos. Não se aproxime dela novamente.

Sua risada é maníaca, mas ele não diz mais nada, apenas nos observa enquanto damos passos lentos para trás. Chegamos à estrada com os olhos ainda presos nos fundos da casa. Felizmente, Denny não nos segue. Eu puxo o galho das garras de Aislin e o solto no chão. Agarrando a mão dela e com os dentes rangendo pela dor o tempo todo, corremos o mais rápido possível os dois quarteirões da nossa parte do bairro.

Nós dois estamos sem fôlego quando chegamos ao quintal de Aislin. Vejo o carro de mamãe na garagem.

—Eu não posso ir para casa ainda. — digo a ela sem fôlego. Eu caio no degrau da escada dela, não sendo mais capaz de suportar a dor nas minhas costelas. Agarrando a parte de baixo da minha camisa, limpo delicadamente o pequeno fio de sangue que ainda escorria do meu nariz. Quando tiro a camisa, encontro mais sangue do que esperava. —Mamãe vai surtar.

Aislin assente e se senta a um passo de mim. Seus olhos parecem doloridos quando me olha.

—Eu estava com tanto medo. — ela sussurra. Pela primeira vez desde que tudo começou, sua idade está brilhando com sua expressão aterrorizada. Os olhos dela começam a lacrimejar.

Eu seguro a mão dela na minha. —Eu também estava. — eu admito. —Eu estava com medo que eles fizessem essas coisas com você, e não seria capaz de pará-los.

Ela joga os braços em volta dos meus ombros e enterra o rosto na parte de trás da minha cabeça. Eu ignoro a dor do meu lado por ela empurrar meu corpo. Vou passar por qualquer dor se isso ajudar Aislin com a dela. Lágrimas quentes caem no meu pescoço.

—O que vamos fazer? — Ela pergunta, fungando.

Não há necessidade de pedir que ela esclareça. Denny não vai deixar isso passar. Se alguma coisa, ele não vai parar até se vingar de nós e conseguir o que quer de Aislin. Estamos na merda, sem saída. Mesmo assim, farei o necessário para proteger Aislin dele.

—Eu não sei, mas vamos pensar em algo.

É a verdade. Farei qualquer coisa para garantir que Denny não coloque suas mãos sujas nela.

Ela se afasta e enxuga os olhos. Assente duas vezes e depois deixa seus olhos vagarem para onde estou segurando minhas costelas. Novas lágrimas aparecem em seus olhos.

—Eles machucaram você.

Seus olhos se fixam no meu nariz, que parece que está começando a inchar. Ela estende a mão e gentilmente toca minhas bochechas. Estremeço com o contato, o que intensifica a dor nos olhos dela.

—Sinto muito. — diz ela suavemente. —Você se machucou por minha causa.

Tiro suas mãos do meu rosto e me inclino para mais perto dela. —Não há nada que não faria por você, Aislin. Nenhuma quantidade de dor me impediria de protegê-la. Eles podem me machucar para me afastar, mas enquanto eu ainda estiver respirando, lutarei por você.

—Oh, Niko. — ela chora. —Eu te amo!

—Eu também te amo. — eu digo, significando aquelas palavras com todo o meu coração. Essa garota é minha estrela do norte. Ela significa o mundo para mim.

—Você ainda tem uma das minhas camisas? — Ela funga e assente. Ela ficou na minha casa tantas vezes por causa da merda que sua mãe estava fazendo na casa dela que pegou minhas camisas emprestadas para dormir. —Acho que preciso de uma emprestada. Não quero que minha mãe me veja assim. Não vou conseguir esconder os machucados e cortes no rosto, mas ela não precisa ver o sangue.

Ela assente novamente e se levanta, estendendo a mão para me ajudar. Eu tremo quando os músculos das minhas costas se movem. Eu ficarei muito dolorido amanhã, mas valeu a pena. Eu faria de novo em um piscar de olhos.

O carro da mãe de Aislin está na garagem, então ficamos quietos quando entramos, não querendo chamar a atenção de que estamos em casa. Não há como dizer o que sua mãe faria. Ela é uma cadela e não gosta de mim. Eu acho que é porque a filha dela e eu temos um relacionamento tão próximo, e ela odeia porque não tem a mesma coisa com um homem. Nenhum dos homens com quem ela socializa se importa com ela; eles a estão usando apenas para o corpo dela.

Na ponta dos pés, caminhamos pelo pequeno corredor até o quarto de Aislin. Quando passamos pela porta do quarto de sua mãe, ouvimos gemidos. Faço uma careta na porta. Pelo menos estava fechada desta vez. Já estive algumas vezes quando a porta estava

escancarada. Aislin não mostra nenhuma reação, há muito tempo acostumada ao barulho.

Paramos no banheiro para que ela possa pegar uma toalha molhada e depois seguimos para o quarto. Fechando a porta atrás de nós, Aislin se vira e me diz para sentar no final de sua cama. Eu faço isso, e ela se ajoelha ao meu lado.

—Posso limpar seu rosto? — Ela pergunta, sua voz tímida, um tom que soa estranho vindo dela.

Eu aceno e fico parado enquanto ela gentilmente limpa o sangue na minha bochecha e queixo. O corte no meu lábio arde quando ela esfrega o pano áspero contra ele. Seus olhos rastreiam cada movimento que faz, tentando ter cuidado para não me machucar mais do que o necessário.

Depois que ela termina, suas mãos caem no colo e ela apenas olha para mim.

—Quão ruim está?

As sobrancelhas dela se abaixam e ela morde o lábio. —Sua mãe ainda vai surtar. Ela vai me odiar quando descobrir por que você está todo espancado.

Eu faço uma careta para ela. —Isso é estupido. Ela nunca poderia te odiar.

Sua cabeça cai para a frente e ela mexe na ponta do pano antes de se levantar da cama. Andando até a penteadeira, ela pendura o pano molhado ao lado de uma cesta de plástico para roupas. Ela abre uma gaveta e tira uma das minhas camisas velhas. É branca e tão desgastada que as letras pretas quase desapareceram.

Eu me levanto, e ela entrega para mim. Quando tiro minha camisa encharcada de sangue, ela se vira e caminha até a janela, olhando para fora. Deslizo o material fino sobre a minha cabeça e a encontro na janela. Ficamos olhando para fora por um longo tempo.

Não foi a primeira vez que tive que proteger Aislin dos idiotas do mundo, e não será a última. Eu era seu protetor e ela minha Estrela do Norte, iluminando meu mundo e fazendo com que parecesse menos severo. Podemos morar em um bairro de merda, onde as pessoas estão com muito medo de ajudar um ao outro e estão dispostas a deixar uma garota inocente ser estuprada e espancada, mas enquanto eu tiver Aislin ao meu lado, ficarei bem.

Denny nunca mais nos incomodou. Não porque ele não queria, mas porque ele foi encontrado morto duas semanas depois. A conversa do bairro era que ele foi baleado na nuca pelo irmão da garota que estava estuprando na época. Arrastado do lado de fora e deixado nas ruas, seu rosto sumiu da explosão da arma.

Não vou mentir e dizer que senti outra coisa senão paz pelo fim dele.

CAPÍTULO 12

Niko

Abro os olhos e depois me arrependo imediatamente quando a luz perfura meu cérebro como raios, então os fecho com força. Aperto os lados da minha cabeça, tentando parar a batida rítmica. Não funciona.

—Ahh... me foda. — gemo, minha boca parece como se tivesse engolido uma bolsa cheia de algodão.

Afasto-me da luz ofensiva e continuo indo, porque não há mais porra de sofá. Felizmente, me equilibro antes que meu nariz encontre o chão duro.

—Maldição. — murmuro e apenas fico lá, pensando.

Por um minuto, esqueço porque estou no sofá e não na minha cama, mas as lembranças das últimas trinta e seis horas vêm à tona. Betsy tendo um acesso na janela e depois acordando com tiros, vendo uma figura sombria em um carro em movimento, checando Reece porque meu cérebro fodido exigiu e ele o jogando na minha cara, depois no bar e chegando tão perto de pegar o cara que levou Aislin para longe de mim. Graças a Deus, Tavers estava lá porque não há como dizer o que teria feito com o bêbado tagarela. Mesmo dormindo dez horas na delegacia para ficar sóbrio não fez nada para diminuir minha raiva. Se alguma coisa, a alimentou. Mesmo se ele não tivesse levado a gente a acreditar que ele poderia ser o suspeito que tenho procurado por todos esses anos, o cara era um desgraçado nojento. No final, ele não era o

cara, o que apenas aumentou minha raiva porque isso significa que ele ainda está lá fora.

Algo molhado toca minha mão e lentamente abro um olho. Betsy está deitada de bruços, a cabeça nas patas da frente com o focinho bem na minha mão. A velha parece preocupada. Pondo-a à vontade, levanto uma mão e acaricio sua cabeça.

—Eu estou bem, menina — digo a ela, e ela lambe minha mão novamente.

Eu gemo e resmungo quando ergo meu corpo cansado do chão. Eu me firmo na almofada para não cair de cara novamente. Minha cabeça martela com força enquanto vou para o banheiro. Eu provavelmente não deveria ter bebido aquela garrafa quando fui forçado a voltar para casa pelo capitão ontem à noite, mas caramba, meus nervos estavam em frangalhos, e tudo que queria fazer era aliviar a dor de mais uma vez falhar.

Ligo o chuveiro para aquecer e depois me viro para o armário de remédios. Coloco algumas aspirinas na boca e as engulo com água que recolho na minha mão. Uma vez despido, pego minha escova de dentes e carrego a porcaria com muito mais pasta de dente do que o necessário. Com a escova de dentes na boca, entro no chuveiro. A água que bate nas minhas costas já me faz sentir meio humano novamente. Lavo a escova de dentes e a jogo na prateleira na minha frente.

Eu fico ali por alguns minutos enquanto a água bate em meus ombros tensos, deixando a aspirina entrar no meu sistema. Uma imagem do cara no bar aparece atrás das minhas pálpebras

fechadas, e a raiva faz meus punhos cerrarem. O cara pareceu arrependido, dizendo que se culpava pelo que fez, mas seus sentimentos de culpa não fizeram nada para acalmar minha raiva e nojo. O cara era um filho da puta doente que precisava ter de seu rosto esmurrado no chão. Não importa quanta tristeza ele sentisse por suas ações ou o quanto alegasse ter sido um acidente, ele ainda fez o que fez. A morte é fácil demais para alguém como ele. Ele merece apodrecer nas entranhas mais baixas do inferno. Já que a coisa mais próxima que temos aqui na terra é a prisão, isso terá que servir. Eu não estou preocupado, no entanto. Existem duas coisas que a maioria dos prisioneiros não suporta e vão foder um colega de prisão; homens que abusam de mulheres e homens que abusam de crianças. Esses dois são sagrados para muitos dos presos.

Eu lavo meu cabelo e ensaboo meu corpo. Minutos depois, desligo o chuveiro, pego uma toalha, me seco, visto um jeans e uma camiseta. Minha cabeça ainda está batendo em um ritmo baixo, mas está lentamente desaparecendo.

Percebo que é apenas meio-dia quando pego meu telefone na mesa enquanto caminho para a cozinha para uma xícara de café. A cafeína provavelmente não é a melhor coisa para a minha cabeça, mas foda-se se me importo. Bem quando estou colocando meu telefone no balcão, ele toca. Olhando para a tela, vejo um nome que não vejo há algum tempo.

Continuo minha caminhada até o balcão onde está a cafeteira e deslizo meu dedo pela tela.

—Mac. Como tá indo?

Abrindo o armário, pego o pó de café e os filtros. Mackai Weston, ou Mac para a maioria das pessoas, é alguém que conheci na minha busca por respostas sobre Aislin. Três anos atrás, uma pista me levou a uma pequena cidade chamada Jaded Hollow, no norte de Ohio, a apenas algumas horas de distância. Mac é o xerife daquela cidade. Segundo minha fonte, um homem que era procurado por sequestrar e espancar severamente várias mulheres estava escondido em Jaded Hollow. Dizia-se que ele tinha uma garota que se encaixava na descrição de Aislin. Quando cheguei à cidade, não havia sinal do homem, mas várias semanas depois, a Polícia Estadual da Virgínia o pegou. A garota que ele teve foi brutalmente estuprada repetidamente, coberta de hematomas e cortes, tinha costelas fraturadas e estava extremamente desnutrida. Ela também não era Aislin.

Enquanto uma grande parte de mim desejava que a garota fosse Aislin só para eu tê-la de volta, uma pequena parte estava feliz por ela não ser. Isso significava que ela ainda podia estar lá fora inteira e feliz. Embora a probabilidade de isso acontecer fosse pequena. Novamente, não há como ela me deixar como todo mundo dizia. Eu não conhecia a garota que estava com ele, mas mesmo um estranho poderia dizer que ela era apenas uma concha de si mesma. Ela seria assombrada para sempre pelo que o sequestrador fez. Ela nunca seria a mesma garota que de antes. Eu queria encontrar Aislin, mas me aterrorizava pensar na condição em que ela estaria quando eu o fizesse.

Eu estava no pescoço de Mac por quase uma semana e, nessa época, nos tornamos amigos de certa forma. Sempre que preciso de ajuda, ele está lá e vice-versa.

—Não acontece muita coisa nessas partes. Você sabe disso — ele observa.

Inclino-me contra o balcão enquanto meu café fica pronto, esperando que ele continue. Mac não é o tipo que telefona por nenhum motivo. Deve haver uma razão.

Ele solta um suspiro. —Escute, acho que posso ter algo para você. Recebi uma ligação de um velho amigo que trabalha a algumas cidades de distância. Eles pegaram um cara por abuso doméstico e encontraram algumas fotos antigas de algumas meninas amarradas e espancadas. Uma merda bem desagradável. Durante o interrogatório, o criminoso mencionou levar uma garota anos atrás da região de Cleveland.

Ele faz uma pausa e meu coração começa a bater forte. Sua voz é calma, mas suas palavras ecoam no meu ouvido como se ele as gritasse. Eu fecho meus olhos e me concentro em puxar o ar para os meus pulmões. A mão segurando meu telefone treme tanto que bate no meu ouvido. Poderia ser isso? Foda-se se eu quero que seja. Dane-se isso. Eu *preciso* disso. Eu preciso pegar esse cara e ver como ele apodrece na prisão. Eu preciso saber que o assassino de Aislin recebeu a justiça que ele merece.

—Não é longe daqui. Quando ele a levou? —Pergunto quase em um sussurro.

— O cara não conseguia se lembrar. — ele responde, e eu cerro os dentes. —Apenas disse que foi quinze anos atrás.

—Onde ele está agora?

—Na delegacia de Wayfield. Eles ainda estão tentando obter respostas dele, mas de acordo com meu rapaz, Matthew, ele está começando a se calar. Liguei para você assim que desliguei o telefone com ele. Eu contei a ele sobre a sua situação há um tempo, e ele pensou que pode haver uma conexão com esse cara. Ele deverá me ligar assim que tiverem mais respostas.

Eu ouço cliques na outra extremidade do telefone. A cafeteira solta vapor atrás de mim, mas há muito esquecida, minha mente se concentra apenas no fato de sabermos quem é o possível assassino de Aislin hoje. Não apenas saber quem ele é, mas também o deter. Os anos que dediquei à busca de respostas sobre ela poderiam ser resolvidos em questão de horas.

Eu preciso disso como preciso de ar para respirar. Passar tanto tempo sem nenhuma resposta está lentamente me matando por dentro.

—Você me chama no segundo em que souber de algo. Quero tudo, Mac. Todos os últimos detalhes. —Aperto minha mandíbula e tento acalmar meus nervos. Estar tão perto e ter que esperar vai ser difícil, mas vou lidar com isso.

—Pode deixar. Assim que eu souber notícias, você será minha primeira ligação —promete Mac.

—Obrigado. — resmungo.

Afasto o telefone da orelha, mas paro quando Mac chama meu nome.

—Pode ser isso, Niko, mas também pode ser uma coincidência. Não tenha muitas esperanças até termos certeza.

Eu entendo o que ele está tentando dizer. Trabalhei duro para descobrir o que aconteceu com Aislin. Esse tem sido meu foco nos últimos quinze anos. Mesmo quando adolescente, quando desapareceu, passei a maior parte do tempo procurando por pistas que pudesse encontrar. Fui da casa dela até a esquina onde o ônibus a pegou mais vezes do que eu poderia contar, esperando encontrar algo para provar que ela não fugiu e algo aconteceu com ela. Não encontrei nada, mas isso não me impediu de fazê-lo novamente. Estive tão perto de encontrar respostas tantas vezes, apenas para que elas não fossem as que estou procurando. Fiquei decepcionado repetidamente.

—Sim. Eu entendo.

—Conversamos em breve.

Puxo o telefone da orelha e largo no balcão. Virando, planto minhas mãos no balcão e deixo minha cabeça cair para frente. Respiro fundo algumas vezes e tento acalmar meu coração acelerado, afastando a sensação de esperança. As palavras de Mac de não ter muitas esperanças se repetem na minha cabeça. Essa merda é mais fácil falar do que fazer.

Levanto a cabeça e olho pela janela acima da pia na casa de Aislin. Concluí o último reparo há duas semanas, mas ainda não tenho ideia do que fazer. Tudo o que sei é que ainda não estou pronto para desapegar. Não tenho certeza se um dia vou. Eu sei que é uma obsessão doentia manter algo ligado a uma garota morta, mas Aislin era muito mais do que apenas uma garota.

Afasto meus olhos da janela e olho para a minha xícara de café vazia. Agarrando a garrafa, eu me sirvo um copo do líquido escuro

com as mãos trêmulas. Queima quando bate na minha garganta, mas saúdo. Me ajuda a me concentrar nos pensamentos constantes de saber que posso colocar Aislin finalmente para descansar. A tristeza me atinge com o pensamento. Quero, acima de tudo, que todas as minhas perguntas sejam respondidas e que Aislin tenha sua justiça, mas isso também me assusta. O que me fará tê-los e o que farei depois? Ela realmente irá quando terminar. Eu sofri por anos, mais ainda quando seu corpo foi encontrado, mas ela ainda estava lá comigo de certa forma. Eu ainda tinha um motivo para mantê-la comigo. Embora o fio que nos unia se desfizesse uma vez que ela fosse encontrada e meu mundo escurecesse, eu ainda continuava firme. Mas uma vez que essa razão se for, ela também. Não terei mais motivo. Foi ela quem manteve a pequena centelha de luz brilhando ao longe. Sem ela, essa luz desaparecerá para sempre. Posso ter familiares e amigos que cuidam de mim, mas ainda vou ficar sozinho, porque ela não estará mais lá.

Termino meu café e coloco a xícara na pia. Coloco o telefone no meu bolso e assobio para Betsy a caminho da porta dos fundos. Esperar que Mac me ligue de volta vai me deixar louco, então preciso me distrair. Aperto os olhos para o sol brilhante, lembrando-me da minha bebedeira da noite passada. Fico na varanda dos fundos por vários minutos, enquanto Betsy corre para o quintal lateral para fazer suas necessidades. Ela para, com o nariz no chão, enquanto pega o perfume de quem esteve aqui na outra noite. O lembrete faz meus punhos cerrarem. Me irrita que quem quer que fosse tenha escapado.

—Vamos garota — eu chamo enquanto saio da varanda. Leva alguns segundos para ela descolar o nariz do chão e correr atrás de mim.

Pego as chaves do bolso e destranco a porta dos fundos da casa de Aislin. Tinta fresca e o cheiro de madeira atingem meu nariz quando entro na cozinha. Não se parece em nada com o buraco que era antes. Gostaria de saber se Aislin gostaria do novo visual.

Eu arrasto minha mão sobre a nova bancada escorregadia enquanto entro no resto da cozinha. Tudo é novo. Não deixei nada do passado para trás e fiz isso de propósito. Esta casa não era um lar amoroso, e o visual agora é enganador. Parece um lugar onde uma família se senta e ri enquanto janta. Essas paredes não ouviram risos desde que me lembro.

As garras de Betsy clicam no chão enquanto ela explora cada cômodo. Saindo da cozinha, a sigo. A pequena sala não tem móveis. As paredes são brancas e o piso é de madeira marrom escura. Mais uma vez, uma imagem de uma família sentada e assistindo a um filme enquanto come pipoca aparece na minha cabeça. Afasto o pensamento como ridículo. Talvez um dia esta casa esteja destinada a isso.

Ando pelo corredor escuro que leva aos três quartos. Passo pelo banheiro com seus novos pisos, paredes recém-pintadas e um novo vaso sanitário, pia e banheira/chuveiro. A porta do quarto à direita está aberta e a luz entra pela janela nua, iluminando as paredes brancas.

Uma porta em frente a ela é o armário de linho. A porta ao lado é o quarto que me assusta entrar. Ainda não encontrei a

coragem de entrar nele. É o único cômodo da casa que ainda tenho que tocar. Coloco a mão na porta e juro que sinto calor. É uma ilusão que envia dor através de mim.

Afastando minha mão com um rosnado, dou meia volta e retorno para a cozinha e depois pela porta dos fundos. Como se sentisse meu humor sombrio, Betsy trotou atrás de mim até que estivéssemos do lado de fora. Bato a porta, tranco a casa e enfio a chave de volta no bolso. Nem sei por que vim aqui. Talvez como punição. Talvez porque pareça que estou tão perto de terminar, e precisava de um lembrete de quem Aislin era. Zombo. Como se pudesse esquecê-la. Ela está tão arraigada em mim que sempre fará parte de quem sou, não importa quanto tempo se foi.

Eu saio da varanda, raiva deixando meus movimentos bruscos. Coloco o telefone no meu bolso, desejando que Mac me ligue de volta com boas notícias. Meus olhos pegam algo enquanto atravesso o quintal de volta para o meu. Mudo de direção sem diminuir a velocidade e vou para a esquina da casa de Aislin. Paro na pequena janela que leva ao porão. A grama ao redor da área é emaranhada. Agachando, dou uma olhada mais de perto. Pegadas. Pequeno e simples. Sem sapatos.

Betsy se aproxima de mim, fareja o chão e começa a choramingar. Estendo a mão e acaricio as costas dela.

—O que há de errado, garota?

Ela olha para mim, geme e depois fareja o chão novamente. Eu olho para cima e ao meu redor, percebendo mais pedaços de grama desgastados que levam à lateral da casa até a frente. Como se alguém estivesse seguindo o mesmo caminho repetidamente.

Que diabos?

Inclino-me, mexo na pequena janela e fico surpreso quando ela se abre facilmente. Pego meu telefone do bolso, abro meu aplicativo de lanterna, levanto a janela e olho para dentro. A sujeira e a poeira diretamente abaixo da janela foram perturbadas e pegadas se afastam dela. Pelo tamanho das pegadas, quem as criou é pequeno. Olho para baixo e vejo uma faixa vermelha na moldura da janela. Sangue. A madeira está lascada e afiada. Faço anotações para voltar e raspar algumas amostras para levar ao laboratório no trabalho para testes. Eu posso ter sorte e o DNA da pessoa estará no sistema.

Fico de pé e sigo o caminho ao virar a esquina e paro quando outro conjunto de impressões aparece. Estes são muito maiores e são pegadas de sapato. Eles também parecem frescos, provavelmente da noite passada.

Que porra está acontecendo? Obviamente, a pessoa que esteve aqui ontem à noite estava atirando em alguém. Foi a pessoa que entrou furtivamente na minha casa? E por que a pessoa invadiu? Não há nada no porão. Esse foi um dos primeiros lugares que limpei, o que não foi difícil de fazer porque não havia muito lá. Originalmente, eu pretendia guardar as coisas de Aislin no quarto dela, mas, sendo o covarde que sou, ainda não resolvi. A casa está vazia, exceto por aquele quarto, e não há nada valioso lá.

Betsy late, perturbando minha linha de pensamento, e eu me viro. Meu vizinho Jeremy está atravessando o quintal em minha direção. Ele é um homem de meia idade que provavelmente foi uma mulher em uma vida passada. Ele é a prostituta fofoqueira do

bairro, devorando e repassando toda e qualquer informação que puder obter.

—Noite movimentada ontem, hein? — Ele diz, assobiando.

—O quê? — Pergunto distraído, olhando de volta para as pegadas. —Oh sim.

—Diga, você sabe se eles pegaram o cara?

Enfio as mãos no bolso e olho para cima.

—Não. Ele escapou e estava escuro demais para alguém ver os números da placa.

—Droga. — ele murmura, em seguida, olha para mim seriamente. Então você não sabe quem era a pessoa?

—Não.

Não há como dar a resposta a esse cara, mesmo que eu saiba.

Nós nos viramos e encaramos o meu jardim da frente, onde estão os sulcos profundos onde o cara arrancou com o carro. O telefone soa na minha mão e eu tenho que forçar meus dedos a soltá-lo. Ele é minha única conexão com o Mac no momento.

—Você ouviu? — Ele pergunta, inclinando-se para mim.

—O que?

—Eles pegaram uma garota na noite do tiroteio a uma quadra. — ele sussurra.

Meus olhos se voltam para ele. Os dele estão dançando de emoção.

—O que você quer dizer com uma garota foi pega?

—Quero dizer, uma garota foi encontrada vagando pelas ruas e foi apanhada pela polícia. Eu ouvi no meu scanner. Eu levanto minha sobrancelha e ele encolhe os ombros. —Você sabe como

todos estão nos negócios de todos por aqui e deixam seus scanners a noite toda. De qualquer forma, ela estava mancando ou algo assim. Sem usar sapatos e suas roupas estavam rasgadas e sujas. Eles pediram uma ambulância e tudo mais. Os olhos dele se estreitam. —Ei, por que você já não sabe disso? Eu pensei que todos vocês, caras da polícia, se mantivessem sob controle de tudo. Especialmente porque era no nosso bairro.

Eu faço uma careta e me pergunto a mesma coisa.

—Quando foi isso?

Suas sobrancelhas caem enquanto ele pensa por um momento. —Algumas horas depois dos tiros.

Eu retenho o rosnado que quer escapar. Eu estava no departamento por horas ontem. Por que diabos não fui informado sobre isso? Este é o meu bairro, e a coisa cortês a fazer quando algo acontece no bairro de um policial é contar a ele.

Meus olhos pegam as pegadas no chão aos meus pés e depois deslizam para o lado da casa, onde as pequenas impressões estão na janela do porão.

—Você disse que ela estava com os pés descalços?

—Sim.

Esfrego a parte de trás da minha cabeça, sentindo a dor voltar. Ela poderia ser a mesma pessoa que esteve escondida na minha casa? E se sim, por quê? O que ela estava fazendo lá?

A vibração contra a minha perna me faz procurar o telefone no bolso. Quando olho para baixo e vejo o nome da mamãe na tela e não a porra do Mac, faço uma careta para o dispositivo e forço o

rosnado que quer rasgar do meu peito. Rejeito a ligação, coloco o telefone de volta no bolso e depois me viro para Jeremy.

—Você viu alguém por aqui que não parecia familiar? — Pergunto.

—Não. Não que possa pensar.

—Ninguém parecendo desconfiado ou deslocado? — Eu pressiono.

Ele balança a cabeça. —Não. Por quê?

Em vez de responder a ele, inclino a cabeça para trás e fecho os olhos, a frustração tomando conta. Há muita merda estranha acontecendo com respostas insuficientes.

Um motor me faz levantar a cabeça e ver Tavers entrando na minha garagem. Eu não esperava vê-lo hoje. Ontem à noite, depois do meu quase colapso, o capitão me forçou a tirar alguns dias de folga para acertar minha cabeça, alegando que minha obsessão pelo assassino de Aislin está atrapalhando meu julgamento. Eu queria dizer a ele para se foder, que ele não sabia do que estava falando, mas não podia. Não só porque ele é meu chefe, mas porque ele *sabia* o que estava falando. Eu sei que essa merda está fodendo com a minha cabeça. Sei que minha necessidade de terminar isso pode não ser saudável, mas não vou parar até que seja feito. Eu decepcionei Aislin uma vez; não vou fazer isso de novo.

Sem olhar para Jeremy, o deixo e encontro Tavers em sua caminhonete quando ele desliga o motor e sai.

—O que você está fazendo aqui? — Pergunto.

Ele acaricia Betsy, que correu para ele com um rabo abanando, e levanta o queixo para a casa, indicando que quer

entrar. Eu nos conduzo até a porta dos fundos, já que a frente ainda está trancada.

—Por que vamos pela porta dos fundos? — Ele pergunta.

—Eu vou explicar mais tarde. — jogo por cima do ombro e abro a porta.

Inclino-me no balcão com os braços cruzados enquanto Tavers se sente em casa servindo uma xícara de café. Isso não é novidade: ele trata minha casa como sua. Esteve aqui mais vezes do que posso contar — não apenas desde que voltei, mas também quando criança.

Depois que toma seu primeiro gole, ele solta um suspiro. — Caramba, isso tem um gosto bom. Ontem, Mindy comprou a porra do café descafeinado por acidente. Ele dá outro gole, e quase rio quando seus olhos reviram.

—Você é ridículo.

—Não. — diz ele, enchendo seu copo já meio vazio. —O que sou é privado de cafeína.

Balanço a cabeça. Puxando meu telefone do bolso, verifico a hora. Faz quarenta e cinco minutos desde que Mac ligou. Por que está demorando tanto? A ansiedade me come por não saber o que diabos está acontecendo. Ponho o telefone no balcão e trago meus olhos para Tavers.

—Você não está trabalhando hoje?

Ele balança a cabeça, abaixa a xícara e se vira para imitar minha posição no balcão em frente a mim, cruzando os tornozelos. —Como você está se sentindo esta manhã?

—Como uma merda. — Eu esfrego minha mão no meu rosto. —O corpo dela foi encontrado?

A raiva ilumina seu rosto quando ele responde. —Sim, e a condição em que a encontramos me faz querer cortar o pau dele e forçar o filho da puta a comê-lo.

Eu cerro minhas mãos em punhos e luto contra o desejo de dar um soco em algo. Demoro um minuto, mas a necessidade de causar danos diminui o suficiente para eu falar novamente.

—Por que não me disseram sobre a garota que foi pega na noite do tiroteio? — Pergunto, estreitando os olhos para ele.

Ele solta um suspiro, olha para o lado e depois volta os olhos para mim. —Você estava muito fodido, e não acho que precisava adicionar mais ao seu prato no momento.

—Essa não era sua decisão. — falo entre dentes cerrados. Entendo por que ele não queria me dizer, mas ainda não era decisão dele. Eu deveria ter sido informado.

—Porra, Niko. — diz ele, passando os dedos pelos cabelos em frustração. —Você acabou de ter alguém atirando no seu quintal da frente, falou com o seu irmão, ficou bêbado e pensou que tinha encontrado o cara que sequestrou Aislin. Quanto mais você poderia aguentar?

Um rosnado desliza pelos meus lábios, e me afasto do balcão, andando de um lado para o outro na frente de Tavers. —Eu tinha o direito de saber, porra — rosno, e balanço meus olhos para ele, nunca quebrando meus passos. Quando passo por ele novamente, paro. —Alguém está invadindo minha casa. Não essa, mas a do lado. Encontrei pegadas do lado de fora da janela do porão.

—O quê? — Ele pergunta, sua sobrancelha se puxando para baixo em confusão.

—Encontrei pegadas nuas fora da janela do porão. — digo novamente. —A poeira no porão também foi perturbada. Não sei há quanto tempo, mas alguém está entrando por aquela janela.

Ele pega seu café, bebe o resto e depois coloca a xícara vazia no balcão antes de descruzar os tornozelos.

—E você acha que essa garota poderia a pessoa?

—Eu não sei. — Esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Mas é possível. A garota atendida estava descalça, certo? —Ao seu aceno, pergunto:— Onde ela está?

—Levada ao County General. Ela não estava em boa forma e precisava de avaliação do relatório que vi. Eu não a vi. —Ele faz uma pausa. —Acha que ela também pode ser a garota que o atirador estava atrás? — Ele pergunta.

—Talvez. Caso contrário, é uma grande coincidência, o que apenas aumenta a lista de coincidências recentemente.

Eu retomo meu ritmo. A caminho do meu telefone, o agarro do balcão. Me sinto melhor sabendo que o tenho comigo. Eu sei que o maldito dispositivo funciona; só queria que ele tocasse logo e me desse as respostas que queria antes de arrancar meu maldito cabelo.

Volto para Tavers. —Faça-me um favor. Traga-me uma cópia do relatório. Não tenho certeza se o capitão me deixará pisar na delegacia antes que minha licença forçada termine.

—Por quê?

Viro as costas para ele e abro a geladeira. Meu estômago parece que está tentando comer seu forro, então pego a caixa de ovos e franzo a testa. Por alguma razão, o pensamento de que a garota era a que estava esgueirando-se em minha casa não me incomoda tanto quanto deveria. Se suspeitasse de mais alguém, ficaria lívido, mas a descrição de Tavers dizendo que ela estava em má forma não se encaixa bem comigo. Ela obviamente precisava de um lugar seguro para ficar. Estou curioso para saber por que estava lá e o que estava fazendo vagando pelas ruas à noite. E se o atirador estava atrás dela, por quê. O que a levou a precisar ser avaliada clinicamente? Ela foi baleada? Quão ruim ela estava?

—Apenas faça isso. — eu resmungo.

Nesse momento, meu telefone toca na minha mão. Minha cabeça sai da geladeira e meus olhos vão direto para a tela. O nome do Mac aparece e o suor imediatamente cai na minha testa. Fecho a porta da geladeira e ignoro as sobrancelhas levantadas de Tavers enquanto respondo.

—O que você tem? — Eu pergunto, minha voz saindo instável até para meus próprios ouvidos.

A respiração cansada que Mac solta faz meu ombro se contrair em derrota e meu coração cair. Eu sei antes mesmo que ele diga qualquer coisa que não é bom.

—Não é ele. — ele confirma calmamente. —O cara estava cumprindo pena pela violência doméstica quando sua garota foi levada.

Ponho a mão no balcão, abaixo a cabeça e respiro fundo algumas vezes, acalmando as emoções furiosas que correm através

de mim. Tão perto. Tão perto da porra e estamos de volta à porra da primeira. Um passo à frente e cinquenta malditos passos para trás.

Uma imagem do rosto doce de Aislin aparece em minha mente e enfio meus dedos nos olhos para removê-la. Culpa me esfaqueia no peito, roubando o ar que tenta entrar nos meus pulmões. Como diabos esse cara ainda está por aí? Como diabos ele se esconde tão bem? Ele a possuiu por quinze anos, e se o corpo dela foi encontrado, há alguma indicação, ela foi mantida aqui na cidade. Alguém que poderia causar o dano que ele causou nela está obviamente fodido da cabeça. Como ele está na sociedade sem ninguém conhecer o bastardo fodido?

—Niko. — A voz de Mac chama, me lembrando que ele ainda está no telefone.

Eu limpo minha garganta e levanto minha cabeça. —Obrigado pela atualização — digo a ele, minha voz monótona. —Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa daqui sobre a garota que ele levou.

—Sinto muito, cara.

Eu fecho meus olhos com força. —Não há necessidade. Eu o pegarei eventualmente. O filho da puta não pode se esconder para sempre.

—Você precisa de qualquer coisa de mim, você tem o meu número.

—Sim.

Desligamos, e largo meu telefone no balcão, não me importando agora se a maldita coisa quebrar. Quando me viro, Tavers está me observando com preocupação.

Antes que ele possa perguntar, conto a ele sobre a nossa conversa. —Esse foi o Mac. Ele pensou que tinha uma pista para mim. Um cara que foi pego mencionou uma garota que ele pegou da região de Cleveland anos atrás, mas não era Aislin. O cara estava preso na época.

—Foda-se. — ele murmura.

—Sim, eu concordo.

Viro e apoio minhas mãos no balcão por vários minutos, dando-me tempo para afastar toda a raiva, mais uma vez chegando a lugar nenhum. Falho. Eu não ficarei de mãos vazias. Estou falhando com Aislin a cada passo. Minha visão fica vermelha ao saber que o bastardo ainda está lá fora. Não vai demorar muito, no entanto. Embora hoje tenha sido outro revés, sinto que estou chegando mais perto. Venha inferno ou enchente, não me importo com o que diabos tenho que fazer; o encontrarei. E quando o fizer, é melhor ele rezar para que eu seja capaz de controlar a fera que cresce dentro de mim e exige que me vingue da dor e da violência que ele colocou Aislin.

CAPÍTULO 13

Niko

Não aguento mais ficar aqui enquanto a justiça fervilha abaixo da superfície. Toda vez que me sinto perto o suficiente do assassino de Aislin, ele é arrancado de mim. Eu quase podia provar uma doce vingança. O capitão pode ter me mandado para casa, fora do caso de Louis DeLucia, mas isso não significa que não vou trabalhar. Se não consigo investigar o arquivo de Aislin, vou procurar outra coisa que esteja em minha mente.

Quem invadiu meu porão, e isso tem alguma coisa a ver com a mulher que foi apanhada não muito longe daqui na outra noite? Meu instinto diz que sim.

Eu poderia entrar em um monte de merda, e por merda, quero dizer serviço administrativo, mas isso não é apenas um trabalho para mim. É minha vida. Sempre foi assim. Talvez entrar na força por motivos pessoais não tenha sido a jogada mais inteligente, mas é difícil ficar de fora quando está afetando minha vida. Ele quer que eu faça uma pausa no caso de Aislin? Bem. Feito. Vou dar isso a ele, mas não vou dar um tempo no meu.

Foi exatamente por isso que enfiei meu telefone no bolso, peguei minhas chaves e entrei na minha caminhonete cerca de quinze minutos atrás, indo para o County General.

Tavers deixou o relatório esta manhã a caminho do trabalho. Ele pegou uma cópia ontem à noite, mas decidiu esperar até que estivesse sóbrio antes de me deixar ler. Não que estivesse

bebendo ontem à noite. Ele não sabia disso e não tinha vontade de checar, caso eu decidisse criar mais uma bagunça que ele teria que ajudar a limpar.

Passei cerca de uma hora estudando. Na noite dos tiros do lado de fora da minha casa, os policiais receberam uma ligação de um vizinho preocupado sobre uma pessoa suspeita. A cerca de um quilômetro e meio da estrada, eles localizaram uma jovem de vinte a trinta e poucos anos, mal vestida com uma blusa imunda, supostamente branca em algum momento, e um par de shorts jeans com flores roxas que pareciam ser algo que um adolescente usaria e não uma mulher adulta. Ela também estava descalça. Ao se aproximar, ela se recusou a falar e se tornou combativa. Dois policiais tiveram que segurá-la enquanto os paramédicos a amarravam em uma maca para sedá-la.

É tudo o que tenho até agora. Minha esperança é visitar. Ver se eles descobriram alguma informação sobre quem ela é e de onde ela veio. Se eu conseguisse que ela respondesse algumas perguntas, tornaria meu trabalho muito mais fácil.

Entro no antigo hospital pela primeira vez desde que voltei para a cidade. Não passei muito tempo aqui quando criança, mas nas poucas vezes em que estive, como quando Tori quebrou o braço na terceira série, lembro-me de ter medo. O saguão estava cheio de bêbados e drogados, e mamãe me segurou perto dela até a hora de sair. Ao olhar em volta do espaço esbranquiçado, fico satisfeito ao ver que está quase vazio. Outro sinal de que a cidade da qual fugi mudou drasticamente.

Quando chego à recepção, uma recepcionista de aparência doce olha para mim com grandes olhos castanhos. —Posso ajudar?

—Oi. Estou aqui para ver a Jane Doe que foi trazida na outra noite da Breckenridge Drive. Antes que ela possa perguntar, eu mostro meu distintivo.

—Oh sim. — ela responde instantaneamente. —Ela está passando por um momento difícil, coitada. É por isso que há dois de vocês?

—Dois de... quem?

—Oficiais. — Ela acenou com a mão no ar. —Outro apareceu alguns minutos atrás.

Merda. O capitão já deve ter enviado alguém para interrogá-la. A voz da recepcionista me tira dos meus pensamentos.

—Ela está na ala do sexto andar; deixe-me encontrar o número do quarto dela para você. Seus dedos estalam vigorosamente contra o teclado. —Quarto 632. Você precisa que eu o acompanhe?

Seu tom mais do que sugeria que ela gostaria de me escoltar, mas a afastei. —Obrigado, mas posso encontrar. Tenha um bom dia.

Caminho em direção ao elevador, refletindo sobre minhas opções. Não posso exatamente me virar e sair pela porta. Isso pareceria suspeito. Eu poderia pegar o elevador, subir e depois descer. Ganhar alguns minutos para dizer que ela estava dormindo ou não quis responder perguntas. Ela está no sexto andar, então não seria implausível. Eu também poderia passar pelo quarto e ficar do lado de fora. Basta dar uma olhada e torcer para que quem

quer que o capitão tenha enviado não me veja nem me reconheça. É um pouco arriscado. Meu instinto está me dizendo que simplesmente preciso ir lá em cima. O mesmo sentimento que sinto durante uma blitz prestes a ficar ruim. Ou quando sei que um suspeito está mentindo para mim. Estou na força há muito tempo, e esse sentimento me conduziu mais frequentemente do que não.

Pelo tempo que o elevador para, decidi passar pelo quarto dela. Foi quando encontrei o quarto dela que decidi ficar por um tempo. Um longo tempo. Porque o homem que veio aqui não é policial.

Ele me vê quando estou na metade do caminho em direção a ele, e seu corpo se aperta como se ele quisesse correr. Pena que não há lugar para ele ir. Ele está andando a algumas portas do quarto dela, e espero que não tenha estado lá.

Quando chego perto o suficiente, abaixo a voz para que apenas ele possa ouvir. —Representar um oficial é crime — eu assobio e descanso minhas mãos nos quadris, para que meu casaco abra o suficiente para que a coronha da minha arma seja visível. Jogada estúpida, mas esse filho da puta precisa saber que estou falando sério.

Os olhos do Sr. Stewart se arregalam e ele levanta as mãos. — Eu só precisava ver se era ela. Eles não deram muita informação no relatório — ele chia.

—Que relatório? Como você sabia que eles trouxeram uma mulher para cá?

Ele mexe no bolso da calça jeans e puxa desajeitadamente o telefone. Começa a pressionar os botões antes de empurrá-lo para o

meu espaço. —Eu escuto esse aplicativo. Transmite canais policiais. Eu pensei que poderia ser Rebecca.

—Sr. Stewart, com todo o respeito à sua situação, sou o detetive principal no seu caso. Você não acha que teria entrado em contato com você se possivelmente a encontrássemos?

—Eu esperei por dois dias! Liguei para o seu escritório. — ele chora em um sussurro duro, parecendo prestes a desmoronar. — Você não respondeu, então tive que vir ver por mim mesmo.

—Não posso atualizá-lo sobre todas as pessoas que passam pela delegacia. Simplesmente não é possível ou legal para esse assunto. Você está violando todo tipo de leis HIPAA apenas por estar aqui. Você precisa sair e, se algo mudar, entrarei em contato.

—Por favor, deixe-me vê-la. Eu só preciso ver por mim mesmo.

Isso me faz parar. —O que você tem feito aqui se não foi ao quarto dela?

—Eu estava aqui apenas alguns minutos antes de você. Eu estava tentando reunir minha coragem. Eles disseram que ela estava em mau estado sobre o scanner. Eu estava me preparando. Por favor, deixe-me vê-la.

Suspiro, sentindo alguma simpatia pelo meu aborrecimento. —Sinto muito, mas não é Rebecca, e não posso permitir que você entre no quarto de um estranho sem a permissão deles. Agora vá embora antes que tenha que acompanhá-lo para fora das instalações.

Ele se inclina para mim e sussurra: — *Você não sabe disso!*

Eu imito sua posição. —Você tem cinco segundos. — Eu alcanço o bolso interno da minha jaqueta de couro e tiro minhas

algemas. Os olhos dele se arregalam. Sua boca se abre como se estivesse prestes a falar, mas naquele segundo, um grito estridente vem da sala duas portas abaixo. Não para. A mulher continua gritando com uma voz agoniada, o terror ecoando pelos corredores tão alto que posso sentir seu medo nos meus ossos. Uma equipe de profissionais médicos entra em seu quarto, vários deles carregando itens e um empurrando um carrinho. Por um segundo, tiro os olhos do Sr. Stewart para assistir à equipe e, nessa fração de segundo, o idiota foge de mim para o quarto dela. Filho da puta.

Pelo menos ele tem a inteligência de não pisar no quarto dela. Eu realmente não quero ter que prendê-lo e explicar ao meu chefe por que estava aqui, mas ele está realmente testando minha paciência. Enquanto ele está fixado à garota, passo na frente dele e coloco minha mão no centro do peito. Posso sentir fisicamente a força dos gritos da garota na parte de trás do meu pescoço, à medida que se tornam mais altos e frenéticos. Meu coração aperta em simpatia por ela. Eu também teria medo se uma equipe de médicos viesse ao meu quarto e não tivesse ideia do que estavam fazendo.

Empurro o peito do Sr. Stewart o suficiente para fazê-lo recuar alguns passos. —Pela última vez, peço que você saia. Na próxima, vou tirá-lo daqui algemado. — Mantemos o olhar e, enquanto ele parece perturbado, juro que vejo um pouco de desafio neles.

—Ela tem o mesmo formato de rosto... e — e seus olhos parecem iguais. Por favor, detetive, por favor, olhe mais. Poderia ser ela. E se alguém tingisse o cabelo dela?

— Discutiremos isso mais tarde. Você está violando a lei por estar aqui, e se não seguir por conta própria, serei forçado a fazer algo sobre isso.

A angústia em seu rosto evapora e, em seu lugar, surge um desdém severo. —Eu entrarei em contato — ele cospe e avança para os elevadores.

Observo até que as portas se fechem e volto minha atenção para o quarto. A garota luta contra as restrições nos pulsos. Suas costas se inclinam para fora da cama, quase dobrando-a ao meio, e ela bate os pés loucamente. Uma juba selvagem de cabelos castanhos emaranhados esconde metade do rosto. Um médico à sua direita prepara uma agulha, provavelmente um sedativo para acalmá-la.

Nossos olhos travam do outro lado da sala, e o terror lá é de cortar o coração. Eu lidei com muitas famílias perturbadas ao longo dos anos. Encontrei e conversei com muitas vítimas que desejavam ter morrido em vez de sofrer a tortura que sofreram, então não posso deixar de me sentir triste pelo que essa garota está passando agora depois que só Deus sabe o que mais ela já passou. Ainda não sabemos se ela é uma vítima, prostituta ou apenas uma garota de rua que estava procurando abrigo. O que eu sei é que a vida não foi boa para ela. Segurá-la, contê-la e droga-la - nada disso provavelmente está ajudando.

Eu a observo enquanto tudo isso acontece ao meu redor. O tempo diminui consideravelmente enquanto meu coração acelera. Eu me considero um homem compassivo. Sinto por minhas vítimas e suas famílias, mas também aprendi a me distanciar ao

longo dos anos e a não carregar o peso da dor deles comigo. Eu tenho o suficiente por conta própria. Mas seus ferimentos são bárbaros.

Metade do rosto está coberto por cabelos castanhos que estão tão escuros com a sujeira que podem ser loiros. Os detritos torcidos nos fios. Algumas mechas tão emaranhadas que formaram dreads que precisam ser cortados. Como se ela já não tivesse sofrido bastante trauma físico, provavelmente precisará raspar a cabeça inteira. O cabelo dela é apenas o começo.

Não posso começar a catalogar todos os cortes novos em sua pele.

Linhas vermelhas finas cruzam sua carne, manchas de sangue seco se juntam a elas para formar teias vermelhas. Ainda mais crostas e cicatrizes estão presentes. Nem um centímetro de pele está intacta. Os dois pés agitados estão envoltos em ataduras, e as pernas refletem os braços. O rosto dela parece ter sofrido o pior dano. Todo o lado esquerdo está tão inchado que seu olho está fechado. A bochecha esquerda e a mandíbula inferior são do tamanho de uma bola de softball e tão escuras que quase parecem pretas. Uma cicatriz com queloide espessa e ainda em cicatrização corre da têmpora direita, paralela ao lado do rosto, e para no mesmo nível do canto do lábio.

—Pare.

Essa palavra cai da minha boca sem muita premeditação. Não sou profissional médico e não tenho intenção de atrapalhar o que eles estão fazendo. Parece errado, no entanto, vê-la lutar.

Cada cabeça na sala vira na minha direção e, para meu choque, a garota fica em silêncio e diminui sua luta, apesar de seus membros tremerem.

—Quem é você? — Pergunta um médico careca. Eu suponho que ele é o responsável. Pego minhas credenciais e mostro meu distintivo.

—Detetive Niko James. Vim fazer algumas perguntas a Jane Doe.

—Sinto muito, Sr. James. Hoje ela não está em condições de responder a perguntas — ele responde, não cruel, mas posso dizer que está cansado. Pode ser essa paciente ou esse dia, mas seu rosto está cansado, rugas e olheiras cercam seus olhos. Eu acho que alguém também precisa lhe dar umas férias obrigatórias. Parece que ele poderia aproveitar.

Inclino minha cabeça para a esquerda, sem tirar os olhos da garota que ainda está olhando para mim. —Compreensivelmente, você é o profissional aqui, mas ela foi trazida há alguns dias e ainda não temos ideia de quem ela é. Certamente, alguns minutos de perguntas não são pedir muito?

Ele suspira. —Você a ouviu gritando. Ela está muito perturbada.

—Ela não está mais gritando.

O médico pisca com força, como se tivesse acabado de sair de um devaneio e balança a cabeça na direção dela. —Hã. Eu acho que não está.

— Alguns minutos, por favor. Nós poderíamos usar qualquer coisa como pista neste momento.

—OK. Sim. Alguns minutos. — ele admite, passando a mão na testa cansada.

—Ei, doutor. — eu chamo quando ele começa a sair da sala. Ele se vira e levanta uma sobrancelha, provavelmente com o meu reconhecimento pouco profissional. O que posso dizer, escapou. Abaixo minha voz para que apenas ele possa ouvir. —Por que ela está contida? E tão malditamente suja? Pela minha impressão do relatório de admissão, é mais provável que ela seja uma vítima. Cadê a compaixão?

O homem mais velho olha para os sapatos antes de fazer contato visual direto. —É para a segurança dela. Ela estava bem quando a trouxeram, mas durante o exame para o kit... —Ele para, deixando o resto muito claro. Eu engulo em seco. —Não conseguimos tocá-la desde então. Sempre que alguém se aproxima, ela ataca.

—Entendi. Obrigado.

Ele mal reconhece com um aceno de cabeça e sai da sala; sua equipe médica segue atrás.

Eu os assisto ir. Quando me viro para a cama, percebo que os olhos da garota ainda não me deixaram. É um pouco enervante ser observado tão de perto. Ao mesmo tempo, gosto que ela pareça curiosa sobre mim. Pode ser vantajoso obter algumas respostas dela. —Você se importa se eu me sentar? — Eu pergunto gentilmente. Quero que ela sinta que tem controle. Se ela me pedisse para sair, o faria. Eu preciso que ela confie em mim o suficiente para se abrir. Eu já presumi que seria difícil, mas dois

segundos no quarto dela são suficientes para me dizer que será uma tarefa árdua.

A garota balança a cabeça bruscamente e afiada, e procuro um lugar seguro para me sentar. Uma cadeira solitária ao lado da janela com um assento de plástico branco e pernas de metal. Parece desconfortável como o inferno para uma peça de mobiliário em um quarto de hospital, mas serve. Forçando-me a ir devagar, atravesso a sala e largo minha bunda nela. Coloco meus cotovelos nos joelhos e me inclino para a frente, juntando as mãos.

—Eu sou Niko. — Ela não responde. Pelo seu olhar e pela constante ascensão e queda de seus ombros, acho que ela está se concentrando na respiração. —Eu pensei que poderíamos conversar. Está tudo bem com você?

Ela assente novamente.

—Posso pegar algo para você beber? — Desta vez, ela dá uma sacudida pontuada. Ok, então ela é boa em usar a comunicação não verbal. Isso é um começo, pelo menos. Eu posso trabalhar com perguntas de sim ou não.

—Você sabe onde está?

Seu olhar voa para a porta aberta e o corredor mais adiante. Mais uma vez, fiquei olhando para o estado de desfiguração dessa mulher. É óbvio que estes são sinais de abuso, mas de quem? O cafetão dela? Ela foi atacada por tentar deixar essa vida? Uma vítima de violência doméstica? Ela poderia estar ligada à pessoa que levou Rebecca?

Não percebo que estou olhando até que ela balança a cabeça novamente, e o movimento me tira dos meus pensamentos. Trilho

meus olhos sobre suas feridas novamente, e a visão me deixa doente. Eu aperto meus molares juntos para me controlar. Quando me sinto calmo, faço outra pergunta.

—Você sabe o seu nome?

Ela balança a cabeça. Droga. Eu tento uma rota diferente. —Você sabe como conseguiu todos esses cortes?

Com minhas palavras, ela olha para seus braços. Passa o dedo indicador direito sobre uma mancha de sangue seco na coxa direita. —Sim. — ela resmunga com uma voz baixa que me assusta.

—Você pode me dizer como?

—Todos eles. — Ela continua como se eu não falasse.

Eu tento manter minha expressão neutra, mas estou confuso. —Todos eles? O que você quer dizer?

—Eu sei como consegui todos eles. — Ela me encara com um olhar vazio. —Eu lembro de todos eles. — O som de sua voz envia um arrepio na minha espinha. Monótono e quieto, isso me lembra o vazio. Aquele vazio de desesperança. De não voltar atrás.

—Quem fez isso com você? — Eu cutuco gentilmente.

Ela balança a cabeça novamente e meu estômago afunda. —Não me lembro. Lembro-me do homem das sombras e da garota gritando. E a dor — ela continua com uma voz vazia. —Lembro de me machucar, mas não quem fez isso. *Eu acho...* acho *que* fui eu.

— Do que mais você se lembra? — Por alguma razão, ela se assusta e se encolhe na cama.

—Não. Eu não sei de mais nada. Não me lembro.

Dou um suspiro e olho pela janela. As nuvens desta manhã desapareceram e o sol agora brilha intensamente. Quando olho

para a mulher, ela está brincando com o sangue seco novamente. — Você quer se limpar?

Sua mão muda para o cobertor ao lado de seu quadril, e ela o aperta com o punho. —Quando eles me trouxeram aqui, fizeram muitas coisas. Eles tiveram que me tocar e escrever relatórios, disseram, e eu deixei. Eles tiraram fotos minhas nuas. Isso me assustou. —Ela sussurra a última parte, me dizendo isso como uma explicação para sua aparência, presumo. —Então eles tiveram que enfiar algo dentro de mim *aqui*. — As restrições deslizam para cima apenas o suficiente para que ela cubra sua área genital com uma mão. Eu me mexo desconfortavelmente na minha cadeira e olho para o rosto dela, meu coração acelerando com as alegações de estupro anterior. Ela continua. —É por isso que não confio neles. É por isso que eu grito.

Meu coração torce dolorosamente por essa mulher assustada e pelas coisas indizíveis que ela suportou. —Quer que eu te ajude a se limpar? — Eu pergunto novamente, mais gentil desta vez.

—Não me toque! — Ela assobia suavemente. Eu levanto minhas duas mãos em um gesto apaziguador.

—Eu prometo que não vou. Vou trazer uma bacia com água morna e alguns panos. Parece bom? Se você me deixar tirar sua restrição, você pode fazer o resto.

—Por que você faria isso?

Faço uma pausa no meio do caminho e levanto a cabeça. — Fazer... o quê? — Eu pergunto e cuidadosamente endireito o resto do caminho para não a assustar.

—Ajudar. Eu não te conheço e você não me conhece. Por que não me deixa com os médicos...?

—Sou detetive de polícia. Meu trabalho é ajudar e proteger todas as pessoas. Se você me deixar ajudá-la, fico feliz em fazê-lo.

—Mas por quê?

Suas perguntas atingem algo dentro de mim, embora eu não consiga entender o quê. Eu sei que o trauma bloqueou suas memórias, mas ela realmente não consegue entender um ser humano querendo ajudar outro? Esse não é um tema básico da existência humana?

—Porque você está com medo, por exemplo, e sou alguém em quem você pode confiar. E porque me sinto obrigado a fazê-lo. —Até descobrirmos quem ela é, ela não tem ninguém. Em algum nível, posso me relacionar. Há também a parte que faltava do que ela estava fazendo na minha propriedade, e estou decidido a descobrir essa resposta. No entanto, agora não parece o melhor momento para perguntar.

Ela volta a não-verbal e simplesmente assente. Hã. Eu estava esperando mais perguntas do que isso.

Comecei a fazer o que disse e trago a bacia para a mesa ao lado da cama dela. Deixo-a ao seu alcance e, com o maior cuidado possível, sem tocá-la ou aplicar qualquer pressão, tiro a restrição em seu pulso direito. Permito que caia frouxamente na cama e volto para a cadeira em que me sentei antes. Ela hesita, olhando de um lado para o outro entre mim e a bacia várias vezes antes de hesitar em tentar pegar a toalha. Desvio o olhar como uma tentativa fraca de lhe dar um pouco de privacidade. Um homem melhor sairia da

sala. Em vez disso, faço outra pergunta enquanto ela está um pouco distraída.

—Você sabe algo sobre a área em que foi pega?

Ela continua acariciando o pano no braço como se eu não tivesse falado. É estranho como algumas perguntas a assustam e outras não. Não há um padrão para isso.

—Não. — Ela responde finalmente, mergulhando o pano de volta na água morna. Meu corpo fica rígido quando ela levanta o vestido, expondo completamente a metade inferior e coloca o pano no topo da coxa esquerda. Ela trabalha devagar, metodicamente, enquanto passa o pano pela coxa até o joelho e volta para o vinco que encontra seu quadril. A água escorre pelas curvas de sua perna em riachos, mas ela não parece se importar com a bagunça. Fico sem palavras quando levanto os olhos e a vejo observando-se com uma expressão solene como se o que ela estivesse exibindo fosse algo normal.

Eu limpo a garganta e viro a cabeça, ainda sem saber como reagir a ela se expondo tão facilmente sem um pingo de vergonha.

—Eu estava apenas andando. — ela termina. Viro minha cabeça para ela e solto um suspiro aliviado quando vejo que ela se cobriu novamente.

Caminhando... Ela se lembra de andar, mas não correr pelo meu quintal? Ela está mentindo, ou não é realmente a mesma pessoa que estava do lado de fora da minha casa naquela noite? Inclino-me na minha cadeira. —Por que eles te pegaram se você estava apenas andando?

Sua resposta é mais rápida desta vez. —Eles disseram que eu estava invadindo.

—Você estava?

Seus olhos disparam para os meus, e minha respiração pega no contato visual direto. —Não. Eu estava perdida.

Lancei meu olhar de volta para as ataduras nos pés dela. Ela segue meus olhos com os seus.

—Eu não estava usando sapatos, eu acho. Eu realmente não me lembro.

—Você tem sapatos? — A pergunta parece surgir do nada, mas a resposta dela pode me dizer muito.

—Quem não tem sapatos? — Ela responde em um tom que me faz parecer um completo idiota. Ok, então isso saiu pela culatra. Mordo de volta outro suspiro. — Você lembra de *algo*? Nada mesmo?

Sua pausa dura meio segundo. —Não. Realmente não, detetive. Eu sinto muito.

Quero terminar isso com uma nota positiva para ela, mesmo que eu carregue a frustração da visita por um tempo. Parece outra perda. Eu supero a dor para acabar com isso e voltar para casa.

—Tudo bem. Você está aqui agora e está segura. Isso é tudo que importa. Ouça seus médicos e descanse um pouco. Eles estão aqui para ajudá-la. — Com essa declaração de despedida, levanto os braços da cadeira e me levanto lentamente para não a assustar.

Ela olha para mim com olhos arregalados e medrosos e sussurra com uma voz trêmula: —E você?

Minhas sobrancelhas se uniram. —Desculpe?

—V-você estará aqui também, certo? Para ajudar?

—Senhorita. — Droga, gostaria de saber o nome dela. Meus músculos do estômago se contraem de ansiedade.

—Antes, você disse que gostaria de ajudar. Isso significa que você vai voltar? Para me ajudar?

Porra. Eu puxo um sorriso gentil, me perguntando em que confusão eu me meti. —Verei o que posso fazer.

—Você vai voltar? — Ela pergunta novamente. A voz dela é tão baixa e quieta que não tenho coragem de falar a verdade.

—Claro. — digo a ela, não tendo o coração de compartilhar que não tenho intenção de voltar.

CAPÍTULO 14

Niko

Despejo os restos do meu café, lavo a xícara e a coloco na máquina de lavar louça antes de tirar as chaves e a carteira do balcão e sair pela porta. As nuvens no céu estão escuras, prometendo uma tempestade ainda hoje.

Quando abro a porta da minha caminhonete, meu telefone toca. Puxando-o do bolso, olho brevemente o nome exibido e deslizo o dedo pela tela para aceitar a chamada.

—Ei, Tori. — saúdo minha irmã enquanto subo no caminhão. —E aí?

—Graças a Deus eu peguei você! — Tori fala por telefone. Faço uma pausa para colocar a chave na ignição.

—O que há de errado? — Pergunto.

Ela solta um suspiro que envia estalos ao meu ouvido. — Michael. É isso que está errado. Ele está pirando porque estou tentando reservar voos para descermos para uma visita, mas ele não está me deixando. Você se lembra daquele avião que caiu na Flórida há alguns meses matando todas aquelas pessoas? —Ela não me dá tempo para responder antes de continuar. —Bem, agora ele acha que qualquer avião em que estaremos cairá exatamente como aquele.

Definitivamente, não é motivo de riso, mas se você conhecesse o marido de Tori, Michael, poderia imaginá-lo correndo segurando os cabelos, murmurando para si mesmo e lançando um olhar para

Tori quando ela não faria o que ele queria, o que aumenta sua ansiedade ainda mais. Michael tende a ser... dramático às vezes.

—E por que você está me ligando com isso? — Eu pergunto, incapaz de segurar uma risada. —Não é como se eu pudesse fazer algo a respeito.

Um rosnado feminino soa por telefone. —Porque se eu não falar com alguém sobre isso, vou estrangular o homem, e você era o único disponível.

Apoio o cotovelo na moldura da janela e largo a outra mão na coxa.

—Ele só se preocupa com você e as crianças. Dê um tempo para o cara.

—Niko, você sabe quantas pausas eu dei a ele? Deus o ama e eu também, mas ele precisa parar com a preocupação exagerada por tudo que acontece. Antes deste avião cair, era a epidemia de Ebola na África. Na *África*, Niko! Não estamos nem no mesmo continente, e ele não nos deixou sair de casa sem uma daquelas máscaras cirúrgicas, *para o caso de ter sido trazida de volta aos EUA, como em 2014*. Ele está me deixando louca. Vou ficar careca antes de completar 35 anos de arrancar meu cabelo.

Eu não posso evitar quando uma risada escapa, mas rapidamente muda para um estremecimento quando Tori grita: — *Não é engraçado, porra!* — Tori também pode ser bastante dramática às vezes.

—Ok. — Eu tento acalmá-la. —Apenas acalme-se, ok? As crianças estão por aí?

—Não. — ela bufa. —Por quê?

—Eu só estava pensando se você estava gritando e xingando na frente deles.

—Eu estou no limite do meu juízo, então isso pode ser uma possibilidade em breve — ela murmura.

Passo os dedos pelos cabelos e largo o pulso no volante. — Olha, Tori. Eu posso entender a preocupação de Michael. Silêncio e deixe-me terminar— digo quando a ouço respirar fundo para gritar comigo. —Também vejo como às vezes fica excessivo. Você precisa se sentar e conversar com ele. Ele precisa saber o quanto isso está incomodando você. Ele sempre se preocupará, mas talvez, se você explicar seus sentimentos, ele possa reduzir a um nível razoável.

Tenho vergonha de admitir que não tenho sido o típico irmão protetor. Desde os quinze anos, concentrei-me principalmente em encontrar Aislin, o que deixou pouco tempo para prestar atenção em meu irmão e irmã. No entanto, eu não estava totalmente alheio ao que estava acontecendo com eles. Quando Tori começou a namorar Michael há sete anos, eu gostei dele imediatamente. Vi como ele olhava para minha irmã, a total adoração em seus olhos. Michael pode se preocupar muito, mas ele faz isso porque ama minha irmã e seus filhos mais do que tudo. Ele faria qualquer coisa por eles e os protegeria com sua própria vida.

Tori suspira do outro lado da linha. —Eu entendo. Ele só me irrita às vezes.

—Ele te ama e só quer mantê-la segura. — digo a ela simplesmente.

—Eu sei. Obrigada Niko.

—Agora vá falar com Michael e faça com que ele compre essas passagens. Quero ver você, minha sobrinha e conhecer meu sobrinho.

Largo o telefone no banco do passageiro quando desligamos e ligo o caminhão. Pensamentos sobre o problema de Tori saem de minha mente quando penso sobre onde estou indo. É algo que preciso fazer, algo que me sinto obrigado a fazer, mesmo sabendo que não devo fazer. Lutei comigo mesmo por vinte minutos esta manhã sobre se deveria visitar novamente ou simplesmente deixar a mulher em paz. Betsy latiu para mim quando eu segurei sua tigela de comida em vez de colocá-la no chão. Quando olhei para ela, juro que o cachorro estava me dizendo com os olhos para ir. Parece estúpido, e provavelmente é, mas foda-se se vou ignorar meu cachorro se ela está me dizendo que eu deveria fazer alguma coisa. Os cães não deveriam ter habilidades sobrenaturais para ver as merdas que as pessoas não podem?

Esta será a minha segunda visita a Jane Doe. Na primeira vez, tive sorte de não ter sido pego. Desta vez, sei que estou pressionando. Mesmo sabendo que o capitão teria a minha pele, ainda não me impede de apontar minha caminhonete na direção do hospital. Algo está me puxando para lá, exigindo que eu volte a vê-la, e não é apenas o fato de ela ser a provável culpada que invadiu minha casa. É mais do que isso. Foram seus terríveis sons de pânico quando entrei pela primeira vez na sala. Era o olhar morto em seus olhos quando a estava interrogando. As cicatrizes nos braços, pernas e rosto. Foi a maneira sem emoção que ela falou comigo. Quero saber o que aconteceu com ela e ver se posso

ajudar. Ela obviamente passou por uma provação terrível, não importa as circunstâncias por trás disso. Tantas respostas estão cercando o caso dela que despertou minha curiosidade.

Eu também quero garantir que o Sr. Stewart não apareça novamente. Ele parecia inflexível de que ela era sua sobrinha, mas ela não se parecia em nada com a imagem que ele nos mostrou. Talvez os olhos, mas isso é tão longe quanto qualquer semelhança.

Meus olhos pousam em uma placa na beira da estrada e, antes que perceba, estou girando o volante para a direita. Entro no estacionamento movimentado de uma loja e encontro um lugar para estacionar. Não tenho ideia do que diabos estou fazendo, mas saio do caminhão, tranco e entro de qualquer maneira. Paro do lado de dentro das portas, olhando para a esquerda e para a direita antes de ir para a seção de roupas femininas. Passo pelos sutiãs e calcinhas e vou para as camisolas. Sei por experiência própria como as roupas de hospital são ásperas, então, se a deixar mais confortável, será mais fácil obter algo útil dela.

Eu ando por aí, olhando para todas as diferentes camisolas. Por que diabos as mulheres precisam de tantas coisas para vestir na cama? Por que não pode haver apenas quatro ou cinco opções em vez das cinquenta que já olhei? Como diabos eu deveria saber o que ela gostaria de vestir?

—Posso ajudá-lo? — Uma voz interrompe meus pensamentos.

Eu me viro e vejo uma senhora mais velha me encarando com um sorriso no rosto. O crachá dela diz —Irene.

—Espero que você possa — murmuro e digo mais alto: —Estou procurando uma camisola. Algo macio contra a pele. A mulher para quem estou comprando está no hospital, então algo que ela apreciará usar no lugar daqueles vestidos grosseiros.

O sorriso dela cresce. —Sim. Essas coisas são horríveis e definitivamente não cobrem todas as partes que deveriam. Eu tenho o perfeito. Se você me seguir?

Ela se vira sem esperar pela minha resposta, e sigo atrás dela. Paramos em uma prateleira de camisolas.

—De que tamanho você precisa? — Ela pergunta.

Eu penso de volta na pequena mulher na cama. Ela ficou sentada o tempo todo, então não sei a altura dela, mas se tivesse que adivinhar, diria que ela estava um pouco abaixo da média. Seu peso, por outro lado, não poderia ter sido superior a 45 quilos. Sob as cicatrizes que a enchiam, ela era apenas pele e ossos.

—Pequeno. — digo a funcionária, esperando que meu palpite esteja certo.

Ela puxa um vestido floral da prateleira e, antes que possa me entregar, eu balanço minha cabeça. Olho para ela com todas as cores oferecidas e identifico imediatamente uma em particular. É um verde claro com mangas soltas que ficam logo acima do cotovelo. A bainha é longa, então eu sei que cobrirá a maior parte das pernas dela. Estendo a mão e sinto o material, e mesmo para minhas mãos ásperas, ele é incrivelmente macio. Também é grosso, o que manterá ocultas as partes dela que devem permanecer ocultas.

—Este. — digo, puxando o cabide da prateleira.

—Essa é uma boa escolha. A senhora vai adorar.

Agradeço a atendente por sua ajuda e volto para a frente da loja, mas depois me afasto dos registros quando outro pensamento me ocorre. Demoro alguns minutos para examinar todas as seleções de calcinha. Mais uma vez, há muitos para escolher. Acabo pegando um pacote calcinhas brancas simples. De lá, vou para o corredor do banho e olho os xampus e condicionadores. O cabelo da mulher está uma bagunça, e há uma grande chance de ela perder parte, se não toda, o que seria uma vergonha. Há muito disso, e tenho certeza que já foi lindo. Apenas no caso, pego um frasco de xampu e condicionador e depois pego um frasco que diz desembaraçador, esperando que ajude.

Em seguida, vou para o corredor de sabonetes e, depois de abrir e cheirar várias opções, fico com a rosa lavanda. Pasta de dente, escova de dentes e escova de cabelo são as próximas. O hospital fornece todas essas coisas, é claro, mas será bom que ela tenha as suas próprias que não cheiram tão antissépticas. Isso, e a qualidade da merda que eles dão no hospital é exatamente isso... merda.

Com os braços carregados, ando até a frente da loja. Enquanto espero na fila atrás de uma mulher com dois filhos em seu carrinho que ficam inclinados e quase caindo, quase me fazendo perder tudo em meus braços para pegá-los, vejo um baralho de cartas. Coloquei o xampu e o condicionador na pequena rampa transportadora e adicionei as cartas à minha pilha de coisas. Noto um livro de caça palavras e o adiciono também. No momento em que a moça e os filhos à minha frente se afastam, vejo um velho clássico que li

quando era mais novo e o adicionei à pilha também. Enquanto estiver no hospital, você nunca poderá ter muitas coisas para ocupar seu tempo. Por precaução, jogo algumas barras de chocolate e sacos de batatas fritas.

Quando o vendedor me conta o total, entrego meu cartão de crédito e saio com várias sacolas. Eu os carrego no banco do passageiro da minha caminhonete e vou para o hospital mais uma vez.

Entro pela entrada principal dez minutos depois e sigo direto para os elevadores, contornando a recepção. No sexto andar, viro à esquerda. No último minuto, paro no posto de enfermagem. Manobrando as alças das bolsas com uma mão, tiro meu distintivo, já que a enfermeira de plantão não é quem esteve aqui ontem. Eu seguro e deixo ela dar uma olhada. Pego um dos meus cartões antes de fechá-lo e colocá-lo de volta no bolso.

—Eu estava aqui ontem visitando a mulher no quarto 632. Havia um homem no corredor representando um policial. O nome dele é Clem Stewart. De meia idade com cabelo castanho curto. Peso e altura médios. Você o vê - eu seguro o cartão -, você me liga. Ele não deve entrar lá.

O homem parecia um pouco desequilibrado e determinado quando pensou que ela era sobrinha dele. Não me surpreenderia se tentasse voltar.

Ela pega o cartão e olha para ele antes de trazer os olhos de volta para mim. —Entendi.

Começo a me virar, mas depois olho para trás.

—Como ela está hoje? — Pergunto.

Seus olhos têm simpatia quando olha para a porta. —Ela nos deixou fazer um IV, mas somente quando dissemos a ela que removeríamos as restrições se ela o fizesse. Ela não deixou ninguém a tocar desde então. Fica histérica se alguém menciona isso. Ela está comendo muito pouco, e tudo o que faz é olhar para o espaço. Nem uma vez ela pediu para assistir TV ou pediu alguma coisa às enfermeiras. Ela é muito retraída.

Concordo, não totalmente surpreso com a resposta dela. Era óbvio que ela não gosta de ser tocada pela sua postura quando falou sobre o exame médico. Algo nela parece errado, como se ela estivesse desapegada do mundo exterior ou algo assim.

Deixo a enfermeira prometendo que ela passará a mensagem para me ligar e não deixar o Sr. Stewart entrar no quarto, se ele aparecer. Paro na porta aberta e olho para a mulher sentada em uma cadeira em frente à janela. A maior parte do corpo dela está de frente para a janela com o jeito que se senta, então só tenho uma visão lateral dela. Ela puxou os joelhos até o peito, com os pés apoiados na beira da cadeira. Com os braços em volta das pernas, está balançando levemente enquanto está sentada lá. Ela quase parece uma criança perdida. Fico confuso quando meu peito aperta com a visão.

Seu cabelo ainda está emaranhado e sujo, e eu me pergunto se ela tentou escová-lo. Os cortes no braço que vejo parecem limpos, mas ainda nenhum curativo cobre eles. A única forma de curativo é a fita que prende o IV no braço dela.

Afastando os pensamentos, bato suavemente na porta para não a assustar. Mesmo com o som leve, ela pula e dá um grito assustado. Ela vira a cabeça e parece surpresa ao me ver ali.

—Desculpe. — digo, entrando pela porta.

Ela mantém os braços em volta das pernas enquanto cautelosamente me observa. Eu paro a um metro e meio dela quando vejo seus olhos correndo atrás de mim até a porta e depois de volta para mim.

—Como você está hoje?

Ela não responde, mas mantém os olhos em mim. Depois de alguns segundos, ela pergunta: —Por que você voltou? — Suas sobrancelhas franzem a testa, como se não pudesse entender por que me importaria o suficiente para voltar. A pergunta dela é válida; não sei exatamente por que estou aqui. É mais do que obter respostas dela e garantir que o Sr. Stewart não volte.

—Eu queria ver como você estava. — Dou a ela a melhor resposta que posso.

—Mas por quê? — Ela pergunta novamente.

Eu seguro as sacolas. —Trouxe algumas coisas que você pode precisar.

Seus olhos caem para as sacolas desapaixonadamente, então ela deixa cair os pés no chão. Um lado do vestido cai do ombro, revelando a parte superior do peito. Ela não percebe ou não se importa que esteja perto de se exibir. Meu palpite é o último, uma vez que ela não mostrou escrúpulo em se mostrar ontem quando estava lavando as pernas. As ações são estranhas, pois ela obviamente abomina o toque.

Minha mandíbula aperta quando percebo mais cicatrizes. O bastardo que fez isso com ela precisa ser abatido.

Ignoro a raiva que se forma logo abaixo da superfície e ponho as sacolas na mesa ao lado dela. Certifico-me de me manter do lado oposto da mesa para não chegar muito perto. Ela me observa quando começo a remover os itens.

—Eu sei o quão desconfortáveis são essas roupas de hospital, então imaginei que você poderia gostar de outra coisa. — Seguro a roupa para sua inspeção. Ela mal olha para a peça antes que seus olhos voltem para os meus, sem comentar. Coloquei o xampu, o condicionador e o sabonete na mesa a seguir. —Talvez você gostaria de lavar e condicionar seu cabelo? — Eu sugiro. Seus dedos vão para os longos fios e pegam um amontoado para olhar. —Eu também trouxe uma escova. — Eu a levanto para ela ver antes de colocá-la ao lado dos outros itens.

—A senhora que vem aqui diz que talvez tenham que cortar todo o meu cabelo — diz ela em voz baixa, olhando de volta para os fios sujos.

Pego a outra cadeira e deslizo-a para a mesa e me sento.

—Você quer cortar?

Ela olha para cima. —Eu não sei.

—Talvez depois de lavar e condicioná-lo, você possa decidir.

Seus olhos vão para a camisola. Erguendo a mão hesitantemente, ela toca o material macio, um olhar de admiração toma conta de seu rosto como se nunca tivesse sentido algo tão suave antes.

—Você gostaria de colocá-lo? — Pergunto a ela, mantendo minha voz baixa.

Seus olhos disparam para os meus, e ela afasta a mão como se tocá-lo fosse algo que ela não deveria fazer. Ela olha de mim para a camisola e depois para mim várias vezes. Cada vez que seus olhos pousam no material verde, um olhar de desejo brilha neles. Ela tenta esconder o desejo, mas o vejo escondido em seu rosto.

Depois de um momento, ela dá um pequeno aceno de cabeça. O que faz a raiva mostrar sua cabeça feia é a maneira cansada que ela olha para mim quando me dá sua resposta silenciosa. Ela obviamente está preocupada com a minha reação a ela querer tanto algo.

Puxo o vestido do cabide, tiro as etiquetas e entrego a ela. Choque faz minha boca se abrir como um idiota, enquanto ela se levanta da cadeira, estende as costas e desata a camisola do hospital e passa a puxar as mangas pelos ombros, tirando a roupa aqui na minha frente como se não fosse grande coisa.

—Espere. — digo em voz alta, em seguida, xingo baixinho quando ela pula. Eu limpo minha garganta e abaixo minha voz. — Eu quis dizer, vá ao banheiro e coloque-o.

Ela franze a testa, sem entender por que eu parei com ela se despindo na minha frente. O que diabos aconteceu com essa garota para ela pensar que algo assim está bom? Meu estômago sofre um espasmo, e tenho que forçar o rosnado a se formar na parte de trás da garganta.

Levanto-me da cadeira, seguro todos os produtos de higiene pessoal e os levo ao banheiro. Colocando-os em uma das prateleiras

do chuveiro, sinto seus olhos em mim o tempo todo. Volto e, com certeza, ela está me olhando com uma expressão desapegada.

—Por que você não toma banho, assim você fica confortável e limpa quando colocar o vestido novo? — recomendo.

—Eu não sei como o chuveiro funciona. — diz ela em um tom tedioso.

Sua resposta me surpreende. Não é como se os chuveiros do hospital fossem difíceis de entender. É um sistema simples; um que qualquer pessoa que tenha tomado banho antes possa descobrir com facilidade.

—Pegue seu vestido, e vou te mostrar.

Ela pega da mesa e me segue até o banheiro pequeno. Percebo que ela fica tão longe de mim quanto as paredes permitem. De costas para ela, mostro como girar os mostradores.

Quando dou a volta, imediatamente me viro novamente e encaro o chuveiro. Ela está ali completamente nua, a roupa do hospital empilhado a seus pés. Minhas mãos fecham ao meu lado, porque está claro onde quer que ela estivesse e o que quer que tenha acontecido com ela, ela foi ensinada que mostrar seu corpo é uma ocorrência normal.

Dou um passo para o lado, certificando-me de manter minha cabeça virada para ela e caminho de lado para a porta. —Eu estarei esperando aqui quando você terminar.

Não lhe dou a chance de responder antes de fechar a porta atrás de mim. Embora tenha sido apenas uma rápida olhada, meus olhos viram algo que ferve meu sangue e meus punhos estavam prontos para causar danos permanentes a uma ou mais pessoas

desconhecidas. Vi as cicatrizes estragando seus braços, pernas e a parte superior do peito, mas não é aí que elas param. Cada maldito centímetro de seu corpo está coberto por elas, algumas parecendo mais velhas que outras. Eu nunca vi um corpo coberto de tantas cicatrizes.

Exceto um. Afasto meus pensamentos sobre Aislin. Minha raiva já está subindo para os níveis de lava; certamente não preciso de uma dose extra.

Balanço a cabeça, limpando os pensamentos das múltiplas cicatrizes que cobrem o peito e o estômago da mulher. Saio da sala para tomar um ar. Paro no posto de enfermagem e peço sua ajuda com o IV e o banho, antes de ir para a cafeteria para tomar um café. Tenho certeza que ela ficará no chuveiro por um tempo, então devo voltar antes que ela saia. Peço meu café e, no último minuto, decido pedir um para a mulher também. Pego também um pãozinho, uma única porção de manteiga e creme de queijo e uma laranja. Ela é tão frágil que precisa ganhar um pouco de peso.

Quando volto para o quarto, vinte minutos se passaram. Esperava que a mulher tivesse terminado, fico surpreso ao ouvir o chuveiro ainda ligado quando entro no quarto. Coloco os itens em cima da mesa e pego meu telefone. Duas chamadas perdidas e uma mensagem de texto. Todas de Tavers. Eu juro que a porra do homem é pior do que um pai às vezes.

Eu pulo as chamadas perdidas e visualizo sua mensagem de texto.

10:16 Tavers: Na sua casa, onde você deveria estar. Onde você está?

Eu aciono uma resposta.

10:23 Eu: Não é o caralho do meu guardião. Estou fora. Fale depois.

Ponho o telefone no bolso, não querendo esperar sua resposta. O chuveiro desliga e, enquanto espero a mulher sair, tiro o resto das coisas das sacolas e a coloco sobre a mesa, jogando a sacola assim que termino.

A porta do banheiro se abre e o vapor escapa segundos antes da própria mulher. Eu paro de olhar, não querendo deixá-la desconfortável, mas o chuveiro fez um mundo de diferença. Ela é bonita, ainda mais agora que sua pele está livre de sujeira e encardidos. As cicatrizes podem cobrir boa parte de sua pele, mas não oculta sua beleza. O cabelo dela ainda está emaranhado, mas agora parece limpo. Espero que possa ser recuperado.

Ela fica na porta, parecendo insegura, então me levanto e gesticulo para a cadeira à minha frente.

—Comprei um café e um pãozinho na cafeteria. As comidas que eles dão aqui são uma merda, mas a comida da lanchonete é um pouco melhor.

Ela caminha devagar até a cadeira e cuidadosamente se senta. O vestido que ela está usando parece muito mais atraente do que o pedaço de merda que estava vestindo antes. Deslizo o café e pãozinho para ela.

—Você se sente melhor agora que tomou banho? — Pergunto.

Ela encolhe os ombros, olha para o pãozinho e depois o pega e dá uma pequena mordida. Ela toma seu tempo enquanto come, e a vejo fazê-lo, observando suas características. As partes dela não

cobertas de cicatrizes parecem suaves e de aparência nova. Seu olho ainda está inchado e várias feridas mais recentes estão cicatrizando. Até onde sei, não parecem estar infectadas. Se tivesse que adivinhar apenas pela aparência, a colocaria em seus vinte e poucos anos. Suas maneiras, no entanto, dão uma história diferente. Por um lado, ela age quase infantil com a maneira como parece tão insegura quanto a certas coisas, coisas que uma pessoa de vinte anos de idade saberia. Por outro lado, ela parece muito velha para a idade dela, como se tivesse mais experiência com a vida do que a maioria das pessoas aos cinquenta anos. Ela é muito desconcertante, e quanto mais estou perto dela, mais quero descobrir sua história.

Recosto na cadeira e cruzo os braços sobre o peito. — estava pensando... — Ela levanta os olhos da comida. —Desde que você não consegue se lembrar do seu nome, há algum que você gostaria de ser chamada? — Quando ela olha para mim inexpressivamente, elaboro. —Um nome. Você pode escolher o nome que quiser até descobrirmos seu nome verdadeiro.

Seus olhos se afastam de mim enquanto ela pensa sobre minha pergunta. Um minuto depois, ela os traz de volta para mim.

—Eu não sei nenhum nome — diz ela com uma careta.

Sento-me no banco, descansando os cotovelos na mesa e juntando as mãos.

—Tudo bem. — Leva apenas um minuto para inventar meu próprio nome. —Que tal Doe? — O nome é perfeito para ela. Embora ela tenha passado por algo terrível, e pelo que o médico

disse ontem, que inclui abuso sexual, ela ainda parece inocente, como um filhote de cervo.

Eu me preocupo que ela possa achar o nome depreciativo, para compará-la a um animal, mas seus olhos brilham com um leve interesse pela minha sugestão. —Sim. Eu gosto disso.

—Você tem certeza?

—Sim.

Eu sorrio. —Então é Doe.

Ela não sorri de volta, mas ainda posso dizer pelos olhos que ela gosta do nome. Na tentativa de atraí-la e ganhar sua confiança, pego a escova.

—Você gostaria que ajudasse a escovar seu cabelo? — Ela parece assustada com a minha pergunta, jogando o último pedaço de pão no guardanapo. Eu tento aliviar sua preocupação. —Eu imaginei que, como seu cabelo está tão comprido e emaranhado, será mais fácil se alguém ajudar.

Seus olhos se tornam assustadores, disparando para mim, para a porta e para baixo na escova antes de se voltar para mim novamente. Observo enquanto ela empurra para trás qualquer medo que ela tem e dá um aceno apertado.

—Só não me toque. — ela avisa.

—Levante o cabelo sobre a cadeira. Isso colocará a cadeira entre minhas mãos e suas costas. —Ela o faz e se senta rigidamente.

Levanto-me, agarro o desembaraçador e ando para o lado dela da mesa, certificando-me de me manter em sua linha de visão até que sou forçado a deixá-lo para dar um passo atrás dela. Seus

cabelos grossos caem para a parte do assento da cadeira, e me abaixo para agarrar as pontas.

—Eu vou borrifá-lo com desembaraçador. — a deixo saber.

Eu pulverizo seu cabelo várias vezes, certificando-me de ter o comprimento total. Separo delicadamente uma pequena parte e começo de baixo com a escova, lembrando que mamãe fazia a mesma coisa sempre que o cabelo da minha irmã se tornava incontrolável.

Seu cabelo está uma bagunça completa, e vai demorar muito tempo para desembaraçar tudo, mas a cada seção que passo, deixa-o macio.

Lembrando que estou aqui para encontrar respostas, pergunto, mantendo o tom indiferente: —Você se lembrou de algo de onde veio?

Sua forma rígida se torna ainda mais rígida e leva alguns segundos para responder. —Não. — ela diz sem rodeios.

Largo a parte do cabelo que acabei de desembaraçar e pego uma nova.

—Qual é a última coisa que você lembra?

Minhas mãos pausam em seus cabelos enquanto as mãos dela seguram o material de seu vestido em seu colo. Eu forço minhas mãos para continuar trabalhando.

—Andar pela rua e luzes azuis piscando. — ela responde, sua voz calma e hesitante. Ela está mentindo, mas não chamo a atenção dela, não querendo empurrá-la. Se eu fizer isso, ela se fechará.

—Você sabe por que estava descalça?

—Eu não tenho sapatos. — ela responde levemente, me dizendo que para ela não é grande coisa não ter sapatos.

—Você não lembra como chegou a esse bairro?

Não estou pronto para dizer a ela que estava no *meu* bairro, então guardo essa informação para mim.

—Não.

A escova fica presa em um emaranhado, e acidentalmente puxo seu cabelo. Seu gemido me fez parar meus movimentos. Estou abrindo minha boca para me desculpar quando ela pula da cadeira. A escova ainda está presa no emaranhado, então a soltei para não puxar ainda mais o cabelo dela. Surpresa por sua intensa reação a um leve puxão em seus cabelos, assisto enquanto ela se vira e se afasta vários metros. Seu peito se agita quando ela me olha com medo e raiva. A escova oscila em seu cabelo e, embora eu tenha escovado alguns emaranhados, parece selvagem agora que os fios secos caem sobre seus ombros, escondendo parcialmente o rosto.

Eu mantenho meu lugar e digo suavemente: —Sinto muito. Não tive a intenção de te machucar.

—Isso não me machucou. Eu senti dor, e não foi isso. Mas você ainda puxou meu cabelo.

Faço um gesto para o pincel. —A escova ficou emaranhada em seu cabelo, e não percebi.

Ela vê a escova contra o peito, pega-o e arranca-o do cabelo. Estremeço porque sei que não foi agradável. Ela não mostra nenhuma reação ao movimento severo.

—Eu quero que você vá embora, por favor.

Irritado comigo mesmo por estragar tudo e por não querer sair com ela com raiva de mim, aponto para os itens em cima da mesa.

—Posso mostrar o que mais trouxe para você primeiro?

Ela não responde imediatamente, apenas me olha com olhos acusadores. Finalmente, depois do que parecem horas, sua expressão perde parte do calor e ela dá um breve aceno de cabeça. Eu me mantenho o mais longe dela possível e caminho até a mesa. Eu pego o livro.

—Você leu *Call in the Wild*? — Eu pergunto, segurando para ela ver.

—Não.

—Eu sei o quão entorpecente pode ser em um hospital, então imaginei que você gostaria de ter algo para ler.

Coloquei o livro no chão e pego o doce.

—Eu-eu não tenho certeza se me lembro de ler muitas palavras. — ela diz a seguir, me impedindo.

Embora não surpreenda sua declaração por causa de todas as outras coisas que ela não tem ideia, ainda me irrita ouvi-las. Mesmo sem saber a extensão da experiência que ela sofreu, obviamente foi um lugar infernal.

Sentindo-me um idiota, mas não deixando que me pare, decido usar isso em meu proveito.

—Você gostaria que eu lesse para você?

Mais uma vez, ela fica quieta enquanto pensa na minha pergunta. O interesse ilumina seus olhos e ela morde o lábio inferior. Fico feliz em ver que sua rigidez se dissipou.

—Sim. — ela finalmente responde.

Solto um suspiro interior, feliz que ela esteja cedendo.

Ela se recosta na cadeira e me sento na minha. Empurro o doce e as batatas fritas para ela.

—Trouxe lanches para você também. Eu sei que eles realmente não dão as coisas boas aqui.

Ela olha, mas não pega nenhum. Em vez disso, ela agarra um punhado de cabelos e começa a passar a escova por ele. Com muito mais força do que eu.

Eu abro o livro e olho para baixo, sentindo seus olhos em mim quando começo a ler. A cada poucas páginas, olho para ela e a encontro me observando atentamente enquanto ela puxa a escova pelo cabelo. A força do movimento me faz estremecer internamente, e eu realmente gostaria de não ter estragado tudo para poder fazer isso por ela. Nesse ritmo, ela vai arrancar metade. Eu a deixei fazer isso sozinha, no entanto. Ela já passou o suficiente sem que fique mandando além de tudo o que ela tem que lidar. De repente, minha garganta seca e tenho que limpá-la para continuar lendo.

Quando chego ao final do capitulo dois, olho para ela novamente e a encontro dormindo profundamente. A escova pendurada nas pontas dos cabelos. A mão que ela estava escovando repousa sobre o peito enquanto a respiração dela a move para cima e para baixo. Meu intestino se torce com a tranquilidade da visão, e por tudo o que ela tem pela frente no longo caminho para a recuperação.

Coloco o recibo da minha viagem de compras no livro como marcador e o coloco na bandeja no final da cama dela. Quando ela acordar mais tarde, pode ver o que mais eu trouxe. Levanto e

encolho os ombros na minha jaqueta, mas meus pés estão cimentados no chão. Eu não quero ir. Não quero deixá-la aqui para acordar sozinha. Mas não posso ficar o dia todo. Tavers provavelmente está esperando em minha casa, e tenho que me preparar para voltar ao trabalho. Sem mencionar o fato de que realmente não tenho nenhum motivo para vir aqui.

Eu olho para ela, parando novamente na escova. Eu me pergunto... Com o maior cuidado possível, me inclino para frente sem tocar na cama. Equilíbrio precariamente nas pontas dos meus pés. Se eu cair, haverá um inferno a pagar. Com a mão direita, agarro a escova e a levanto lentamente do peito. Uma vez que ele não está mais tocando seu corpo, uso minha mão esquerda para relaxar alguns emaranhados. É um trabalho lento, que realmente não sei por que estou me incomodando, mas já comecei. Eu pareceria um idiota se parasse agora.

Demora alguns minutos, mas antes que ela acorde, a escova sai livre de seus cabelos. Tem mais do que alguns fios como prisioneiros, provavelmente mais por sua escovação menos gentil do que por mim, mas ainda me sinto mal. Largo a escova com os outros itens e, sem olhar para trás, saio pela porta.

CAPÍTULO 15

Lelu

O barulho de metal sobre metal acorda a garota com uma sacodida. Seus olhos se arregalam quando a porta de sua prisão pessoal se abre. Ela quer gritar, mas sabe que se fizer a tortura piora dez vezes. Em vez disso, permanece em silêncio, presa em seu próprio inferno pessoal.

O homem responsável por seu violento sofrimento entra na masmorra escura. Felicidade enche seu interior com o pensamento de levar a garota novamente. Ele a deixou sozinha para lidar com assuntos pessoais. Faz tanto tempo. Demasiado longo.

O sangue dela esfria com o olhar viscoso no rosto dele enquanto prende a trava que instalou por dentro. Ele sabe que não manteria a garota presa se ela o vencesse, mas isso a atrasaria. O mecanismo real está do lado de fora e somente ele tem a chave para abri-lo. Um arrepio percorre sua espinha ao pensar nisso. Se ele morresse, a menina morreria junto com ele. Ela não seria encontrada até que fosse tarde demais.

Seus olhos voam para o outro lado da sala em um pequeno barulho por lá, mas seu interesse é de curta duração. O verdadeiro prêmio é a garota na cama. Ela tenta ficar quieta, sabendo que não vai detê-lo. Sabendo que isso nunca aconteceu antes, mas ainda se apegando à esperança.

Quando ele se aproxima, a garota olha a fechadura da corrente perto do meio da porta. Não é a primeira vez que pensa em lutar,

mas não tem uma arma. Aqui embaixo, as únicas coisas que ela tem são suas próprias mãos e pernas.

Mas talvez ela não precise incapacitá-lo completamente. Retardá-lo por tempo suficiente para soltar a corrente seria suficiente. Então ela poderia correr. Ou até se esconder até que fosse seguro sair.

As inseguranças a atormentam. E se ela não for rápida o suficiente? E se ela estiver muito fraca? E se houver outra armadilha além da porta que a pegue? E se ele tiver amigos maus, apenas esperando que ela escape?

Os pensamentos atenuam seu desejo de fugir. O diabo está parado na frente dela. Ela não precisa procurar outro. O modo de sobrevivência a manteve viva por tanto tempo. Vai mantê-la viva agora também.

—Minha Lelu. — ele sussurra quando se aproxima, pegando o cabelo dela e agarrando-o. Puxando. Seus dedos enroscam nos longos fios, e ele os usa para puxar a cabeça dela para frente. Ela retém um gemido de dor.

Sua mão livre cai em sua calça de moletom suja enquanto puxa sua ereção. Ele balança na frente de seu rosto comprimido. A garota tenta colocar algum espaço entre ela e a parte grotesca do corpo dele, mas o homem a empurra para frente.

Ele agarra seu pênis, a excitação dando voltas em sua barriga com o pensamento de forçá-la a ele. Ele dificilmente pode conter o esperma em suas bolas quando se aproxima da boca dela. —Me chupe, Lelu. Faça perfeito.

A garota se engasga silenciosamente e aperta os lábios contra o avanço dele. Sua raiva aumenta um pouco com a óbvia desobediência dela. Ele tenta forçar seu pênis entre os lábios dela novamente, mas encontra resistência de seus lábios e dentes apertados.

—Abra! —ele ruge, abaixando-se no último segundo e enfiando o dedo na boca dela até o fim. Ele desliza ao longo de sua mandíbula presa até prender o dedo no espaço em que seus dentes do siso ainda estão por vir e se move para frente e para baixo. Sua mandíbula se abre com um *estalo* audível*!* Sem o desafio, ele força seu pênis latejante para dentro.

A menina começa a choramingar e se engasgar quando as lágrimas escorrem pelo seu rosto e pingam em seu peito nu. Ele se abaixa e toca seus mamilos frios, beliscando e puxando sem remorso. Seu estômago ronca ainda mais com nojo enquanto ele continua enfiando seu pênis vil na garganta. O reflexo de vômito entra em ação, algo que ela é impotente para controlar enquanto ele continua repetidamente. Seus dedos cavam as coxas enquanto tenta se segurar. Tenta segurar o vômito subindo pela garganta com cada empurrão na boca. Os sussurros, grunhidos e gemidos do homem a empurram ainda mais para um desgosto além de sua força de vontade.

O homem grita rudemente o nome dela—Lelu! — E derrama seu sêmen revoltante em sua boca, empurrando-a para além do ponto de controle.

Ela vomita com força. Por toda a parte, as pernas dele, o pênis ainda no fundo da boca dela. Derrama pelos cantos ao redor dele e

escorre sobre seu corpo nu e a cama. Ela se engasga, tosse e treme com o gosto pútrido enquanto lágrimas de agonia deslizam por suas bochechas.

—Sua puta! — Ele grita, enojado que sua libertação perfeita seja estragada pela falta de controle dela. Querendo lhe ensinar uma lição, o homem agarra seus tornozelos na tentativa de jogá-la de bruços. Se ele fode sua bunda, ela não pode vomitar em cima dele.

A garota fixa os olhos na imagem do espelho de si mesma no reflexo sujo à sua direita. Onde ela está calada e assustada, o outro grita de terror. A imagem daquela silenciosa máscara de horror estimula a garota a reagir.

Ela chuta os tornozelos, puxando-os de seu aperto fraco, mas isso não impede o homem de avançar. Ele começa a cobri-la com seu corpo. Arrastando-a por baixo dele como se ela não pesasse nada além de um travesseiro de penas. De alguma forma, o joelho dela se conecta à sua masculinidade vil, e ele começa a rolar com um grunhido alto antes de agarrá-la com um punho no cabelo. Como uma última tentativa de fazê-lo se soltar, a garota cospe um bocado de saliva e vômito em seu rosto.

O tempo para quando o homem solta o cabelo dela e traz a mão para limpar o líquido do olho. Ele dá uma olhada na bagunça na ponta dos dedos antes de dar um soco na menina com tanta força que ela cai no colchão. Inconsciente.

Quando ela acorda, ele se foi.

Os dias passam como um borrão, exatamente como nos dias anteriores e nos próximos, exceto que o homem não a visita. Ela

tenta entender a passagem do tempo, mas o quarto em que está presa está escuro. Ela não pode marcar as horas pelo sol. Em vez disso, conta o tempo em que dorme - cada sono conta como um dia.

A comida fica escassa quando o homem para de trazer qualquer coisa para ela comer. Seu corpo ainda cheira ao vômito podre que ela não tinha permissão para limpar de sua pele. Ela fez o possível para limpar o lodo com um pano sujo, mas não fez nada para o fedor.

Conforme o tempo passa e a fome se transforma em desespero, a menina começa a implorar. Ela se senta ao lado da porta trancada da prisão e chora para que o homem a ajude. Ela chuta e bate na porta com raiva até que, finalmente, um dia ela cede. Ela cede ao que sabe que ele quer e começa a oferecer seu corpo em troca de algo para comer.

O homem fica do lado de fora da porta, ouvindo seus pedidos e acariciando seu pau duro ao som de sua voz desesperada. A dor dela alimenta a depravação dele. Quanto mais ela implora, mais tempo ele fica parado do lado de fora da porta se masturbando, em vez de observá-la por trás da tela do computador. O som de sua voz suplicante é muito mais excitante do que sua imagem distorcida na tela, e ele a ouve até começar a derramar seu sêmen no jarro de plástico na mão.

Os lábios dela estão ressecados. Ela fará qualquer coisa por uma bebida simples. A menina está deitada frouxa no colchão, a cabeça pendendo da beirada com os olhos fixos na porta. Ela implora pela morte. O homem não a visita há tanto tempo que ela parou de tentar contar os dias. Seu corpo está se esvaindo em nada

além de um esqueleto coberto de pele. Seu batimento cardíaco diminui. Seus olhos estão pesados com o sono de uma maneira que ela sabe que se os fechar, pode nunca acordar.

A fechadura faz barulho. Metal arranha metal e suas orelhas se animam, mas ela está exausta demais para se mover. Ele entra, carregando com ele dois pratos grandes para cães. A água escorre pela borda de um e espirra no chão. Só de vê-lo, a garota tenta se levantar da cama e engatinhar.

—Lelu. Você tem sido uma garota má, não é?

—S-sim. — ela gagueja fracamente, ainda tentando se levantar.

—Shh. — O homem a alcança e acaricia seus cabelos sujos e moles. —Aceite seu castigo, minha Lelu, e você será perdoada.

—Sim — ela resmunga quase inaudivelmente.

O homem sorri, mostrando dentes amarelados, e uma onda de excitação percorre-o. —Trouxe algo para você comer. Termine e você será uma boa menina novamente.

Ao pensar em comida, a garota se anima e fica de joelhos e mãos. —Sim. — ela quase implora.

—Boa menina.

Ele coloca no chão a outra tigela que não contém água e a observa. Ela avança ansiosamente, olhando para o prato, antes de se afastar abruptamente. —Não — ela chora.

—Sim! — Ele sussurra severamente. —Você vai comer tudo, ou eu vou deixar você morrer.

Ele olha para o prato cheio de saliva e o que ela só consegue adivinhar é o sêmen dele. Ele está guardando para ela pelo tempo

que se foi, e o homem fica emocionado em oferecer-lhe seu presente. —Você será preenchida por mim e gostará.

—Por favor. — ela implora. —Por favor, me dê comida.

Cansado do argumento, ele enrosca os dedos nos cabelos dela e força o rosto dela na pilha de baba. A garota se engasga e tosse quando a bagunça é forçada a entrar no nariz e na boca de uma maneira que não tem escolha a não ser consumir os líquidos dele. Quando ele a afasta, ela respira fundo e tosse com a maldade em sua boca. Seu pênis endurece quando ele olha para sua bagunça cobrindo o rosto dela, e ele a empurra de volta.

—Coma tudo, Lelu, e você será recompensada.

CAPÍTULO 16

Niko

Eu acordo com um salto. Olhando para a bagunça de papéis da minha mesa, sinto minha cabeça girar em confusão. Que merda aconteceu? Eu pisco para afastar o sono enquanto o som que deve ter me acordado soa novamente. Pego meu telefone comercial do receptor na beira da minha mesa.

—Detetive James. — murmuro grogue e esfrego a mão na minha testa suada.

—Meu escritório. Agora! — Tavers late, e a linha cai. Merda. Tenho um pressentimento que sei do que se trata. Eu não sou covarde, e Tavers não me assusta, então pego minha jaqueta, conecto meu telefone de mesa para o meu celular e fecho a porta do escritório atrás de mim. O corredor que separa nossos escritórios é curto, e encontro a porta aberta. Eu caminho para dentro.

—Você ligou?

—Feche a porta, sim?

Eu levanto uma sobrancelha, mas guardo os comentários para mim. Não posso dizer que invejo uma conversa particular. É uma coisa rara aqui - mais fácil para nós dois porque temos escritórios particulares - e aprendi a não dar como certo.

A porta se fecha. Eu me inclino contra ela e cruzo os braços sobre o peito. —Podemos ser rápidos? Eu tenho um lugar que preciso estar.

—Se você está voltando para o maldito hospital, é melhor pensar novamente.

Eu tento manter meu rosto neutro, mas por dentro, estou xingando. Nada parece mais hipócrita do que mentir para aqueles em quem confio. Até mesmo uma mentira por omissão aqui instantaneamente traz a culpa. Fingir que não sei do que ele está falando me faz sentir ainda pior.

—Tavers... — Eu começo, mas sou interrompido por ele levantando a palma da mão para mim.

—Poupe suas desculpas. Você sabe o que o capitão faria com sua bunda se descobrisse? Você tem sorte que fui eu, para que possa chutar sua bunda. O que você estava pensando?

Ignoro a pergunta dele e pergunto uma. —Como você descobriu?

—Você nem vai tentar explicar? Não estava autorizado a estar lá. Você quebrou ordens. Jane Doe nem é seu caso. Você pode ser demitido em um segundo. Porra, você pode causar minha demissão. Quando lhe entreguei o arquivo dela, não achei que fosse estúpido o suficiente para ir para o hospital.

Aperto minha mandíbula e olho para a parede à minha esquerda.

—Ela estava na minha casa. Eu pensei que poderia conseguir algumas respostas que ajudariam a nós dois.

—Então você voltou de novo?

Merda. —Você está me vigiando?

Ele se recosta na cadeira rangente. —Sr. Stewart veio me ver ontem, exigindo que testássemos o DNA de Jane Doe com o de sua

sobrinha Rebecca depois que você recusou. Quando eu pedi mais informações, ele disse que viu você no hospital. Dificilmente estou mantendo o controle. Eu só quero saber o porquê. Por que você está arriscando sua carreira por uma simples curiosidade? Eu poderia ter perguntado a ela por você e salvado nossos couros.

Finalmente levanto meus olhos para os dele e o encontro me olhando com algumas emoções agressivas, mas principalmente preocupado.

—Eu fui lá no primeiro dia para fazer algumas perguntas, e ela estava uma bagunça. Não sei exatamente por que voltei. Eu acho que porque ela está sozinha. Ela não tem ninguém. Pensei que, se pudesse ser alguém em quem pudesse confiar, teria respostas reais.

—Deixe isso comigo. Há outro trabalho para você fazer. O trabalho que você recebeu.

—Sim, e vou conseguir.

Tavers me nivela com um olhar. —Você vai voltar. — ele afirma categoricamente. Ele me conhece bem.

—Eu vou. Em duas visitas, fiz alguns progressos com ela. Mais algumas e sinto que posso conseguir algumas respostas.

Ele fica quieto por um momento. —Você tem cerca de uma hora. É tudo que posso te cobrir.

—Eu não preciso que você me cubra. — mordo laconicamente.

Ele levanta a mão e me interrompe. —Precisa, se o capitão descobrir o que está fazendo. Ele ordenou especificamente que você saísse deste caso, e não posso culpá-lo por fazer isso.

—Por que diabos não?

—Você tem sido imprevisível ultimamente. Imprudente. Não é como o parceiro cuidadoso que tive ao longo dos anos.

Aperto meus dentes com força. —Você pode me culpar? — murmuro, nem um pouco envergonhado por mostrar alguma vulnerabilidade. Tavers sabe. Se alguém na minha vida entende, é ele. Ele esteve ao meu redor durante o suficiente desta investigação sobre Aislin para não ser um idiota sobre a minha dor.

—Não. Eu não posso te culpar. Mas com certeza não posso simplesmente me sentar até você ser demitido também.

Um silêncio passa entre nós. —Você acha que eles estão conectados?

Meu peito aperta. —Poderia ser. — é tudo o que consigo dizer.

—Niko... tivemos muitos alarmes falsos ultimamente.

—Você não a viu. — eu rosno entre os dentes. —Esses cortes? Essas cicatrizes? Elas não são exatamente novas. Ela esteve em algum lugar. Não sei onde, nem sei quem fez isso com ela. O que sei é que ela não é Rebecca do caso Stewart. Sei também que não há muitos relatórios de pessoas desaparecidas que correspondam à descrição dela. Quem é ela? De onde ela veio? É como se ela aparecesse do nada.

Tavers assente. —Estamos emitindo um comunicado para a imprensa esta tarde. Pedindo ao público que se apresente se alguém a reconhecer.

—Você está liberando a imagem dela para o público? — Estendo a mão e seguro a maçaneta atrás de mim em um aperto que deixa os nós dos dedos brancos. O engraçado é que não sei se é para manter o equilíbrio ou porque estou prestes a sair daqui.

—Não temos muita escolha. — ele responde calmamente.

—Besteira!— Eu quase explodi. —Nós não temos ideia de onde ela veio, mas estamos no meio do nada. Nós não somos a polícia de Nova York. Você libera a foto dela e nossa localização, e pode levar o agressor direto para ela. Passo a mão pela cabeça. Tavers não fala, me dando um minuto para recuperar o fôlego. Ao fazer isso, limpo minha cabeça. —É isso que você está esperando.

—É um resultado, sim. Outro seria que um parente se apresente. Alguém que a conhece.

—As chances disso. — Faço uma pausa quando ele me interrompe.

—São boas. — ele responde calmamente. —As chances de alguém - um amigo, um parente, um antigo professor ou colega de trabalho — reconhecê-la são relativamente altas. Você mesmo disse; este é o meio do nada.

Solto um suspiro, sabendo, mas não gostando, de que ele tem razão.

Esfrego uma mão no meu cabelo. —Nós terminamos com isso? Acho que não preciso dizer, mas vou dizer assim mesmo. Eu realmente gostaria de ir ao hospital e ver como ela está hoje. Ver se consigo algumas informações.

—Vá. — Tavers assente. —Uma hora. O capitão tem sido imprevisível ultimamente, e só tenho poucas táticas para enrolá-lo.

Eu bufo. —E quais seriam essas?

Ele se recosta na cadeira. —Eu menti. Não tenho nenhuma. A menos que você conte laxante no café dele, mas cara, acabamos de ter um bebê. A última coisa que preciso é ficar encrencado.

Estou no meio da porta quando levanto minha mão em um meio aceno. —Você vai ficar bem. Obrigado.

Se ele respondeu, não ouço, pois estou quase na saída. Levantando meu queixo para nossa recepcionista, Grace, eu corro para o sol. Não passa despercebido para mim que o clima contrasta tanto com o dia em que conheci Doe. Isso também parece diferente em meus instintos. Não tão... ameaçador, mas ainda confuso como o inferno. Embora, acho que parte de mim esteja ansioso para vê-la novamente. Não sei o que isso diz, mas pela primeira vez desde que me lembro, não é necessariamente um sentimento ruim.

Eu chego ao hospital, passo os procedimentos necessários e subo. Desta vez, quando entro em seu quarto estéril, encontro-a sentada de pernas cruzadas em sua cama. Como ela é conhecida por fazer, sua camisola recolhida quase até o topo das coxas, mas ela não parece notar.

—Bom dia, Doe. — chamo suavemente, acompanhado por uma batida suave no batente da porta. Sua cabeça se levanta, e minhas entranhas azedam com o olhar selvagem em seus olhos. Eu mantenho meu olhar firme, esperando até que os dela se prendam aos meus e uma familiaridade passe por seu rosto.

—Bom dia, detetive. — ela responde com uma voz suave que contrasta com sua expressão.

—Como você está se sentindo? — Dois passos para o quarto. Mais quatro até a cadeira em que quero me sentar. Um movimento que deve levar quinze segundos para ser concluído leva

um ou dois minutos, enquanto eu dou tempo para ela se ajustar à minha presença.

Ela encolhe os ombros. —Estou bem.

Olho os inúmeros cortes, arranhões e machucados que cobrem sua pele exposta. “Bem” não é a palavra mais precisa para descrever sua condição. Não sei se ela usou porque está tentando esconder a verdade ou porque está tão acostumada a operar nesse nível de mágoa que não a incomoda mais. Mas de jeito nenhum ela está simplesmente 'bem'.

—'Bem' uma nova maneira de dizer que está sofrendo como o inferno, mas é durona demais para admitir? — Pergunto antes de me lembrar de censurar minha pergunta. Merda. Devagar, Niko.

Seu corpo endurece e ela se senta bruscamente. —Não, não, eu sou mesmo...

—Juro por Deus, Doe, se você diz que está bem mais uma vez... — A ameaça sai da minha boca.

Com o medo em seu rosto, continuo falando. —Apenas... seja honesta comigo. Eu sei que não pode se sentir bem. Quanto mais você me disser, mais fácil será para te ajudar. Os médicos também.

Ela olha para as coxas, para uma contusão em particular que se estende por toda a largura da coxa.

—Não é nada comparado ao que senti antes. — Ela encolhe os ombros novamente. Estou bem porque estou aqui. Esses cortes não são nada.

Fico em alerta máximo, meu peito contraindo com cada palavra da sua boca. —Você se lembra de algo que gostaria de compartilhar comigo? — Eu pergunto com cuidado, não querendo

assustá-la a se desligar novamente, mas desesperado por ela continuar falando sobre o que sabe. Mesmo este pouco de informação ajuda. Saber que ela se machucou mais no passado nos diz que isso não é uma ocorrência aleatória. Esta mulher foi abusada. Repetidamente. Talvez por meses ou anos.

Como Aislin.

—Na verdade não. Eu sei que já me machuquei antes. Eu sei que me machuquei muito pior. Não é que me lembre tanto quanto me sinto.

Ela faz uma pausa, com um olhar distante no rosto, então seguro minha língua e espero.

Minha paciência compensa.

—Você já teve uma memória dolorosa, detetive?

Eu penso por um momento. Lembro-me de uma vez quebrar o nariz na faculdade. Estávamos em uma festa, e uma garota bêbada achou que seria divertido esgueirar-se atrás de mim e me fazer cócegas, sem saber o quão coceguento eu era. Ela não tirou as mãos pequenas das minhas axilas, e cheguei ao ponto que mal podia respirar. A fim de afastá-la, me inclinei para a frente para segurá-la por cima do ombro, mas, ao fazê-lo, plantei a ponta do nariz na parte de trás de uma cadeira de jantar. O estalo foi tão alto que pode ser ouvido apesar da música. Lembro-me da dor da fratura, mas mais ainda do fato de ter sido reposicionado por um garoto de fraternidade que estava nos primeiros anos da faculdade de medicina. O problema era que estávamos todos bêbados, por isso, mesmo que ele tivesse um conhecimento básico dessa técnica

médica, saiu pela culatra com a garrafa de tequila que havíamos consumido.

—Acho que sim. — respondi depois que terminei de reviver aquela memória particular da faculdade.

—Bem, é isso. Como aqui. —Ela apontou para o meio do braço esquerdo. —Posso dizer que já foi quebrado antes. Não me lembro como ou quando, mas consigo lembrar claramente a dor de ter meu braço praticamente partido em dois. E aqui. —Ela se move para puxar sua camisola e revelar seu abdômen inferior. Eu desconfortavelmente fixo meu olhar em seu estômago e evito olhar para a calcinha de algodão simples que ela também expôs.

Seu estômago está tão rasgado quanto o resto de sua pele. Várias linhas cruzam seu abdômen. Algumas rosadas, algumas brancas, algumas elevadas e outras comprimidas em sua pele delicada. Existe alguma área intocada?

—Aqui eu tinha alguma coisa. A sensação de meu interior ser cortado de mim é tão fácil de lembrar. O motivo, nem tanto.

Eu engulo o gosto amargo no fundo da minha garganta. —Em algum outro lugar? — Eu pergunto rispidamente.

Outro encolher de ombros indiferente. —Quase em todos os lugares.

—Você se lembra de ir ao hospital ou de ser tratada em algum lugar por esses ferimentos? — Pego meu caderno do bolso do peito e viro para uma página em branco.

Ela puxa o vestido de volta. —Não. Não me lembro.

Merda. Ainda assim, tomo nota dos dois ferimentos que mencionou. Se ela teve o braço quebrado, então certamente foi a

um hospital em algum lugar. Quando voltar, vou procurar nos registros médicos.

—Eu gostaria de sair daqui. — ela menciona calmamente, me tirando dos meus pensamentos.

—Você quer dar um passeio?

—Não. Eu quero sair. Você sabe quando eu posso sair?

Eu olho para a bolsa intravenosa pendurada no poste ao lado de sua cama. —Eu acho que você precisa esperar até que terminem de tratá-la. Você estava muito desidratada quando entrou. Eles estão fazendo o possível para colocar alguns fluidos em seu sistema.

—Posso sair quando terminar?

Algo soa na voz dela, mas não consigo identificar o que é. Ela parece quase despreocupada com seu estado atual e a maneira como foi encontrada quando foi trazida.

Eu suavizo minha voz e me inclino para a frente na cadeira, descansando os cotovelos na parte superior dos joelhos. —Posso te fazer uma pergunta?

Seus dedos apertam o lençol torcido em torno de seus pés, os nós se tornando brancos. —Ok?

—Aonde você vai depois disso? — O que quero perguntar a ela é por que ela estava esgueirando-se pela minha casa naquela noite, mas sinto que ainda não estamos nesse ponto. Então, serei paciente, mesmo que não queira.

Doe lambe os lábios, lançando o olhar da porta para a janela como se a resposta estivesse à espera e ela só tivesse que pôr os olhos nela. —Eu-eu vou para casa.

Apoio o queixo na mão direita, passando o dedo indicador sobre os lábios enquanto a estudo. —Onde é sua casa, Doe?

—Por que isso importa? — Ela responde friamente, passando o olhar pelos meus e saindo pela janela. Mas, por um segundo, percebi o medo inconfundível de uma mulher que não tem para onde ir.

—De onde você veio não parece um lugar muito agradável, e gostaria de ajudá-la a não voltar para lá.

Ela envolve os dedos nos cotovelos e olha para mim. —Eu tenho uma casa. Eu sei que ficarei bem.

—Doe. — O toque repentino do meu celular interrompe minha discussão. —Desculpe, um segundo. — Ela volta a olhar, desta vez para a parede entre a porta e o armário, enquanto tiro meu telefone do bolso da calça jeans.

Tavers pisca na tela. O tempo mostra que eu só estive aqui por cerca de quarenta minutos. Meu estômago aperta quando respondo.

—Alô?

—Eu tenho algo aqui. Preciso que você volte para a delegacia.

—Quando você diz que tem algo, quer dizer exatamente o quê? — Olho do chão para Doe e a pego me observando com seus grandes olhos cautelosos.

—Uma possível brecha no caso de Aislin.

—Tavers... você mesmo disse, tivemos muitos alarmes falsos recentemente.

Ele limpa a garganta e o som de uma porta se fecha um minuto depois. —Espero que você esteja sentado agora. — Ele faz uma pausa. —Tivemos uma testemunha apresentada.

—Besteira. Não houve nenhuma em quinze anos. —Meu temperamento queima quando os cenários passam pelo meu cérebro.

—O cara era apenas uma criança naquela época. Cerca de oito anos, apenas. Ainda não aceitei a declaração dele porque queria esperar que você estivesse aqui, mas Niko, esta merda é verdadeira. Eu não percebi a vibe de que ele está nos enganando. Não há dinheiro na mesa e nenhuma outra razão para ele se apresentar além de sua própria consciência.

—Por que agora? — Minha voz soa crua para meus próprios ouvidos.

—Eu não sei. Assim que você saiu, enviamos o comunicado à imprensa com antecedência. Pensei que manteria o capitão ocupado até você voltar. Acho que talvez tenha desencadeado algo para a testemunha. Ele mencionou ter visto antes de entrar.

—Estou a caminho. Espere por mim. —Se eu pude ouvir o desespero na minha voz, sem dúvida ele também poderia.

—Entendi.

Eu desligo sem me despedir. Porra. Há algo incrivelmente doloroso em tentar manter a esperança quando tudo o que ela quer fazer é levantar-se e ser libertada. Quando levanto os olhos ao terminar a ligação, Doe ainda está me observando.

—Chamadas de trabalho. Eu tenho que ir.

—Ok.

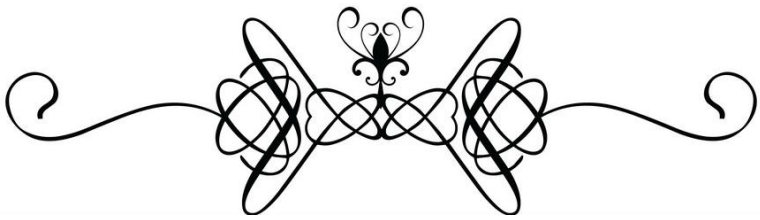
Levanto-me e vou para a porta, totalmente preocupado com o telefonema de Tavers, mas sua voz me para.

—Você vai voltar?

Eu esqueço como mover meus pés. Meu torso gira para que possa encará-la e, sem hesitar, murmuro: —Absolutamente.

—Ok, Niko. Tchau.

Eu corro pelo corredor, até o elevador, saio pelas portas e para minha caminhonete, e estou a meio caminho da delegacia quando algo me atinge — ela se lembrou do meu nome. Não detetive, mas meu primeiro nome. E o segundo pensamento que tenho é que eu não conseguia me lembrar de contar a ela, exceto durante o primeiro momento que visitei.



A porta da delegacia se abre quando o policial Keely sai, e eu a agarro antes que ela se feche para arrastar minha bunda para dentro. Minha trajetória é voltada para o escritório de Tavers. Dou uma batida curta e abro antes de esperar um convite. Uma vez lá dentro, me viro para fechar a porta suavemente atrás de mim e me encosto contra ela. Então eu o observo.

O cara que guardou informações.

Garoto ou não, sou instantaneamente cauteloso com a história dele. Eu preciso ouvir por mim mesmo, avaliá-lo. Ele é sincero? Posso confiar na história que ele está me contando ou isso é uma brincadeira em um momento de fama? Mais frequentemente do que jamais pensei, essa merda acontece. As pessoas que querem

um pouco de notoriedade inventam histórias para ver seu rosto no noticiário noturno. Me deixa doente. E se é isso com esse cara, eu vou ficar chateado para cacete.

—Sr. Dune, desculpe interromper, mas este é o detetive Niko James. Ele é o líder neste caso. Tavers olha para o bloco de notas em cima da mesa. Ele e o Sr. Dune estão sentados à pequena mesa circular à esquerda da porta. A configuração é mais pessoal do que ficar sentados em lados opostos da mesa.

—Você poderia começar de novo?

Eu mantenho meus pés plantados, sem ter certeza de que poderia movê-los para salvar minha vida neste momento, e olho para o homem. Eu vejo o perfil dele - o cabelo castanho curto e o queixo barbeado. Normal. Mediano. Nada nele grita: —Eu preciso de atenção.

—Certo. — Sr. Dune se mexe desconfortavelmente e limpa a garganta. —Eu, hum, bem, como disse, no ano em que a garota Mathers desapareceu, eu tinha cerca de oito ou nove anos. Estava na terceira série do ensino fundamental. Minha mãe trabalhava em dois empregos, de manhã e à noite, por mais de doze horas por dia. Eu era filho único e cuidava de mim, sabia? Fazia meu café da manhã, me vestia e pegava o ônibus para a escola todas as manhãs.

Ele para, desenrosca a tampa da garrafa de água apenas com a mão esquerda e toma um longo gole. —Mas naquela manhã... — Ele continua. —Não sei o que aconteceu naquela manhã. Eu estava doente, e minha mãe teve que tirar a manhã de folga do trabalho para me trazer. Isso a perturbou muito. Claro, entendo agora, mas

não entendi na época. Enfim. —Ele toma outro gole de água e olho para Tavers. Meus olhos ardem com o desespero que revelo. A necessidade de dizer a ele para ir direto ao assunto.

Tavers olha novamente para o Sr. Dune. —Então o que aconteceu?

—Desculpe, saí do tema. Então ela teve que me levar para casa, e é por isso que não estava na escola naquela manhã. E... caramba, se eu tivesse percebido naquela época o que estava vendo. —Sua mandíbula se aperta e ele olha pela janela atrás da mesa. —Vi aquela garotinha ser sequestrada. Aconteceu diante dos meus olhos e eu não disse nada para ninguém.

—O que você viu exatamente? — Um rosnado baixo escapa da minha garganta, incapaz de me segurar por muito mais tempo. Meus dedos se fecham e luto contra o desejo de bater em algo. Algo que possa acertar repetidamente sem medo de reduzi-lo a pó.

Outra garganta limpa. Outra mudança. —Eu vi tudo. Um Honda Civic branco estacionou na beira da estrada 45. Era um homem. Não era muito velho, talvez entre vinte ou trinta e trinta e poucos. Constituição média e ligeiramente fora de forma. Ele tinha um pouco de barriga, apesar de não ser gordo. Cabelos loiros e face quadrada com cantos mais arredondadas. Ele usava um jeans simples e uma camiseta preta. E enquanto passávamos, ele levantou uma pequena menina morena e a colocou no porta-malas. Não parecia que ela tinha resistido muito.

Meu estômago se revolta, e eu escondo o som de engasgo com uma tosse falsa.

—Sua mãe viu? Alguém mais ao seu redor notou?

A expressão do Sr. Dune é difícil de ler, pois só consigo ver seu perfil, embora não passa despercebido por mim a mão dele esfregando a testa. Ele balança a cabeça. —Não. Minha mãe nunca disse uma palavra e nunca perguntei. Quando eu me virei no banco para assistir atrás de mim, o homem estava no banco do motorista. Fez uma inversão de marcha e desapareceu sobre a colina. Foi muito rápido.

Foi rápido demais. Porra. O sequestro foi rápido, mas e os próximos quinze anos? Parece que foi um inferno prolongado para ela. Eu aperto meus dentes e coloco meu peso nos calcanhares. Tavers escreve algumas notas no papel à sua frente antes de voltar sua atenção para o Sr. Dune. O som de sua caneta batendo na mesa soa com finalidade em minha mente.

—Nós apreciamos você vir aqui. Se você se lembrar de mais alguma coisa...

—Eu não vou. Sinto muito, detetives, mas guardo essa memória há muito tempo e são todos os detalhes que tenho.

—Bem, obrigado por vir. Entraremos em contato se precisarmos de mais alguma coisa. — Tavers e Sr. Dune se levantam, trocando um aperto de mão rápido. O Sr. Dune se vira para mim em seguida e estende a mão. Eu a agarro com firmeza, mas brevemente, antes de deixá-lo ir. É preciso uma quantidade enorme de restrição para não afastar a mão para longe de mim.

—Sim, obrigado. — ofereço. Não estou tentando ser um idiota, mas isso é muito familiar para mim. Tantos anos perdidos quando tudo o que ele precisava fazer era apresentar as informações.

Tavers o leva embora enquanto espero, andando pelo pequeno espaço do escritório. Olho para as paredes amareladas, sem nada, exceto por uma fotografia de uma montanha no Alasca. Um alce ergue-se em um campo com o fundo cinza azulado da montanha atrás dele. Eu nunca perguntei a ele a história completa da imagem, mas acredito que isso o lembra de uma viagem que ele fez com o pai quando era mais jovem. Seu pai faleceu no mesmo ano em que se tornou detetive. Isso foi agridoce.

Eu me inclino contra sua velha mesa de madeira, as palmas das minhas mãos me apoiando na borda e deixo minha cabeça cair para frente. Estou com muita raiva. E cansado. Cansado de ficar com raiva do caralho. Aperto a madeira com mais força quando a porta se abre.

—Vou fazer algumas ligações. — anuncia Tavers. —Começarei a analisar registros do departamento de trânsito para todo o estado de Ohio e o lado oeste da Pensilvânia. Prepare-se. Isso vai levar um tempo.

—Sim. — eu murmuro.

Tavers tenta alcançar o telefone. —O que posso fazer por você?

Afasto-me da mesa e balanço a cabeça. —Porra nenhuma. — Caminho em direção a porta.

—Onde você está indo?

—Eu estou indo para casa. Tirar algumas horas para limpar minha cabeça. Então eu vou procurar por registros médicos.

—Registros médicos para quê?

—Para Doe... quero dizer, a garota do hospital. Ela pode ter sofrido alguns ferimentos no passado que exigiam cuidados médicos.

—Bom trabalho. — diz ele, em seguida pega o telefone. —Leve o tempo que precisar em casa. Eu vou começar aqui.

Eu aceno uma vez. —Sim. Obrigado.

Tavers segura o telefone no ouvido quando ele me chama. — Nós vamos pegá-lo, Niko. Nós vamos pregar esse maldito bastardo.

Deus, espero que sim. Não sei como vou seguir em frente, se não o fizermos. Chegará um tempo, um tempo que eu sinto que será mais cedo ou mais tarde, que vou ter que aceitar isso e seguir em frente. O caso vai ficar frio e enterrado em uma pilha de mistérios não resolvidos. O rosto dela eternamente lembrado em um folheto velho e amarelado. Vai ser algo que tenho que aceitar. Algo que não estou pronto para aceitar, mas está chegando. Eu posso sentir isso nos meus ossos.

CAPITULO 17

Niko

—Tudo bem! — Respondo por telefone. —Apenas me ligue quando tiver alguma coisa.

Bato o telefone na minha mesa com tanta força que provavelmente quebrou a tela. Pouco me importo sobre isso agora, no entanto. Faz duas semanas desde que a dica chegou sobre a marca e modelo do carro. Duas malditas semanas e uma combinação ainda não foi encontrada. Malditas cidades pequenas e sua tecnologia lenta. A única coisa que me mantém são é saber que eles ainda têm um quarto dos Honda Civics brancos registrados durante esse período. Eles estão olhando para um raio de cem milhas de Westbridge apenas para estar seguros. Isso faz com que uma tonelada de registros passe, porque esse carro em particular é um dos mais comuns. Nenhuma pessoa que possua essa marca e modelo durante aquela época está remotamente relacionada ao caso.

Minha cadeira joga para trás e bate no chão quando me levanto. Pego minha xícara de café meio vazia e a arremesso pela sala. Estilhaça contra a parede, os cacos de porcelana e os restos de café voam por toda parte.

—Porra! — Eu berro.

Eu odeio esperar, porra. Eu esperei quinze anos. A testemunha que afirmou ter visto Aislin sendo arrastada para um Honda Civic branco foi a maior chance que tivemos até agora. Pelo menos, temos algo mais a fazer agora. Quando ouvi a dica pela

primeira vez, isso me irritou, porque o cara esperou tanto tempo para se pronunciar. A polícia poderia ter parado o bastardo quando Aislin foi levada se eles tivessem essa informação na época. Depois de tomar um tempo para me refrescar, meu cérebro começou a funcionar racionalmente. O cara era um garoto naquele tempo e estava assustado. Por mais que meu coração ainda se enfurecesse com ele por não falar mais cedo, minha cabeça entrou no jogo e reconheceu que o garoto estava assustado. Qualquer criança dessa idade ficaria aterrorizada.

Eu me viro e chuto a merda da minha cadeira. Ela desliza pelo chão e bate na parede com tanta força que deixa um estrago no drywall. Pego meu telefone da mesa, nem verifico se ainda está funcionando, e saio da sala. Sinto-me inquieto e enjaulado. Essa pausa pode ser grande, mas neste momento é inútil.

Mesmo com esse pensamento, a adrenalina bombeia minhas veias. Eu sinto. Está bem ali. Não sei o *que* é, mas é grande e significativo. Eu sei que no fundo do meu ser algo está vindo. Meu corpo fica tenso como se estivesse se preparando para algo maciço indo em sua direção. Minhas mãos tremem e a parte superior do meu couro cabeludo se arrepia. Eu não posso afastar a porra da sensação. Mas eu quero, preciso sentir, porque significa que estou prestes a encontrar o que tenho procurado nos últimos quinze anos.

Minhas mãos batem na barra e me inclino, minha cabeça pendendo dos meus ombros. Líquido encontra minha mão e levanto os olhos para ver um copo cair. Bato na xícara e ela atravessa a cozinha. Abaixo a cabeça novamente e tento acalmar meu coração

irregular. Fecho os olhos e respiro fundo. Isso não funciona. Meus nervos estão muito abalados, e tudo o que vejo quando fecho meus olhos é o lindo rosto de Aislin cheio de cortes, cicatrizes e hematomas. Seu corpo sem vida naquele chão da floresta e na mesa do necrotério, tão desnutrida que seus ossos estavam proeminentes e sua pele quase transparente. E a evidência óbvia de anos de abuso por um bastardo que estou morrendo de vontade de colocar minhas mãos. Cada músculo do meu corpo aperta, a necessidade de caçá-lo e dizimá-lo fazendo minha cabeça latejar.

Ouvindo um gemido suave, abro os olhos e encontro Betsy sentada em seus quadris, olhando para mim. Normalmente, ter sua presença reconfortante por perto me acalma, mas não hoje. Não sei se algo pode.

Espontaneamente, uma imagem de Doe aparece na minha cabeça e me endireito. Uma necessidade irracional de vê-la me aperta. Por alguma razão, quando a visito, a dor e a raiva que sinto constantemente diminuem. Não sei o que há com a garota. Talvez seja porque ela passou por seu próprio horror e dor, e posso me relacionar com isso. Não que a provação dela e a dor com a qual vivo sejam iguais. Pelas marcas em seu corpo e pela condição em que estava quando foi encontrada pela primeira vez, ela passou pelo inferno e voltou várias vezes.

Ou talvez ela seja uma das pessoas mais fortes que conheço, e quero colher um pouco dessa força. Se a maioria das pessoas passasse por metade da merda que ela passou, eles estariam em um manicômio agora. Podemos não conhecer os detalhes, mas não

é difícil descobrir que o tempo dela no inferno foi torturante e horrível.

Poderia ser sua natureza quieta e vigilante. Ela ainda é muito nervosa, algo que se esperaria diante da situação dela, mas às vezes a vejo observando o que está acontecendo ao seu redor com muita atenção, como se estivesse absorvendo tudo e aprendendo tudo. Às vezes, ela parece muito inocente e sem instrução sobre as coisas normais da vida, mas, outras vezes, parece estar bem além de seus anos.

Não importa o motivo, a necessidade de vê-la neste exato momento me faz procurar minhas chaves. Eu agito os pelos de Betsy, dizendo algumas palavras suaves para que ela saiba que está tudo bem, e então saio correndo pela porta.

Parando em uma lanchonete de fast-food a caminho do hospital, pego alguns hambúrgueres, batatas fritas e milk-shakes. Eu sempre tento trazer a comida para ela quando a visito, porque sei o quão terrível é a comida do hospital. Leva apenas quinze minutos para chegar ao hospital. Quando passo pela recepção, a recepcionista me acena.

—Tarde, detetive. — diz ela sorrindo.

—Ei, Emily.

Eu me tornei um rosto comum por aqui ultimamente com quantas vezes parei para visitar Doe.

Desço no sexto andar e, quanto mais chego perto dela, mais calmo meu coração se torna. Fico feliz por ter decidido visitar hoje antes de perder minha mente sempre amorosa em casa.

Estou a alguns passos da porta dela quando alguém chama meu nome.

Eu me viro e vejo o Dr. Evans, um dos médicos que supervisiona os cuidados de Doe, caminhando em minha direção.

—Como ela está hoje? — Eu pergunto antes que ele tenha a chance de abrir a boca.

—Ela é uma garota forte e está indo bem. — Ele dá um passo em minha direção e baixa a voz. —Alguma coisa ainda sobre quem ela é ou de onde ela vem?

—Nada. — Eu balanço minha cabeça, frustração querendo se apossar com sua pergunta. —A única coisa com a qual temos com o que trabalhar é onde ela foi apanhada antes de ser trazida para cá. Eu tenho tentado despertar a memória dela quando a visito, mas não houve nada até agora.

Ele olha na direção da porta dela e depois de volta para mim. —O problema é que ela está quase pronta para ser liberada, mas não temos ninguém para quem a liberar. Não é inteligente deixá-la sair sozinha. Ela precisará ser vigiada por pelo menos um tempo depois para garantir que não ocorram problemas mentais ou físicos.

Uma pontada atinge meu estômago, pensando em Doe andando pelas ruas sozinha e com medo e não tendo para onde ir ou ninguém para cuidar dela.

—Você tem certeza que ela está pronta para isso?

Não sou médico, mas pelo que vi fisicamente, ela parece estar se curando muito bem, mas às vezes me pergunto se ela se curará

mentalmente. Infelizmente, não me surpreenderia se essa resposta fosse negativa.

—Eu recomendo que ela continue suas sessões de terapia, mas fisicamente, suas feridas estão cicatrizando muito bem.

Eu concordo. —Verei o que posso fazer.

Não sei exatamente o que posso fazer, mas não estou deixando que eles a liberem por seus próprios cuidados. Por mais que ela odeie estar perto de pessoas, ficar sozinha é a última coisa que precisa. A opção de colocá-la em um abrigo para moradores de rua também não fica bem comigo.

Antes de entrar na sala, volto ao médico. —Ela pode ir lá fora hoje?

Seu sorriso é gentil quando ele responde. —Sim. Eu acho que lhe fará algum bem tomar um ar fresco.

Bato levemente na porta parcialmente fechada e a empurro até o fim quando ela não responde. Olho ao redor do quarto até encontrá-la na cama, dormindo profundamente. Eu diminuo meus passos para não a perturbar até estar em pé ao lado da cama. Coloco as sacolas e o suporte de bebida em cima da mesa ao lado da cama e olho para ela, observando atentamente. Não é a primeira vez que noto como ela é linda.

Seus longos cabelos castanhos estão pendurados para o lado em uma trança solta, e sua cabeça está de frente para mim. Exceto por algumas áreas amarelas, a maioria das contusões desapareceu. Os arranhões e cortes estão sarando muito bem, mas ela sempre carregará cicatrizes. Meus olhos percorrem o resto do

seu corpo. As cobertas estão puxadas para a cintura e as mãos estão apoiadas no estômago.

Tavers conversou com sua esposa sobre Doe, explicando que ela não tinha ideia de quem era, de onde veio e não tinha uma família que ela conhecesse. Depois de saber das minhas visitas a ela no hospital, e Mindy sendo a mulher de bom coração que é, ela insistiu que trouxesse suas roupas e produtos de higiene pessoal. Ela disse que nenhuma mulher deve ser forçada a usar os vestidos rígidos fornecidos pelo hospital ou usar os shampoos e sabonetes ásperos. Eu não disse a ela que já havia comprado uma camisola para Doe e substituí os produtos do banheiro por outros melhores. Eu apenas deixei a mulher fazer o que ela queria. O gesto foi típico de Mindy; sempre dando e cuidando dos outros.

O vestido que Doe está usando agora, azul claro com pequenas estrelas brancas, é aquele que Mindy trouxe para ela. Fico feliz em ver que ela está ganhando peso constantemente. Ela ainda tem um longo caminho a percorrer, mas parece cem vezes melhor do que no primeiro dia.

Franzo a testa quando sua respiração uma vez repousante fica rápida. Suas mãos tremem no estômago e seus olhos piscam por trás das pálpebras fechadas. Um pequeno gemido passa por seus lábios e sua cabeça começa a se mexer. A dor apunhala meu coração quando percebo uma lágrima escorrendo pelo canto de um olho. Ela pode não se lembrar de seu tempo no inferno, mas ainda está nela, ainda a agarra durante o sono. Conheço o sentimento e odeio que esteja passando por isso.

Nas últimas três semanas, conheci Doe o máximo que qualquer um pode, dadas as circunstâncias. Não sei quem ela era antes, mas sei quem ela é agora. A mulher cautelosa, muitas vezes assustada. A mulher que é forte, mas ainda tão frágil. Ela parece tão perdida às vezes, como uma garotinha, e isso me faz querer segurá-la e dizer a ela que tudo ficará bem. Eu nunca fui capaz de lidar com mulheres chorando. Revira seriamente meu intestino.

As sobrancelhas dela se enrugam e os lábios se franzem. Sabendo que não deveria por causa de sua repugnância em tocar, mas incapaz de permitir que ela permanecesse no meio de seu pesadelo, estendo a mão para tocar seu ombro. Pouco antes da minha mão tocá-la, ela solta um grito suave e seus olhos se abrem.

Medo como nunca vi antes me encara de volta e congelo. Prendo a respiração, sem saber o que ela vai fazer. Uma fração de segundo depois, ela pula da cama e grita: —Não! — Ela corre para o outro lado da cama, e eu estendo a mão para agarrar seu braço antes que possa cair e se machucar. Ela se encolhe como se meu toque a queimasse, e seus olhos se arregalam. Eles viajam até a minha mão no braço dela antes de levantá-los para mim.

—Está tudo bem, Doe — eu digo com uma voz calma. —É Niko.

Suas sobrancelhas franzem quando me reconhece.

—O-o que aconteceu? — Ela pergunta, sua voz trêmula.

Minha mão ainda está segurando seu braço, porque é a única coisa que a impede de cair.

—Você estava tendo um sonho. — respondo e a observo de perto.

—Oh. — Sua voz é baixa e tímida, e não gosto disso. Ela melhorou com seu nervosismo nas últimas semanas, mas agora, parece um gatinho assustado ou alguma merda.

Seus olhos voltam para a minha mão segurando seu braço, e ela engole antes de olhar para mim.

—V-você pode me soltar agora.

Um canto da minha boca se inclina para cima. —Se eu deixar você ir, Doe, você tombará.

Ela olha para trás e finalmente percebe que está praticamente pendurada na cama. Usando o braço livre, ela se aproxima. Uma vez que eu sei que ela não vai cair, desdobro meus dedos em torno de seu bíceps.

—Você está bem? — Pergunto.

Ela passa as mãos para cima e para baixo nas coxas e sua garganta balança enquanto engole. —Sim.

Pego a sacola de comida da mesa e levo para ela ver, esperando que isso a distraia do pesadelo.

—Trouxe hambúrgueres, batatas fritas e milk-shakes.

Ela olha avidamente para a bolsa e depois olha para os shakes. A reverência toma conta de seu rosto. Exceto pela primeira vez, toda comida que trouxe, ela comeu devagar e com admiração no rosto, como se nunca tivesse provado antes e é seu prato favorito. Quem diabos nunca teve rosquinhas antes? Há uma semana, a apresentei ao milk-shake de chocolate e ri quando ela fechou os olhos e gemeu profundamente.

—Você quer sair para comer? — Eu sugiro. Os olhos dela se arregalam de surpresa e eu sorrio. —Dr. Evans diz que pode ser bom sair hoje.

Ela olha para a janela, de volta para mim, e depois me choca quando sorri. É a primeira vez que a vejo sorrir, e é absolutamente de tirar o fôlego, transformando completamente o rosto dela. Ela era linda antes, mas ver suas feições relaxadas com um sorriso é absolutamente cativante. Ela não apenas sorri com os lábios, mas também com todo o rosto.

—Eu adoraria ir lá fora. — diz ela, e balanço a cabeça para aliviar seus pensamentos sobre sua beleza.

—Vá colocar outra coisa e levaremos tudo para fora. Talvez você possa tentar ler para mim hoje?

Ela parece incerta, mas assente com a cabeça depois de um minuto. Levantando-se da cama, ela para na bolsa que Mindy fez para ela, pega alguma coisa e depois caminha para o banheiro.

Uma vez que a porta se fecha, sento-me na beira da cama e respiro fundo. Essas visitas começaram como uma maneira de ganhar a confiança de Doe para descobrir por que ela estava invadindo minha propriedade, mas elas se tornaram muito mais. Acho que gosto de estar na companhia dela. Ela acalma algo escuro dentro de mim quando estou perto dela.

Penso no que o médico disse do lado de fora do quarto dela.

Ela está quase pronta para ser liberada, mas não temos ninguém para quem a liberar.

Assim que esse pensamento sai da minha mente, outro toma seu lugar. Um pensamento ridículo. Um que deveria limpar da

minha cabeça imediatamente. Mas eu não posso. Não *posso*. Está enraizado e não vai a lugar algum. Não até eu conversar com Doe e fazê-la entender.

A abertura da porta me faz levantar da cama. Observo enquanto Doe sai do banheiro. Um par de calças compridas de linho preto e camisa de gola V rosa suave com mangas que chegam aos cotovelos substituíram o vestido. Seus cabelos ainda estão em uma trança grossa e caem por cima do ombro, o final quase chegando à cintura.

Ela fica na porta, torcendo as mãos na frente de si. Parece nervosa por algum motivo. Me viro e agarro a sacola de comida, enfio o livro debaixo do braço e pego o porta-copos.

Dando a volta, pergunto: —Você está pronta?

Ela assente. —Sim.

Faço um gesto para a porta com a cabeça. —Vamos tomar um ar fresco então.

Ela coloca um par de chinelos, outra coisa que Mindy levou, e a sigo até a porta. Ela para na porta e se vira para mim.

—Você poderia...? — Ela para um momento e depois começa novamente. —Você poderia ir antes de mim? — Sua voz é tão malditamente pequena; rasga meu coração em dois.

Dou um passo em sua direção e fico feliz em ver que ela não se afasta. Ela ficou melhor comigo estando perto dela. O toque ainda é um problema, compreensivelmente, mas ela ficou melhor por estar perto de pessoas. Ou comigo de qualquer maneira. Eu não tenho certeza sobre os médicos e enfermeiros.

—Você está segura, Doe. — digo baixinho a ela. —Ninguém pode levá-la daqui, especialmente quando estou por perto.

Ela assente, mas ainda posso ver o medo oculto atrás de seus olhos. Incapaz de suportar ver o olhar em seu rosto, passo por ela. Seu suspiro de alívio chega aos meus ouvidos. Eu saio pela porta e viro minha cabeça para me certificar de que ela está seguindo. Paramos no posto de enfermagem para informar onde estaremos. Eles gentilmente desanexam seu IV para facilitar nossa aventura, e seguimos para o elevador.

O sol brilha quando atravessamos as portas. Eu paro, e Doe caminha ao meu lado. Os olhos dela apertam contra o brilho. Puxo meus óculos de sol da gola da minha camisa e os entrego. Ela olha para eles interrogativamente.

—Use-os até se acostumar com o sol.

Timidamente, ela estende a mão, agarra-os e desliza-os pelo nariz. Ela parece fofa nos meus óculos.

Eu nos conduzo até uma área gramada, longe do estacionamento, onde uma mesa de piquenique fica embaixo de uma árvore com flores brancas. Depois de guardar nossas coisas, sento-me de um lado e ela se senta do outro. Não consigo ver os olhos dela pelas lentes reflexivas dos óculos de sol, mas posso dizer que observando tudo ao seu redor quando gira a cabeça de um lado para o outro. Ela apertou as mãos firmemente na mesa. Parece nervosa e tensa.

Eu puxo um dos shakes do transportador e enfio um canudo nele. —Aqui. —Deslizo a bebida sobre a mesa, esperando distraí-la o suficiente para relaxar. —Beba antes que derreta.

Seus olhos pousam no shake e ela morde a isca, agarrando-o e chupando o canudo. Eu rio quando ela não solta o canudo por um minuto inteiro.

—Você vai congelar o cérebro. — aviso.

Estamos na sombra agora, então ela tira os óculos e os coloca sobre a mesa. Depois de olhar ansiosamente para a bebida por um momento, ela a afasta.

Eu ri. —Eu peguei para você o maior que eles tinham. Vai durar um tempo.

Sua boca cai em uma careta. —Eles não fazem maiores?

—Não. — digo então prometo. —Mas da próxima vez que eu vier, trarei outro para você. Quer experimentar o de morango da próxima vez?

Pego os hambúrgueres embrulhados na sacola e os coloco na mesa. Em seguida, coloco um guardanapo na frente dela e outro na minha frente antes de depositar nossas batatas fritas em cima deles. Ela imediatamente pega uma de suas batatas fritas e enfia na boca como se estivesse morrendo de fome.

—Sim. Eu acho que gostaria de experimentar o de morango.

Ficamos em silêncio por alguns momentos enquanto comemos. Antes que termine sua batata frita, eu digo para ela tirar a tampa do shake.

—Por quê? — Ela pergunta desconfiada.

—Apenas faça isso. — Eu mantenho meu tom calmo para não soar como se estivesse lhe dando uma ordem.

Depois de um momento, ela puxa a tampa e a coloca em outro guardanapo.

Agarrando uma de suas batatas fritas, mergulho dentro de seu shake de chocolate e seguro para ela.

—Prove.

Ela olha para a batata coberta com o shake de chocolate e depois para mim. A expressão dela diz que eu enlouqueci. É tão cômico que uma risada escapa.

—Muitas pessoas fazem isso. Eu não diria que você estava errada. — mexo a batata frita na frente dela. —Apenas tente. Confie em mim.

As palavras escapam e, por alguma razão, quero dizer mais do que apenas para as batatas. Eu quero que ela confie em mim. Quero que ela saiba que enquanto estiver por perto, nada acontecerá com ela. Não só porque é meu dever como detetive, mas também como amigo. E foi isso que ela se tornou; uma amiga. Sim, ainda gostaria de saber por que ela estava no meu bairro e, finalmente, na minha casa, mas também quero ajudá-la porque ninguém deve estar tão perdido e sozinho como ela.

Ela olha a batata com apreensão. Eu prendo a respiração enquanto ela pensa se deve confiar em minhas palavras. Surpreendentemente, ela estende a mão e pega a batata. O ato aquece algo dentro de mim, sabendo que, de um jeito pequeno, ela confia em mim. Pode ser apenas para comida, mas pelo menos é alguma coisa.

Seus olhos seguem a batata até a boca, tanto que eles se cruzam quando fica perto do nariz. Franzindo o nariz de maneira fofa, coloca a ponta da batata na boca e dá uma mordida.

Depois de várias mastigações, seus olhos se arregalam.

—Uau! — ela respira. —Isso é realmente bom.

Rindo, digo: —Eu disse a você.

Ela pega outra batata e a mergulha sozinha. Depois de fazer isso várias vezes, ela me nota olhando para ela.

—Por que você não está fazendo isso?

Eu sorrio. —Porque essa merda é desagradável.

Sua boca se abre e, um segundo depois, ela ri. Por um momento, estou atordoado com o olhar despreocupado em seu rosto, mas me uno a ela nas risadas.

Depois que a comida acaba, eu recolho o lixo e o levo para uma lata de lixo próxima. Eu retomo meu assento em frente a ela.

—Como você tem passado nos últimos dias?

Minha última visita a ela foi há dois dias. Normalmente, eu tento parar pelo menos a cada dois dias, mas ontem foi um dia intenso no trabalho, e tudo que queria fazer quando cheguei em casa foi tomar um banho e cair na cama.

Ela encolhe os ombros e olha para a lasca de madeira que está puxando na mesa. —Estou melhorando todos os dias. Ou é o que os médicos dizem de qualquer maneira.

—Você não acredita?

Eu sei que ela está melhor. Uma semana atrás, ela teria tido um ataque de pânico quando a agarrei pelo braço para impedi-la de cair da cama. Ela também não estaria sentada aqui sozinha comigo agora. Ela está falando mais do que costumava falar também. Lenta, mas seguramente, ela está começando a se abrir.

Ela levanta a cabeça e olha para o lado, um olhar distante no rosto.

—Eu realmente não sei se estou melhorando. — Ela vira o rosto para mim, e quero estender a mão e agarrar a dela em conforto, mas eu sei que ela não gostaria disso. —Às vezes me sinto como estou, mas outras vezes... outras vezes, não.

Ela está se referindo ao seu sonho. Quaisquer horrores que ela viu em sua cabeça a atormentam bastante.

—Quer me contar sobre o seu sonho? — Pergunto.

Ela morde o lábio inferior por um tempo, baixando os olhos no processo. As mãos dela em punhos na mesa de madeira. Eu posso dizer que está indecisa sobre se deve falar comigo.

Depois de alguns segundos, seus olhos voltam para os meus e fico orgulhoso e satisfeito quando ela começa a falar.

—Eu realmente não me lembro de muita coisa. Estava escuro e frio. E... e... —Ela fecha os olhos e respira fundo antes de abri-los novamente. —O homem das sombras estava lá. — ela sussurra, com medo em sua voz. —E-ele estava lá parado. — Seus olhos encontram os meus, e eles carregam uma montanha de dor. —Só pude ver os olhos dele. Eles estavam brilhando.

Minha mão literalmente coça para alcançar o outro lado da mesa e agarrar a dela. A devastação e o medo em seu rosto são quase a minha ruína. Ninguém, porra de ninguém, mas especialmente uma mulher, deveria carregar esse olhar. Eu odeio isso e quero destruir a pessoa que o colocou lá.

—Você não se lembra de mais nada? Talvez um marco ou algo no chão ou nas paredes que possa nos ajudar a determinar onde você estava? Algum barulho? Tente usar seus outros sentidos.

Seus olhos se fecham novamente, e eles piscam sob as pálpebras fechadas, como se ela estivesse tentando voltar ao seu sonho e olhar em volta.

—Não. — Ela balança a cabeça e abre os olhos. —Tudo está tão desbotado.

Eu quero rosnar de frustração, mas forço de volta a necessidade.

—E nenhuma outra lembrança da sua vida antes de três semanas atrás?

Faço essa pergunta toda vez que venho aqui, esperando que a resposta seja diferente da anterior. Mas nunca é, e desta vez não é diferente.

Ela esfrega as têmporas como se estivesse evitando uma dor de cabeça. —Não.

Solto um suspiro para tentar acalmar o sangue correndo pelas minhas veias.

Este caso se tornou pessoal para mim. Talvez seja porque me lembra muito o de Aislin. O pensamento me passou pela cabeça de que os dois poderiam estar relacionados, mas algo simplesmente não se encaixa. Não vejo a pessoa que levou Aislin simplesmente deixando Doe ir. Não corresponde ao perfil dele.

Trago meus olhos de volta para Doe para encontrá-la me observando. Eu forço um sorriso no meu rosto e seguro o livro. — Quer tentar?

Ela olha para o livro cansada, mas com uma pitada de alívio com a mudança de assunto.

—Eu não sei se posso.

Levanto-me do meu assento e ando para o lado dela. Antes de me sentar, pergunto: —Posso? — Usando o livro, aponto para um ponto no banco, um pouco afastado dela. Demora um minuto, mas então dá permissão para me sentar.

Lentamente, para não a assustar, sento-me, certificando-me de manter essa distância entre nós. Coloquei o livro aberto na frente dela.

—Eu posso ajudar com as palavras que você não lembra.

Eu posso dizer que ela não quer tentar, ou melhor, ela está com muito medo de tentar e falhar, mas sendo a pessoa forte que ela é, ela respira fundo e alcança o livro.

Ela começa empolgada, dizendo as palavras lentamente. Eu a ajudo com algumas palavras, mas na maioria das vezes, ela continua sozinha. Eu me pergunto se a lentidão dela com a leitura se deve à perda de memória ou à falta de escolaridade. Combinaria com a perda de memória, pois parece haver muitas coisas que ela não se lembra. Coisas básicas, como jogar cartas ou utilizar um controle remoto de televisão.

Percebo que seus olhos piscam para mim a cada poucos minutos. Não tenho certeza se é porque ela está se certificando de que estou mantendo distância ou se é por algum outro motivo. Eu mantenho meus olhos nela, gostando de vê-la e ouvi-la ler.

Ela leu um capítulo inteiro quando noto que seus olhos estão começando a cair. Sinto uma pontada de culpa por mantê-la fora por tanto tempo. Ela ainda está se recuperando, então a força de seu corpo ainda não está em pé de igualdade.

—Precisamos levá-la de volta para dentro para que você possa descansar. — digo a ela.

Ela marca a página onde parou e coloca o livro na mesa, depois coloca as mãos em cima. Ela olha em volta por um momento antes de trazer seus olhos para mim.

—Obrigada por me trazer aqui. É bom ficar aqui fora sentindo a brisa no meu rosto e o cheiro das flores.

Como se estivesse ouvindo suas palavras, uma rajada de vento nos atinge, e ela fecha os olhos e inclina a cabeça para trás. Um pequeno sorriso brilha em seus lábios, e alguns fios soltos de cabelo chicoteiam em seu rosto. Um fica preso no lábio inferior e ela o puxa para libertá-lo. É bom vê-la parecer tão livre quando sempre parece tão trancada dentro de si mesma.

—O prazer é meu. — digo, e ela levanta a cabeça para olhar para mim novamente. —Voltaremos na próxima vez que estiver aqui, se você quiser.

Ela assente. —Eu quero.

Rindo levemente, levanto-me do banco. —Combinado.

Pego o livro da mesa e nós dois carregamos nossos copos vazios para a lata de lixo. Doe fica quieta enquanto atravessamos o gramado e entramos pelas portas de correr; certamente refletindo os acontecimentos do dia. Eu a deixei ter seu silêncio.

Quando saímos do elevador, ela parece estar se arrastando. Os olhos dela parecem vermelhos e cansados. Se soubesse que ela não iria surtar, a pegaria e a levaria pelo resto do caminho, mas sei que seria um grande não. Duas enfermeiras nos cumprimentam quando passamos pelo posto de enfermagem.

Coloco o livro sobre a mesa ao lado da cama enquanto Doe se senta na beirada.

—Eu queria falar com você sobre algo antes de sair.

Ela se recosta nos travesseiros e rola para o lado, uma mão enfiada sob a cabeça. Ela parece uma criança pequena deitada lá.

—O que?

Deslizando uma cadeira para perto da cama, sento-me, apoiando os cotovelos nos joelhos e balançando as mãos entre as pernas abertas.

—O médico disse que você estará pronta para ser liberada em breve. —Assim que digo a palavra liberada, o cansaço sai de seu rosto, e ela se levanta na cama, seus olhos assustados se voltando para a porta como se estivesse preocupada que alguém a qualquer momento invadisse.

—Ei, ei! — Eu chamo. Seu olhar assustado colide com o meu. —Nada vai acontecer com você.

Seus olhos se fecham com força e ela balança a cabeça rapidamente. —Eu não posso... eu não... — Ela para, e posso ver a porra dos tremores começarem em seu corpo. Está aterrorizada por estar sozinha. Para ela não se lembrar do que aconteceu e ainda estar tão aterrorizada é muito revelador.

Seu peito está bombeando para cima e para baixo em rajadas curtas, e sei que ela está à beira de um ataque de pânico. Estendo a mão e agarro a dela, sabendo que isso atrairá sua atenção para onde quer que ela tenha ido em sua cabeça.

No minuto em que minha mão toca a dela, sua respiração rápida cessa. Na verdade, ela para de respirar completamente e

abre os olhos. Ela olha para a minha mão sobre a dela e fico feliz quando não se encolhe ou afasta a mão do contato. Suas sobrancelhas se franzem, então olha para mim.

Depois de chamar a atenção dela, repito em voz baixa: —Nada vai acontecer com você. Eu prometo.

Ela absorve minhas palavras e a força silenciosa por trás delas. Sentindo minha promessa pelo olhar no meu rosto, ela respira fundo e assente uma vez.

—Eu quero que você pense em algo depois que eu sair. — Ela assente novamente. —Eu sei que você não tem para onde ir. Então... —Aperto a mão dela levemente. —Como você se sentiria em vir ficar comigo até descobrirmos se tem alguém procurando por você?

Espero que ela recuse a oferta logo de cara e tenha que explicar por que é uma boa ideia. Surpreendentemente, vejo as rodas girando em sua cabeça enquanto ela pensa sobre isso. Não receber um não imediato é um bom sinal. Pensar nessa mulher forte, mas vulnerável, nas ruas ou ser enfiada em um abrigo lotado de moradores de rua não fica bem comigo. Ela não pertence a nenhuma dessas situações.

—Você não precisa responder agora. — Solto a mão dela e me levanto. —Apenas pense sobre isso. Volto em alguns dias e você pode me dar sua resposta então.

Ela está respirando normalmente mais uma vez, e a cor está de volta em suas bochechas. Seu colapso nervoso pendente de antes já passou e é mais uma vez substituído pelo

cansaço. Sabendo que ela precisa descansar, dou um passo para trás da cama dela.

—Descanse. Volto em alguns dias.

Ela não diz nada quando me viro e caminho até a porta. No momento em que estou passando pelo limiar, sua única palavra falada me impede.

—Sim.

Eu me viro para encontrar seus olhos em mim. Ela ainda parece insegura de sua resposta, mas uma pitada de determinação se esconde lá também.

—Você estará segura comigo, Doe. — eu a asseguro.

Chocando-me, ela diz: —Eu sei.

Depois de sorrir para ela e levantar o queixo, me viro e saio do quarto.

Ao sair do hospital, pergunto-me o que diabos eu achava que estava fazendo. A última coisa que preciso é levá-la para casa. Meu prato já está cheio com o caso de Aislin, Rebecca e os outros casos no trabalho, e agora descobrindo o que aconteceu com Doe. Além de cuidar dela em casa, é algo que não preciso no momento.

Mas parece certo; como se fosse algo que não apenas quisesse fazer por um amigo, mas também algo que *preciso* fazer. Saber que ela confia em mim o suficiente para se permitir ficar sozinha comigo diariamente solidifica essa necessidade porque sei que ela não depositou essa confiança a mais ninguém, nem mesmo a seus médicos ou enfermeiras.

Meus passos são mais leves do que eram quando cheguei duas horas atrás, a raiva e a amargura desapareceram. Mas eu sei que é

apenas uma questão de tempo até que ele volte, esperando para cavar suas garras.

CAPITULO 18

Niko

O nariz molhado de Betsy cutuca minha mão no escuro. Automaticamente, estendo a mão e esfrego a pelagem em seu pescoço. Ela é tão intuitiva; não é preciso muito para saber que algo está errado com seu mestre. Sento-me em silêncio no meu quarto escuro, com as pernas jogadas sobre a beira do colchão, descansando a cabeça na mão. Quieto. Contemplativo.

Dentro de algumas horas, irei ao hospital com uma pequena mochila preta que puxei do fundo do meu armário. Vou arrumar os itens escassos que Mindy e eu compramos para Doe nas últimas duas semanas e vou esperar ela ser liberada. A culpa me consome, criando um peso no meu peito que não sou capaz de afastar há dias. Ela voltará para casa comigo. Durante toda a noite tenho questionado meu pensamento. Outras vezes, sinto que deveria ter sido Aislin. Em algum lugar, além do túmulo, ela está me forçando a fazer a coisa certa. Para ajudar alguém como sempre tentei ajudá-la. Isto é, até que falhei com ela.

E então me sinto totalmente insano e volto a sentar em silêncio.

Mindy e Tavers apareceram hoje cedo com algumas sacolas de roupas pré-gravidez nas quais Mindy não se encaixa mais. Levei meu tempo dobrando-os e guardando-os no quarto de hóspedes. Novos lençóis foram para a cama e uma linha de artigos de higiene femininos estava na cômoda, aguardando a nova

dona. Eles também trouxeram um saco de comida saudável, sabendo que sou um homem que cuida do meu corpo, mas isso não significa que não como muitos pratos congelados ou pizzas.

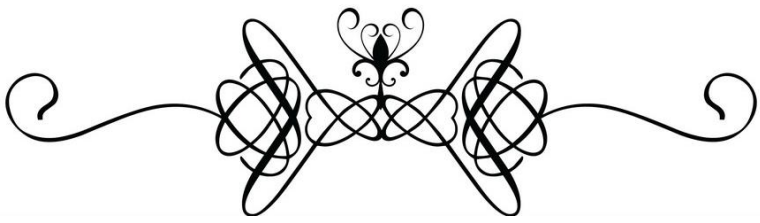
Para evitar problemas posteriores, fui visitar o capitão sobre a vida temporária de Doe comigo. Ele estava chateado com a ideia, mas não podia fazer muito, já que não estou mais no caso. Ele certamente não deixaria a mulher ser empurrada para um abrigo superlotado, sem abrigo, com base em seus próprios princípios. Também solicitei folga. Eu sabia que Doe não estaria pronta para ser deixada sozinha, então me dei uma semana para deixá-la acomodada e confortável.

Com isso resolvido, tudo está pronto para ir. Tudo menos eu.

Exausto de ficar sentado aqui a noite toda, puxo minhas pernas de volta para o colchão e me deito no travesseiro, inclinando um braço e deslizando a mão sob a cabeça. Os lençóis farfalham quando Betsy pula e se acomoda perto dos meus pés. O calor do seu corpo penetra através das cobertas.

Meus olhos estão pesados nessa nova posição e encontro o sono se aproximando rapidamente. Enquanto tento afastar os pensamentos sobre amanhã, envio mais uma oração silenciosa à única garota que já amei.

Aislin... por favor, me perdoe.



A coluna reta e um passo confiante não conseguem esconder o tremor em minhas mãos quando assino o formulário de alta no hospital. Do ponto de vista da idade, Doe é adulta, mas está sendo deixada sob meus cuidados porque, sem memória ou identidade, ela pode ser considerada um perigo para si mesma. Largo a caneta no copo vermelho na beira da mesa das recepcionistas e tomo um grande gole do meu café preto. Eu dormi por quase seis horas ontem à noite, no entanto, parece que meia hora se passou entre o momento em que deitei e o momento em que meu alarme começou a tocar. Portanto, o café extragrande. Quando cheguei, trouxe a mochila preta para Doe e pedi que ela fizesse as malas antes de sair. Quando falei ontem com o médico dela, ele recomendou que a deixasse ser o mais independente possível. Até coisas que parecem minúsculas e sem importância para nós - como guardar as próprias coisas - podem dar um grande passo em sua recuperação. Doe precisa aprender a funcionar como adulta. O primeiro passo para isso é fazer pequenas tarefas por conta própria.

A recepcionista toma o formulário e entro na sala, olhando em volta, espero, pela última vez em muito tempo. No segundo em que bato na porta aberta, meus olhos pousam em Doe olhando para sua mochila meio cheia, mas totalmente empacotada.

—Ei. — digo com uma voz rouca, parando para limpar completamente minha garganta. —Os papéis estão todos assinados. A enfermeira trará uma cópia para você e então podemos ir.

—Eu não tenho... então... certeza de que devo ir. — Ela fala hesitante, e isso parte meu coração.

—Doe...

Seus grandes olhos redondos balançam na minha direção, e ela se parece muito com o xará animal.

Dou um passo hesitante para a frente. —Você não tem nada a temer. Eu vou ajudá-la.

Ela olha de um lado para o outro entre a janela e a porta aberta antes de trazer seu olhar de volta para o meu. —Não é você. É apenas o pensamento de sair daqui. Eu estou *segura* aqui. Mais ou menos. E não saí desde que fui trazida para cá.

—Nós saímos algumas vezes — a lembro gentilmente, dando outro passo mais perto.

—Isso foi para o pátio. Nós vamos andar lá fora e... e vulneráveis.

Um forte desejo de cruzar os braços sobre meu peito se apodera de mim. É preciso tudo para mantê-las ao meu lado. —Eu vou encostar o caminhão. O mais longe que você terá que andar é da porta do hospital até minha caminhonete. Isso é cerca de três metros. Mais alguns metros da minha caminhonete até a porta da frente.

Eu me movo na frente dela. Mais perto do que acho que já estivemos quando meu peito quase toca o dela. A proximidade que espero mostre a ela tudo de mim. Quão grande sou e quão forte e musculoso. Que posso protegê-la. Que posso mantê-la segura.

Ela respira fundo.

— Você está segura comigo, Doe. Tenho um pastor alemão treinado, que é um bebê grande e doce, mas que rasga um homem

ao meu comando. E sou policial. — Eu não deveria fazê-lo. Não sei por que o pensamento me passa pela cabeça, mas preciso que ela entenda. Com o mínimo de toques, descanso a ponta do meu dedo indicador sob o queixo e levanto o rosto para cima. —O que significa que tenho uma arma, *em todos os momentos,* e eu sou muito bom em usá-la.

Um tremor de corpo inteiro a ataca da cabeça aos pés antes que ela dê um aceno espasmódico. Assim que tenho esse sinal, largo minha mão e dou um passo para trás.

—Você está pronta? — O tom da minha voz muda de sério para casual enquanto pego a bolsa leve da cama.

—Sim, sim.

—Bom. — Eu meio que sorrio no que espero que seja tranquilizador. Como se fosse uma sugestão, uma enfermeira entra com uma impressão em papel.

— Aqui estão os seus documentos de dispensa. Seus compromissos de acompanhamento estão todos listados nesta primeira página. É altamente recomendável que você continue suas sessões de terapia, conforme descrito pelo Dr. Kerns, e a Dra. Erickson foi designada como sua médica de cuidados primários. Ela gostaria de vê-la aqui em algumas semanas para checar como você está se recuperando. Você tem alguma pergunta? —Ela pergunta enquanto entrega os papéis para Doe.

Doe apenas balança a cabeça. Interessante. A resposta dela é não verbal porque ela está sobrecarregada com as informações ou porque não quer falar com a enfermeira? Vou ter que testar isso

assim que a instalarmos. Ver se ela se abre em torno de Tavers ou de sua esposa, Mindy.

—Está bem então. Você está livre para ir, querida. Cuide-se, beba bastante líquido e descanse. —Ela dá um sorriso gentil, embora rápido, e sai da sala.

Alguns segundos silenciosos passam antes que eu quebre o silêncio. —Vamos, então?

Ela balança a cabeça rigidamente, e o movimento faz meu coração afundar. Espero que, ela não esteja voltando para sua concha. Estendo minha mão na minha frente, gesticulando para que ela saia primeiro, mas não a deixo ir longe. Assim que abre a porta, estou bem ao lado dela, levemente de costas para a direita. Perto. Mais perto do que deveria estar, mas ao mesmo tempo, não parece perto o suficiente. Esta pobre mulher está com medo de sair do maldito edifício. Eu quase sinto que devo simplesmente carrega-la para fora. As palavras do médico surgem na minha cabeça novamente. Que ela seja independente. Não sei o que será mais difícil - viver com ela sob o meu teto ou deixá-la cuidar de si mesma. Afinal, falhei com Aislin, então sinto que preciso fazer as coisas certas, ajudando Doe. Mas super protegê-la não é o caminho certo. Ela precisa crescer sozinha.

Descemos o elevador enquanto tenho esses pensamentos e, quando saímos, paro-a na mesa da recepcionista. —Espere aqui.

Ela dá um simples aceno de cabeça e corro pelas portas para a minha caminhonete.

Não conversamos muito na curta viagem do hospital até minha casa, e quando chego na entrada da casa, ela parece com

menos vontade de querer fugir. Aperto no botão para abrir a porta da garagem, a porta se abre e dirijo para dentro. Eu não pude deixar de olhar para ela quando chegamos à minha rua, a área onde ela foi apanhada e todo o caminho até minha casa, procurando qualquer sinal de que ela reconhecesse a localização. Nem uma centelha cruzou seu rosto. Mesmo quando passei pela casa que tenho quase certeza de que ela estava entrando furtivamente e entrei na minha garagem, ela manteve uma expressão neutra. Mas depois que desligo a ignição, e quando passo a soltar meu cinto de segurança, pego o olhar no rosto de Doe pelo canto do olho. Ela parece atordoada.

—Tudo certo?

—Hã? Sim. Acho que nunca vi algo assim antes.

Inclino minha cabeça. —Um portão automático? — Eu pergunto, e ela assente, me levando a fazer uma anotação mental disso.

—Você se lembra de alguma coisa? — empurro com cuidado.

Ela balança a cabeça e abre o cinto. —Não. Não é uma memória específica. Eu não esperava que você apertasse um botão, é tudo.

Antes que eu possa responder, ela abre a porta e sai. Pego sua bolsa e sigo. Quando fecho a porta, paro. Isso é porque ela está de pé em frente à porta da casa balançando para cima e para baixo na ponta dos pés. Um pequeno sorriso quebra meu rosto. —Tudo certo?

—Existe um botão ou algo assim?

—Um o que?

—Um botão. Para abrir a porta.

O sorriso aumenta. —Não querida. Você tem que girar a maçaneta. Dou um passo à frente, dobrando meu braço entre ela e a porta e insiro a chave na fechadura. Com um giro rápido, a porta se abre.

—Oh! — ela murmura. —Eu pensei... Bem, você usou um botão do lado de fora, e todas as portas do hospital pareciam abrir por conta própria.

—Essas são chamadas de portas automáticas. Muitas empresas as possuem. Elas são mais propícias para deficientes, para pessoas em cadeiras de rodas ou usando bengalas ou muletas.

—Faz sentido... oh! — Sua careta instantaneamente se transforma em uma expressão de incerteza quando Betsy trota para frente e bate a cabeça na coxa de Doe. —Esse é o seu cachorro?

—Sim, essa é minha garota, Betsy. — Eu sorrio para mim mesmo enquanto atravesso o cômodo para a cozinha e pego para nós dois águas da geladeira.

—Ela é grande. — Doe cai de joelhos ali mesmo na entrada e esfrega as mãos para cima e para baixo nas costas de Betsy. Quando Betsy começa a lamber o queixo e o rosto, Doe ri.

Aquele som. Droga. Meu coração despenca no estômago e o sorriso desliza lentamente do meu rosto para uma expressão mais séria. Passei semanas com essa mulher e acho que nunca a ouvi rir antes. Faz algo comigo, saber que meu cachorro é a responsável. Um pouco de alegria depois de tudo o que ela passou.

—Ela é doce. — murmuro de volta, sacudindo esses pensamentos da minha cabeça. Eu estendo uma garrafa em sua

direção. —Aqui. Ordens do médico. Você precisa manter sua ingestão de líquidos.

Na palavra médico, a brincadeira desliza de seu rosto. Porra. —Certo. Obrigada. Estou meio cansada; você pode me mostrar um lugar para descansar?

Eu me amaldiçoo por dentro. —Claro. Deixe-me mostrar-lhe o seu quarto.

Eu a acompanho pelo corredor, dando-lhe uma breve turnê e apontando o meu quarto no final, o banheiro à esquerda e à direita, seu novo quarto. —É aqui que você pode ficar. — digo, abrindo a porta e gesticulando para ela entrar.

Ela entra devagar e faz uma curva, ocupando toda o cômodo. —É tão grande. Acho que não preciso de tanto espaço.

Olho em volta, tentando ver o espaço dos olhos dela. Não é um quarto que chamaria de grande, por qualquer meio. Eu mal consigo encaixar uma cama queen size e uma cômoda confortavelmente. Eu apenas consegui espremer uma poltrona perto da janela para um lugar extra para se sentar. Mas de jeito nenhum esse espaço é *grande.*

—Não se preocupe com isso. Eu não tenho nenhuma utilidade para ele. Meus pais e a família da minha irmã são os únicos que vêm nos visitar, mas não virão tão cedo. É seu enquanto você precisar.

Ela volta para a cama. —Obrigada.

Um silêncio desconfortável se estende, então quebro ele. — Aqui, deixe-me mostrar algumas coisas. — Eu finalmente largo a mochila na cama. Tenho segurado ela o tempo todo, e estava

começando a machucar meu ombro. —Eu tenho um bom amigo chamado Dave Tavers. Ele tem uma esposa adorável chamada Mindy. Ela juntou algumas roupas e coisas para você. — Começo a puxar as gavetas da cômoda para mostrar a ela o conteúdo. —Não é muito, mas o suficiente para você começar. Talvez vocês duas possam fazer compras algum dia.

—Oh, não sei. Eu não acho que seja necessário. — ela divaga, recuando em direção à cama. Ok, cedo demais. Eu levanto minhas duas mãos, palmas para ela.

—Ok, tudo bem. Há muito aqui para você começar. Vamos ter que lavar a roupa com mais frequência é tudo. Não quero empurrar você para qualquer coisa que não esteja pronta.

Ela solta uma respiração profunda como se estivesse segurando. —Obrigada. Posso dormir agora? — ela pergunta bruscamente, mas não é cruel.

—Claro. Vou preparar algo para almoçar em cerca de uma hora, mas vou acordá-la quando estiver pronto. Você pode dormir o quanto precisar, mas não posso fazer você pular refeições.

As mãos de Doe caem no cós da calça jeans e o movimento chama minha atenção. Ela começa a desabotoá-los e puxá-los pelos quadris. —Certo. Obrigada.

—O que você está fazendo? — Assim que percebo o que está acontecendo, viro a cabeça para o lado para lhe dar um pouco de privacidade, e o desconforto enraíza no meu intestino. O que há com essa garota e sua nudez?

—Estes não são confortáveis para dormir. Vou tirá-los.

—De um modo geral, se você vai se despir, deve esperar até ficar sozinha ou avisar a outra pessoa para que ela possa lhe dar um pouco de privacidade. — As palavras soam mais severas do que pretendo.

Ela deixa cair o material de brim, fazendo-o cair pelas pernas finas e se acumular no chão a seus pés. Suas mãos pendem frouxas ao lado do corpo enquanto ela levanta a cabeça para olhar para mim. A única coisa no rosto dela é confusão. A mulher nem sequer está envergonhada. Mais uma vez, fico impressionado com o que diabos aconteceu com ela e de onde ela veio?

—Sinto muito por ter deixado você desconfortável. Isso não está bem? Você nunca viu uma pessoa nua antes?

Uma multidão de imagens passa pela minha cabeça; nenhuma delas agradável. Todos eles casos ou vítimas passadas. Vários deles - Aislin. Um gosto amargo surge no fundo da minha garganta. Eu quebrei meu limite para o dia.

—Eu vi, mas isso não significa que eu quero. A roupa não é negociável em nossa sociedade. Se você estivesse nas ruas, seria presa por indecência pública.

—Eu não sabia.

Eu suspiro. —Eu sei, e é por isso que estou lhe dizendo. Vou deixar você descansar e acordar quando o almoço estiver pronto. Durma bem.

Minha mente começa a pensar nas opções de almoço. Sei que Mindy trouxe algumas refeições prontas para começar. Quando chego à porta, ouço Doe murmurar: —Venha aqui, Betsy.

Quando me viro para fechar a porta, vejo minha cadela subindo na cama e se enrolando no espaço perto do abdômen de Doe. Sua mão imediatamente se prende à nuca do cão quando Doe fecha os olhos.

Meu peito esquenta. Fico feliz que ela esteja se confortando com Betsy. Ela é uma boa cachorra, e não estava brincando quando disse que ela destruiria um homem. Ela é provavelmente uma companhia melhor do que eu jamais serei. Eu sou apenas o cara segurando a arma.

—Pare!

O som de um grito agudo me acorda no meio da noite. O sonho da mulher fria e morta na mesa recua de volta ao meu subconsciente. Eu pisco contra a areia nos meus olhos, as pálpebras pesadas e o cansaço, mas não adianta. Tudo está preto ao meu redor. Um grito soa novamente, e desta vez, eu pulo em ação. Cobertores seguram minhas pernas como cordas, e tropeço nos lençóis na minha tentativa de ficar de pé. Minhas pernas se agitam para me libertar, mas meu impulso para a frente me envia em espiral para fora da beira da minha cama e para o chão. Eu jogo um braço. Meu pulso cai sob o peso do meu corpo, e uma dor aguda ricocheteia. Um grunhido de dor soa nos meus lábios enquanto tento me reorientar. Que merda aconteceu?

Um gemido na escuridão chama minha atenção para a direita. Viro a cabeça assim, encontrando um par de chinelos felpudos em pé perto da porta mal iluminada. Eu os sigo até um par de pernas em calças de pijama rosa até uma camisa branca de mangas compridas, e as peças começam a se encaixar.

—O que está acontecendo? — Eu gemo. Plantando meu braço bom na cama, seguro o outro no meu peito e me coloco de pé.

—Você-você-você-você-você — ela canta, as palavras caindo como se estivesse tremendo de frio.

Dou um passo à frente e ela imediatamente pula para trás e estende as mãos. —Não, não, não, não, não, não.

—Aisl-foda, quero dizer, Doe. Está bem. Você está bem. — Ainda estou desorientado com o sonho, mas faço o possível para acalmá-la.

O quarto está quase preto, mas ainda consigo ver o vigor em que ela balança a cabeça. Eu posso imaginar o terror em seu rosto, e posso ouvir o medo em sua respiração. Eu sei que ela está com medo, mas não sei por quê.

Eu dou outro passo mais perto, e ela recua novamente. Eu a vejo tropeçar, o contorno do meu cachorro em pé atrás dela. No último segundo, ela se endireita antes de fugir da sala.

Droga!

Eu saio em perseguição. Meu coração dispara dos restos do meu sonho e do puro terror em sua voz.

—Doe, espere! — Viro a esquina e a vejo correr para o quarto de hóspedes com Betsy rapidamente nos calcanhares. Sabendo que ela não tem escapatória, diminuo os passos e respiro fundo. Segurando meu pulso machucado no peito, encosto no batente da porta. Meus olhos examinam a escuridão até que pego sua forma imóvel parada no canto oposto da janela e a cadeira que arrastei lá ontem. —Por favor, me diga o que há de errado. O que assustou você?

Seu corpo treme visivelmente à luz escassa da lua. —Era-era-era você.

—O que fui eu? — Peço de volta com tanta paciência quanto consigo, considerando as circunstâncias.

Ela envolve os braços em volta de si mesma. —Você me acordou gritando. Eu pensei que o homem das sombras havia me encontrado e estava atacando você.

—O homem das sombras? — Pergunto de volta, feliz por ela estar realmente falando comigo e não desligando.

— Dos meus sonhos. Eu acho que pode ser uma lembrança, mas nunca consigo ver o rosto dele. Só que ele tem olhos brilhantes e está sempre na sombra. Eu pensei que ele tinha você.

—Doe... estou bem. *Você está* bem. Foi apenas um sonho.

—Não foi um sonho. — ela insiste, seus olhos se voltando determinados. —Você foi quem teve o sonho! Você me acordou gritando. Por que você estava gritando, Niko? Eu entrei no seu quarto e você ainda estava dormindo e... e... tendo um pesadelo.

O constrangimento me invade. A última coisa que me passou pela cabeça sobre ter Doe comigo foi ter um pesadelo. Eu sabia que não dormia bem. Sabia que os tinha com bastante frequência. Por que não pensei nisso antes de pedir para ela ficar? O que devemos fazer agora?

Eu entro no quarto. Meu peito se contrai um pouco quando ela não se encolhe mais no canto. Estamos progredindo. Pode ser um pequeno passo, mas ainda está em progresso. Ainda assim, percebo a maneira como seus dedos mergulham na nuca de Betsy como se aquela coisa tangível a estivesse mantendo no controle.

—Eu sinto muitíssimo. Eu não... eu não... — Eu cerro os dentes, soltando um suspiro duro. Estendendo a mão, esfrego a tensão na base do meu crânio e tento novamente. — Também tenho pesadelos. Bem ruins. Não pensei em como isso afetaria você aqui. Sinto muito por ter assustado você. Você nunca deveria sentir medo ao meu redor.

—Eles são sobre o homem das sombras? — Ela pergunta em um sussurro profundo, como se falar sobre ele em voz alta o conjurasse de alguma forma a este quarto.

Balanço minha cabeça tristemente. —Não. Eu perdi alguém há muito tempo. Eles são todos sobre ela.

Surpreendendo imensamente, Doe dá alguns passos através do quarto até que está de pé na minha frente. O que me deixa totalmente sem palavras é que ela murmura —Por favor, não se mexa. — e levanta a mão esquerda até que esteja nivelada com o meu rosto. Com o toque mais suave que já senti em toda a minha vida, ela coloca a ponta do dedo indicador na minha bochecha.

Eu prendo a respiração. Minha pele parece explodir daquele ponto de contato singular com a garota que tem pavor de quase tudo. Tenho vontade de estender a mão e segurar sua mão inteira ali, para segurar minha bochecha com a mão em volta da dela. Um pouco da tensão começa a vazar de mim, e tenho que lutar contra fechar os olhos.

—Sinto muito por você ter perdido alguém. Ela deve ter sido muito especial para você.

—Ela era. — resmungo com uma voz crua.

Quando Doe se afasta, sinto essa perda de contato como um calafrio físico. Pela primeira vez desde que começaram, tive alguém aqui depois de um pesadelo, e não odeio tanto quanto sempre pensei que odiaria. Seu toque removeu um pouco da profunda vergonha que perdura depois.

—Eu não quero ser responsável por assustar você no meio da noite. De forma alguma. Você deveria se sentir segura aqui. Você *está* segura aqui.

—Eu posso voltar.

Minhas sobrancelhas mergulham em confusão. —Voltar?

Ela levanta um ombro em um encolher de ombros. —De onde eu vim.

—Você sabe onde é isso?

Doe coloca o queixo no peito e balança a cabeça sem olhar para mim. Porra, ela está se retirando.

—Eu tenho uma ideia. — murmuro e acendo a luz do quarto, cegando-nos temporariamente. —Porra, desculpe. Eu só preciso ver.

Doe protege os olhos com o antebraço. —O que você está fazendo?

Olho pelo quarto, movendo-me assim que encontro a mochila descompactada ao lado da cama. Pego-a e começo a encher o espaço restante com os artigos de toalete e outras peças de roupa da cômoda. A princípio, a tarefa chama toda a minha atenção e perco a pergunta dela. —Venha comigo. — Segurando a bolsa agora cheia por cima do ombro, saio do quarto de hóspedes. Seus passos suaves e o trote de alerta de Betsy me seguem pelo corredor. Quando chego ao saguão, pego minhas chaves e atravesso

o espaço até a porta do pátio. —Vamos lá. — eu as chamo. —Nós vamos para a casa ao lado.

Algo a faz confiar em mim enquanto me segue com seus chinelos e pijamas felpudos. Atravessamos a curta distância e, em trinta segundos, estou destrancando a porta dos fundos da antiga casa de Aislin, deixando-nos entrar.

—Onde estamos? — Ela sussurra ao meu lado no escuro.

Procurando cegamente a parede, encontro o interruptor e ilumino a pequena cozinha. —Minha outra casa.

—Você tem outra casa?

—Gosto de trabalhar com as mãos quando não trabalho como policial. Compro casas velhas e quebradas e as arrumo. Chama-se virar casas.

— Oh. Então você construiu esta casa? —Ela pergunta, maravilha preenchendo sua voz. Isso me faz sorrir.

—Eu não construí a casa em si. Eu apenas rasgo as partes quebradas por dentro e as faço novas novamente. Esta cozinha em que estamos? Eu a deixei apenas com as paredes e a reconstruí. Fiz esses armários e coloquei o novo piso. Tudo até as maçanetas das gavetas é novo.

Ela não diz nada, mas eu a vejo examinando o espaço com uma clara surpresa no rosto.

—Me siga.

Eu a conduzo pelo espaço e pelo corredor. Aponto o banheiro e a levo para o quarto no final. Era um antigo quarto de reposição que a mãe de Aislin usava como apenas mais uma superfície para foder seus amigos, mas fiz tanto com o espaço que

agora estava irreconhecível. Ainda bem que decidi comprar alguns móveis para organizar a casa, caso decidisse vendê-la, mesmo sabendo que provavelmente nunca o faria. Agora Doe não precisa dormir no maldito chão.

—Eu pensei que seria melhor para você dormir aqui.

Uma guerra de emoções brilha em seu rosto. A confusão e o medo dominam, mas também acho que vejo alívio.

— Vai ser melhor. Você precisa descansar bastante e não conseguirá isso se eu continuar acordando você no meio da noite com meus pesadelos. Você já tem seus próprios pesadelos para lidar. Eu acho que nós dois dormiremos melhor assim, e estarei ao lado. Você ainda está segura aqui, Doe.

E está. Eu posso ter tido esse incidente há algumas semanas, mas tenho quase cem por cento de certeza de que foi ela entrando furtivamente nesta casa. E quem quer que estivesse naquele carro no meu gramado estava procurando por ela. Eu instalei um alarme de segurança no local desde então, e a pessoa do carro já se foi. Eles não teriam motivos para suspeitar que ela ainda está aqui depois de todo esse tempo.

—Estou com medo de ficar sozinha. — ela sussurra, apertando a barra da blusa com as pontas dos dedos. Eu jogo a bolsa no chão, bem dentro da sala e dou um passo mais perto até que esteja bem na frente dela. Eu gostaria de poder abraçá-la e passar um pouco da minha confiança, mas isso não é possível com tudo o que aconteceu com ela. Eu a assustaria diretamente em um estado catatônico.

—Você não ficará sozinha. Esta casa é mais segura que a minha, e estarei do lado. Há um sistema de alarme conectado ao meu celular que me acorda se alguém tentar invadir. Levaria trinta segundos para chegar aqui com a minha arma.

—Eu ainda não tenho certeza. — Ela vira a cabeça para longe de mim novamente. Desta vez, a chamo de volta com um —Hey.

Quando ela olha para mim, pergunto: —O que tornaria melhor?

Alguns segundos passam. —Betsy pode ficar? — Em seu nome, o pastor alemão bate a cabeça na coxa de Doe, e ela imediatamente desliza os dedos em seu pelo.

—Você quer minha cadela?

Ela assente. —Ela me faz sentir segura.

Eu dou um pequeno sorriso. —Claro, sou eu quem está com a arma, mas você se sente mais segura com o cachorro.

—Ela pode latir alto. E você disse que ela poderia despedaçar um homem.

—Ela poderia. — respondo em um tom mortalmente sério.

—OK. Ficarei aqui para dormir se Betsy ficar comigo.

—Boa. Só mais uma coisa. — Eu jogo minha cabeça em direção ao corredor em um gesto para ela me seguir. Eu paro na frente da porta que não apontei para ela antes. O antigo quarto de Aislin. —Você não pode entrar neste quarto. Não há nada de ruim ou estranho lá. É apenas a minha regra.

Um olhar de medo cruza seu rosto novamente. Merda. Eu me endireito com uma respiração constante e depois seguro a maçaneta. A porta se abre. Felizmente, uma luz adequada da lua

brilha e não preciso ligar o interruptor. Tento prender a respiração e não pensar na última pessoa que morou aqui, mas é quase impossível. —Vê? Nada esquisito. Apenas, por favor, fique fora desse quarto. — Antes de perder a coragem, fecho a porta novamente.

—Ok, Niko. Eu vou ficar de fora.

—Obrigado. Agora é tarde. Vá para a cama e quando estiver pronta, vou sair e trancar. Durma até a hora que quiser, mas irei verificar você de manhã para que não precise sair sozinha. Podemos tomar café da manhã em minha casa sempre que você estiver pronta.

—Ok. Boa noite, Niko.

—Boa noite.

Ela apaga a luz do quarto e a ouço subindo na cama. Depois que ela concorda, eu me afasto, acendendo a luz do banheiro e fechando a porta quase completamente. Não quero muito brilho, mas é uma casa desconhecida. Ela não deveria ter medo de usar o banheiro no meio da noite. Apago a luz da cozinha, programo o alarme e tranco. Parte de mim se sente mais leve, e a outra parte se sente culpado para caralho. Não apenas porque outra mulher está dormindo na casa de Aislin. Já é difícil o suficiente. Mas entrar no antigo quarto de Aislin, por mais breve que seja, parece um pouco como abrir a caixa de Pandora. Esta é uma vez que absolutamente espero que meu pressentimento esteja errado.

CAPITULO 19

Niko

Idade quatorze

Sento-me no para-choque do carro de mamãe e, impaciente bato meus dedos em um ritmo silencioso no capô. Olho para a farmácia, mas há muitas fotos nas janelas para realmente ver o interior. Olhando para o relógio que recebi no Natal, noto que eles estão lá há pelo menos quinze minutos. O que no mundo está demorando tanto? Hoje é o décimo terceiro aniversário de Aislin. Mamãe deveria nos deixar em um pequeno restaurante perto do cinema, então iremos caminhando para o cinema para assistir a um filme. Vamos nos atrasar se eles não se apressarem. Eu trabalhei nos últimos três meses cortando grama para ganhar dinheiro suficiente para levá-la a um encontro no aniversário dela. É um grande dia porque ela é oficialmente uma adolescente agora.

Algo está errado, no entanto. Quando ela veio correndo para minha casa mais cedo, ela nem percebeu minha presença; ela apenas foi direto para mamãe, sussurrou algo em seu ouvido, e então as duas foram para o quarto de mamãe com a porta fechada. Ela parecia chateada e com raiva. Eu queria saber o que estava errado, mas algo me segurou. Eu podia sentir que ela precisava da minha mãe por algum motivo, então deixei para lá. Eu queria caminhar até a porta e pressionar meu ouvido contra ela, mas, novamente, não o fiz. Seja qual for o problema, eu vou perguntar a ela mais tarde. A mãe dela é péssima, então quando ela precisa da minha, eu a deixo tê-la.

Fico de pé quando Aislin e mamãe saem da farmácia, Aislin carregando uma sacola de papel marrom. Eu tento chamar a atenção de Aislin quando passa por mim, mas ela evita meus olhos. Posso não ter perguntado a ela o que havia de errado esta manhã, mas isso não significa que não estou curioso e levemente preocupado. Não guardamos segredos um do outro. Normalmente, nem precisamos perguntar o que há de errado. Nós apenas dizemos por conta própria. Mas Aislin está agindo diferente, e eu não gosto disso.

Nós dois nos sentamos no banco de trás e apertamos o cinto. Mamãe não se importaria se um de nós se sentasse na frente com ela, mas sempre escolhemos nos sentar juntos. Olho para ela enquanto ela se senta silenciosamente, os braços em volta do saco de papel no colo. Franzo a testa quando noto a mistura de tristeza e medo em seu rosto. É um olhar que eu conheço bem, porque ela o carregou tantas vezes ao longo dos anos que nos conhecemos. Só que desta vez não conheço a causa e não gosto. Não gosto de saber que algo está errado com ela, e ela não veio até mim.

Eu mantenho meus olhos em seu rosto, esperando que ela olhe para mim, mas ela nunca olha. Sua cabeça fica afastada de mim, impedindo-me de descobrir seus segredos.

Não pela primeira vez nos últimos meses, noto como Aislin é bonita. Eu sempre achei que ela era bonita, mas algo está diferente ultimamente. O jeito que ela cheira ou quando toca minha mão me faz sentir diferente. Eu sei o que estou sentindo, e isso me assusta porque Aislin é... bem, Aislin. Ela é como uma irmãzinha para mim. Nunca pensei nela como algo mais, e não sei por que estou agora ou o que fazer com esses sentimentos.

Antes que eu perceba, mamãe está parando o carro para a nossa garagem. Olho pela janela confuso. Devemos ser deixados no restaurante.

—Por que estamos aqui? — Eu pergunto, olhando para mamãe no espelho retrovisor.

Ela não responde, mas Aislin responde. —Eu não posso sair hoje à noite.

Eu trago meus olhos para ela. —O que? Por quê?

Não consigo esconder a mágoa da minha voz. Estava ansioso para sair com ela. Ela merece comemorar o aniversário. Especialmente porque não receberá nada da mãe, nem uns simples parabéns.

—Eu simplesmente não posso. — ela responde e puxa a maçaneta para abrir a porta.

Todos saímos e ando até o lado de Aislin. Ela tenta passar por mim para ir para casa, mas agarro sua mão para detê-la, enviando formigamentos na palma da minha mão.

—O que há de errado? — Eu pergunto, ignorando o sentimento. Eu cresci muito no ano passado, então a domino ainda mais do que antes.

Ela mantém a cabeça baixa e murmura: —Nada.

Sua resposta desperta minha preocupação ainda mais. Ela nunca esconde nada de mim.

—Norte, por favor, olhe para mim — imploro.

Ela balança a cabeça, arranca a mão da minha e corre pelo quintal até a casa dela. Eu assisto atordoado quando a porta bate atrás dela. Mordo o interior da minha bochecha para impedir a

emoção causada por sentir que se afastou de mim. Parece que alguém me deu um soco no estômago. Dou dois passos para segui-la, mas a voz da mamãe me impede.

—Deixe-a, Niko.

Eu me viro e faço uma careta para ela. — Não posso simplesmente deixá-la, mãe. Algo está errado. Eu ando mais perto dela. —Sobre o que vocês conversaram?

O sorriso dela é triste quando ela responde: — Não posso te dizer isso, querido. Dê tempo a ela. Ela virá até você quando estiver pronta. Ela está passando por algumas coisas difíceis agora.

Vou fazer quinze em dois meses, mas quero bater o pé como se ainda tivesse sete anos. Eu odeio essa distância entre nós, e odeio ainda mais que ela não me diga o que há de errado. Eu sempre tento consertar o que a está incomodando, mas não posso se não souber o que é.

Deixando minha mãe parada, ando até os degraus que levam à nossa porta da frente e me sento no de cima. Vou dar-lhe tempo, mas não muito. Não posso. Isso vai me deixar louco. Vou me sentar aqui e esperar. Eu sei que ela virá até mim em breve. Ela tem que vir.

Mamãe dá uma tapinha no meu ombro enquanto passa por mim nos degraus. —Apenas seja paciente — diz ela baixinho, sabendo o quanto isso está me consumindo.

Eu ouço a porta da tela fechar e olho para a casa de Aislin. A entrada de automóveis está vazia, o que é uma bênção. Isso significa que a mãe dela e um de seus muitos namorados não estão em casa. Na verdade, ela não está em casa há alguns dias. Ela faz isso às vezes. Aislin nunca sabe quando vai acontecer até que sua mãe

não volte para casa. Em circunstâncias normais, isso seria preocupante para uma criança com a idade de Aislin ser deixada em paz, mas na verdade ela está melhor quando se vai. Além disso, ela normalmente fica na minha casa a maior parte do tempo, então não está sozinha.

Essa é outra coisa que me preocupa. Ela escolheu ir para casa em vez de ficar aqui. Abaixo a cabeça e aperto meus cabelos com os punhos em frustração. Meus olhos formigam, mas empurro a umidade que quer saltar para a superfície.

A raiva começa a anular minha preocupação. Ela tem que saber que esse silêncio está me matando, mas ela ainda está lá e não aqui me dizendo o que está acontecendo. Um grunhido desliza pelos meus lábios e me jogo dos degraus da varanda. Meus sapatos levantam pedaços de grama enquanto atravesso o meu quintal.

Eu ouço o rangido da nossa porta de tela uma fração de segundo antes de mamãe gritar: —Niko!

Eu já estou no quintal de Aislin, então a ignoro e continuo minha jornada. Ela vai gritar comigo mais tarde por não a ouvir, mas não me importo. Aislin é mais importante do que não ser gritado. Além disso, ela tem que saber que eu não duraria muito, sem saber o que havia de errado com Aislin. A própria Aislin deveria saber também.

Encontrar a porta destrancada quando giro a maçaneta aumentando ainda mais minha raiva. Aislin sabe que não deve deixar a porta destrancada, mesmo durante o dia. Uma porta destrancada neste bairro está apenas convidando alguém a entrar. Ela normalmente é boa em se lembrar. Apenas mostra que algo está seriamente errado aqui.

A casa está quieta quando entro na sala de estar. Torço o nariz quando o cheiro de fumaça velha me atinge. O lugar é um desastre. O tapete está manchado e desgastado, os móveis estão se quebrando e as paredes têm vários buracos do tamanho de punhos. A tinta outrora branca agora está manchada de amarelo opaco. Eu odeio que Aislin viva aqui e tenha que respirar o fedor deste lugar. Aislin faz o possível para manter a casa o mais limpa possível, mas é inútil porque sua mãe simplesmente vem logo atrás e a torna repugnante.

Eu ando pela sala, certificando-me de passar por cima do ponto fraco que sei que está debaixo do tapete perto da poltrona reclinável. O corredor está escuro, mas não porque a luz não está acesa. Não há uma lâmpada ali há anos. A mãe de Aislin não compra nada para substituí-la, preferindo gastar seu dinheiro em bebidas e drogas. A última vez que a luz de Aislin se apagou em seu quarto, ela teve que conseguir uma de nós.

Paro na porta dela, respiro fundo e bato.

—Vá embora, Niko. — a voz abafada de Aislin vem do outro lado da madeira fina.

Ignorando sua demanda, pego a maçaneta da porta e pisco surpreso ao encontrá-la trancada. Ela usa a trava com frequência, temendo que um dos homens de sua mãe tente entrar no quarto, mas ela nunca usou isso contra mim. E agora, não está trancado para manter os homens maus fora; serve para me manter de fora, porque ela sabia que viria.

Uma forte dor aguda esfaqueia meu peito, forçando-me a respirar fundo. Demoro um minuto para afastar a dor que esse gesto causa.

—Abra a porta, Aislin. — digo através da porta. Ela pode querer que eu vá embora, mas não vou a lugar nenhum. Não até que ela se abra para mim.

—Não. Eu não estou me sentindo bem. Apenas vá embora. Eu ouço uma fungada, e isso aumenta minha necessidade de vê-la.

—Abra a porta, ou vou derrubá-la. — rosno.

Olho para a madeira que me separa dela e determino que não será preciso muito para forçá-la a abrir.

—Por favor, Niko, apenas vá. Mais tarde eu irei explicar. Eu só preciso ficar sozinha agora.

Sua voz falha, e ela quebra o fio segurando meu controle no lugar. Ela seriamente não pode esperar que a deixe em paz. Se a situação fosse revertida, ela estaria gritando comigo para deixá-la entrar. Dou um passo para trás, viro meu ombro para a porta e depois o empurro para frente. Como esperado, a porta abre com facilidade e bate na parede. Meus olhos se voltam para Aislin sentada no final de sua cama, os joelhos contra o peito, com os braços em volta deles. Seus lindos olhos se arregalam quando ela me olha. A adrenalina de bater na porta faz o meu peito bombear.

Quando vejo seu rosto vermelho e manchado, o medo me faz correr pelo quarto e cair de joelhos na frente dela. Sua cama consiste em um colchão de solteiro no chão, então minha posição nos coloca ao nível dos olhos. Ela me observa com cautela, seus olhos protegidos. Ela nunca foi guardada comigo antes. O que diabos está acontecendo? *minha mente grita.*

—Norte. — sussurro, minha voz rouca. Estendo a mão e puxo uma das mãos dela da perna. Outro formigamento começa em meus

dedos assim que a toco. Mais uma vez, afasto o sentimento. —Por favor fale comigo. Você está me assustando.

Ela fecha os olhos e deixa a testa cair nos joelhos. Meu coração aperta porque acho que ela ainda vai me manter no escuro, mas depois ela levanta a cabeça.

—É estúpido. — ela murmura.

Franzo o cenho e me aproximo dela. —Nada do que tem a ver com você é estúpido.

Ela revira os olhos. —Isto é. E é embaraçoso.

—Aislin, apenas me diga. Eu prometo que não há nada para se envergonhar. Você é minha melhor amiga. Se algo está incomodando você, quero saber sobre isso. Eu quero ajudar.

Ela ri, mas o olhar em seu rosto diz que é falso. —Você não pode ajudar com isso.

A frustração me faz cerrar os dentes. Estou prestes a dar uma sacudida para fazê-la ver a razão quando ela deixa escapar: — Comecei meu período hoje.

Eu pisco, e levo um minuto para processar suas palavras.

Comecei meu período hoje. Suas palavras se repetem na minha cabeça. Meus olhos se arregalam, e quando ela os vê, um rubor surge em suas bochechas. Ver aquela cor na pele dela faz meu próprio corpo esquentar. Eu tiro meus olhos dela e sento-me nos calcanhares. Quando ela tenta puxar sua mão da minha, aperto meus dedos e olho para ela.

—Você está bem? — Eu pergunto, lembrando a dor que minha irmã passa todos os meses.

Ela encolhe os ombros, sem olhar para mim. —Aislin. — eu chamo.

—O que?

Quando ela ainda não olha para mim, aperto a mão dela e chamo seu nome novamente. Seus olhos finalmente encontram os meus, e posso dizer que ela se sente estranha. O que eu pensei que ela sabia, mas agora percebo que não, é que não há nada, absolutamente nada, para estar envergonhada comigo ou com medo de falar comigo. Eu não ligo para o que é; Eu estou sempre aqui por ela. Mesmo algo tão particular quanto isso. Aislin é meu norte, ela é meu tudo, e não há nada na terra que queira que ela tenha que passar sozinha.

Com a mão dela ainda na minha, fico de joelhos e me aproximo dela. Meu queixo vai para o topo dos joelhos dela. Estou tão perto que ela não tem escolha a não ser manter os olhos em mim.

—Por que você está envergonhada? — pergunto, inclinando minha cabeça para o lado.

Ela torce o nariz e me dá um olhar que diz que sou burro. — Porque é estranho e me faz sentir nojenta. Eu odeio isso. — A voz dela cai. —E tenho medo que você pense diferente de mim.

Meus olhos quase saltam da minha cabeça com a declaração louca dela. —O quê? — pergunto alto. —Por que pensaria diferente de você?

Os ombros dela se levantam e caem. —Eu não sei. — ela murmura.

Chocado que ela pensasse isso, me levanto do chão e me sento na cama ao lado dela. Eu puxo os braços dela ao redor de suas

pernas, jogo meu braço sobre seus ombros e a puxo para mais perto de mim.

—Não há nada que me faça sentir diferente em relação a você, North. Nada. Você é minha melhor amiga e sempre será.

Ela envolve os braços em volta de mim e se aconchega mais perto. Baunilha sobe e me envolve. O cheiro é bom. Fecho os olhos e respiro fundo várias vezes.

—Eu disse que era estúpido. — diz ela calmamente.

Eu não respondo porque ela pensa que me sentiria diferente em relação a ela por algo que ela não tem controle, algo natural, é estúpido. O alívio corre por mim, agradecido pelo problema não ter sido algo mais sério.

—Podemos ir à sua casa e assistir a um filme em vez de sair?

Olho para baixo e vejo Aislin olhando para mim. Ela parece cansada, com os olhos ainda vermelhos por estar chateada. Dói no meu coração que ela sentiu que não poderia me procurar com suas preocupações.

—Você tem certeza? — Pergunto.

O sorriso dela é pequeno. —Sim. Meu estômago está doendo hoje. — Suas bochechas ficam rosadas e sei que ela está se referindo a cólicas. Já ouvi minha mãe e minha irmã reclamarem delas antes.

Enfio um pedaço de cabelo atrás da orelha dela. —Nós podemos fazer o que você quiser. Hoje é o seu dia, lembra?

—Obrigado. Podemos jantar e ir ao cinema em alguns dias? — Eu aceno, e ela fica quieta por um momento antes de dizer:— Sinto muito por não lhe contar. Eu meio que surtei e não sabia o que dizer.

Meu braço aperta seu ombro. —Apenas me prometa que não vai me manter no escuro assim novamente. Eu estava assustado.

Ela encosta a cabeça no meu peito e suspira. — Eu não vou. Eu juro.

Alguns minutos depois, ela se afasta, levanta da cama e pega o saco de papel do chão. Ela se vira para sair, mas volta para mim. Desta vez, ela cai de joelhos diante de mim. Minhas pernas estão dobradas e afastadas alguns centímetros. Ela desliza e coloca o corpo entre eles até ficarmos a poucos centímetros um do outro. Seus deslumbrantes olhos verdes brilhando para mim, ela joga os braços em volta da minha cintura. A cabeça dela pousa no meu peito enquanto o peito encontra o meu estômago.

A posição inocente não é diferente do que fizemos antes, mas desta vez parece diferente. Parece mais. Demoro um minuto antes de meus braços deslizarem ao redor dela, minha vez agora de me sentir estranho. A confusão se instala quando a sensação dela contra mim parece perfeita e certa. Fecho os olhos e tento fazer a sensação desaparecer. Não funciona.

Quando os abro novamente e olho para baixo, Aislin está olhando para mim com olhos brilhantes. —Obrigado Niko. Fui estúpida por me preocupar tanto.

—Nunca tenha medo de vir até mim. Estou aqui. Sempre.

—Eu sei. — diz ela sorrindo.

Ela me libera e dá um passo atrás. —Vamos. Vamos encontrar um filme para assistir.

Eu concordo. Ela pega minha mão e me arrasta para fora da porta, a sensação de sua mão na minha fazendo meu estômago revirar.

CAPITULO 20

Niko

Fico de costas contra o balcão, com a xícara de café na mão e olho pela janela à minha frente. Sinto-me ansioso e nervoso quando olho para a casa ao lado. Não consigo ver nenhuma janela, e está me incomodando não saber o que está acontecendo por lá.

Mudar Doe para a antiga casa de Aislin, ou melhor, *minha* nova casa, era a coisa certa a ser feita por algumas razões. Um sendo o olhar assustado no rosto de Doe quando me ouviu gritando do meu pesadelo. Eu odiava aquela porra de olhar. Eu odiava saber que ela usava aquele olhar por *minha* causa. Ela já passou por muita coisa e já é bastante nervosa. Eu realmente não quero adicionar a isso.

Outro motivo é porque tê-la aqui nesta casa, tão perto, parece... diferente do que estar perto dela no hospital. Quando inicialmente a convidei para ficar aqui, parecia a coisa certa a fazer na época. Embora eu ainda acredite que ela está melhor aqui do que nas ruas ou em um abrigo para pessoas sem teto, não tenho certeza se gosto da maneira como me sinto em tê-la em minha casa. Ela ainda está magra e muitas das marcas no rosto e nos braços ainda estão vermelhas, para não mencionar todas as cicatrizes antigas, mesmo assim, ela é linda. A cada visita a ela no hospital, seu cabelo parecia mais saudável, e tenho certeza de que era da lavagem regular e dos nutrientes que estava recebendo agora. Eu notei que em geral, ela gosta de usá-lo solto com uma

parte por cima dos ombros. Por alguma razão, me incomoda que ela use o cabelo para esconder o rosto às vezes, mas também entendo que é um mecanismo de defesa.

Trago meu café, tomo um gole e depois o coloco no balcão, porque está muito frio agora. Cruzo os braços sobre o peito, sentindo uma leve pontada no meu pulso dolorido, mas ignorando-o. Eu faço uma careta para a casa do outro lado. Embora ter Doe nela fosse a coisa certa a fazer, ainda não gosto de tê-la lá. Parte de mim a quer aqui, comigo, mas essa parte se encolhe ao saber que ela está em um lugar que significa muito para mim.

Eu a avisei do único cômodo da casa que ainda tem uma porta velha e descolorida, mas isso não significa que ela *vai* ficar longe. E se ela entrar no quarto de Aislin e vasculhar suas coisas? Estou com muito medo de entrar naquele quarto e, com certeza, também não quero que mais alguém entre lá. É estúpido, mas considero esse quarto sagrado. Aquele quarto não é meu; ainda é de Aislin.

Eu não vejo Doe desde a noite de ontem, quando a mudei, e estou pronto para puxar minha porra de cabelo. Por que diabos eu sinto essa forte necessidade de vê-la, como se precisasse ter certeza de que ela está bem? E por que diabos minha pele se arrepia com o pensamento de ela estar na casa velha de Aislin? É uma maldita casa, pelo amor de Deus.

—Foda-se! — eu rosno para ninguém, então me afasto do balcão. Eu preciso fazer algo além de ficar aqui o dia inteiro e encarar a casa e me perguntar o que ela está fazendo.

Vou ao meu escritório, me sento na minha mesa e ligo o computador. Me deparei com algumas casas há alguns dias que

estou interessado em comprar para reformar. Agora que terminei a casa de Aislin, preciso de uma nova para ocupar meu tempo. As casas são locais; na verdade, uma fica a apenas alguns quarteirões, e é isso que mais me interessa. É uma casa de dois andares com quatro quartos e dois banheiros, varanda envolvente com garagem isolada. É velha - tipo, muito velha - e em péssimas condições, o que a torna barata. Estou aguardando uma resposta do corretor de imóveis sobre um horário para ver o interior.

Estou apenas abrindo meu e-mail quando ouço uma batida na minha porta da frente. Levantando-me, vou direto para a porta, me perguntando se é minha nova vizinha, então ignoro o sentimento que esse pensamento me dá.

Quando abro a porta, não é Doe que encontro do outro lado, mas Tavers. Ele não me cumprimenta ou espera que o receba lá dentro; ele apenas passa por mim, jogando por cima do ombro: — Cadê a Doe?

Eu fecho a porta e depois me viro para encará-lo. —Ao lado. — Ao seu olhar interrogativo, explico melhor. —Ela está na casa ao lado. Com o que ela passou e a maneira como ainda fica desconfortável por estar perto das pessoas, achei que seria bom ela ter seu próprio espaço. —Não conto a ele sobre o pesadelo e o medo que sei que ela sentia ao me encontrar assim.

—Isso é bom — ele murmura. Só então percebo a tensão do corpo dele. O que quer que ele esteja aqui para dizer, não vou gostar.

—O que é isso? — Eu pergunto, meu próprio corpo ficando rígido.

Em vez de responder, ele vira as costas para mim, passando os dedos pelos cabelos em agitação. —Maldição! — ele murmura.

—Tavers. — eu rosno e dou um passo em sua direção. —O que diabos está errado?

Ele gira, sua própria raiva ilumina seu rosto, mas também há algo mais lá. Algo que tem o sangue nas minhas veias ficando quente.

—A dica sobre os carros não deu certo. — diz. Ele mantém os olhos em mim enquanto continua. —Cada maldito Honda Civic branco na área naquela época foi contabilizado, exceto um, e esse foi roubado dois meses antes da captura de Aislin. Foi roubado fora da área de Detroit quando o proprietário estava visitando sua mãe. Nunca foi encontrado. Com todos os outros, ou não há conexão com Aislin, os proprietários tinham álibis ou não havia nenhuma puta forma que eles pudessem ter sequestrado ela.

Vermelho. Vermelho ofuscante é tudo o que vejo quando as palavras de Tavers me atingem. Raiva incontrolável deixa todos os músculos do meu corpo tenso, prontos para atacar e destruir alguma coisa. Minhas têmporas latejam e minha mandíbula dói por apertá-la com tanta força.

—Como diabos isso é possível? — Pergunto a Tavers, minha voz soando não natural até para meus próprios ouvidos.

Embora os olhos de Tavers tenham raiva, ele olha para mim, cansado, como se não tivesse certeza de qual será meu próximo passo.

—Eu verifiquei todos eles três vezes antes de chegar até você com isso — ele responde. —A testemunha deve ter cometido um

erro na marca do carro. Estamos trazendo-o de volta para mais perguntas.

As palavras mal saem de sua boca antes que me afaste dele com um rugido e bato meu punho contra a parede mais próxima. Drywall desmorona no chão enquanto arrasto meu punho do buraco que acabei de fazer. A mesa ao lado da porta da frente bate do outro lado da sala quando meu pé se conecta a ela. O velho cabide que mamãe tinha desde que eu era criança é arrebatado e jogado do outro lado da sala.

—Niko! — Estou pegando uma lâmpada na mesa de café quando a voz de Tavers soa para mim. Sua mão pousa no meu antebraço, impedindo-me de pegar a lâmpada.

Pego meu braço longe dele com um grunhido. Minhas mãos vão para as costas do sofá e abaixo a cabeça. Minhas respirações saem agitadas e meu coração bate em um ritmo instável. Respiro fundo, conto até dez e depois o exalo, tentando acalmar o fogo furioso que queima dentro de mim.

—Isso ainda não acabou, Niko. — diz Tavers calmamente ao meu lado. —Vamos pegar esse filho da puta e pregar sua bunda doente na parede. — Ele se inclina e enfatiza: —Isso não está acabado.

Eu ignoro as palavras dele porque não importa o quanto tentemos - não importa para onde olhemos, o que fazemos, ou quem puxamos e questionamos - qualquer coisa que possa ser remotamente uma pista acaba vazia. Estou desistindo? Foda-se, não. Eu nunca vou desistir, mas o estado em que estarei quando acharmos o bastardo é questionável. Quanto mais tempo leva, mais

a ira tem tempo para crescer. Eu a sinto apodrecendo e construindo força dentro de mim até que quase me consuma.

Fecho os olhos e uma imagem de Aislin aparece na minha cabeça. Dela quando éramos crianças. Ela e eu estamos andando numa bicicleta enferrujada na rua em nosso bairro. Ela joga a cabeça para trás, rindo; a expressão a faz parecer a menininha que era, em vez da versão mais madura que ela era forçada a ser. Não era frequente que Aislin ria, mas quando fazia, todo o seu rosto acendia e meu mundo inteiro se iluminava. Eu adorava ouvi-la rir. E o que está errado, é que, mesmo depois de quinze anos, juro que às vezes ainda ouço. Eu amo e odeio o som agora.

A imagem muda para uma Aislin mais velha. Esta é do seu corpo sem vida e brutalizado na mesa fria de metal no necrotério. Meu peito parece que uma tonelada de tijolos está assentada nele. Nunca na minha vida esquecerei a imagem de vê-la assim, desejando com tudo o que eu tinha que ela abrisse os olhos e me mostrasse o lindo verde embaixo. Mas então eu acho que ela provavelmente está melhor assim, morta, porque com a condição em que estava, não há nenhuma maneira de ela ser a mesma Aislin. Seu corpo poderia ter sobrevivido, mas sua mente não. Esse pensamento dói tanto. Mesmo sabendo o que ela passou e a condição em que sua mente estaria, eu queria que ela sobrevivesse, mas também estou feliz por não ter sobrevivido.

Abro meus olhos e eles pousam na casa ao lado pela janela. Viro minha cabeça para Tavers.

—Você pode ficar com Doe? — Eu pergunto, de repente precisando fazer alguma coisa.

Seus olhos se movem para a janela e depois se voltam para mim. —Você sabe que sim, mas não posso agora. Disse ao capitão que estava indo lhe contar pessoalmente que a dica não estava dando certo, mas estou atrasado e preciso voltar à delegacia. As sobrancelhas dele se abaixam. —O que você está pensando?

Meus dedos agarram o pano do sofá e aperto meus molares antes de responder. Empurrando contra o sofá, me levanto. —Eu preciso fazer alguma coisa.

—Não faça nada estúpido, Niko. — ele adverte.

Eu faço uma careta para ele. —Como o quê?

—Eu não sei. Só sei que essa notícia está afetando sua cabeça. Não faça nada estúpido — ele repete.

Eu ando até o bar e pego minhas chaves antes de ir para a porta. —Foda-se, Tavers — jogo por cima do ombro, não me importando de estar sendo um idiota. —Eu não sou um idiota. — abro a porta e saio. —Tranque quando sair.

Fecho a porta atrás de mim, subo os degraus dois de cada vez e vou para a casa ao lado. Ansiedade e nervosismo percorrem meu corpo enquanto subo os degraus e paro na frente da porta. Eu reflito sobre apenas entrar ou bater primeiro. Leva um minuto para fazer as duas coisas. Bato meus dedos com força duas vezes contra a porta e seguro a maçaneta. Está trancada, o que não me surpreende, porque disse a Doe para mantê-la trancada o tempo todo. O bairro está limpo, mas ainda é bom ser cauteloso, especialmente porque o atirador de algumas semanas atrás ainda não foi pego.

Usando a chave extra, destranco a porta, a abro e entro. Imediatamente, o alarme começa a emitir um sinal sonoro e o desarmo. O cheiro de tinta fresca imediatamente me agride, surpreendendo-me momentaneamente, pois ainda espero sentir o cheiro de fumaça de cigarro e odor corporal. Esse cheiro não existe há meses, mas ainda o espero toda vez que passo nesta casa.

A sala está vazia, exceto por um sofá velho. Entro na cozinha, que tem apenas uma pequena mesa de cartas e uma única cadeira. Eu disse a Doe que iríamos comprar alguns móveis nos próximos dias. Eu realmente não posso esperar que ela viva em uma casa com esse mobiliário mínimo.

Saindo da cozinha, ando pelo corredor. A porta velha à esquerda me assombra quando passo e tento o meu melhor para ignorá-la. Ver que ainda está bem fechada e não parece ter sido mexida não ajuda a acalmar os nervos sobre ter alguém morando aqui.

Paro na porta em frente ao antigo quarto de Aislin. Eu não queria Doe no antigo quarto de sua mãe, porque ela merece mais do que dormir em um quarto que tem *muitos* atos depravados. Da porta parcialmente aberta, vejo Doe na cama de solteiro. Na verdade, é minha velha cama de criança que meus pais guardavam no porão. Ela está sentada de costas contra a cabeceira da cama, os braços em volta das pernas, com o livro que começamos a ler juntos no hospital. Meu coração se contrai porque ela parece tão pequena, quase infantil, no colchão pequeno. Ela ganhou muito peso, mas não o suficiente para ser considerada saudável ainda.

Betsy está deitada na cama ao lado dela, com a cabeça nos pés de Doe. Sua cabeça se ergue quando bato levemente na porta. Doe pula, e seus olhos parecem assustados quando ela os lança pela porta.

—Ei. — murmuro, abrindo a porta mais amplamente e entrando.

O olhar assustado desaparece, e ela coloca o livro ao lado do quadril e repousa o queixo nos joelhos levantados. —Ei.

Eu respiro e solto o ar, afastando a fúria ainda correndo pelas minhas veias com as notícias que Tavers acabou de dar. A última coisa que quero fazer é parecer zangado na frente dela.

—Há um lugar que preciso ir. Volto em algumas horas.

Seus olhos se arregalam, e o medo que passa através deles me faz sentir como um idiota. Eu sei que ela tem uma certa confiança em mim e em deixá-la em um lugar estranho, sem ninguém por perto, exceto Betsy é insensível e uma coisa horrível a se fazer. Mas há algo que *preciso* fazer. É uma necessidade que não posso ignorar agora, e é a única coisa que impede minha mente de ficar louca.

Seu lábio treme quando ela diz baixinho: —O-ok.

Eu ando mais para dentro do quarto, e seus olhos me seguem quando chego ao pé da cama. —Nada e ninguém vão te encontrar aqui. Você está segura. E Betsy está aqui para garantir isso também. —Essa não é a primeira vez que lhe digo isso desde que recebeu alta e veio ficar aqui. Como ela não tem memória, tenho certeza de que é algo difícil para entender e acreditar.

Ela me dá um único aceno de cabeça, mas o medo ainda é aparente em seus olhos. Eu odeio essa porra de olhar. Seus braços

se apertam ao redor das pernas, como se ela estivesse tentando se retrair e se tornar menor. Parte meu coração que ela sinta a necessidade de fazer isso.

Dou um passo para trás da cama, o lugar que eu preciso ir chama meu nome.

— Algumas horas, Doe. É isso; então voltarei. Eu prometo.

Ela abre a boca para dizer algo e a fecha. Eu cerro os punhos e me viro, me odiando por deixá-la, mas sabendo que é o melhor agora. Betsy está com ela e parece ter gostado muito dela. Isso será suficiente por algumas horas. Preciso liberar um pouco da raiva fervente que tenho dentro de mim, e essa é a única coisa que sinto que ajudará.

Chego na metade da sala quando pés rangem rapidamente no chão limpo.

—Espere! — Doe grita, e me viro. Estou quase sendo repelido pelo puro terror que agora estraga seu rosto. —Por favor. — ela implora, as mãos entrelaçadas na frente do peito, as lágrimas nadando nos olhos arregalados. —Por favor, não me deixe. Eu não posso... —Ela para e balança a cabeça e termina com um sussurro quebrado:— Estou com medo.

Estou congelado no local. Não porque não sei qual resposta dar a ela, mas o que a devastação e o medo em seu rosto me causam. Essa mulher não está apenas assustada; ela está petrificada, e isso causa uma dor tão forte no meu peito que parece que alguém me apunhalou com uma faca e está cortando meu esterno. Dói fisicamente vê-la dessa maneira. Por mais que eu precise sair e fazer isso sozinho, não há nenhuma maneira de poder

deixá-la. Não há como dizer em que estado ela estaria quando eu voltasse, e isso não apenas a afetaria, mas também a mim.

—Ok, Doe. — Eu mantenho minha voz baixa por medo que possa parecer cru. —Você pode vir comigo. — O alívio que vejo assim que as palavras saem da minha boca diz que fiz a escolha certa.

Eu ando até ela lentamente e estendo minha mão. Ela agarra sem hesitar, o que me choca para caralho, porque ela nunca me tocou por vontade própria. Também mostra o quanto ela não quer ficar sozinha. Sua mão está quente na minha, e há um ligeiro tremor. Aperto-a com força, mostrando-lhe silenciosamente que não vou deixar ir.

Na porta, noto Betsy seguindo atrás de nós. —Não garota, você tem que ficar.

Betsy geme e olha para Doe com olhos suplicantes. Meu cachorro nunca gostou tanto de alguém quanto a Doe. Seu comportamento é estranho, mas em um sentido estranho, eu gosto que meu animal de estimação seja tão atraído por ela.

Doe solta minha mão e agacha na frente de Betsy, passando a mão da cabeça pela espinha. —Está tudo bem, garota. Voltaremos em breve. — diz Doe suavemente. Doe parece ser igualmente ligada à Betsy enquanto a acaricia carinhosamente.

Betsy geme novamente, e observo com curiosidade enquanto ela lambe a bochecha de Doe antes de esfregar o focinho na curva do pescoço dela. Doe olha para mim e respondo sua pergunta antes que ela tenha a chance de fazer.

—Ela pode vir. — Limpo minha garganta da sensação de arranhão ao ver Betsy e Doe interagirem.

O sorriso que enfeita o rosto de Doe faz meu peito apertar. Ela levanta e pega minha mão novamente, me surpreendendo ainda mais. Eu a conduzo pela porta da frente com Betsy seguindo, tranco-a atrás de nós e depois nos conduzo até minha caminhonete. Betsy pula automaticamente no banco de trás. Eu a levei a vários lugares comigo várias vezes, e ela geralmente se senta na frente, mas ela deve saber que seu lugar é na parte de trás quando Doe está conosco.

Para onde estamos indo, a unidade não está longe. Eu ligo o rádio, mas mantenho o volume baixo. Eu realmente não me importo de falar no momento, mas ter um silêncio constrangedor também não é algo com o qual quero lidar. Doe também fica em silêncio, pelo que sou grato. Sem pensar, meus olhos deslizam para ela a cada poucos minutos. Ela tem os dedos entrelaçados no colo e alguns cabelos compridos caem sobre os ombros. Ela está com a cabeça virada para o lado oposto enquanto olha pela janela, mas posso ver que ela está tensa.

Paro junto a um pequeno vendedor na beira da estrada da cidade e pego uma dúzia de gardênias. Quando os coloco ao nosso lado no console, Doe olha para eles.

—Elas são lindas. — ela comenta suavemente.

Olho para elas e uma pontada atinge meu peito. Eram as favoritas de Aislin. Uma vez perguntei por que gostava tanto delas, e me disse que elas pareciam puras. Fiquei com raiva de ouvi-la dizer isso - não com raiva dela, mas com as pessoas que a fizeram

se sentir impura. Ela era uma das pessoas mais puras que conhecia, mas com a vida dela do jeito que era, não se sentia assim.

—Obrigado. — murmuro e ligo o caminhão.

Chegamos ao cemitério Westbridge cinco minutos depois. Paro o motor e fico sentado, olhando para todas as lápides à nossa frente. Doe não diz nada, mas sei que é curiosa. Sinto seus olhos em mim enquanto olho o para-brisa. Minhas mãos, que ainda estão no volante, seguram com força. Só estive aqui uma vez desde que Aislin morreu, e esse foi o dia do funeral. Tem sido muito difícil vir. Torna mais real que ela não está mais aqui, o que é estúpido, porque ela não está aqui há anos. Eu já vi seu corpo morto, mas estar nesse lugar, sabendo que ela está enterrada a um metro e meio, torna-o *mais* real.

—Fique aqui. Eu voltarei.

Antes que ela tenha chance de responder, pego as flores e saio do caminhão. Não olho para trás enquanto me afasto, meu olhar focado à frente na lápide cinza, cinco fileiras além e seis lotes abaixo. Posso ter vindo aqui apenas uma vez, mas lembro exatamente onde ela está.

Minhas mãos suam e minhas pernas parecem cheias de chumbo quanto mais eu chego ao seu túmulo. Meu coração bate irregularmente, deixando um sentimento vazio na garganta. Eu tenho que lutar contra as lágrimas que ameaçam cair.

Eu paro no final do seu túmulo. Meus joelhos ficam fracos demais para me segurar, então nem tento e me jogo no chão úmido. Olhando para cima, meus olhos pousam na lápide. Várias estrelas cercam as palavras.

Aislin Kennedy Mathers

Data de nascimento 21 de julho de 1989

Data da morte 30 de agosto de 2017

Ela está segura entre as estrelas.

Eu limpo minha garganta e tento o meu melhor para falar além das lágrimas.

—Ei, Norte. — Minha voz ainda sai áspera. Limpando minha garganta, eu continuo. —Sinto muito por não ter vindo aqui antes. Tem sido muito difícil pensar em você em um lugar como este. Este não é o seu lugar. Você tinha muitos anos restantes de sua vida.

Algo quente escorre pela minha bochecha, e seco com a mão. Inclino-me, certificando-me de não perturbar a grama recém crescida e coloco as flores na lápide. Sento-me nos calcanhares e coloco os punhos cerrados nas coxas.

—Recebi más notícias hoje, mas juro que não me impedirá de descobrir quem fez isso com você. Prometo que vou pegar esse cara, e ele nunca mais tocará em outra garota.

Abaixo a cabeça e fecho os olhos, liberando mais algumas lágrimas que caem em minhas mãos.

—Sinto muito por ter falhado com você. — sussurro roucamente. —Sinto muito por você ter sofrido tanta dor. Espero que você esteja feliz onde está.

O vento muda, enviando uma brisa fresca sobre mim, e arrepios aparecem em meus braços. Em algum lugar distante, um pássaro gorjeia. O sol filtra através das árvores, os raios brilhando no chão em alguns pontos, deixando outros nas sombras. Flores de

várias cores cercam o cemitério nos quatro lados. Para qualquer outra pessoa, o dia parece brilhante e bonito, mas para mim é sombrio e escuro. Nada sobre hoje é atraente.

Uma mão pousa no meu ombro e me assusto. Não preciso me virar para saber quem é, e minha reação inicial é a raiva por ela estar perto dessa cova sagrada. Embora essa seja apenas minha segunda visita, considero meu este pequeno pedaço de terra. Leva apenas um segundo para a raiva se dissipar e um estranho sentimento de gratidão substituí-la. Não sei por que, mas estou feliz que ela esteja aqui. Também não está perdido para mim que é a terceira vez que ela faz contato voluntariamente.

—Quem era ela? — Doe pergunta suavemente, em seguida, remove a mão.

—Ela era minha amiga. — digo a ela tão suavemente.

Pelo canto do olho, a vejo pisar ao meu lado, o vento soprando a longa saia branca que está vestindo contra as pernas. Suas mãos ficam juntas na frente dela. Eu notei que quando as duas mãos dela estão livres, ela mantém os dedos entrelaçados.

—O que aconteceu com ela?

Sua pergunta me surpreende e não me surpreende. É natural que alguém tenha curiosidade sobre a morte de outra pessoa, especialmente alguém tão jovem. O que me surpreende é como a pergunta não dói tanto quanto eu pensava, e o que me surpreende ainda mais é que me vejo querendo contar a ela. Eu sei que é Doe, no entanto. Por alguma razão, ela me faz sentir seguro para falar sobre Aislin. Se alguém mais tivesse perguntado, sei que a dor seria

demais e a raiva por ousarem fazer tal pergunta substituiria qualquer desejo de contar a eles.

—Ela foi assassinada. — digo e vejo seu corpo tremer. —Ela foi levada quando tinha treze anos. Seu corpo não foi encontrado até alguns meses atrás.

Doe cai de joelhos ao meu lado, mantendo espaço entre nós.

—Eu sinto muito.

Olho para cima e vejo seus olhos chorosos olhando para a lápide. Há dor no rosto, como se ela entendesse a dor de Aislin e, de certa forma, tenho certeza de que ela entende. Não sei se ela foi ao agressor de bom grado, sem saber o que estava reservado para ela, mas tenho certeza de que o horror que ela recebeu dele não foi algo que ela pediu.

Suas mãos descansam contra as coxas, pela primeira vez não agarradas, e quero estender a mão e pegar uma. Eu gostaria de poder tirar sua dor como não pude por Aislin. No entanto, não tenho certeza se ela gostaria que eu tocasse sua mão, então deixo a minha em punhos nas minhas próprias coxas.

Ela olha para mim, inclinando a cabeça para o lado. —É por isso que você está me ajudando?

Meus olhos deixam os dela e volto para a lápide para pensar sobre sua pergunta.

—Sou oficial da lei, por isso é meu dever ajudar as pessoas que precisam da minha ajuda. Eu escolhi esta profissão para ajudar a encontrar respostas sobre o desaparecimento de Aislin. Para me ajudar a *encontrá-la*. É mais para mim do que isso agora, no entanto. Sinto necessidade de ajudar pessoas em

situações semelhantes, mas tenho que me forçar a olhá-las puramente do ponto de vista profissional e não deixar que isso me afete pessoalmente. — Trago meus olhos de volta para ela. —Mas com você, é diferente. Eu realmente não sei por que, mas sua situação chega mais perto de casa. Na verdade, sei o porquê. Paro e respiro fundo. —Aislin foi espancada e estuprada por anos.

Ela respira fundo, seu lábio inferior tremendo antes de mordê-lo e olhar para o túmulo de Aislin. A cabeça dela assente duas vezes. Não há necessidade de dizer mais. Doe entende o que estou dizendo. Ela e Aislin passaram por abusos semelhantes.

Nós dois nos sentamos em silêncio por mais alguns minutos antes de me levantar. Quando me viro para ajudar Doe a se levantar, ela se levanta antes que eu tenha uma chance. Manchas de grama molhada aparecem no meio de sua saia, onde ela estava ajoelhada, o que é uma pena, porque a saia fica bem com ela e tenho certeza que está arruinada agora. Nós dois voltamos para a caminhonete, onde abro a porta dela. Depois de fechá-la, eu volto e encaro o cemitério, meus olhos encontrando o túmulo que acabamos de deixar.

—Adeus, Aislin. — digo baixinho. —Eu prometo que voltarei.

Fecho os olhos, inclino a cabeça para o céu e silenciosamente acrescento: *E quando o fizer, juro que o bastardo terá pago pelo que ele fez com você.*

CAPITULO 21

Niko

—Olá? — Responde a pequena voz, parecendo nervosa.

Eu sorrio. —Vejo que você se lembrou de como usar o telefone.

Hoje foi meu primeiro dia de volta ao trabalho e seu primeiro dia sozinha. Dois dias atrás, na expectativa de voltar ao trabalho, comprei um telefone pré-pago para ela, caso precisasse entrar em contato comigo. Eu tive que ensiná-la a usá-lo; algo mais nela que achei estranho. No mundo em que vivemos hoje, é quase inédito para alguém da idade dela não saber como usar um telefone celular - mesmo o simples que peguei para ela. Inferno, vi crianças de sete e oito anos carregando os dispositivos.

—Niko? — Ela pergunta, chamando minha atenção de volta para ela.

—Quem mais seria? — Eu levanto minha sobrancelha, mesmo que ela não possa ver.

—Eu não sei — ela gagueja.

Sento-me na cadeira e apoio os pés na mesa. —Como vai você?

—Umm... ok, eu acho.

Ela está mentindo. Eu posso ouvir isso no tremor de sua voz. Ela está apavorada, mas por algum motivo não quer que eu saiba. Embora tenha orgulho de sua bravura, ainda me incomoda que ela sinta que precisa mentir quando obviamente não está bem.

—Não há problema em me dizer a verdade, Doe, e não há problema em ter medo.

Eu digo a ela, mas ainda odeio que ela tenha medo. Quero tirar todos os seus medos, enfiá-los em uma caixa, trancá-los e perder a chave.

—Estou bem. Eu prometo.

Suspiro, sabendo que ela não está dizendo a verdade, mas não querendo questioná-la ainda mais. Por qualquer motivo, ela quer que eu pense que é. Ela é forte, e estou começando a pensar teimosa também.

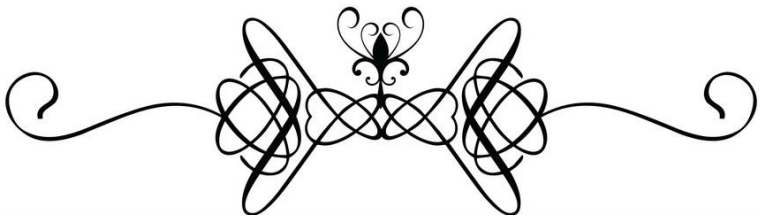
—Como está Betsy?

—Ela está bem. — ela responde, e tenho o prazer de ouvir o sorriso em sua voz desta vez. —Ela está deitada ao meu lado dormindo.

—Bom. Mantenha-a com você. — digo a ela. —Estarei em casa esta noite por volta das cinco e meia.

— Ok.

Desligo e olho para o meu relógio. Mais seis horas até que possa ir para casa e aliviar a dor no meu peito ao vê-la pessoalmente.



Meus pés batem contra os degraus de concreto me afastando da delegacia e vou direto para o meu caminhão. Ansiedade e preocupação agitam meus movimentos, enquanto impaciência e nervosismo fazem meu intestino se torcer.

Eu falei com ela duas vezes hoje, e nas duas vezes ela disse que estava bem, mas eu sabia melhor. Cada vez, ouvia a incerteza e o medo em sua voz.

No decorrer dessa semana, ela estava indo bem. Suas memórias não voltaram, mas ela está conversando e se abrindo mais. Ela também está aprendendo a lidar com a proximidade de outras pessoas. Ou melhor, comigo. Passamos muito tempo juntos desde que ela saiu do hospital. Se não for para a casa ao lado, ela vem para minha. Tomamos café da manhã juntos na maioria das vezes, depois sentamos e assistimos televisão. Betsy normalmente se espalha entre nós com a cabeça no colo de Doe. Às vezes, nos sentamos na varanda dos fundos e ela lê para mim. Nas primeiras vezes em que ela leu para mim no hospital, suas palavras eram forçadas e tive que ajudá-la em algumas partes, mas ela ficou muito melhor. Ela gosta de ler. Eu vejo nos olhos dela. Eles ficam mais vivos quando ela está lendo do que em qualquer outro momento.

Eu também venho tentando ensiná-la a cozinhar. É durante esses momentos que sutilmente mudo meu corpo para mais perto do dela. Não para empurrá-la ou assustá-la, mas para deixá-la se acostumar a estar perto de outro corpo. Ela ainda fica tensa às vezes, e seus olhos piscam para mim, mas ela não foge como antes. Eu sempre ignoro os movimentos leves e a deixo trabalhar no seu próprio ritmo para superar seus medos. Hoje de manhã, antes de sair para o trabalho, Doe veio me preparar o café da manhã. Ela me disse ontem à noite que queria tentar cozinhar sozinha. Ela disse que queria fazer algo de bom por mim porque a tinha acolhido quando ela não tinha ninguém. Suas palavras atingiram meu peito

com força. A gratidão dela não é necessária. Eu tentei explicar que não precisava fazer nada por mim e que o que eu estava fazendo por ela era apenas uma coisa gentil que as pessoas fazem pelos outros às vezes. Sei que é mais do que isso, mas não contei a ela por que não sei por que tenho uma necessidade tão forte de cuidar dela e garantir que esteja bem. Tudo o que sei é que é algo que não desejo ignorar.

Também trabalhamos no antigo jardim da mamãe. Dois dias após a sua alta, a deixei na varanda dos fundos enquanto entrava para fazer sanduíches. Enquanto estava no balcão de frente para o quintal, vi Doe se levantar e se aproximar dos vasos de flores que papai havia anexado à grade da varanda da mamãe anos atrás. Embora as flores não estivessem tão bonitas e cheias como antes de meus pais se afastarem e eu assumir o lugar, o olhar no rosto de Doe quando ela tocou suavemente as pétalas macias não poderia ser descrito como algo diferente de encantado. Não sei o que chamou tanto sua atenção, eram apenas flores, mas a hipnotizaram completamente quando ela se inclinou e cheirou cada flor que encontrou. Fiquei ali por um longo tempo apenas observando-a, fascinado por como simples flores podiam trazer um olhar tão suave ao rosto dela.

Mais tarde, depois que terminamos nossos sanduíches, a levei para o velho canteiro de flores de mamãe em um canto do quintal. Eu disse a ela que daria algum trabalho, pois estava cheio de ervas daninhas, mas se ela quisesse, poderíamos restaurá-lo e torná-lo bonito novamente. O sorriso que ela mostrou por minha sugestão fez meu coração apertar no meu peito. Eu tive que desviar

o olhar e limpar a garganta antes que pudesse dizer a ela que poderíamos ir às compras amanhã para conseguir tudo o que precisávamos. Todos os dias desde então, ela passa um tempo lá fora, certificando-se de que nem a menor das ervas daninhas começou a crescer. Eu gosto de vê-la entre as flores. O olhar perdido e desolado que seu rosto normalmente carrega desaparece. Ela não parece mais triste, mas livre e sem carga.

Estou quase na minha caminhonete e tiro as chaves do bolso quando meu nome é chamado. Mal contenho o desejo de me virar e rosnar para a pessoa que está me impedindo de verificar Doe, mas não o faço. Em vez disso, viro e encaro Tavers, segurando minha impaciência, mas incapaz de limpar a carranca do meu rosto.

—O que é, Tavers?

Ele para a uma distância de três metros de mim, enfiando as mãos nos bolsos.

—Está tudo bem? — Ele pergunta, levantando uma sobrancelha.

Minhas chaves cavam na palma da minha mão enquanto digo a ele com sinceridade. —Não. Preciso chegar em casa para checar Doe.

—Como ela está?

Olho para o lado quando respondo. —Ela está melhorando, mas ainda há muita coisa que precisa resolver.

Olho para Tavers quando ele dá um único aceno de cabeça. — Isso é de se esperar. — Ele limpa a garganta e dá um passo mais perto. —Olha, queria te pegar antes de você sair. Mindy está me incomodando por ter Doe e você para jantar. Eu continuo dizendo a

que ela precisa lhe dar tempo, mas você sabe como ela é. Ela conhece parte de sua história, e você sabe o tamanho do coração de Mindy. Ela realmente quer conhecê-la. Ela me encurralou esta manhã e me fez prometer perguntar se vocês poderiam vir jantar hoje à noite.

Solto um suspiro e torço o pescoço para o lado, ouvindo um estalo enquanto o faço. Tavers mencionou nos convidar para jantar, mas não acho que Doe esteja pronta para algo assim. Eu me sinto uma merda porque Mindy nem conheceu Doe, mas ela já fez muito por ela. Doe sabe da generosidade de Mindy, e eu disse a ela que ela queria conhecê-la. Sua expressão carregava apreensão pela perspectiva de conhecer alguém novo, mas poderia dizer que ela não era completamente contra isso.

Trago meu olhar de volta para Tavers.

—Doe não está pronta para algo assim. — Tavers assente. Olho para o meu relógio. — Que tal você e Mindy virem à minha casa por volta das sete? Isso me dará algumas horas para conversar com Doe sobre isso, e será em um ambiente que ela conhece.

—Nós podemos fazer isso. — Ele faz uma pausa. —Como vai você?

Não há necessidade de esclarecer. Eu sei exatamente a que ele está se referindo.

Aperto minha mandíbula e afasto a raiva sempre presente que sinto quando penso na nossa falta de movimento no caso de Aislin.

—Estou me esforçando muito para não deixar que isso me leve a sério e ter Doe em casa ajuda. Mantém minha mente ocupada.

—Não acabou, Niko. — diz Tavers com convicção. —Ele ainda está com o tempo contado.

Eu não digo nada, apenas aceno de cabeça.

—Vá em frente. Dê uma olhada nela e me ligue se precisar de alguma coisa.

Dando-lhe um aceno com o queixo, dou meia-volta e fecho o espaço entre mim e minha caminhonete.

O caminho de casa não dura mais do que quinze minutos, mas parece mais que uma hora. No momento em que estaciono na entrada, parece que bolas de chumbo estão rolando no meu estômago. Realmente não há necessidade de meus nervos serem tão atingidos; Doe tem um telefone, e ela ligaria se tivesse algum problema, mas o pensamento não relaxa minha mente.

Desligo o motor e saio do caminhão. Eu forço meus pés a me levar para minha casa em vez da casa ao lado. Não está perdido para mim que esta não é a primeira vez que tive que me forçar a não ir até a pessoa que mora na casa vizinha. Inferno, nem é o vigésimo. Quando criança, eu tinha esse desejo era muito maior. Sempre que não estava com Aislin e sabia que ela estava em casa, me preocupava com ela. Eu odiava ela estar lá, especialmente quando sua mãe e um de seus homens estavam lá. Felizmente, Aislin odiava tanto quanto eu e só estava lá quando ela tinha que estar.

Embora eu me force a entrar para pelo menos largar minha arma, meus olhos ainda se desviam para a casa silenciosa. Destrancando e abrindo minha porta, espero que Betsy esteja do outro lado para me cumprimentar, mas lembro-me de que

ela está na casa ao lado. Só me sinto um pouco melhor sabendo que a Betsy está lá. Ela é um cão policial treinado, mas, mesmo assim, ainda é apenas um cachorro. Não seria tão preocupante se o cara que invadiu meu quintal algumas semanas atrás tivesse sido pego. Algo me diz que tinha algo a ver com Doe. Só não sei o que, e com a memória dela desaparecida, parece que não encontraremos respostas em breve. Dizer que é frustrante é um eufemismo.

Eu largo minhas chaves na bancada e puxo meu coldre e arma do meu quadril, colocando-o ao lado das minhas chaves. Meu blazer sai em seguida e o coloco sobre as costas do banco alto. Enquanto entro na cozinha para pegar uma garrafa de água, dobro as mangas da minha camisa preta de botão até os cotovelos.

Eu me viro em direção à janela enquanto engulo a água, meus olhos pousando na casa branca através da vidraça. Esmago a garrafa vazia e a jogo no lixo, depois saio da cozinha e vou direto para a porta, minha impaciência tirando o melhor de mim.

Assim que alcanço a maçaneta, ouço um latido do outro lado da madeira. Abrindo-a, encontro uma Doe assustada com uma Betsy ofegante ao lado dela. Assim que Betsy me vê, ela trota para dentro e joga as patas na minha barriga.

Mantendo meus olhos na mulher na minha frente, distraidamente passo a mão por cima da cabeça de Betsy. —Ei, garota.

Ver por mim mesmo que Doe está bem, afrouxa os nós da minha barriga. Ela olha para mim, sem dizer uma palavra, mas pelo olhar aliviado em seus olhos, está muito feliz em me ver também. Estamos juntos sem parar há uma semana, exceto

quando dormimos. Eu sei que o alívio dela deriva de estar em um novo lugar. O meu, porém, é em parte porque sei que ela não tem ninguém para se preocupar com ela. Todos deveriam ter alguém que se preocupa com o seu bem-estar, mas há mais. É mais do que apenas um amigo se preocupar com outro amigo. Acho que existe algum tipo de conexão entre nós porque as situações dela e de Aislin são semelhantes. Ela precisa de mim como Aislin precisava de mim. Eu falhei com a mulher que sempre prometi proteger, então me recuso a falhar com outra. Eu não sei. Talvez esteja transferindo minha necessidade de proteger Aislin para Doe, já que Aislin não está mais aqui para ser protegida.

Doe se mexe e olha para mim nervosamente, lembrando-me que ela ainda está de pé bem na minha frente.

—Merda. — murmuro, dando um passo para trás para ela entrar. —Entre.

Ela entra, e eu fico surpreso quando seu braço roça no meu quando passa por mim. A conexão dura menos de um segundo, mas ela nunca esteve voluntariamente perto o suficiente para que isso acontecesse, exceto as duas vezes em que ela pegou minha mão no dia em que a levei ao cemitério.

Betsy corre atrás dela, parando aos seus pés quando Doe se vira para mim. Eu fecho a porta e a olho.

—Como foi o seu dia?— Eu pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

Ela morde o lábio antes de responder. —Estava tudo bem.

Desdobro meus braços e dou um pequeno passo em sua direção. Ainda há vários metros entre nós, então ela mantém seu lugar.

—Doe. — digo a ela, mantendo meu tom uniforme. —Eu sei que você estava com medo de estar sozinha hoje. Eu pude ouvir nas duas vezes que conversamos. Não há problema em me dizer a verdade.

Ela baixa os olhos, optando por olhar para as mãos entrelaçadas. Dou a ela o minuto em que obviamente precisa reunir seus pensamentos. Quando ela levanta a cabeça, a frente corajosa que está lutando para segurar não está mais presente. O olhar assustador que o substitui não é o intenso que eu já vi em seu rosto tantas vezes antes, mas ainda está presente. No entanto, sua mandíbula está travada em teimosia.

—Eu estava com medo, ok? — Dou-lhe uma elevação do queixo. —Não gosto de ficar sozinha neste lugar que não conheço, mas estou determinada a superar isso. Você fez muito por mim e sei que nem sempre estará aqui. Eu preciso aprender a ficar sozinha. —Ela respira fundo antes de continuar. —Então não, eu não estava bem, mas eu estava *bem*.

Admiração... É o que sinto por Doe agora. Das cicatrizes que carrega, tanto física quanto mentalmente, essa mulher foi espancada várias vezes, mas deve ser uma das mulheres mais fortes que já conheci. A maioria das mulheres em sua situação teria caído e ficado uma bagunça chorosa, mas não Doe. Posso não a ter conhecido antes, mas não tenho dúvidas de que o que ela passou só a tornou mais forte e resistente.

Concordo com a cabeça, deixando-a saber que entendo, depois lembro da minha conversa no estacionamento com Tavers. Eu me pergunto se esse jantar será demais ou se ficarei ainda mais surpreso com a forma como ela lida com isso.

—Você se lembra do meu parceiro, Tavers, e sua esposa, Mindy, certo? — Ela assente. — Como você se sente sobre eles virem jantar hoje à noite? Mindy está perguntando a Tavers sobre conhecê-la.

Embora já tenha dito a Tavers que é uma tentativa, se Doe disser não, ligo para ele e digo que tentaremos outro dia. Eu sei que os dois entenderão.

A incerteza nubla os olhos de Doe por um momento, mas o olhar clareia. —Ok.

Eu faço um balanço de seus dedos segurando um ao outro com força e a maneira como ela mantém seu corpo rígido. Eu sei que ela realmente não quer fazer isso, mas, novamente, está lutando contra seu medo e ansiedade. Se não fosse pelo fato de o que ela disse há alguns minutos atrás sobre nem sempre eu estar aqui, a deixaria fora do gancho e reagendaria para depois, mas o que ela disse era verdade. Faz apenas algumas semanas desde que ela foi internada e levada para o hospital, mas, mesmo assim, é melhor aprender agora como funcionar na sociedade do que aprender a depender de outra pessoa.

Mais uma vez, tenho orgulho dela por tentar.

— Passará algumas horas antes que eles cheguem aqui. Vou pegar um pouco de carne para descongelar. O dia está bom, para que possamos grelhar. Talvez ajude ficar do lado de fora em vez de

ficar preso em casa. — sugiro, tentando tornar mais provável a perspectiva de conhecer pessoas que ela nunca conheceu antes.

Ela ainda parece nervosa, mas assente de qualquer maneira. Eu me aproximo dela, não parando até que esteja a poucos metros de distância. Ela luta consigo mesma sobre se deve voltar e, depois de um momento, decide se manter firme.

—Tavers e Mindy são boas pessoas. — digo a ela, dobrando meus joelhos, para ficar na altura dela. —Eles não vão julgar e não vão machucá-la.

—Eu sei. — ela diz suavemente, sua garganta balançando enquanto engole.

De repente, sinto necessidade de alcançá-la e tocá-la, dar-lhe algum tipo de conforto, para fazê-la acreditar que nada vai acontecer com ela. A vida é cheia de imprevisibilidades, mas por algum motivo, quero protegê-la deles. Eu quero ser essa força entre ela e qualquer coisa que possa prejudicá-la.

Dou um passo para trás, sem ter certeza de que me importo com o forte desejo de ser seu protetor. É claro que não gostaria que nada acontecesse com ela - não apenas porque está arraigado em mim de ser policial, mas também porque me considero seu amigo - mas isso parece algo mais. Algo que não tenho certeza absoluta de que deveria estar sentindo, então afasto o sentimento.

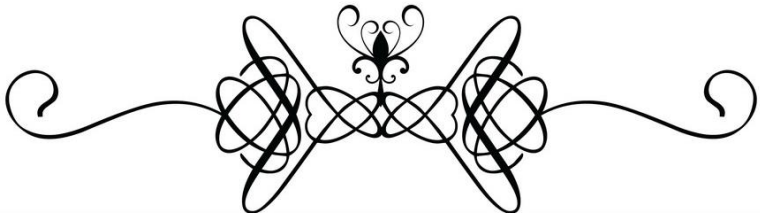
—Por que você não sai e verifica suas flores? Vou nos trazer um pouco de água e podemos nos sentar um pouco lá fora.

Não é normal que eu goste de ficar ocioso. Eu gosto de me mover, sempre fazendo alguma coisa, mas acho que gosto de ficar

sentado com Doe. Mesmo que estejamos sentados em silêncio ou ela esteja lendo seu livro para mim. É tranquilo.

—Tudo bem. — Ela se vira e se dirige para a porta dos fundos, olhando para Betsy enquanto caminha ao lado dela. Eu só vejo o lado do rosto dela, mas não perco o sorriso nos lábios dela quando ela e o cachorro saem pela porta.

Observo pela janela enquanto ambas, fêmea e canina vão direto para o canteiro. Doe cai de joelhos, inspecionando a situação das ervas daninhas. Algo se forma no meu peito e resmungo com a dor. Estendendo a mão, passando na parte de trás do meu pescoço. Afasto-me da janela e vou para a geladeira para pegar um pacote de bifes.



Várias horas depois, abro a porta para permitir que Tavers e Mindy entrem. Deixei Doe na cozinha cortando legumes para a salada, para lhe dar alguns minutos extras.

Aperto a mão estendida de Tavers e, em seguida, sabendo como é Mindy, viro minha bochecha quando ela se aproxima para dar um beijo. Quando ela se afasta, tem um sorriso ansioso no rosto. Fico feliz que ela esteja tão animada por conhecer Doe. Isso dará a Doe a oportunidade de fazer uma amiga, e eu sei que Mindy será uma boa amiga dela.

—Você tem certeza de que está tudo bem estar aqui? — Ela pergunta, mantendo a voz baixa. Tavers coloca a mão nas costas dela quando se afasta. —Eu certamente não quero sobrecarregá-la.

—Eu acho que ela vai ficar bem. Ela é forte e determinada. Só não chegue muito perto. Ela ainda está trabalhando nisso.

Mindy assente. Olho para Tavers e o vejo me dando um olhar que não gosto. Seus olhos têm preocupação, mas sua mandíbula está rígida, como se ele soubesse de algo que eu não sei. Tenho a sensação de que sei o que ele está pensando, e ele não poderia estar mais errado. Se Mindy não estivesse aqui, o faria dar a volta e diria para ele se foder, mas ela está, então me contento em dar as costas e ignorá-lo enquanto nos conduzo à cozinha.

Entro na cozinha primeiro. Doe ainda está no balcão. Ela mantém a cabeça inclinada, olhando para o tomate meio fatiado, mas a faca para, então sei que ela está ciente de nossa presença.

Normalmente, é uma coisa simples conhecer pessoas novas, mas, no caso de Doe, ela não só precisa superar sua ansiedade de estar perto das pessoas, porque se sente perdida por sua falta de lembranças, mas também tem que enfrentar o medo de rejeição ou repulsa por todas as cicatrizes que carrega. Eu sei que não fará diferença para Tavers ou Mindy, mas Doe não sabe disso. Ela não sabe que Tavers e Mindy não pensarão menos dela por causa da prova do abuso que sofreu.

Sinto Tavers e Mindy nas minhas costas, mas não me movo para o lado e os deixo entrar ainda. Não gosto do pensamento deles vendo-a em um estado tão vulnerável.

Enquanto estou ali, dando a ela o tempo que precisa para reunir sua coragem, tomo sua aparência. Ela está usando a mesma saia azul escura comprida que usava quando cheguei em casa, mas em vez da camisa de manga curta que usava antes, ela mudou para uma branca de manga comprida. Não tenho dúvidas de que é para esconder as marcas no braço. Ela também soltou os cabelos, novamente para usar como escudo. Eu odeio que ela sinta que precisa se esconder. Seu corpo pode estar danificado, mas isso não a torna fraca ou menos uma pessoa. Essas marcas são um sinal de força; quem os colocou lá não a destruiu - ela lutou e saiu por cima.

Eu me aproximo do balcão e chamo o nome dela gentilmente. —Doe. —Leva apenas um segundo para olhar para mim. Os olhos dela não encontram os meus; em vez disso, ela lança o olhar por cima do meu ombro. Eu sei que Tavers e Mindy estão parados lá, mas eles não estão avançando, me dando alguns minutos com ela.

—Olhe para mim. — Quando ela o faz, me aproximo ainda mais dela, mantendo alguns centímetros entre nós, mas garantindo que ela me veja e não as pessoas atrás de mim. —Você consegue.

Ela assente depois de alguns momentos, e eu a testemunho puxando suas forças para frente. Seu queixo se levanta, e a teimosia que vi anteriormente está de volta. Seguro o sorriso que quero soltar e passo para o lado.

—Doe, eu gostaria que você conhecesse meus bons amigos, David e Mindy Tavers.

Mindy fala primeiro. —Oi, Doe. É um prazer conhecê-la. — ela diz com um sorriso. Ela fica ao lado de Tavers, mas sei que está

morrendo de vontade de dar um passo à frente e envolver Doe em seus braços. É assim que Mindy é. Ela é doce e carinhosa, querendo que as pessoas sejam tão felizes quanto ela e odiando quando alguém está sofrendo.

—Oi. — responde Doe em voz baixa. Sua cabeça está levantada, mas seu cabelo ainda está cobrindo parcialmente o rosto. Ela alisa as mãos ao longo do material da saia. —Obrigada por todas as roupas e as outras coisas que você enviou para mim.

Mindy sorri. —O prazer foi meu. Por favor, deixe-me saber se você precisar de mais alguma coisa.

Tavers limpa a garganta e os olhos de Doe piscam para ele. Sinto mais do que vejo o corpo dela enrijecer um pouco, e isso me faz querer me aproximar dela. Protegê-la de uma ameaça que não existe.

—Prazer em conhecê-la. Me chame de Tavers. Apenas minha esposa e minha mãe me chamam de David.

Doe assente, então todos nós ficamos lá por um momento até Mindy dar um passo ao meu redor, certificando-se de manter vários metros de distância de Doe enquanto ela se encaminha para a pia e lava as mãos.

—Existe algo que eu possa ajudar? — Ela pergunta a Doe depois de secar as mãos na toalha pendurada na maçaneta da porta do forno.

Antes que Doe se vire para encará-la, seus olhos se voltam para os meus e dou um sorriso encorajador. Ela respira fundo e depois caminha para o outro lado do balcão. Observo enquanto ela calmamente começa a conversar com Mindy, dizendo que ela pode

terminar o tomate enquanto começa com o pepino. Doe não fala muito, mas isso não incomoda Mindy. Ela fala o suficiente por duas. Não de uma maneira irritante ou insistente, mas silenciosamente dizendo a Doe que ela pode se mover e interagir no seu próprio ritmo.

Tavers tem o mesmo olhar em seu rosto quando olho para ele e, novamente, o ignoro. Eu ando até o final do bar.

Mantenho minha voz baixa quando digo a Doe: —Tavers e eu vamos voltar para jogar a carne na grelha. Você está bem aqui?

Eu posso dizer que ela não quer que eu vá embora, mas me dá um aceno silencioso. Olho para Mindy, e ela me dá seu próprio aceno, deixando-me saber sem palavras que ela cuidará de Doe. Levanto o queixo em agradecimento, pego o prato de carne marinada da geladeira e, com Tavers atrás de mim, saímos para o quintal.

Não me viro para encará-lo quando ele fica ao meu lado, com a intenção de acender a churrasqueira a gás. Depois que a carne fica na grelha, eu fecho a tampa e depois me recosto no corrimão, só então olho para ele.

Antes que ele tenha a chance de dizer o que estiver em sua mente, eu atiro um olhar e o evito. —Não.

Ele não dá ouvidos ao meu aviso, assim como eu sabia que ele não faria.

—Ela não é Aislin, Niko. — diz ele.

—Você não acha que eu sei disso? — me afasto do corrimão no parapeito e sigo até o pequeno refrigerador que tenho debaixo da mesa do pátio e pego duas garrafas de cerveja. Depois de jogar uma

para Tavers, tiro a tampa da minha e bebo vários goles. Limpando a boca com as costas da mão, considero Tavers novamente.

—Ajudá-la não tornará menos doloroso o que aconteceu com Aislin — continua ele.

Abro a boca para discutir. Não porque acho que ajudar Doe de alguma maneira me aliviará a culpa por não ajudar Aislin, mas porque ele entendeu a situação totalmente errada. Não estou ajudando Doe porque acho que isso vai me ajudar. Estou ajudando-a porque ela não tem ninguém. Só porque sinto uma atração por ela, não significa que tenha algo a ver com Aislin. Sim, as situações são semelhantes, mas não substituí Aislin por Doe.

—Você está chegando muito perto — diz ele antes que eu tenha a chance de expressar minha opinião. —E se isso não sair do jeito que você quer?

—O que diabos isso significa? — Eu rosno.

Ele coloca a cerveja na prateleira conectada à churrasqueira e depois se recosta no corrimão, cruzando os braços sobre o peito.

—Quero dizer, você não sabe nada sobre ela. Você não sabe de onde ela veio ou se ela tem família por aí. Se ela recuperar sua memória, talvez se lembre de alguém que está procurando por ela.

—E? Você não acha que quero isso? — Corro os dedos pelo cabelo, ficando frustrado. —Seria ótimo se ela tivesse família por aí. Isso significa que ela não está sozinha. Mas não parece promissor. A foto dela saiu há mais de uma semana e não houve pistas.

Ele olha para as botas antes de levantar a cabeça novamente, o olhar ficando inquieto. — O que acontece se alguém se apresentar? Você está preparado para deixá-la ir?

Sua pergunta faz meu peito parecer que está desmoronando. Estou ciente da sensação esmagadora, mas me recuso a reconhecê-la ou a dar-lhe credibilidade. É um sentimento que não tem direito na minha vida. Não é a hora — não tenho certeza de que haverá uma hora para mim — e Doe não é a mulher. Não que esse tipo de sentimento por Doe não seja incompreensível, mas ela não está pronta para algo assim. Ela pode nunca estar pronta.

É tudo irrelevante de qualquer maneira, porque não tenho esses sentimentos por ela. Só não quero vê-la machucada ou deixada sozinha.

Olho Tavers nos olhos e falo com uma garganta apertada. — Não tenho direito a ela. Não quero reclamar sobre ela. Se alguém se apresentar e essa pessoa realmente se importa com ela, então sim, eu a deixo ir.

Eu ignoro o modo como essas palavras têm gosto amargo na minha boca.

Tavers não diz nada, apenas me olha com dúvida. Eu seguro seu olhar, esperando que ele aceite minhas palavras como elas são. A verdade. Me incomodaria em algum nível se Doe fosse embora? Sim. Eu me apeguei a ela em certo sentido, mas apenas da maneira que um amigo se apega a outro amigo por preocupação com seu bem-estar.

Sinto os olhos de Tavers em mim enquanto caminho para a churrasqueira e viro os bifes.

—Apenas tome cuidado, James — diz ele, ainda encostado na grade. —Ela tem uma maneira de se aproximar de você.

Minha única resposta é um grunhido. Ele não diz mais nada, e estou aliviado pelo assunto ser abandonado. Talvez eu não sinta por Doe o jeito que Tavers pensa que sinto, mas isso não torna a conversa menos dolorosa.

Trinta minutos depois, Doe e Mindy estão carregando pratos para o lado de fora e os colocando sobre a mesa. Doe não parece tão tensa quanto estava quando Tavers e Mindy chegaram pela primeira vez, e tenho certeza que é isso que Mindy está fazendo. Ela tem uma maneira de fazer as pessoas se sentirem confortáveis à sua volta. Embora Doe ainda olhe para Tavers, cautelosa, seu maneirismo em relação a ele também não é tão tenso.

Todos nós sentamos à mesa do pátio, na varanda dos fundos. Coloquei um bife no prato de Doe e depois no meu. Em seguida, pego um pouco de salada de batata nos dois pratos e passo a tigela para Tavers, e ele faz o mesmo nos pratos dele e de Mindy.

—Onde está Shelly? — Eu pergunto.

—Na casa da mamãe por uma noite — Tavers resmunga. —Ela quer levá-la às compras amanhã. — Ele revira os olhos. — Ela tem apenas cinco meses e meio de idade e já está estragando tudo. Como diabos você faz compras com um bebê de cinco meses e meio?

Mindy ri e dá um tapa no braço do marido com as costas da mão. —Ela só quer passar um tempo com ela, e você sabe disso. Deixe-a estar. Mantivemos Shelly para nós por tempo suficiente.

—Ainda não vejo por que ela quer levar um bebê tão pequeno às compras. Qual é o objetivo? Não é como se ela pudesse opinar sobre qualquer coisa que mamãe queira comprar.

—A questão é: — Mindy afirma—ela quer comprar vestidos bonitos e laços fofos para sua única neta, e ela quer fazer isso com ela. Não importa se Shelly vai dormir o tempo todo. Ela está lá com ela; isso é tudo que importa.

—Você tem um bebê?— Pergunta, sua voz tão baixa que mal é ouvida.

Mindy olha para ela e sorri. —Nós temos. Uma ruivinha linda.

O olhar que as palavras de Mindy trazem para o rosto de Doe é de partir o coração. Saudade, tanto desejo.

—Podemos trazê-la em algum momento, se você quiser — oferece Mindy.

Doe parece assustada com a sugestão a princípio, mas depois uma pitada de curiosidade a substitui. Tenho a sensação de que essa ideia lhe interessa. —Gostaria disso.

—Boa. Vou mandar David ficar com Niko na próxima semana.

Tavers, Mindy e eu gostamos de conversar enquanto Doe ouve silenciosamente, apenas participando quando ela é solicitada por uma pergunta direcionada a ela. O sol está começando a se pôr, mas as luzes nos quatro cantos da varanda nos dão luz suficiente para continuar nossa refeição. No momento em que terminamos de

comer, Doe parece estar mais à vontade com nossos convidados, e estou agradecido pelo jantar ter sido tão bom quanto aconteceu. Seus lábios se contraíram algumas vezes em uma das histórias embaraçosas que Mindy contou sobre Tavers e suas patéticas tentativas de paquera antes de se juntarem. Eu sei que foi difícil para Doe, mas no final, espero que ela tenha se divertido. Ela passou por seus medos, e não poderia ter mais orgulho dela.

Tavers e eu ajudamos as mulheres a levar a louça para dentro. Mindy insiste em ajudar Doe a limpar. Enquanto elas fazem isso, Tavers e eu nos sentamos no sofá e pegamos os últimos trinta minutos do jogo dos Browns. Quando Doe e Mindy voltam para a sala, percebo que Doe parece cansada. Os olhos dela caem e olheiras aparecem sob os olhos. Foi um dia estressante para ela.

Felizmente, não tenho que ser um idiota e pedir para eles saírem. Tavers também vê o olhar cansado, fica de pé e caminha até Mindy.

—Você está pronta para ir? Está ficando tarde.

Ela sorri para Tavers e aperta a mão na dele. —Eu estou. — Ela se vira para Doe. —Foi tão bom conhecer você. Deixe Niko saber quando é um bom dia para pararmos com Shelly.

—OK.

Doe caminha ao meu lado enquanto levamos os dois até a porta. Mindy para e gira. —Você tem um telefone? — Ela pergunta a Doe.

—Sim, mas está na casa ao lado — ela responde.

Mindy olha para mim. —Mande um SMS para Tavers com o número de telefone dela. — Ela olha para Doe. —Se você precisar de

alguma coisa, mesmo que seja apenas para conversar, mande uma mensagem ou me ligue.

Doe assente.

Eles saem depois de se despedir, e fecho e tranco a porta. Doe fica de lado, e posso dizer pela linguagem corporal relaxada que ela teve o suficiente durante a noite.

—Você se divertiu? — Sinto a necessidade de perguntar.

Seus lábios não se mexem, mas vejo um sorriso em seus olhos. —Sim. Estou feliz que você os convidou.

—Estou orgulhoso de você — a informo e assisto um rubor subir em sua bochecha. Ela vira a cabeça por um momento e depois olha de volta para mim.

—Obrigada.

—Não há necessidade de me agradecer. Eu não fiz nada. Você fez tudo sozinha.

Ela balança a cabeça. —Não. Por tudo. Obrigada por tudo que você fez por mim.

—Mais uma vez, não há necessidade de me agradecer, Doe.

Ela segura meu olhar por um momento e depois abaixa a cabeça. Seus longos cabelos caem contra as bochechas, escondendo o rosto. Uma necessidade irracional de estender a mão e empurrar o cabelo para trás faz com que minha mão fique fechada para não fazer exatamente isso. Ela é uma mulher bonita, apesar de suas cicatrizes. Eu gostaria que ela soubesse disso.

—Vamos. — Eu aceno para a porta dos fundos. —É tarde, e você parece cansada.

Estou prestes a assobiar para Betsy quando ela aparece ao lado do sofá, tenho certeza que sentiu a partida de Doe. Doe para tempo suficiente para agitar o topo da cabeça antes de abrir a porta e sair. Embora ela viva apenas ao lado, ainda não me sinto confortável com ela andando sozinha, mesmo com a companhia de Betsy.

Nós dois estamos em silêncio enquanto atravessamos a grama úmida até a propriedade ao lado. Depois de subir no pequeno pórtico nos fundos da casa e abrir a porta para deixar Betsy entrar, Doe se vira. Ela inclina a cabeça para trás e olha para mim.

—Posso vir de manhã e fazer o café da manhã de novo? — Ela pergunta.

Eu balanço de volta e enfio as mãos nos bolsos. —Você não precisa fazer isso.

Ela faz uma careta. —Mas eu quero.

Eu aceno lentamente. —Ok.

Ela assente em resposta, seus lábios quase formando um sorriso. Eu quero vê-la sorrir. —Ok.

Ficamos ali por alguns momentos. A luz da varanda reflete os longos fios de seu cabelo, quase fazendo-a parecer que ela está brilhando.

Eu prendo a respiração e fico perfeitamente imóvel quando ela dá um passo em minha direção. Não faço ideia do que ela está fazendo, mas não quero assustá-la movendo-me. Meus dedos cavam minhas coxas através dos bolsos do meu jeans quando ela para a apenas alguns centímetros de mim. Eu mantenho meus olhos firmes nos dela enquanto ela olha para mim. Quando sinto a

mãozinha dela pousar no meu antebraço, tenho que me forçar a não dar uma sacudida de surpresa. Está quente e macia.

Ela faz um movimento para se afastar quando a luz da varanda brilha em algo em seu pulso. Antes que eu perceba o que estou fazendo, minha mão se lança e agarra seu braço, para impedi-la. Meu aperto não é forte, mas ela ainda se encolhe. A dor me apunhala no estômago porque eu nunca quero que ela tenha medo de mim, mas prender meus olhos no bracelete do pulso faz com que a dor mude de temendo-me para a dor que senti nos últimos quinze anos. Isso agarra meu coração e aperta com força, quase me sufocando.

A raiva abre caminho ao lado da dor. Minhas veias começam a latejar e o suor brota na minha testa. Eu tento afrouxá-la, mas minhas mãos não a soltam. Ver aquela pulseira no pulso de outra pessoa, uma pulseira que eu pensava estar perdida, enlouquece.

—Onde você conseguiu isso? — Eu pergunto, incapaz de conter a raiva na minha voz. Eu sei que estou sendo um idiota, e deve haver uma explicação razoável sobre o porquê de ela estar com o objeto, mas no momento, meu único pensamento é Doe usando algo que pertence a Aislin. É plástico barato, mas essa pulseira é mais preciosa que o melhor dos diamantes. Ninguém merece usá-la, exceto Aislin.

Doe choraminga, e apenas esse pequeno som coloca um pouco do meu controle de volta no lugar. Afasto minha mão e fecho os olhos. Abaixo a cabeça e respiro fundo várias vezes. Quando olho para Doe, o medo que eu não vi nos olhos dela quando olha para mim está de volta, e odeio isso.

Eu mantenho meu tom calmo quando pergunto novamente: — Onde você conseguiu isso? — Eu inclino meu queixo em direção à pulseira.

Ela olha para os pulsos, lambe os lábios, engole e depois levanta a cabeça para mim.

—Foi no quarto — ela sussurra com medo.

Aperto minha mandíbula e forço de volta a raiva que está se formando novamente.

—Eu disse para você não entrar lá! — grito.

—Eu sei.

—Por que você fez isso?

Ela encolhe as costas contra a moldura da porta antes de responder em voz baixa, sua voz tremendo como se tivesse medo da minha reação. —Porque gosto daqui. Eu me sinto segura aqui.

Um grunhido se forma na minha garganta, e mal consigo conter antes que saia dos meus lábios. Em vez disso, giro nos calcanhares e passo os dedos pelos cabelos, segurando alguns fios nas costas e dando-lhes um puxão. A leve dor não faz nada para acalmar a dor e a raiva que eu sinto. Doe não entende. Não havia como ela entender a magnitude dela entrando naquele quarto. Ninguém sabe, nem minha família ou Tavers. Aquele quarto é sagrado e a única coisa que me resta de Aislin, exceto pelas poucas bugigangas que tenho dela em uma pequena caixa. Eu tenho me enganado pensando que um dia eu poderia entrar lá e passar por suas coisas. Me livrar dos itens não importantes e talvez guardar alguns dos itens mais importantes. Aquele quarto ficará

como é enquanto eu viver. Saber que alguém entrou lá, vasculhou suas coisas...

Um pensamento me ocorre, e eu me viro para encarar Doe novamente. Ela ainda está de costas contra a moldura da porta. Vê-la tão assustada faz algo no meu peito. Por mais que eu odeie saber que ela esteve no quarto de Aislin, também odeio saber que a assustei.

—Foi para onde você foi. — afirmo, então assisto a confusão brilhar em seu rosto. —Quando você invadiu a casa. Esse é o quarto em que você ficou.

Lágrimas enchem os olhos de Doe, e ela olha para baixo novamente. Desta vez, suas mãos não estão cerradas em punhos; em vez disso, ela tem uma mão sobre a pulseira, quase como se a estivesse protegendo.

—Por quê? — Eu pergunto e dou um pequeno passo em sua direção. —Por que você invadiu minha casa?

Esta é a primeira vez que eu toquei no assunto, esperando que ela me dissesse por conta própria. Ela nunca fez isso e, nos últimos dias, o empurrei para o fundo da minha mente. Não passo muito perto, mas dobrei os joelhos até poder ver o rosto dela. Lágrimas vazam de seus olhos e ela está mordendo o lábio inferior. Depois de um momento, ela levanta os olhos de volta para os meus.

—Eu não tinha outro lugar para ir. — ela sussurra entrecortada.

—Por que essa casa, então? — Eu pressiono.

Estou sendo idiota e a pressiono demais, principalmente depois do dia estressante que ela teve, mas isso é algo que preciso saber.

—Por que, Doe?

—Eu não sei! — Ela grita, me surpreendendo. —Foi apenas a primeira casa que me deparei que não parecia que alguém morava lá! Aquele quarto era o único que tinha uma cama, e eu estava tão cansada. Eu só queria dormir.

Quando ela termina, seu peito está subindo e descendo. Seus olhos estão bem fechados, mas as lágrimas ainda inundam, encharcando suas bochechas. Eu luto contra o desejo de puxá-la em meus braços e confortá-la enquanto minha raiva de alguns minutos atrás diminui. Essa mulher já passou por muita coisa, e aqui estou eu, fazendo-a passar por mais. Ela estava perdida e quebrada e não tinha para onde ir. Não é culpa dela que ela tenha escolhido a casa e o quarto que tinham tantas lembranças terríveis.

—Doe. Olhe para mim — digo gentilmente, precisando consertar a situação de alguma forma.

Ela balança a cabeça, e isso me deixa mais determinado.

Antes que tenha a chance de chamá-la novamente, meu telefone toca no meu bolso. Pego o dispositivo e olho para a tela, já irritado com a pessoa que está ligando no pior momento possível.

Mãe ligando...

Eu levanto meus olhos para Doe ao mesmo tempo em que deslizo meu dedo pela tela, preparando-me para dizer à mamãe que eu ligo de volta mais tarde.

—Mãe, agora não é uma boa...

—Niko?

Minhas costas endurecem com o tom choroso da minha mãe.

—O que há de errado? — Eu exijo.

—Oh, Niko — ela chora. — É o seu pai. Ele teve um ataque cardíaco.

CAPITULO 22

Lelu

Gota.

Gota.

Gota.

Não é a respiração pesada ou a batida lenta em seus ouvidos que a garota ouve, mas o gotejamento constante. Com a dor nas costas e no bumbum, seus olhos inchados permanecem focados nos salpicos vermelhos que caem no chão abaixo dela.

Gota.

Gota.

Seu corpo treme quando outra onda de dor a atinge. Lágrimas caem de seus olhos e se misturam com a pequena poça de sangue. Um grito rasteja por sua garganta e ela se esforça tanto para forçá-lo a voltar, mas ele escapa de qualquer maneira.

Fechando a boca, ela ignora a risada que seus gritos causam e se concentra mais uma vez nos pingos.

Gota.

Gota.

Gota.

Ela está agradecida por estar de bruços, com a cabeça pendurada na cama e sem ser forçada a olhar para o homem. Ela está feliz por não poder ver os golpes vindos do cinto que ele está usando nela. Pelo menos assim, ela pode fechar os olhos quando for demais e não ser punida ainda mais por isso.

—Lelu, Lelu. — o homem diz. Ele levanta os braços e o balança de volta, pousando o cinto contra as costas dela e abrindo ainda mais a pele. —Você sabe que é minha, certo?

A garota fica ali rígida, imóvel e sem dizer uma palavra. Ele agarra um punhado de seus cabelos e puxa de volta. Seu gemido de dor envia prazer através dele.

—Responda-me. — ele rosna em seu rosto.

O sangue escorre de seus lábios e nariz dos golpes que ele lhe deu quando entrou pela primeira vez no quarto, e isso o deixa com fome. Ele está sempre com fome dela. Ele nunca terá o suficiente.

—S-sim. — a menina choraminga.

—Diga! — Ele exige severamente.

A garota fecha os olhos antes que possa se conter, mas eles se abrem imediatamente quando o homem passa a mão em sua garganta e aperta. Seus olhos parecem que estão prestes a sair de sua cabeça.

—Diga a porra das palavras, Lelu! — O homem grita.

A pressão em volta do pescoço diminui e, embora as palavras tenham um gosto mais desagradável do que qualquer coisa que ela já tenha encontrado antes, ela choraminga: —Eu sou sua.

Dentes amarelos encontram sua resposta quando o homem sorri na cara dela. Ele abaixa a cabeça e passa a língua pela bochecha dela até o lábio cortado, lambendo o sangue ainda pingando dele.

—Lembre-se disso. — ele sussurra. —Você sempre será minha.

Ele solta a cabeça dela que bate no colchão sujo, deixando para trás uma mancha de sangue. Seus olhos caem na poça de sangue e um momento depois, o sangue começa a pingar novamente.

Gota.

Gota.

Suas mãos cravam no colchão pelos quadris quando outro golpe bate nas costas dela. Os pingos de sangue escorregando das feridas nas costas e na bunda a escaldam como se pequenas chamas se movessem ao longo da pele. Logo ela escapará desse pesadelo. Logo ela estará em um sono feliz e fatal, para nunca mais acordar.

O homem senta-se nas panturrilhas da garota e contempla a obra-prima de cicatrizes, cortes e vergões diante dele. Ele adora olhar para as muitas marcas que colocou nela porque é a causa delas. Ele é quem os colocou lá. Sempre que ela os vir, será forçada a pensar nele. O pensamento envia sangue correndo para seu pênis. Ele empurra a necessidade de montar e transar com ela para o fundo de sua mente. Agora não é a hora disso.

O couro enrolado em sua mão aperta, fazendo com que a circulação sanguínea seja cortada. Há uma pitada de dor na palma da mão e ele olha para a fivela de metal. Olhando de volta para a teia de cicatrizes, um sorriso torcido se forma em seu rosto. Ele afrouxa o cinto ao redor da mão, agarra a outra extremidade e enrola essa parte ao redor da outra mão. Ele arrasta a fivela pelas costas dela, certificando-se de bater nas feridas abertas. Manchas

de sangue se arrastam atrás dele, aumentando a bela tela à sua frente. Ele quer mais. Ainda não há marcas suficientes.

Ele desliza para trás ainda mais, até a bunda dele ficar nos pés dela. Uma vez situado, ele puxa o braço para trás, mantendo os olhos no alvo - a parte inferior das costas dela - e depois se move para frente.

A menina grita quando a dor aguda irradia para cima e para baixo nas costas. Isto é diferente. Isso é pior. Parece que ele acabou de atirar uma faca nas costas dela. Manchas escuras filtram através de sua visão e náuseas se formam em sua barriga. Ela quer lutar, implorar para que a dor desapareça, chutar, gritar e fazer exatamente a mesma coisa que o homem fez com ela, mas a dor a mantém imóvel. Congela-a no lugar, assusta-a a se mover por medo da dor se agravar.

Sangue empoça na ferida fresca e os olhos do homem se fixam nela. Uma nova marca que estará para sempre em seu corpo, marcando-a para sempre como dele. Ele levanta a mão novamente e deixa o cinto voar para frente, colocando outra marca logo abaixo da primeira. Ele faz isso mais três vezes, terminando com cinco notas novas, antes de ficar satisfeito.

Depois de olhar sua obra de arte por vários momentos, ele se inclina e coloca a boca na orelha dela. Ele esfrega o peito contra as feridas, fazendo com que a garota grite pelos cabelos ásperos que a raspam nas costas.

—Agora você nunca esquecerá a quem pertence. — ele sussurra antes de moer os quadris nas costas dela, mostrando à

garota o quão excitado ele está com a dor que causou nela, e o que ela sabe que virá a seguir...

CAPITULO 23

Niko

—O quê? — Eu sussurro com uma voz rouca enquanto meu estômago cai para os dedos dos pés.

—Oh, querido, eu sinto muito por contar isso por telefone, mas...

Eu a cortei para fornecer dolorosamente: —Ele está...? — Minha voz cai abruptamente, incapaz de terminar o pensamento.

—Não, não, não! Deus não. Deus, por favor, não, nem diga isso. Ele está no hospital, querido. O coração dele parou na ambulância, mas eles o recuperaram. — ela soluçou. —Eles o trouxeram de volta.

—O que acontece agora?

—Eles o levaram de volta para uma angioplastia com um stent. Os médicos acreditam que a cirurgia tratará seu bloqueio severo melhor do que um medicamento que rompe os coágulos sanguíneos. A angioplastia trata da questão subjacente ao bloqueio e reduzirá sua chance de um futuro ataque cardíaco.

Porra.

—Tem alguém aí com você? — Minha mente voa uma milha por minuto, fazendo planos e se preparando para decolar. Quando levanto a cabeça, noto que Doe se aproximou de mim em algum momento nos últimos minutos. Ela não está perto o suficiente para me tocar, mas perto o suficiente para mostrar que sua presença é para ser um conforto. Mas, naquele momento, não estou me

sentindo tão confortável. É bom ter outra pessoa por perto, mas agora, ela é mais um obstáculo. O que devo fazer com ela enquanto corro para a Flórida? Não posso deixá-la sozinha, posso? Não posso exatamente empurrá-la em um voo comercial quando ela não tem ideia de quem é, muito menos qualquer forma de identificação. Tenho tempo para reservar um voo para mim e ver se ela pode ficar com Tavers e Mindy? É mais rápido levá-la comigo?

A voz da mãe descarrila meus pensamentos. —Minha vizinha Denise me trouxe aqui. Seguimos a ambulância e ela está esperando comigo até sua irmã chegar.

—Você ligou para Reece? — Eu limpo minha garganta após o nome dele, quase como por não falar há tanto tempo era difícil sair.

—Tori estava ligando para ele enquanto eu ligava para você. Eu não queria que você tivesse que... — ela para com a voz cheia da dor de uma mãe que seus dois filhos não se dão bem. Porra.

—Eu estou indo para o meu caminhão, mãe. Eu tenho que cuidar de algumas coisas, e então eu estou no meu caminho. Estarei lá amanhã à tarde.

Uma batida silenciosa passa então: —Você vai dirigir? Niko, é uma boa viagem de quinze horas se você não parar. Por que você não pega um voo com Reece? Vocês dois podem ter algum tempo para conversar.

— Eu não posso. Eu já dirigi para a Flórida antes e ficarei bem. Vou explicar quando chegar aí, mas não tenho tempo agora. Eu tenho que arrumar as malas e... — Faço uma pausa. Meus olhos vão para a porta quando Doe sai

correndo. Merda, merda, merda! Eu não tenho tempo para isso. — Eu estarei aí o mais rápido possível. Te amo mãe.

—Dirija com segurança, querido. Eu também te amo. — ela murmura, e nós nos desconectamos.

Eu mal coloquei meu telefone no bolso de trás antes de sair pela porta atrás de Doe. Cruzo o curto espaço de grama entre as duas casas e me esforço para correr pela porta dos fundos.

—Doe! — Eu grito, a respiração saindo dos meus pulmões. Um barulho soa do outro lado do corredor. Movimento de algum tipo. Eu corro nessa direção. —Doe, eu preciso ir. Minha família precisa de mim. — Paro quando bato na porta aberta do meu quarto. A respiração é sugada dos meus pulmões na cena que se desenrola na minha frente, e eu aperto a mão no batente da porta. Não consigo me mexer, embora esteja quase desesperado para pegar a estrada. Eu fisicamente não posso me soltar da porta.

Uma constrição dolorosa começa no meu peito quando Doe se aproxima de mim e me entrega uma mochila preta pesada.

—Eu arrumei suas roupas para você. — ela sussurra. Seu tom atinge algo dentro de mim. Parece preocupado, mas também esperançoso. Esperançoso para... o quê?

Eu tento falar, mas apenas um grunhido estrangulado sai.

—Se você esperar, eu posso embalar alguns lanches para você.

Eu engulo em seco—Não. — e vejo o rosto dela cair.

—Desculpe-me. Eu não...

—Vá arrumar suas coisas. — eu ordeno rispidamente.

Para minha surpresa, o rosto dela consegue cair ainda mais. Ela não responde, no entanto. Sem me tocar, se aperta entre

mim e o batente da porta nas minhas costas e caminha rapidamente pelo corredor.

—Você vem comigo. — eu rosno atrás dela, e assisto da entrada do meu quarto enquanto ela para subitamente. Sua cabeça se inclina um pouco como se estivesse virando a orelha na minha direção para me ouvir melhor.

—Se você acha que, por um segundo, eu estou te expulsando, tire esse pensamento da sua linda cabecinha. Eu estou levando você comigo. Por um lado, não suporto pensar em deixar você sozinha aqui sem saber quando vou voltar. Por outro... — Faço uma pausa, sem saber se devo dizer a próxima parte. Talvez seja a adrenalina do telefonema ou a crueza da situação, mas avanço e demonstro minha honestidade. —Eu não posso confiar que você ainda estará aqui se eu fizer. Vá pegar a sacola extra em seu armário na outra casa e arrume alguns dias de roupas. Depressa, Doe. Minha mãe precisa de mim.

Ela foge sem dizer mais nada, e finalmente sou capaz de me soltar da porta do meu quarto. Concluo a tarefa de nos pegar alguns lanches. Algumas garrafas de água, um saco de batatas fritas e um pouco de queijo para passar pela primeira parte da jornada. É tarde, perto das dez da noite, então espero que possamos chegar até o café da manhã antes de parar.

Meu querido cachorro seguiu Doe até a outra casa, então pego a sacola de lanches e as roupas que ela empacotou para mim e tranco. Eu alcanço a porta dos fundos da casa ao lado, enquanto ela se abre.

Doe sai com uma mochila pesada sobre o ombro e Betsy quente nos calcanhares. —Pronto! — ela bufa.

Pego a bolsa das mãos dela enquanto ela olha para mim com confusão, e a substituo pela sacola de lanche. —Leve isso para mim e coloque-o dentro do caminhão, certo? Eu vou levar isso. Eu só vou trancar.

Ela chama Betsy, e as duas vão embora como o par perfeito. Ela apenas lança um olhar por cima do ombro antes de correr para o meu caminhão.

Erro a fechadura duas vezes porque minha mão está tremendo. Fechando os olhos, deixo cair o queixo no peito e respiro fundo. Eu não posso nos levar lá com segurança se estou agitado o caminho inteiro. Preciso relaxar. Só não sei como, quando papai está em cirurgia a centenas de quilômetros de distância, mamãe está sozinha em uma sala de espera de hospital e meus dois irmãos estão pegando voos no meio da noite. Não posso perder outra pessoa que significa tudo para mim. Eu sei que me alienei da minha família depois que perdi Aislin, mas isso não significa que não os amo e *sinto falta* deles. Eu ainda ligo para meus pais frequentemente, e eles me ligam. E, porra, me mata que papai tenha um ataque cardíaco para eu perceber que, desde que voltei para cá, fiquei mais distante. Estou tão malditamente focado em resolver o homicídio de Aislin — as noites sem dormir, os incontáveis becos sem saída, os outros casos, *Doe* — meus pensamentos param no nome dela. Não... não me lembro quando comecei a ser tão consumido por ela também. Não posso negar que uma parte de mim bate com a mesma vingança de Aislin. Que

quero pegar o bastardo doente responsável por machucá-la também. Que não sei se consigo me afastar e deixar o caso de Doe sem solução quando resolver o de Aislin.

O que eu sei é quando tudo estiver resolvido... quando finalmente pegar o monstro responsável por Aislin e, merda, possivelmente o responsável pelo inferno que Doe suportou, vou ser um filho melhor. E irmão. Eu prometo, mesmo que seja apenas entre mim, o universo e um Deus que não tenho certeza de que exista.

Eu prometo.

Betsy e as malas estão na parte de trás da caminhonete, enquanto Doe está enrolada no banco do passageiro. Ela tirou os sapatos e colocou os pés descalços no assento ao lado dela. Sua cabeça está encostada na janela com os dedos entrelaçados embaixo da bochecha. Ela se virou para mim, no entanto, observando enquanto acionava o motor e nos afastava rapidamente da garagem. Aponto o caminhão em direção à estrada e tento me acomodar na longa viagem.

Eu ligo uma música calma, usando-a para preencher o silêncio ao fundo. —Não precisarei de gasolina por cerca de duzentas milhas. Você precisa de alguma coisa antes disso? Eu tenho algumas garrafas de água e um pouco de queijo para lanches.

—Não, obrigada. — ela murmura e depois solta um bocejo enorme.

Ah, porra. Eu sabia que ela estava cansada mais cedo. Tudo o que aconteceu desde então deve ter drenado o resto da energia

dela. A adrenalina no momento só pode manter uma pessoa acordada por algum tempo antes que seja hora de cair.

—Você pode descansar. Não adianta ficar acordado no meio da noite. Temos uma longa viagem pela frente.

Ela se vira, virando a cabeça para outra direção e se instala. —É uma boa ideia. Me acorde... me acorde se precisar de alguma coisa? —Sua voz soa como uma pergunta enquanto ela solta outro bocejo.

Meus lábios tremem, mas nada mais. Minha vida deu uma virada séria, e estou cansado demais para sorrir.

Eu dirijo a noite toda enquanto Doe dorme ao meu lado. Embora eu não possa dizer que foi uma viagem tranquila. Seus gemidos soam novamente e ela se debate no banco. Betsy choraminga atrás de nós e enfia o nariz perto do rosto de Doe. Não posso dizer do banco do motorista se meu cachorro a está tocando, mas sua proximidade deve confortar Doe um pouco, porque ela se cala. Elas fizeram essa dança a noite toda.

Com os primeiros choramingos, tentei acordá-la, mas Doe me chutou as costelas com tanta força que quase bati o caminhão. Mesmo que minhas costelas doam insanamente, não posso deixar de sentir algum orgulho pela velocidade de reação dela, mesmo em seu sono inquieto. Depois disso, tentei não a tocar, mesmo que fosse doloroso ouvi-la. Os instintos do cão devem ter surgido, e ela assumiu a tentativa de proporcionar conforto; algo que Doe tolerava.

Parei duas vezes para abastecer, e nenhuma das vezes Doe acordou. Acabamos de deixar a segunda delegacia na Virgínia antes

de cruzar as fronteiras estaduais para a Carolina do Norte. Eu debati comigo mesmo quando percebi que precisava de um café extra grande para me manter em movimento. Eu acordo e a trago comigo ou a deixo com Betsy no carro? E se ela acordar sozinha e assustada? E se alguém a vê e a incomoda? No final, minha necessidade de cafeína venceu e entrei e saí do posto de gasolina em tempo recorde. Até usei dinheiro para não esperar pela máquina, deixando meu troco com o caixa enquanto ele gritava nas minhas costas.

Agora, estamos dirigindo pela Carolina do Norte e o sol está começando a subir rapidamente. Doe se mexe novamente, chamando minha atenção brevemente. Sua cabeça descansa contra a mão perto da janela com o cotovelo apoiado na porta. Olho para esse lado com um pequeno sorriso no rosto para seu gemido ofegante, mas o que vejo faz minha boca se apertar.

A pulseira de Aislin.

O sol da manhã brilha em um pedaço brilhante de plástico. Parece perfeitamente natural para ela, exceto pelo fato de ser uma pulseira de criança, mas para qualquer outra pessoa no mundo, eles nunca adivinharão o significado que ela tem. As memórias. O que me surpreende é a minha própria reação. A dor no meu peito não segue, nem quero acordá-la e exigir que ela a tire. Pode ser que a saúde de meu pai e ir até minha mãe sejam mais urgentes. Ou, talvez, não me importo tanto. Eu olho rapidamente de volta para ela antes de olhar para a estrada. Não vou pedir para ela tirar. Com tudo acontecendo, há uma boa chance de que eu a perca e a perca para sempre. Dessa forma, pelo menos

sei onde está, e algo me diz que Doe irá mantê-la segura. Ela viu minha reação quando a notei pela primeira vez, então sabe que isso significa algo para mim. Independentemente de não a conhecer há muito tempo, confio nela para mantê-la e não perder. Algo me diz que ela não está acostumada a ter bens próprios, e ela irá apreciá-lo.

Não consigo parar meu olhar de voltar para o bracelete novamente, mas desta vez, seus lindos olhos estão bem abertos e me encarando. Estou um pouco assustado, mas ainda consigo dizer: —Bom dia.

Ela se endireita na banco. —Bom Dia.

Abro a bolsa perto dos pés dela e pego uma garrafa de água e dois queijos, entregando-os a ela. — Vamos parar em breve para o café da manhã. Você pode começar com isso.

Ela assente, pousando o queijo e destampando a água. Depois de um longo gole, ela coloca a garrafa no porta-copos e volta a roçar as orelhas de Betsy.

—Doe. — digo baixo, mas gentilmente, esperando até ter sua atenção para continuar. —Coma o queijo.

Sua mão vai imediatamente para um dos pedaços e ela o desembrulha. Ela muitas vezes esquece de comer. Não insisti em perguntar se é porque ela nunca sente fome ou se não está acostumada a refeições programadas. Mas isso me destrói para caralho vê-la tão pequena e não se alimentar. Os primeiros dias em que a deixei sozinha quando fui trabalhar foram aterrorizantes por esse pequeno fato. Acabei ligando para ela a cada duas horas para lembrá-la de comer algo, chegando a deixar várias opções prontas

na geladeira. Na maioria das vezes, ela é bastante complacente quando pergunto, então acho que é o último. Ela simplesmente esquece de se alimentar.

—Boa menina. — murmuro baixinho, não querendo parecer condescendente, mas querendo que ela saiba que me agrada vê-la cuidar de si mesma.

—Você já viajou antes?— Eu posso sentir seu olhar interrogativo sem olhar para ela.

Ela engole um pouco de água antes de responder. —Não me lembro.

—Agora sim. Quando essa viagem terminar, você terá visitado seis estados. Talvez no caminho de volta, possamos parar e explorar alguns deles.

—Eu acho que gostaria disso.

Meia hora depois, estaciono o caminhão no estacionamento de uma lanchonete. Não sei se a comida aqui é boa, mas espero que seja. Não queria pegar uma merda de fast-food, mas não temos tempo para nos sentar e desfrutar de uma refeição caseira. Depois de desligar a ignição, viro-me para Doe.

—Vou entrar lá e pedir algo para a estrada. Eu preciso que você fique aqui com Betsy para que ela não esteja sozinha. Vou trancar as portas. Observarei você o tempo todo.

O sangue escorre de seu rosto com cada palavra da minha boca, e seus olhos se arregalam de medo.

Eu automaticamente alcanço o rosto dela, mas afasto minha mão no meio do caminho. Não posso tocá-la e assustá-la mais. Em vez disso, seguro o apoio de cabeça atrás dela e me inclino.

—Doe, olhe para mim. Meu cachorro é o melhor cão de guarda que existe. Vou ouvi-la latir antes que alguém possa chegar perto de você. Nós precisamos fazer isso. Precisamos começar a deixá-la confortável em seu ambiente.

Ela ainda não diz nada, mas vejo seus ombros subirem e descerem com uma respiração profunda.

Eu continuo. —Eu prometo, nunca deixarei nada acontecer com você. Enquanto estiver por perto, ninguém vai tocar em você, porra. A veemência na minha voz não é algo para discutir.

O forte aperto na maçaneta da porta deixa nítido sua ansiedade de eu sair. Ela ainda não responde, mas estamos com pouco tempo. Preciso pegar comida, ir ao banheiro e voltar à estrada. Ela vai ter que lidar dessa vez.

—Betsy. — ordeno e dou um tapinha no banco da frente. O grande cão pastor pula e se instala. Doe imediatamente pega o pelo em volta do pescoço do cachorro e começa a acariciar. —Eu já volto. — murmuro.

Tenho vontade de correr; não querendo assustar todo mundo lá dentro, me forço a andar. No meio do estacionamento, perdido em meus pensamentos sobre Doe, sobre papai e minha família, alguém toca meu braço. Minha frequência cardíaca dispara com o toque surpresa, e me viro pronto para foder alguém.

—Doe, caramba, por que você não está no caminhão?

As pontas dos dedos dela cavam no meu bíceps como se ela estivesse tentando se segurar. Eu a observo, da cabeça até a ponta dos pés, sem perder o tremor de corpo inteiro. Quando alcanço seus pés, o instinto assume, e a carrego em meus braços.

Ela se agita e choraminga, seu corpo se curvando em um arco para se jogar para longe de mim. Porra, as pessoas vão pensar que estou tentando sequestrá-la.

—Doe! — rosno baixo. —Você não ouviu e me seguiu até aqui, então agora eu preciso carregá-lo de volta. Segure firme.

Ela para de arquear, mas seu corpo treme tanto que preciso reajustar meu aperto. Minhas frustrações vencem e começo a tagarelar.

—Rasgou seus pés o suficiente quando você foi encontrada vagando pela cidade. Sangrando para caralho. Agora você me segue até um estacionamento de asfalto rachado com os pés descalços. Eu não vou deixar você rasgar seus pés novamente, baby. Não depois que eles acabaram de se curar. As palavras saem de mim, e nem registro o que estou dizendo. Tudo o que consigo pensar é quanto tempo estou perdendo cuidando disso quando só quero um pouco de comida para nós e chegar à minha família. Merda, da próxima vez, juro por Deus, só vou levá-la comigo.

Chego ao caminhão e coloco sua bunda no banco do passageiro, onde Betsy ainda está sentada, mas choramingando. Desta vez, entrego minhas chaves a Doe. Ela os tira dos meus dedos, hesitante.

—Este botão trava a porta, este abre a porta. Entendeu? — Espero até que ela me dê um aceno de cabeça antes de continuar. —Este aqui soa um alarme. Vá em frente e tente.

O sinal começa assim que ela aperta o botão. Pego as chaves rapidamente para desligá-las.

—Eu preciso que você fique aqui. Tranque as portas quando eu sair, e agora você tem isso. Você ouviu o quão alto o alarme é. Se alguém te incomodar, toque o alarme e virei correndo, ok?

Ela dá um aceno agudo.

—Eu preciso ouvir você dizer, Doe. Me dê sua palavra, você ficará quieta para que eu possa pegar alguma comida para a gente.

—Eu vou. — diz ela em um tom áspero.

—Volto logo.

Dentro de dez minutos, estou voltando para o caminhão com dois recipientes de isopor em um saco plástico. Eu me aproximo do lado do passageiro primeiro. Eu acho que a assustará menos. Quando chego à janela, meu coração explode de orgulho e tristeza. Doe se agachou em seu assento, os olhos no para-brisa com o chaveiro nas mãos. Betsy se enroscou no chão aos seus pés.

Bato suavemente na janela e grito ao mesmo tempo: — Destrave o caminhão para mim.

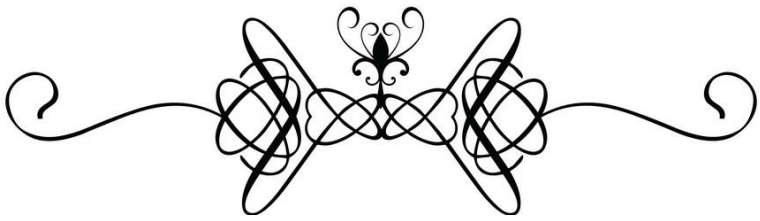
As fechaduras estalam e ando até a minha porta, entro e passo a comida para Doe. — Coma. Eles são os mesmos. — Eu roubo minhas chaves dos dedos dela, ligo o caminhão e nos coloco de volta na estrada.

A conversa é leve enquanto comemos. Doe inala sua comida enquanto pego a minha. O silêncio da viagem dá tempo para minha mente vagar para papai, e isso mata meu apetite. Em pouco tempo, meu bacon ficou frio. Eu embrulho o bolinho para mais tarde, e Doe coloca meu lixo de volta na sacola plástica.

Ela começa a fazer palavras cruzadas em algum lugar da Carolina do Sul e, quando chegamos à Geórgia, ela está dormindo

profundamente. A próxima vez que precisar de gasolina, paro e acordo-a para ir ao banheiro. Ela me faz verificar se está vazio antes de entrar. Eu ligo para mamãe uma vez para ver como está o pai, e ela me diz que ele está descansando na unidade de terapia intensiva cardíaca. Enquanto estou morrendo de medo, papai está passando por isso agora e não posso estar lá, quero que os médicos façam tudo o que puderem para reduzir as chances de isso acontecer novamente. Papai ainda é muito jovem e tem muitos anos para viver. Foi muita sorte que eles decidiram se instalar perto de um dos principais hospitais cardíacos da região.

Passo as próximas quatro horas no caminhão, perdido em meus pensamentos, enquanto descemos para a tranquila comunidade costeira, onde meus pais decidiram se aposentar. Parte de mim relaxa quando chego lá e posso ver por mim mesmo que papai está bem. A outra parte... bem. Olho para Doe enquanto ela pratica a leitura de um livro que Mindy trouxe para ela. Essa parte pode demorar um pouco.



Temos que parar na casa dos meus pais antes de ir para o hospital, e o pequeno atraso aumenta meu nível de estresse. Eu não podia deixar meu cachorro no caminhão durante um verão de agosto na Flórida. O mais rápido que posso, conduzo Bets para dentro, encho uma tigela de água para ela e volto pela porta onde

Doe está esperando na minha caminhonete. Enquanto paro pelos últimos dez minutos de carro do hospital, Doe percebe o oceano atrás da propriedade.

—É surpreendente, não é?

—Eu gostaria de ir lá. — ela respira, maravilha preenchendo sua voz. Eu sorrio quando ela se vira no banco para ver a paisagem desaparecer atrás da habitação residencial.

—Depois que verificar minha família e tirar uma soneca, vou te levar.

—Você já esteve no oceano antes? — Ela pergunta, sua voz suave envolvendo-me como seda. Algo na maneira como ela fala é cuidadoso, mas livre. Sua curiosidade brilha de uma maneira que me faz pensar que ela não está acostumada a expressar suas perguntas.

—Esse não. Meus pais não moram aqui há muito tempo. Esta é realmente a minha primeira viagem para vê-los. Eu gostaria que estivesse em melhores circunstâncias.

—Eu também.

—Para responder sua pergunta, passei algum tempo na costa oeste e fui a algumas praias da Califórnia enquanto estava lá. Meu pai também nos levou em uma viagem de pesca na costa do Maine quando éramos crianças. O oceano é vasto e cheio de desconhecido. É uma metáfora para o meu trabalho. — Eu rio com humor.

O GPS me direciona facilmente para o hospital, mas mesmo sem a navegação, teria sido difícil perder. Inúmeros sinais me apontavam na direção certa, a vários quilômetros de distância. Um

prédio alto e quadrado com paredes reluzentes de janelas de vidro se ergue sobre nós da rampa de estacionamento. Shoreside Hospital estampado na frente.

Doe me segue do caminhão e atravessa uma passarela no hospital. Imediatamente, fico à vontade. A novidade do lugar, o cheiro de tinta fresca e as luminárias reluzentes me lembram que não estou mais em Podunk, Ohio. Este lugar grita dinheiro e, com dinheiro, a área da saúde garante o melhor.

Uma mensagem de mamãe me diz para onde ir e que ela estaria esperando. A família foi transferida para uma sala de espera do lado de fora da UTI.

—Niko! — ouço o chamado quando Doe e eu saímos para o corredor. Mamãe está perto das portas duplas rotuladas como *Pessoal Autorizado.* Eu acelero nossos passos. Quanto mais me aproximo, mais fácil é ver como ela está cansada. Seus olhos estão arregalados e alertas, mas as olheiras circundam as pálpebras inferiores. Seu cabelo está preso no topo da cabeça em um coque caótico e crespo, e suas roupas estão enrugadas. Me chuto mentalmente por não pegar uma roupa nova para ela antes de envolvê-la em meus braços.

—Mãe. — murmuro com voz rouca e a beijo na bochecha. Ela começa a se afastar, mas a seguro por mais um momento antes de me soltar. —Como ele está? Quando posso vê-lo?

Não perco o jeito que seus olhos se voltam brevemente para Doe. Ela respira fundo, quieta e com lágrimas nos olhos. Ela pisca para afastá-las antes de olhar para mim, mas vejo a simpatia persistindo lá.

—Ele está descansando. — ela responde com voz rouca. —O horário de visitação é muito rigoroso. É permitido no máximo duas pessoas por vez e apenas por trinta minutos. Tori e Michael estão lá agora, terminando. O próximo é só até as três da tarde.

Olho para o meu relógio. São 1:25. Porra. Olho por cima da cabeça dela como se pudesse roubar uma espiada. —Não posso vê-lo rápido?

A mão dela acaricia minha bochecha. —Sinto muito, querido. Você é o próximo. Provavelmente é o melhor. Você pode tirar uma soneca rápida enquanto espera. Deve estar exausto depois de dirigir a noite toda.

Eu cubro a mão dela na minha bochecha e a afasto gentilmente, colocando-a na minha. —Eu fiz pior.

—Eu sei. — ela responde tristemente. Limpando sua expressão, ela se vira para Doe. —Olá querida. Eu sou Sandra, mãe de Niko.

Pelo canto do olho, vejo Doe inclinar a cabeça. Ela se vira para mim e olho para baixo a tempo de ver uma expressão nervosa em seu rosto.

—Mãe, essa é Doe. Ela é uma… cliente que estou ajudando no trabalho. E ela é uma boa amiga.

Mamãe olha para mim e posso ver as perguntas em seu rosto. Dou a ela um olhar que espero que entenda que explico depois, porque não posso agora. Porque não passei algumas das quinze horas de carro tentando criar uma explicação melhor está além de mim. Contar a verdade não é uma opção. Pelo menos não no meio do corredor do hospital.

—Olá — diz Doe em voz baixa.

—É um prazer conhecer-te. Obrigado por acompanhar Niko em sua longa viagem. Tenho certeza que ele gostou de ter a companhia extra. — O que ela não diz é que sabe que é por causa de Doe que tenho que dirigir. Não são os detalhes, mas mamãe é uma mulher inteligente. Ela sabe que eu teria escolhido voar a menos que houvesse uma razão que não pudesse, então ela sabe que Doe é essa.

—Hum, foi legal da parte dele me trazer e não me deixar em casa.

Os olhos de mamãe piscam para mim novamente com a palavra *casa.* A maneira como Doe disse faz parecer que vivemos juntos. De uma maneira fazemos, mas não da maneira que mamãe esperaria.

Sempre a anfitriã, mamãe sorri gentilmente para Doe e gesticula para a esquerda. —Devemos nos sentar na sala de espera? — Sem esperar pela nossa resposta, ela lidera o caminho.

Faço um gesto para Doe à minha frente e depois observo: —Na verdade, quero ficar em pé um pouco. Eu estive sentado nas últimas quinze horas. Minhas costas podem usar um...

—Que porra é essa? — A frase é murmurada em voz alta de dentro da sala de espera. Minha cabeça se levanta e eu olho para meu irmão, Reece.

—Reece! — Mamãe adverte. —Língua!

—Você está brincando comigo agora? — Reece explode. Enquanto seu tom aumenta em volume e raiva, Doe se retira atrás de mim. Ele a está assustando, e isso me irrita.

—Acalme-se! — rosno baixo. Sinto a mão de Doe enroscar-se na minha blusa nas costas.

—Acalmar? *Eu?* — Ele pontua suas palavras com um dedo no peito.

—Sim você. Sempre a cabeça quente. Qual é o seu problema?

—Meu problema é que você está trazendo esse seu pequeno pedaço esquelético para o passeio enquanto papai está deitado na porra de uma cama de hospital. — ele zomba, dando dois passos à frente e para o lado, como se estivesse tentando fazer contato visual com Doe.

—Meninos, parem com isso!

As palavras da mãe caem em ouvidos surdos. Eu dei meus próprios dois passos adiante até chegar ao espaço de Reece. Sei que arrastei Doe comigo, pois o aperto dela nunca afrouxou da minha camisa, mas já passei do ponto de poder dizer a ela para me soltar. Suas palavras fazem meus ouvidos zumbirem, e estou vendo vermelho. Em vez disso, chego atrás de mim e levanto seus dedos, dando-lhe um aperto antes de deixá-lo cair de volta para o lado dela. Não tenho certeza se ela recebeu minha mensagem, mas ela não me agarra novamente.

—Você não tem ideia do que está falando.

—Me poupe, Niko. Você sempre foi o egoísta. Pensando que o mundo girava em torno de você. Atacando depois que sua amiga desapareceu. Agora, mamãe e papai precisam de você, e você arrasta sua amiga. Muito bom, irmão.

Eu o enfrento.

O próprio Senhor teria trabalho em me impedir de dar um soco. Após o discurso de Reece, mencionando Aislin e depois chamando Doe de um nome depreciativo duas vezes, bati.

Ele joga seu próprio soco, apontando para o rosto. Eu mergulho para a esquerda e ele erra, mas consegue prender os braços em volta do meu pescoço. Tento arrancar o braço dele, mas não posso, então mando um cotovelo em suas costelas. Ele grunhe, mas ainda não o solta. Bato nele com outro soco.

—Parem, pessoal! Mas que porcaria?

Reece dá um soco nas minhas costelas, coincidentemente no mesmo ponto que Doe me chutou antes, e a dor retorna com uma vingança. Eu o empurro para trás, esperando que ele caia de costas, mas ele aguenta. Sou capaz de acertar outro soco no estômago antes que as mãos comecem a nos separar.

—Pare com isso, idiotas. — Essa voz reconheço como a do Michael, o marido de Tori. O aperto de Reece finalmente cede, e puxo o ar para meus pulmões. Os braços magros de Tori me envolvem, um no peito e outro atrás das minhas costas, enquanto ela me empurra para uma cadeira.

—Qual é o problema com vocês dois? — Olho para os meus sapatos e vejo Michael empurrar Reece em uma cadeira. A vergonha começa a aparecer quando vejo o sangue no lábio do meu irmão.

—Incompreensão. — resmungo, mantendo meus olhos fixos nos de Reece.

—Sim — Reece zomba de volta. Estou prestes a me levantar e bater nele novamente quando vejo seu olhar piscar à minha

esquerda. A expressão em seu rosto muda de raiva para uma de confusão.

—Niko. — mamãe sussurra. Eu viro para ela.

—Merda. — Estou fora da minha cadeira em um nano segundo e atravessando a área de espera. Mamãe se senta em uma cadeira com Doe na cadeira ao lado dela, enrolada em uma bola e segurando com força na mão de mamãe. Afasto as mãos delas, substituindo as de mamãe pelas minhas, e puxo Doe da cadeira. Seus olhos permanecem cerrados, mas ela me deixa levá-la através da sala. Recupero meu assento e gentilmente a guio para o que está ao meu lado.

—Você está bem. Eu sinto Muito. Não deveria ter feito isso. Shh. — acalmo, suficientemente baixo, para que apenas ela possa me ouvir. Totalmente ciente de que todos os olhos estão sobre nós. Quero alcançá-la e tocá-la, acariciar seus cabelos, fazer algo para confortá-la, mas não quero empurrá-la para o limite. Seja lá o que diabos aconteceu com ela no passado, aquela pequena cena que eu permiti acontecer era demais para ela. O arrependimento me consome. Talvez devesse tê-la deixado em casa.

—Sinto muito, Doe. — digo novamente, e ela aperta minha mão com força. Sento-me de lado na minha cadeira, de frente para ela, tentando prendê-la e manter o resto do mundo fora.

O tempo passa em silêncio, e um tempo depois, ouço o som suave da respiração de Doe enquanto ela dorme ao meu lado. Eu tenho estado tão concentrado nela que não tenho certeza se todos foram embora ou apenas ficaram quietos. Quando olho em volta, fico surpreso ao ver minha família ainda aqui, nos observando. E,

naquele momento, sei que lhes devo uma explicação, *algo*, para descrever Doe e quem ela é para mim.

—Várias semanas atrás, ela foi levada ao hospital depois de ser encontrada vagando pelas ruas à noite. Ela estava descalça e coberta de cortes e cicatrizes. Ela era uma Jane Doe. — Faço uma pausa para olhar em seus rostos. Quanto devo lhes dizer para explicar, mas também respeitar a história particular de Doe?

—Você era o detetive no caso dela? — Mamãe pergunta gentilmente. O som de sua voz chama minha atenção para ela.

—Não exatamente. Na mesma noite em que ela foi encontrada, alguém estava fora da minha casa. Houve tiros.

Reece resmunga audivelmente, provavelmente se lembrando da noite em que fiz uma visita a ele.

Eu continuo. —Tomei a decisão de questioná-la e ver se ela estava na área. Quando cheguei lá, ela não se lembrava. Ela era uma verdadeira Jane Doe sem memória. — Balanço a cabeça com a dificuldade da situação.

Deslizando minha mão da mão relaxada de Doe, apoio os cotovelos nos joelhos e passo as mãos pelos cabelos. Deixei minhas mãos frouxas entre minhas pernas abertas e levanto minha cabeça para olhar para minha família. —Ela está no modo de recuperação. Não tem memória, família e nenhum lugar para ir. Eu dei a ela o nome *Doe* e a levei para casa. Ela ficou em casa... — Paro e engulo em seco. —Na casa antiga de Aislin. Quando recebi a ligação sobre papai, não podia simplesmente deixá-la lá. Sou a única pessoa em quem ela confia neste momento, e demorou muito tempo para ela chegar até aqui.

—Niko, me desculpe. Eu não sabia. — diz Reece, parecendo contrito.

—Não, você não sabia. Aposto que você pode ver agora como esses seus comentários foram dez vezes mais fodidos.

—Eu entendo. — Ele levanta as mãos para mim. —Eu sinto muito. Também vou pedir desculpas a ela quando acordar.

—Boa. Agora, se todos não se importarem, vou fechar os olhos. Alguém me acorda quando for a minha vez de ver o papai.

—Claro, querido, descanse um pouco. — mamãe diz, e lhe envio um sorriso agradecido antes de fechar os olhos.

CAPITULO 24

Niko

A luz do sol filtra através das cortinas sopradas na brisa. O som de ondas quebrando a costa e gaivotas voando acima da água filtram pela porta aberta do pátio no quarto de hóspedes na casa dos meus pais. Olho o quarto todo do sofá-cama em que dormi, percebendo que a cama está vazia. Em um instante, o pânico passa por mim. Imagens de Doe vagando pelas ruas da Flórida, assustada e sozinha, passam pela minha cabeça. O rangido da madeira soa da porta do pátio aberta. Movendo-me para a posição sentada, me inclino e olho para fora.

Doe se inclina contra o parapeito, olhando a praia. Pela primeira vez, ela parece um pouco pacífica. O cabelo dela sopra na brisa e a saia ondula atrás dela. Se não fosse a expressão séria em seu rosto, diria que ela parece normal. Despreocupada. Em vez disso, um pequeno vinco fica entre as sobrancelhas, dando-me a impressão de que ela está pensando. Profundamente.

Não querendo assustá-la, dou-lhe mais algum tempo sozinha com seus pensamentos. Não estou tentando ser assustador, mas acho que isso é bom para ela. E tenho medo, que se tentar sair do quarto, ela vai me ouvir e me seguir.

Não que eu não queira, mas acho que ela precisa disso. Há um conforto aqui que ela não tem em casa. Um lugar que ela nunca esteve - onde ela está segura. Onde o monstro que a machucou não pode alcançá-la. Acho que ela sente isso tanto quanto eu.

Eu sei que ela está do lado de fora no pátio com Betsy a seus pés, mas a conquista é enorme. Este é um território desconhecido. Assim como ontem, quando ela estava assustada e se confortou com mamãe ou quando ela foi comigo dizer oi para papai. Ele não fez nada além de dormir enquanto estávamos lá, mas tudo bem. O fato de ele ainda estar aqui para tirar uma soneca é tudo o que importa para mim. Quando Tori e Michael expulsaram todo mundo para ir para casa e dormir, inclusive mamãe, Doe foi quem pegou a mão da minha mãe e nos levou para fora. E quando chegamos em casa, ela ajudou mamãe a cortar legumes para uma salada, para que todos pudéssemos comer uma boa refeição em vez de comida para viagem.

São tarefas domésticas, mas o fato de ela estar realizando essas tarefas sem hesitar ou ser questionada é um passo significativo em sua recuperação. Antes que eu perceba, ela será capaz de viver sozinha. Se pudermos descobrir quem ela é, poderia pelo menos conseguir um emprego para sustentar a si mesma.

Não sei por que, mas o pensamento me irrita um pouco. A vida dela comigo não era a situação mais ideal, mas me acostumei a cuidar dela, e gosto da companhia dela. Uma parte de mim pode ter percebido o quão sozinho estive todos esses anos. Ela se tornou uma amiga. Um tipo de companheira.

Com esse pensamento, me levanto da cama. Enquanto caminho em direção ao pátio, noto que a cama em que Doe dorme não está bagunçada; uma indicação de que ela não se remexeu a noite toda como normal. Pensando sobre isso, eu dormi profundamente também. Toda a condução que fizemos ontem deve ter nos desgastado.

Ela se vira para mim com o som dos meus passos. —Bom dia.

—Bom dia. — saúdo de volta e pego um lugar ao lado dela no parapeito. Inclinando um quadril contra a madeira, me viro para ela. —Como você dormiu?

—Bem. Você?

—Mesmo.

Ela cantarola uma resposta e olha de volta para o oceano.

Espelhando-a, faço o mesmo, mas tento não a encarar como faço.

—Posso te perguntar uma coisa? — Ela pergunta timidamente, seus olhos piscando para mim.

—Claro.

Ela morde o lábio inferior com os dentes, antes de soltá-lo. Em vez de falar comigo, ela faz a pergunta ao oceano. —O que seu irmão disse sobre mim foi tão ruim assim? Não sei o que as palavras dele queriam dizer, mas, pela luta, deduzi que era maldade.

—Sim. — respondo instantaneamente, minhas mãos se fechando quando suas palavras ecoam em minha cabeça.

—Oh. — O tom de sua voz se transforma em dor.

—Eu sinto Muito. Reece e eu estamos brigando há muitos anos. Ele nunca deveria ter descontado em você.

Ela me interrompe. —Ele disse que eu sou *sua*... alguma coisa. Eu não sabia o que as palavras significavam, mas não parecia tão ruim ser chamado de algo seu. Eu sinto que sou.

Minhas sobrancelhas se juntam. —Como você é o quê?

—Sua. — ela responde sem hesitar.

Meu estômago está tremendo. —Não, Doe. Não. Você pertence a você. Ninguém é seu dono. Nem agora, nem no passado, nem nunca — declaro com veemência. —Antes de mais nada, você pertence a você. Essa é a verdade para todos.

—Essa é a verdade para você? Você pertence a você?

Meus pensamentos se voltam severamente para Aislin. O pensamento de que ela possui uma parte da minha alma de uma maneira que se foi para sempre. De certa forma, nunca vou recuperá-la. Meu olhar desliza para o bracelete em torno do pulso de Doe; uma pulseira que ela roubou, mas é tanto dela quanto era da proprietária anterior. Porque essa proprietária anterior está

morta e nunca mais voltará para recuperá-la. Nesse pensamento doloroso, levanto meus olhos para o rosto dela. Eu a encontro abertamente me encarando, com paciência clara em seu olhar.

E é a paciência que me permite dar a ela a única verdade que posso, mesmo que seja apenas uma meia verdade.

—Sim. Eu pertenço a mim. —E eu faço. Mas também pertenço a Aislin. E odeio admitir, mas acho que uma parte de mim pertence a Doe também.

Eu limpo minha garganta e me afasto da grade. —Por que você não termina de se arrumar e me encontra lá embaixo? Podemos tomar um café da manhã rápido. Então gostaria de visitar meu pai. Ver como ele está hoje.

—Claro. Vou me arrumar. — Ela passa por mim e entra no quarto. Eu permito que Betsy a siga, ando até o sofá-cama e vasculho minha bolsa ao lado dela. Com uma braçada de roupas limpas, vou para o corredor.

—Encontro você lá embaixo — murmuro e saio para me vestir.

O café fresco espera quando entro na cozinha. Mamãe frita alguns ovos no fogão. No caminho para pegar uma caneca, paro e dou um beijo em sua bochecha. —Bom dia, mãe, dormiu bem?

—O melhor que posso com seu pai não estando aqui. — Ela suspira, e percebo o cansaço em seu tom.

—Você já fez o check-in hoje? Estou pensando em ir para lá depois do café da manhã.

— Liguei esta manhã. Ele teve uma boa noite. Vão movê-lo da UTI para um quarto privado. Espero que ele volte para casa dentro de mais um ou dois dias.

Coloco um pedaço de bacon na boca e sorrio enquanto mastigo. —Parece promissor. Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. Doe e eu vamos ficar por aqui até lá e estamos felizes em ajudar.

Com a menção de Doe, mamãe se vira e me fixa com olhos simpáticos. —Você e essa garota *não* vão ajudar. Leve-a para passear. Faça uma caminhada pelo calçadão. Tome ar fresco.

—Está tudo bem, mãe, sério. Passamos muito tempo juntos em casa. Podemos deixar isso de lado por alguns dias para ajudar. Só até o papai sair do hospital.

Com precisão, ela pousa a espátula na mão e diminui a chama do fogão. Seu olhar se intensifica com o que ela diz a seguir. —O que quer que a garota tenha passado era a forma mais pura do inferno. Eu vi de perto as cicatrizes no rosto e nos braços; Só posso imaginar como é o resto dela. Ela não precisa ser arrastada até aqui por você para ajudar alguns estranhos que ela nem conhece. O que ela precisa é que você mostre que vale a pena viver a vida dela.

—Mãe. — resmungo, supero com várias emoções ao mesmo tempo. —Não é desse jeito.

—Pode não ser. Você pode ser nada mais para ela do que o detetive que ajudou a colocá-la de pé. Mas se você está investindo tanto tempo para dar a ela um lugar para ficar, precisa percorrer todo o caminho. Não dê a mínima. Não espere que outra pessoa apareça e faça dela o problema dela.

Estendendo a mão, esfrego a parte de trás do meu pescoço. —Por que você está dizendo isso?

Ela agarra meu cotovelo e puxa minha mão para longe da minha cabeça. Seus dedos apertam os meus. —Porque eu vi a maneira como ela assiste todos os seus movimentos; como se você desaparecesse, ela morreria. Porque vi o medo de perto. Que mesmo que ela não signifique nada para você, você passou a significar tudo para ela. E você pode não perceber, mas está na posição perfeita para mostrar a ela como a vida pode ser boa. Ela veio de um lugar infernal. Agora ela precisa experimentar o céu.

—Eu não acho que tenho isso em mim. — murmuro, olhando para longe dos olhos penetrantes da mamãe.

—Faz muito tempo. — ela começa, aparentemente fora de tópico—mas você não é a casca vazia que pensa que é.

Um arrepio percorre minha espinha. Quero dizer que é exatamente o que sou, mas sei que não chegarei a lugar algum com ela. Ela é uma mulher durona e muito forte. Passaríamos horas discutindo em círculos se dissesse isso.

Felizmente, Doe entra silenciosamente na cozinha e quebra o momento. Se eu já não estivesse olhando nessa direção, nem a teria ouvido. Ela olha para minha mãe e eu e pergunta timidamente: —P-posso ajudar?

Mamãe me lança uma última sobrancelha arqueada que diz 'me escute' antes de limpar o rosto com um sorriso acolhedor. — Não, mas você pode comer um pouco dessa comida que fiz. Sente-se e Niko vai pegar um prato para você.

Depois de acomodar Doe, pego meu próprio prato de comida e me sento. O café da manhã é quieto. Mamãe conversa educadamente com Doe, mas estou perdido em meus próprios

pensamentos. Depois que meu prato está vazio, o lavo, coloco na máquina de lavar louça e bebo o restante do café.

—Vou passar pelo hospital antes de descer para a praia. Doe, você gostaria de se juntar a mim?

Eu tento evitar o contato visual com mamãe, conhecendo o olhar triunfante que encontraria lá.

Os olhos de Doe estão arregalados para mim por cima de seu copo enquanto ela bebe seu suco de laranja. Porra, não pretendia apressá-la. Estou pronto para sair daqui por um tempo e longe das intromissões da mamãe.

A cadeira de Doe raspa o chão enquanto ela se levanta e corre para a pia. —Um segundo e vou lavá-los.

Eu passo na frente de sua trajetória. —Eu cuido disso. — murmuro, retirando o prato e o copo sujos das mãos dela. —Pegue seus sapatos.

Ela sai correndo da sala, apenas para parar na porta da cozinha. Ela se volta para mamãe. —Obrigada pelo café da manhã. — diz ela apressadamente, em seguida, sai da sala.

—Eu acho que...

—Quieta.

—Niko, eu apenas...

—Não mãe.

—Oh, pelo amor de Pete...

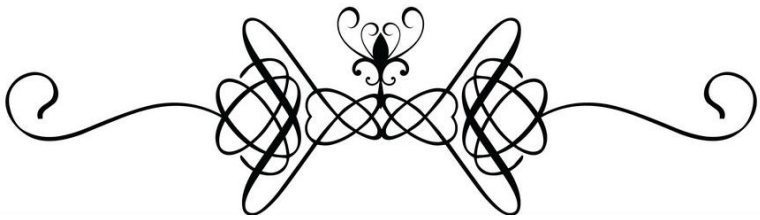
—Não. — Eu me movo na frente dela, onde ela se senta à mesa e me agacho. —Você disse o que queria. Agora deixe a gente.

Olhando para mim com um olhar de aborrecimento, ela não responde.

—Eu ligo com todas as atualizações sobre o papai. Você estará lá em breve, já que ele está se mudando da UTI?

Ela vira para a pia e lava o próprio prato. —Quando seu irmão estiver acordado e pronto, seguiremos para lá. Espero que em breve. Tori e Michael ficaram a noite toda. Eu disse a ela para voltar para casa, mas ela não queria que seu pai estivesse sozinho. Mesmo que ela não pudesse estar no mesmo quarto.

— Típico de Tori. Tudo bem, mãe. Se cuida. Vejo você mais tarde.



—Pai, deite-se — ordeno enquanto meu velho tenta pela milésima vez sair da cama.

— Estou pronto para sair daqui. Me deixar ir.

—Você pode ir quando tiver alta. Você foi caminhar, teve algo para comer...

—Essa pilha de mingau não é melhor que lixo de prisão.

Eu continuo como se ele não tivesse me cortado. —E agora você precisa descansar. Não fará nenhum favor a si mesmo se esforçando demais e rápido demais. Oh, pelo amor de Deus! — murmuro enquanto ele continua a lutar.

—Sr. James, você gostaria de dar outro passeio? —A enfermeira Christine pergunta enquanto ela se agita no quarto.

Papai me lança um olhar triunfante. —Só se for para o meu carro.

—Pai! — Viro para a enfermeira. —Ele não deveria ficar na cama? O homem teve um ataque cardíaco maciço há dois dias.

Seu sorriso é gentil, mas não faz nada para aliviar o estresse que me atormenta. — Outra caminhada não fará mal, e ele precisa aumentar sua força se quiser sair daqui amanhã. Vamos dar uma volta pelos corredores, e ele já volta.

Eu cerro os punhos em frustração, mas não digo mais nada enquanto a vejo ajudar papai a sair da cama, dando a ele um andador para se equilibrar. Meus dedos pressionam com tanta força que sinto dor nas minhas palmas, e meus braços tremem com a força do meu aperto.

Calor envolve minha mão esquerda. Demora um momento para perceber, mas quando o faço, olho para baixo e vejo Doe envolvendo suas duas mãos nas minhas.

Ela está me tocando. De boa vontade, me procurando abertamente. E não é nem para seu próprio conforto.

É para o meu.

Engulo em seco, tentando conter os sentimentos que me atingem. Girando meu pulso, abro minha mão, entrelaço meus dedos nos dela e aperto. Silenciosamente, agradecendo a ela por tentar me confortar. Tão rapidamente quanto agarrei, soltei.

— Papai parece estar indo bem, e mamãe estará aqui em breve. O que você diz sobre ir ao calçadão e ver o oceano de perto? Eu poderia usar o ar fresco. Eu amo o homem, mas ele pode ser teimoso como um maldito boi.

—Tudo bem. — ela responde e oferece um pequeno sorriso.

Quando saímos para o corredor, encontramos o papai. Só que agora mamãe se juntou a ele e ele está dando a ela o mesmo sermão que me deu.

—O que vocês querem tentando me manter trancado neste lugar? Estou pronto para ir para minha própria cama e assistir minha própria televisão.

—Christopher James. — mamãe exclama em tom de desaprovação e se aproxima dele. — Você vai voltar para a cama do hospital e ficar quieto. Você vai ouvir as instruções do seu médico e, quando, e somente quando, eles disserem que você pode sair, o levarei para casa. Nem um segundo antes. — O tom dela cai para um choroso. —Eu pensei que estava prestes a perder você, e farei tudo ao meu alcance para mantê-lo aqui, mesmo que isso signifique irritá-lo no processo.

Papai estende a mão e enxuga uma lágrima com as costas dos dedos. —Aww, Sandy. Vai ficar tudo bem. Eu ainda estou aqui, querida.

—Estamos ficando mais velhos. É hora de aposentar a porcaria de macho alfa e se sentar. Espero pelo menos mais vinte anos com você.

Meu peito aperta com o pensamento de qualquer um dos meus pais morrendo. Eu limpo minha garganta. —Desde que você está aqui, mãe, nós já vamos para dar espaço a vocês dois. Espero que você coloque um pouco razão sobre ele.

—Eu ouvi isso. — papai resmunga por cima do ombro enquanto a enfermeira o ajuda a voltar para o quarto.

Mamãe se inclina e beija minha bochecha. —Eu vou segurar o forte.

Nos despedimos, e Doe e eu vamos para o meu caminhão.

—Estou feliz que seu pai esteja melhor.

Olho para ela enquanto aciono a ignição. —Eu também.

—É estranho. Ver alguém no hospital assim. Eu parecia assim? Como se quisesse sair?

—Não, Doe. — respondo gentilmente. —Você não parecia querer sair. Parecia que você queria ficar porque estava com medo do que estava do lado de fora.

Ela vira a cabeça para a janela. —Gosto muito do ar fresco. Acho que se voltasse ao hospital, seria como seu pai e gostaria de sair imediatamente.

Eu rio e seguro a mão dela, agarrando-a como se fosse a coisa mais natural do mundo. Quando minha mão desliza sobre a dela, eu volto à realidade e rapidamente a solto. —Hospitais são uma coisa boa. Eles salvam vidas. Meu pai é apenas um velho teimoso que acha que conhece melhor do que os médicos instruídos. Na realidade, ele provavelmente está assustado.

—Eu também estaria.

—Mmmhmm.

Depois de uma curta viagem de carro do hospital, encosto minha caminhonete junto ao meio-fio. Alguns outros veículos estão estacionados na rua, e algumas pessoas caminham pela calçada em frente aos estabelecimentos. O cheiro de sal e oceano nos assalta com a brisa quente ao sair do caminhão.

Os olhos de Doe estão arregalados de admiração enquanto ela olha tudo. A linha de pequenos prédios de um andar, muitos com mesas de mercadorias expostas na frente, um caminhão de comida proclamando a autêntica culinária argentina e, além de tudo, o comprimento de um campo de futebol de areia que se estende até o maciço Atlântico.

—Vamos lá, vamos dar uma olhada.

Ela sai de seu estupor e me segue até a passarela de concreto. A cada poucos metros, ela para, detendo-se quando algo chama sua atenção. Um colar de concha puka, sabonetes, loções, itens feitos à mão. Ofereço-me para comprar coisas para ela - uma bugiganga própria -, mas a cada vez ela se recusa.

Entramos em uma pequena loja de presentes perto do final do quarteirão. Imediatamente, somos atacados com vários odores de óleos de aromaterapia, sabonetes, produtos de higiene pessoal e similares. Mais uma vez, Doe para algumas vezes. Eu quase a convenci a me deixar comprar um shampoo de coco que ela amou, mas no final, ela se recusa. Estou prestes a sugerir irmos para outro lugar quando ela para em frente a uma expositor de joias.

Depois do que parecem minutos, ela finalmente acena para a funcionária. —Posso ver este aqui?

Da minha posição atrás dela, não consigo ver o que ela está apontando, mas o funcionário sorri e assente, suas mãos se movendo imediatamente para o estojo. Ela pega uma bandeja de anéis e os coloca no balcão em frente a Doe.

—Se você estiver na cidade por um tempo, pode ser ajustado em alguns dias — diz a mulher com um forte sotaque sul-africano.

—Posso experimentar? — Pergunta Doe timidamente.

—É claro, é claro! Me dê sua mão.

Seus olhos disparam para mim com a questão, e posso ver o medo lá. Com um pequeno sorriso, dou-lhe um aceno sutil. Ela relaxa visivelmente com a minha aprovação.

—Bem, bem, bem! Parece um ajuste perfeito!

A recepcionista afasta a mão, e vejo pela primeira vez o anel brilhante que Doe escolheu. É um anel de zircônia cúbica chocolate. Uma pedra grossa, retangular e marrom, cercada por uma faixa de prata. E ele se encaixa perfeitamente. Parece bom no dedo dela.

Doe olha para a joia e não há uma dúvida em minha mente de que quero comprá-la para ela. O olhar em seu rosto, um olhar de admiração, é um que não posso permitir que ela deixe passar. Enquanto Doe aprecia a pedra brilhante, deslizo meu cartão de crédito para a funcionária, que se afasta para concluir a transação.

—Parece adorável.

Ela se assusta com o som da minha voz. —Eu também acho.

—É seu. — digo a ela, nem me incomodando em perguntar desta vez. Ela diria que não, e eu teria que discutir. Quero fazer uma coisa pequena por ela. E quando ela olha para o meu rosto com lágrimas nos olhos, sei que fiz a escolha certa.

—Obrigada.

A funcionária devolve meu cartão e saímos da loja.

—Você sabe por que eu escolhi? — Ela pergunta quando entramos na praia e caminhamos em direção à água. Ondas rolam e um barco patina pela água.

—Por que é lindo?

—Porque não era.

Paro de andar e minhas sobrancelhas franzem em confusão. — Você não acha bonito?

Ela para também, olhando o mar. —Estava cercado por beleza. O estojo inteiro estava cheio de diamantes claros e brilhantes. Mesmo se fossem diamantes falsos, ainda brilhavam na luz. Isso — ela olha para o dedo anelar direito — é apenas uma pedra marrom. E mesmo sendo uma das cores mais feias do mundo, ainda tenta brilhar. — Como se para provar seu argumento, ela mexe os dedos ao sol. Com certeza, o anel em seu dedo reflete a luz. —Eu o salvei de ser ofuscado para que pudesse ser bonito por si só.

Para alguém sem memória, suas palavras atingem algo dentro de mim. Para alguém que não se lembra de ter aprendido bondade, amor e altruísmo, ela exala em todas as chances que têm.

Minhas palavras ficam presas na minha garganta. —Isso é... muito significativo. Estou feliz que você tenha.

Ela começa a andar novamente e me golpeia com sua dolorosa verdade. —Eu me sinto assim às vezes. Plana. Feia. Como este anel marrom. Agora, toda vez que olho para ele, me dá esperança. Que algum dia eu possa estar livre da feiura.

—Doe. — Eu a paro novamente. —Você está tentando me dizer uma coisa? Você está tentando dizer que se lembra?

Ela balança a cabeça com força. —Não. Não, não me lembro de nada. É só um sentimento.

Eu estudo o rosto dela, mas não encontro nada. Ela ainda não se lembra, ou é uma ótima mentirosa. Meu intestino diz que é o primeiro.

Para nos afastar do pesado, tiro minhas meias e sapatos. — Tire seus sapatos. Quero que você sinta a areia.

Ela torce o nariz adoravelmente. —Sério? — Ela diz e me observa enfiar minhas meias nos meus sapatos.

—Dessa forma, podemos caminhar pela praia onde as ondas estão e não molhar nossos sapatos.

—Ok. — Ela encolhe os ombros e copia minhas ações. Pego os sapatos dela, segurando os dois pares na minha mão esquerda enquanto caminhamos para a água. Os primeiros passos que ela dá são dolorosamente lentos, e não sei dizer se a sensação desconhecida é boa ou ruim. Depois de alguns metros, ela pega o ritmo e praticamente pula na água comigo perseguindo seus calcanhares.

—Isso parece... estranho. Mole e áspero ao mesmo tempo. Acho que nunca senti algo assim.

A cada poucos metros, uma onda rola para a costa, encharcando-nos até os tornozelos. A barra da saia de Doe fica úmida, mas ela não parece se importar. Ela parece estar em uma felicidade inconsciente cheia de areia molhada e ar fresco do oceano.

Me chocando para caralho, ela se desvia do meu lado e dá mais alguns passos nas ondas. Não me lembro de um momento em

que ela voluntariamente saiu do meu lado, especialmente em público. Em casa, ela é conhecida por dormir na casa ao lado e fica em casa enquanto trabalho, mas ao ar livre, ela gosta de ficar perto.

Não posso deixar de me sentir atraído por ela - de pé na costa, pés na água, ondas batendo nos tornozelos. Ela parece tão despreocupada e infantil nas ondas. Eu olho para as mechas de cabelo lambendo suas bochechas. As bochechas marcadas pelas cicatrizes de seu passado ainda ficam vermelhas com um rosado que exala vida. Cicatrizes podem marcar sua pele, mas é tudo o que são. Cicatrizes. Testamentos de uma história de abuso hediondo. Essas marcas nada mais são do que história em sua pele, como palavras em uma página. Não definem quem ela é agora, e com certeza não devem impedi-la de viver.

Ela irradia beleza — não apenas beleza física, mas mental e emocional — e está lá, apesar das marcas em sua pele. O coração dela é puro. Ela ajuda sem avisar e sem obrigação. Ela ajuda porque se sente compelida a isso.

Alcançando o bolso de trás, pego o telefone e tiro uma foto rápida. Ela está de costas para mim, mas seu rosto está de perfil enquanto ela levanta o queixo e sorri. É a primeira vez desde que a conheci que ela parece em paz. Eu quero capturá-lo por toda a eternidade.

—Por que você está parado aí? — Ela me chama, me quebrando dos meus pensamentos. Sorrio e me aproximo.

—Você parecia estar aproveitando um momento sozinha.

— Não gosto de ficar sozinha. Eu gosto de passar um tempo com você.

Em vez de lutar contra isso, cedi ao que sinto e admito: — Também gosto de passar um tempo com você.

Um súbito desespero toma conta; um que nunca senti antes. Eu quero tocá-la. Sentir o calor de sua pele. Sentir o peso dela em meus braços. É errado de minha parte, e eu sei, mas lutar contra isso é como tentar respirar debaixo d'água. Então não luto contra isso. Eu me rendo. Por um maldito segundo, me rendo e satisfaço uma necessidade que não me permiti sentir.

—Eu quero tentar uma coisa. — murmuro, aproximando-me dela e roçando sua mão com a minha. Ela não se encolhe.

—Claro, o que é?

—Feche seus olhos.

—O quê? — Seu corpo endurece. O movimento não é muito perceptível, mas passei tempo suficiente com ela para identificar quando está desconfortável.

Desta vez, envolvi a mão dela com a minha. —Feche seus olhos.

Dando-me um longo olhar, em que eu mantenho seu olhar firme, ela solta uma respiração profunda e deixa seus olhos se fecharem.

—Boa. Agora me diga o que você sente.

—O quê? — Seus ombros se dobram e ela desliza a mão da minha para se firmar no meu antebraço. Tento não saborear muito o calor da palma da mão enquanto passo a minha para segurar seu cotovelo.

—O que você sente, Doe? Realmente pense sobre isso.

—Hum... — Ela inspira e exala lentamente. —Bem, me sinto quente por causa do sol.

—Boa. O que mais?

—Sinto que quero nadar, embora não saiba como. Porque posso ouvir as ondas e sentir a água aos meus pés.

Eu sorrio mesmo que ela não possa ver. —Isso é bom.

—E sinto um pouco de medo.

Aquilo me surpreende. Depois de tudo o que ela viu hoje, não achei que ela estivesse com medo. —Por que medo?

—Porque eu não posso te ver.

Sinto que esqueço como respirar. Um arrepio percorre minha espinha. As palavras de mamãe de antes ressoam na minha cabeça. *Porque eu vi o jeito que ela assiste todos os seus movimentos; como se você desaparecesse, ela morreria.*

—Mas você pode me sentir. Eu estou bem aqui. Apenas me sinta. — Meu coração bate forte no peito enquanto a olho. Nas mechas de cabelo flutuando ao seu redor na brisa e a coloração rosa-escura de seus lábios e o rubor nas bochechas. Uma dor me aperta quando olho as cicatrizes em sua pele e imagino ativamente alguém colocando-as lá. Todo esse tempo eu me distanciei dela como detetive. Pela primeira vez, estou vendo as marcas em sua pele como *seu amigo.*

Tão perdido em meus próprios pensamentos, não percebo que ela se moveu até que ela se levanta na ponta dos pés e pressiona seus lábios macios de algodão doce contra minha bochecha. O lugar que ela tocou queima e, tão rapidamente quanto ela pressionava os lábios, ela se afasta.

—Eu sinto você, Niko.

Porra. Porra! O que estou fazendo? Por que estou fazendo isso conosco? A ela? Eu preciso nos mudar de volta para um lugar seguro antes que alguém se machuque. Essa pessoa provavelmente é Doe.

Reduzindo meu pânico, sorrio e escovo as costas da minha mão livre contra sua bochecha até que ela abra os olhos.

—Acho que é hora de voltarmos para meus pais.

CAPITULO 25

Niko

Afasto-me do meio-fio, segurando o volante com um aperto que deixa os nós dos dedos brancos. Meus olhos deveriam estar na estrada à minha frente, mas estão presos no espelho retrovisor e a mulher ainda parada na calçada. Não sei por que, mas odeio deixar Doe para trás enquanto vou trabalhar. Eu quero ficar com ela. Embora os dias em que Doe e eu estivemos na Flórida foram tensos, eu ainda aproveitava o tempo que passava com ela, principalmente o dia na praia.

Eu não sou o único que aprende mais sobre ela todos os dias; ela está aprendendo mais sobre si mesma. Ela gosta de areia molhada sob os pés. O som de gaivotas é reconfortante para ela. Descobriu que adora frutos do mar. Adora o cheiro de coco, mas odeia o sabor. Independentemente de usar xampu sem perfume, seu cabelo cheira a pêssego. Descobri isso quando ela dormiu comigo no hospital.

Apesar de sua natureza nervosa e tímida, tem uma personalidade carinhosa. Ela sabia que era um momento estressante e se adiantou para garantir que me cuidasse, e quando soube que eu estava lutando, ela estava lá por mim.

Ela tornou a preocupação com a saúde do pai mais suportável, e fiquei feliz por ela estar lá. Inadvertidamente, ela também ajudou a diminuir a brecha entre Reece e eu. Quando nos preparamos para sair, ele pediu desculpas, não apenas para mim, mas também para

Doe. Ela ainda não entendia completamente o que as palavras dele tinham significado no hospital naquela noite, mas sabia que não eram legais. Dedicando um tempo para se desculpar conosco, ele me mostrou que talvez nosso relacionamento tenha espaço para se curar.

Afasto meus olhos do retrovisor e olho para frente. Eu me sinto um covarde por não querer deixá-la. Eu preciso me levantar e colocar minha cabeça em ordem.

Eu paro na delegacia e estaciono no meu lugar de sempre. Vários espaços abaixo, noto o caminhão de Tavers. Falei com ele há alguns dias para atualizá-lo quando estávamos voltando. Ele sugeriu que conversasse com o capitão sobre tirar alguns dias extras de folga, mas recusei. Eu já tirei mais dias de folga ultimamente do que deveria.

Quando passo pela policial Landers na recepção, ela pergunta como está meu pai. Paro e dou a ela uma breve atualização e depois vou para o meu escritório. Espiando Tavers através do vidro quando passo por seu escritório, ele se levanta e me segue.

—Como está o velho? — Ele pergunta, sentando-se na cadeira em frente à minha mesa.

—Bem. Ele foi para casa há alguns dias com ordens estritas para facilitar as coisas. Claro, minha mãe está se certificando de que ele atenda a esses pedidos.

Ele ri. —Eu aposto que está dando nos nervos dele ser cuidado e forçado a ficar parado.

Sento-me e recosto com os dedos cruzados sobre o estômago. —Você conhece meu pai. Ele odeia ficar ocioso, mas acho

que finalmente está entendendo que precisa desacelerar. Eles se mudaram para a Flórida para se aposentar e desfrutar de uma vida livre de estresse depois de trabalharem duro para sustentar eu e meu irmão e irmã. Eles merecem.

—Como está sua mãe?

—Ela tentou esconder, mas sei que estava assustada. Tori vai ficar mais alguns dias para ajudar enquanto Michael leva as crianças para casa. —Abro a gaveta da mesa, pego um bloco de notas e jogo em cima. —Me atualize. Temos algo novo?

Pelos próximos quinze minutos, Tavers me conta sobre um caso que ele pegou enquanto estava fora. Sendo seu parceiro, agora é o meu caso também. Ele explica que a delegacia recebeu uma ligação dos serviços sociais sobre um possível Munchausen[2] por um caso por procuração. A mãe em questão levou o menino de oito anos à sala de emergência onze vezes no ano passado. As lesões não são fatais, principalmente vômitos e dores de estômago, mas o número de ocorrências é preocupante. Tomo notas enquanto ele transmite todas as informações que têm sobre o caso. Ele acabou de receber o mandado para examinar os registros médicos da criança esta manhã e estava esperando por mim para ir ao hospital.

Casos como esses fazem minha pele arrepiar e minha raiva disparar. Não consigo entender como diabos alguém poderia prejudicar propositalmente seu filho para ganhar atenção. Eu sou um oficial da lei, e é meu trabalho defender essa lei, mas há

[2] A síndrome de Münchausen, também chamada de transtorno factício, trata-se de uma desordem psiquiátrica, na qual os indivíduos acometidos simulam estar enfermos ou com algum trauma psicológico para conquistarem atenção e simpatia dos que os cercam.

momentos em que também sou apenas um homem que realmente quer espancar as pessoas.

Nós dois vamos embora assim que Benjamin, um dos forenses, bate na porta do escritório.

—Detetive James, você tem um minuto?

Agarrando meu telefone celular, coloco no meu bolso. — Claro. E aí?

Seus olhos piscam brevemente para Tavers antes de se concentrar em mim.

—Recebemos os resultados do DNA da Jane Doe que foi levada ao hospital há algumas semanas. Eles voltaram ontem, então esperava pegar você hoje antes de você sair.

Ele segura uma pasta bege fina, e eu olho para Tavers antes de pegá-la. Quando olho para a pasta, um sentimento de afundamento se forma na boca do estômago. Eu não tenho ideia do porquê o sentimento está lá. O que quer que esteja nesta pasta pode revelar que Doe tem alguém por aí que se importa e sente falta dela. É o que eu quero e não apenas o que ela precisa, mas merece.

Mesmo sabendo que ela poderia ter uma família apenas esperando para beijá-la em seu amor, isso ainda deixa meu peito meio pesado. Nas poucas semanas que conheci Doe, ela se tornou minha de certa forma. Não como um bem, mas minha para proteger. E me preocupo com Doe. Provavelmente mais do que deveria. Não sei até que ponto meus sentimentos são profundos ou quais são exatamente meus sentimentos, mas sei que não gosto do pensamento dela não estar mais na minha vida. Não parece natural pensar nela não estar por perto.

Uma garganta limpa, e olho para cima para encontrar o técnico ainda parado na minha porta. Afasto as emoções ridículas.

—Obrigado, Benjamin. — Dou-lhe um queixo, indicando que ele pode sair antes de virar as costas para ele.

O envelope está pesado na minha mão e, por algum motivo insano, ainda não estou pronto para ver os resultados. Abro minha gaveta de cima e deslizo o envelope para dentro. Quando me viro, Benjamin se foi, mas Tavers está me olhando com uma sobrancelha levantada.

—Você não vai ler o relatório? — Ele pergunta.

— Pode esperar. Precisamos chegar ao hospital. —Antes que ele tenha a chance de me questionar sobre minha mentira, me viro e saio do escritório.

Não demoraria mais de um minuto para ler os resultados, e nós dois sabemos disso. Usar a desculpa de precisar chegar ao hospital é uma coisa esfarrapada, mas não quero explicar por que o pensamento de o examinar me assusta. Felizmente, Tavers não me chama de mentiroso, e nós dois caminhamos em silêncio até minha caminhonete.

Entramos no hospital vinte minutos depois, e enquanto eu tentava empurrar todos os pensamentos do que estava dentro dessa pasta para o fundo da minha mente, eles ainda permanecem, e meu estômago parece estar constantemente revirando. Estar neste hospital novamente não ajuda a tentar esquecer. Tudo o que faz é trazer de volta memórias de Doe estar aqui, a condição em que ela estava, minhas visitas a ela e o quanto ela mudou e melhorou. Traz de volta as lembranças de minhas primeiras visitas a ela e o único

objetivo delas era ganhar sua confiança para descobrir o que aconteceu e descobrir por que ela estava invadindo minha casa. Não demorou muito para o motivo de minhas visitas mudarem. Ela me intrigou, e realmente queria ajudá-la. Não simplesmente porque era o meu trabalho, mas porque parecia que era algo que precisava fazer. Ela se tornou minha amiga e quanto mais eu estava perto dela, mais apegado ficava. Eu me enganei por um tempo, mas recentemente admiti para mim mesmo que continuava voltando por motivos pessoais. Sei que parte disso foi porque o caso dela me lembrou Aislin, mas foi mais do que isso. Senti uma conexão com ela, como se estivesse destinado a ajudá-la.

Emily, a mesma recepcionista de antes, sorri enquanto olha por cima do computador. —Olá, detetive James, detetive Tavers.

Sorrio. —Bom dia, Emily.

—O que te traz tão cedo?

Tavers segura o mandado enquanto respondo. —Estamos pegando registros médicos.

Ela assente, sem perguntar quais são os papéis na mão de Tavers.

—Vocês, senhores, tenham um bom dia.

Ela abaixa a cabeça para encarar a tela do computador e seguimos para os elevadores. Em vez de subir, seguimos para o porão onde fica o departamento de registros. Esse nível do hospital é sombrio e me lembra assustadoramente como seria um antigo hospital psiquiátrico, o que não é realmente surpreendente, pois costumava ser a ala psiquiátrica até o final dos anos setenta. As

luzes piscam levemente, as paredes são de um verde velho e o chão é de uma cor creme velha e suja.

Tavers entra primeiro no pequeno escritório de registros, e uma mulher idosa de calça preta e uma blusa com gola roxa clara nos cumprimenta.

—Bom dia, senhora. Estamos aqui pelos registros de Noah Mason, a data de nascimento é 14/04/2009.

Ele entrega o mandado. Depois de examinar os papéis, ela se senta à mesa e começa a digitar no computador. Alguns minutos depois, a impressora atrás dela começa a imprimir.

Enquanto esperamos pelos registros, minha mente vagueia novamente para Doe, e me pergunto o que os registros dela revelariam. Reuni a partir das marcas que vi em seu corpo que ela foi cortada e queimada várias vezes. Muitas das marcas estavam frescas quando a conheci, mas a maioria era antiga. Eu sei que ela suportou muito mais do que vi. Por mais que me irrite pensar no abuso que ela sofreu, quero saber tudo. Eu quero saber para que possamos usar para pregar a bunda do cara na parede por fazer isso com ela. Eu perguntei várias vezes se ela se lembra de quem a abusou, e sua resposta é sempre não.

Depois de reunir os papéis, a mulher os coloca em um envelope branco, Tavers assina alguns deles e os entrega. Partimos e sou grato por estar fora do porão úmido e deprimente. Não vejo como alguém possa funcionar por muito tempo lá embaixo.

—Porra, odeio ir lá embaixo — Tavers murmura com um arrepio fingido quando ele entra no elevador. —Me assusta para caralho toda vez.

Aperto o botão do primeiro andar. —Você pensaria que eles teriam pelo menos pintado as malditas paredes até agora.

Ele resmunga de acordo.

Uma hora depois, Tavers e eu estamos no meu escritório, depois de examinar os registros médicos de Noah Mason. É compreensível que o hospital tenha chamado o serviço social. Em dois anos, a criança foi levada para a sala de emergência mais de vinte vezes, todas relacionadas a problemas estomacais. A mãe alega que a criança tem uma alergia alimentar grave e tem problemas estomacais há anos, mas o que deixou os médicos suspeitos foi a alta quantidade de sódio no sangue da criança nas últimas vezes em que ele foi visto. Numerosos testes foram realizados sem resultados sobre porque seus níveis de sódio deveriam ser tão elevados. O engraçado é que, quando o menino visita seu pai, sua saúde melhora.

—A mãe do amigo de Noah está chegando hoje mais tarde para fazer uma declaração. Aparentemente, ela já ligou para os serviços sociais algumas vezes porque suspeitava que a criança estava sendo abusada, mas nada aconteceu. Eles alegam que não havia evidências para sugerir abusos.

Eu aceno e me sento na cadeira. Meus olhos pegam a gaveta da mesa levemente aberta e minha mente volta para o que está dentro dela.

—Você vai ler? — Tavers pergunta calmamente.

Olho para ele e de novo para a gaveta. Encaro a gaveta por alguns momentos antes de abri-la completamente, alcanço o interior e retiro a pasta. É estúpido relutar em ver os resultados

quando eles podem trabalhar a favor de Doe. Respiro fundo e abro a pasta para um único pedaço de papel dentro.

Parece com todos os outros resultados de DNA que chegam ao departamento com pequenas diferenças devido a uma empresa externa realizando os testes. Normalmente, temos nossos próprios funcionários, mas o Capitão contratou uma empresa externa para obter resultados mais rápidos. Eu cerro os dentes com irritação, porque o laboratório que escolhemos passou por uma grande revisão de funcionários, então teríamos recuperado mais rapidamente se tivéssemos usado nossos próprios funcionários.

Pego o papel e olho para ele. Meus olhos percorrem as informações pessoais habituais e o número do caso, um gráfico com números e códigos que distingue a genética do DNA e depois para o pequeno parágrafo abaixo.

Conclusões: Em relação a uma Jane Doe, data de nascimento — Desconhecida, os resultados do DNA indicam uma correspondência de cem por cento com Rebecca Jane Stewart, data de nascimento — 3 de abril de 1991.

Eu examino as palavras repetidamente, tendo dificuldade em acreditar nelas. Nem uma vez acreditei que Doe era Rebecca, mesmo com a insistência do Sr. Stewart de que ela era. A única vez que ele a viu foi um breve vislumbre daquele primeiro dia no hospital. Ele ligou várias vezes e até falou com o capitão, exigindo a chance de vê-la. Com Doe em sua condição na época, o Capitão recusou a visita, algo pelo qual estava agradecido e o teria forçado mesmo se tivesse que ir pelas costas do Capitão para fazer isso. Tomei sua insistência e falta de vontade de desistir da noção

de que ela era Rebecca como um homem histérico, desesperado por ter sua sobrinha de volta.

Nada disso foi adicionado. A maioria das cicatrizes de Doe é antiga, atestando anos de abuso. Ele afirma que Rebecca nunca saiu de casa e nunca esteve perto de ninguém além de si mesmo, deixando-me acreditar que o abuso devia ter vindo dele.

O papel na minha mão começa a tremer à medida que a raiva cresce no meu sistema. Por que diabos ele iria denunciá-la como desaparecida, sabendo que descobriríamos o que ele estava fazendo com ela há anos? Não faz nenhum sentido. Deve haver outra explicação. Embora as circunstâncias que cercavam o caso de Rebecca fossem estranhas, nunca tive a impressão de que o Sr. Stewart tinha más intenções em relação à sobrinha.

Independentemente disso, Doe é Rebecca, e ela e o Sr. Stewart merecem saber. Uma pedra de dez toneladas pousa no meu peito quando penso em Doe indo embora e voltando para o Sr. Stewart. Mesmo se o abuso não veio dele, e ele é o tio amoroso e lamentável que eu esperava que ele fosse, ainda não quero que ela vá embora. Era isso que eu temia quando recebi a pasta; sabendo que Doe tem alguém por aí que poderia levá-la embora.

Quero ser egoísta, rasgar o relatório e fingir que nunca o vi, mas isso não é quem eu sou ou o que represento como detetive. Eu encontro a verdade e a entrego às pessoas apropriadas. Este caso é apenas mais difícil porque criei um apego à vítima.

Mesmo assim, Doe não partirá até que eu saiba que ela estará segura com seu tio. Está na hora do Sr. Stewart e eu conversarmos.

Levanto os olhos do relatório e encontro o olhar intenso de Tavers em mim. Sendo meu amigo há anos, ele reconhece a raiva que escorre de mim.

—Doe é Rebecca Stewart — digo a ele e vejo seus olhos se arregalarem em choque.

—Droga — ele diz baixo. —Eu não esperava isso.

—Eu também não — resmungo então descuidadamente deixo o papel na minha mesa. Agitadamente, corro os dedos pelos meus cabelos.

—Você sabe o que isso significa, não é?

Um rosnado tenta subir meu peito, mas eu forço o som de volta. No entanto, não consigo conter a raiva que se forma nos meus olhos enquanto respondo a ele. —Ou ele está abusando ou há algo que ele não nos contou.

Ele concorda. —Pela segurança de Doe, espero que exista alguma explicação. Embora realmente não veja como ele possa explicar suas cicatrizes e lesões recentes, se ele é o único com quem ela convive há anos. Isso pode ser bom para ela, ter um membro da família por aí que se importa, ou ruim para os dois se ele a estiver machucando.

Olho Tavers bem nos olhos e digo sinceramente: — Pelo bem dele, é melhor ele esperar que nenhuma dessas cicatrizes tenha sido causada por ele.

Minha mente está presa nas notícias do relatório de DNA pelo resto do dia. Preciso de tempo para me acostumar com a ideia de Doe ser Rebecca e com a probabilidade de ela partir. Eu também tento me convencer a sair do inferno, sei que vou querer acabar com o Sr. Stewart se ele foi quem a machucou. O detetive em mim, a parte que segue as regras e garante que a justiça seja cumprida legalmente, foi para o fundo, e o homem em mim deu um passo à frente. A necessidade de correr para a casa dele e exigir respostas deixa meu corpo tão tenso o resto do dia que minhas articulações começam a doer. Nosso tempo chegará mais tarde. Doe precisa saber a verdade primeiro.

Tento me concentrar na entrevista com a Sra. Conners, a dama dando sua declaração em relação ao garoto Mason, mas estou distraído. Minhas pernas balançam com irritação. Tavers sente minha mente preocupada e me puxa para o lado e me pede para sair. Não me ofendo com a sugestão dele. Sei que meu comportamento ansioso está deixando a Sra. Conners nervosa.

Eu tento manter minha mente em outras coisas, mas nada funciona. Fico imaginando Doe em minha mente, desde a aparência dela no primeiro dia no hospital até ela de pé na minha garagem, acenando adeus para mim esta manhã; seu pequeno sorriso foi a última coisa que vi claramente em seu rosto. Ela cresceu muito nas últimas semanas. Não quero parar de vê-la crescer e florescer, ficando mais à vontade consigo mesma e com o ambiente.

Às cinco horas, estou prestes a arrancar meus cabelos com a expectativa de vê-la e o medo de dizer a ela que o Sr. Stewart é seu

tio. Tavers e eu planejamos visitar o homem amanhã e interrogá-lo. Enquanto digo a ele que estou encerrando por hoje, ele me diz para ligar se precisar dele depois que contar para Doe. Não vai ser fácil, e aposto que Doe não vai levar isso bem. Com sua memória perdida, ela não se lembrará do Sr. Stewart, mas espero que ela se lembre de algo com a menção do nome dele. Ela não se dá bem com novas pessoas, especialmente homens. Eu sou o único que ela se sente remotamente confortável por estar por perto.

Me sento na caminhonete na minha garagem por vários minutos, pensando em como vou contar a ela. Não quero assustá-la ou preocupá-la, e certamente não quero impedir sua cura emocional. Este será um grande passo para ela.

Com um suspiro, saio da minha caminhonete, mas em vez de ir para minha casa, vou para a porta ao lado. Eu disse a Doe várias vezes que ela pode ir à minha casa a qualquer hora que quiser, mas por qualquer motivo, ela nunca vai, a menos que eu esteja lá, optando por ficar na casa que cedi a ela.

Ao atravessar meu quintal e entrar no dela, algo chama minha atenção. Eu me viro em direção ao espaço entre nossas casas e noto Doe ajoelhada no meu quintal em seu canteiro de flores. Um sorriso puxa meus lábios quando ela se inclina para cheirar uma flor amarela, seus longos cabelos caindo sobre os ombros. Mantenho meus passos leves para não a incomodar enquanto caminho para o quintal. Vou sentir falta de vê-la cuidar das flores.

Um galho se quebra embaixo do meu sapato e sua cabeça se levanta. Um breve flash de medo cruza seu rosto antes que ela veja que sou eu. Um leve sorriso substitui o olhar, e isso me lembra que

não muito tempo atrás ela nunca sorria. Eu gosto de pensar que a ensinei a sorrir novamente.

Betsy, que está deitada a alguns metros de distância em um pedaço de grama coberta pelo sol, levanta a cabeça, depois se levanta e corre para que eu dê um tapinha na cabeça dela.

—Oi. — diz Doe timidamente.

Eu estendo minha mão para ela agarrar para ajudá-la, e ela desliza a dela na minha com facilidade e sem hesitação; outra coisa que ela faz agora que não teria feito antes. Sua mão é quente e macia na minha, apesar das cicatrizes que marcam sua palma.

—Como foi o seu dia? — Pergunto.

Ela alisa as mãos na saia longa. Ela gosta de usar saias, eu notei. —Foi bom. Como foi o seu?

Seguro minha carranca. Se fosse honesto, diria a ela que meu dia foi uma merda, mas não faço. Em vez disso, agarro a mão dela e a conduzo até o banco não muito longe do canteiro. Quero esperar para contar a ela, mas também quero acabar logo com isso.

Ela se senta primeiro e, embora eu mantenha alguns centímetros entre nós quando me sento ao lado dela, mantenho a mão dela na minha. Não sou covarde para admitir que *quero* o conforto que sua mão me oferece, tanto quanto sei que ela *precisará* do conforto também. Betsy volta ao seu pedaço de sol e se deita com um suspiro.

Doe coloca um pedaço de cabelo atrás da orelha e depois olha para mim. As sobrancelhas dela se apertam enquanto franze a testa. Tenho certeza que ela pode dizer que minhas emoções estão loucas.

Sua mão aperta a minha. —O que há de errado? — Sua voz treme, e o som quebra minha porra de coração.

—Você tem um tio. — Eu digo a ela baixinho.

Ela respira fundo e seus olhos se arregalam. —O quê? — Ela respira.

Olho para longe dela e através do quintal para as flores alaranjadas, vermelhas e amarelas.

—O nome dele é Clem Stewart e ele mora aqui na cidade. Ele está procurando por você há semanas.

Sua palma na minha se torna pegajosa e treme. Olho para ela e vejo a diferença entre as duas. A minha. Grande e bronzeada envolve totalmente a pequena e pálida.

—Ele não foi informado ainda, mas sei que vai querer vê-la. Você estava morando com ele até o que aconteceu com você. Você tem uma casa para a qual pode voltar.

Foda, mas odeio essas palavras. Para mim, esta é a casa dela.

—Não.

Eu olho para o seu tom de medo.

—Doe... isso é bom. Isso significa que você tem família. Alguém que se importa com você.

Ou pelo menos, espero que ele faça isso.

Ela sacode a cabeça e o pânico começa a encher os olhos. Ela afasta a mão de mim e se levanta. Seus braços vão ao redor do meio e ela aperta a cintura com força. Ela começa a ofegar, e sua pele empalidece.

Betsy pula com um gemido pelo movimento repentino de Doe, mas não presto atenção nela.

Eu levanto e dou um pequeno passo em sua direção, não querendo assustá-la mais do que ela já está.

— Doe...

—Não! — Ela grita, balançando a cabeça freneticamente, lágrimas se formando em seus olhos. —Eu não quero ir!

Antes que tenha a chance de tentar confortá-la, ela gira nos calcanhares e sai correndo, indo para as árvores atrás da minha casa. Betsy geme novamente e depois sai atrás dela. Inclino minha cabeça para o céu e fecho os olhos, a sensação tensa no pescoço causando dor de cabeça.

—Maldição. — murmuro para mim mesmo. Eu odeio o quanto a aborreci.

Estendendo a mão, esfrego meu pescoço com força e depois abaixo a cabeça. Olhando em direção à floresta, sigo atrás de Doe e Betsy. Ando devagar, dando-lhe alguns minutos sozinha, mas me recuso a deixá-la lá fora. Não estou realmente preocupado com ela se perder ou fugir. Conheço essas árvores como a palma da minha mão. E ela não tem para onde ir. Ela é inteligente e sabe disso. Só precisa de tempo.

Embora a floresta seja densa com uma tonelada de arbustos e galhos caídos, é fácil ver o caminho que Doe percorreu pelas partes emaranhadas. Empurro galhos para o lado, e meu estômago revira porque sei que Doe provavelmente foi arranhada por eles. Com sua necessidade frenética de fugir, provavelmente não teve tempo para empurrá-los para fora do caminho.

Quanto mais eu sigo sua trilha, mais meu peito fica apertado. Faz anos desde que naveguei por esses bosques, mas

ainda me lembro bem deles. Eu já estive aqui tantas vezes que provavelmente conseguiria encontrar o local com os olhos fechados. Minhas mãos começam a tremer e suar quanto mais chego à área que guarda tantas lembranças para mim. Evitei voltar aqui porque essas memórias são muito dolorosas.

Chegando a uma clareira, paro e fecho meus olhos, tentando o meu melhor para desligar as memórias que querem surgir. Risos infantis perfuram meus ouvidos tão alto que juraria que a fonte estava bem na minha frente quando não havia como. Eu gostaria de poder voltar no tempo e ouvi-lo novamente de verdade. Para ver apenas o raro sorriso, que *tive a* sorte de testemunhar.

Ouvindo o gemido de um cachorro, respiro fundo, relaxo os dedos e abro os olhos para ver Betsy sentada na base da casa na árvore que era minha e de Aislin. A cabeça está inclinada para trás, olhando para a estrutura de madeira. Não a vejo há anos, mas, além da madeira que parece envelhecida, parece a mesma. Eu sei sem vê-la que Doe está lá em cima. A questão é: sou corajoso o suficiente para subir a escada e ver por mim mesmo? Esta casa na árvore e o antigo quarto de Aislin são os dois lugares mais sagrados para mim. Eu evitei os dois como a praga, porque tenho medo das memórias que os acompanham.

Ouvindo um rangido vindo de cima, sei que não tenho escolha a não ser enfrentar esse medo. Minhas pernas tremem enquanto caminho até a base da árvore e agarro o degrau velho. Olho para cima e vejo a porta aberta. Parece que as aranhas estão rastejando por toda a minha pele, mas me recomponho e subo lentamente a

escada, não apenas porque sou um maricas, mas também para garantir que eles aguentem meu peso.

Quando chego ao topo, meu coração bate tão forte no peito que ouço a batida nos meus ouvidos. Trago minha cabeça pela porta e olho em volta. Doe está parada junto a uma parede que tem vários desenhos antigos que Aislin fez. Eu rapidamente volto meu olhar para Doe, não querendo olhar para eles.

Subo o resto do caminho e dou uma olhada rápida ao redor. Nossa velha lixeira fica em um canto e as almofadas em que nos sentávamos estão no chão no outro canto. Livros de colorir desbotados e livros de busca por palavras estão ao lado deles, com um pacote de dezesseis giz de cera em cima. Há uma peça velha de tecido de lã desbotada jogada em cima de uma das almofadas. Aislin costumava usá-lo para se aquecer quando estávamos aqui e fazia frio. As teias de aranha estão por toda parte, e o teto é tão baixo que tenho que me abaixar ou minha cabeça vai bater. A última vez que estive aqui, minha cabeça estava a uma polegada do teto. Aislin costumava me atacar, me chamando de gigante, dizendo que meu pai teria que nos ajudar a construir uma casa na árvore maior.

—Que lugar é esse? — Doe pergunta, me puxando de volta ao presente. Mantendo minha cabeça baixa, me viro para encará-la.

—Esta era a minha casa na árvore e a de Aislin. — respondo. Eu limpo minha garganta da rouquidão.

Ela olha em volta. —Parece aconchegante.

Eu não respondo.

Ela olha de volta para a parede e toca um dos desenhos.

—Isso é lindo. — Ela funga, me dizendo sem olhar para o rosto dela que está chorando.

—Aislin desenhou.

Eu mantenho minha voz quieta. Receio que, se falar mais alto, revelarei o quão fodido estar aqui de novo está me deixando.

—Ela era muito talentosa.

Mesmo que não queira, olho para o desenho de que ela está falando. É um dos meus favoritos. Mesmo em tenra idade, Aislin tinha um talento especial para desenhar pessoas. Ela não podia desenhar uma flor ou um conjunto de balanço, ou mesmo uma casa sem parecer dilapidada, esse era mais o meu talento, mas ela podia desenhar pessoas tão bem quanto qualquer artista. Este é um close de mim e dela. Eu tenho meu braço jogado sobre o ombro dela, com a cabeça dela apoiada no meu braço. Nós dois estamos sorrindo, e ela capturou todos os detalhes de nossos rostos. Fiquei surpreso quando ela me mostrou, mesmo que não devesse, porque não era a primeira vez que ela nos desenhava. Ela pendurou na parede porque disse que toda casa deveria ter fotos da família que morava lá. Para ela, esta era a nossa própria casa.

—Ela era. — resmungo e tiro meus olhos da foto. —Seu nome é Rebecca Stewart.

Ela fecha os olhos com força e respira fundo, preparando-se mentalmente.

—Rebecca. — ela respira, abrindo os olhos novamente. Ela me olha com curiosidade. —Parece estranho, não é? Não me sinto como uma Rebecca.

—Para mim, você sempre será Doe.

Ela sorri tristemente. —Eu gosto de Doe. — Ela fica quieta por um momento antes de sussurrar—Por favor, não me faça ir.

Eu quero tanto ir até ela e puxá-la em meus braços. Prometer que tudo ficará bem, que a protegerei e que ela pode ficar o tempo que quiser. Me mantenho calado porque não posso fazer essas coisas. Ela não é minha para guardar. Ela não é mais minha para proteger. Eu estava lá enquanto ela precisou de mim, mas ela tem outra pessoa lá fora agora que assumirá o cargo de protetor.

—Seu tio sente sua falta, Doe. Ele ficou de coração partido quando pensou que tinha perdido você — digo em voz baixa, desejando que ela soubesse que isso era tão difícil para mim quanto para ela. —Você merece uma chance de felicidade e de ter uma família novamente. Encontre-o e dê uma chance a ele.

Seus olhos caem no chão e ela revela suavemente: —Estou com medo.

Eu ando até ela então, incapaz de suportar o medo e a dor em sua voz. Arriscando, coloquei um dedo no queixo e levantei o rosto. Ela não se encolhe com o meu toque, e isso dispara prazer através de mim.

Seu olhar choroso encontra o meu. —É normal ter medo. Encarar o desconhecido pode ser assustador. Mas você é forte. —Limpo uma lágrima com a ponta do dedo, e ela treme. —Eu vou vê-lo amanhã para falar sobre você. Se isso vai fazer você se sentir mais segura, podemos marcar um horário para você encontrá-lo na delegacia no dia seguinte.

O medo não deixa seus olhos, mas depois de alguns segundos, a aceitação desliza por eles. Ela concorda com a cabeça, mas posso dizer que ela ainda não quer.

Eu forço meus lábios a formar um sorriso quando sinto qualquer coisa, menos feliz agora. —Boa. Você verá que tudo ficará bem.

Ela não sorri de volta, e isso faz meu coração já machucado se contrair de dor.

—Você está pronta para ir? A pobre Betsy está lá embaixo se perguntando como você está.

Eu tento fazer uma piada leve, e desta vez, me dá um sorriso triste quando ela assente. —Sim.

Ela caminha até a porta no chão e a ajudo a descer a escada. Antes de segui-la, olho para trás ao redor da pequena sala, sabendo que nunca voltarei aqui novamente.

Betsy late abaixo quando vê Doe descendo os degraus, e me viro para me aproximar dela. Eu fecho a porta atrás de mim, não querendo que animais selvagens entrem. Posso nunca mais voltar, mas isso não significa que queira destruí-lo.

Doe e Betsy estão esperando por mim quando piso o último degrau. Eu me viro e encontro seus olhos tristes. Pego a mão dela e nós três voltamos pelo caminho que viemos.

Enquanto a mão quente de Doe descansa na minha e as folhas secas trituram sob nossos pés, envio uma oração silenciosa para que Doe encontre a paz que ela precisa e merece. Faço outra oração pedindo a Deus que me dê forças para deixá-la ir.

CAPITULO 26

Niko

Na manhã seguinte, Tavers estaciona o caminhão na calçada do lado de fora da casa de Clem Stewart. Deslizo da cabine e espero ele me encontrar na calçada. O lugar parece muito diferente da última vez que estivemos aqui. O gramado, uma vez bem cuidado, tem pelo menos um pé de altura. As flores coloridas que costumavam alinhar as duas janelas da frente agora são galhos secos que se erguem do chão e estão invadidas por ervas daninhas.

Tavers e eu trocamos um olhar enquanto caminhamos pela calçada e para a varanda. Ele bate na porta e esperamos. E esperamos. E esperamos. Vários momentos se passam, e o Sr. Stewart ainda não abriu a porta. Um olhar para a esquerda mostra seu carro na garagem, então sabemos que ele está aqui. Assim que Tavers levanta a mão para bater novamente, a porta se abre.

O quintal não é a única coisa que mudou. O Sr. Stewart parece péssimo. Não há outra palavra para isso. Seu cabelo é oleoso, e ele parece que não o escova ou lava há semanas. Círculos escuros cercam seus olhos. Seu rosto parece pálido e magro, e ele parece ter perdido peso. A camisa branca com decote em V pendurada nos ombros tem manchas de sujeira e comida, além de vários buracos.

Enfio minhas mãos nos bolsos para não as estender e envolvê-las em seu pescoço. O detetive em mim quer dar uma chance ao sujeito de se explicar, mas o protetor em mim quer agir primeiro e

fazer perguntas depois. Essa é parte da razão pela qual Tavers está aqui; para me manter na linha.

—Sr. Stewart, podemos entrar? —Tavers pergunta, sendo o profissional do nosso grupo enquanto estou aqui e em guerra silenciosa comigo mesmo.

Ele dá um passo para trás. —Claro. — a voz sai arranhada como se ele tivesse acabado de acordar.

O Sr. Stewart volta para a mesma cadeira em que se sentou durante a nossa última visita, enquanto Tavers se senta no mesmo sofá. Opto por ficar de pé com os braços cruzados sobre o peito. Tento conter o olhar que atiro na direção dele, mas é um feito que sei que não consigo.

Olho ao redor da sala e vejo que o interior da casa não é melhor do que o exterior.

—Está tudo bem, detetives? — Pergunta Stewart, ansioso.

Tavers se inclina para a frente com os cotovelos nos joelhos, as mãos entrelaçadas entre si. Olha para ele com preocupação.

—A pergunta é: você está bem, Sr. Stewart?

Ele olha em volta, um pouco de cor manchando suas bochechas. Eu acho que com vergonha quando ele absorve a bagunça da sala. Seu olhar cai na camisa suja, a tira do peito e a libera para cair novamente. Seus olhos piscam para os meus antes de pousar de volta em Tavers.

—Eu não tenho dormido, e bem... — Ele para, olha para o lado onde a foto de Rebecca está colocada em uma pequena mesa e depois olha para trás com lágrimas nos olhos. —Eu realmente não tenho feito muito — ele murmura tristemente.

—Sr. Stewart —Tavers diz suavemente. Mais suavemente do que eu teria. Tavers sempre foi o mais solidário de nossa parceria. Estou tendo muita dificuldade em sentir pena do cara. — Você precisa se cuidar melhor. Você não está fazendo bem a si mesmo ou a Rebecca se perder a cabeça.

O Sr. Stewart assente e baixa o olhar para o chão. —Eu sei. Eu sinto tanto a falta dela.

Tavers levanta a cabeça e olha para mim. Eu levanto um queixo.

—Encontramos Rebecca — ele afirma calmamente.

Sua cabeça se levanta e suas bochechas ficam vermelhas. Sua boca cai aberta, e então ele a fecha, apenas para abri-la novamente. —O quê? — Ele quase grita.

Tavers assente. —A mulher que foi encontrada várias semanas atrás é Rebecca. Houve um atraso nos testes. É por isso que demorou tanto tempo para obter os resultados.

Eu assisto de perto enquanto ele se aproxima da beira do seu assento. Sua mão treme quando a leva para a boca como se estivesse em choque. Ele fecha os olhos e as lágrimas escorrem pelo rosto desarrumado. Seus ombros tremem enquanto ele silenciosamente chora. É óbvio que ele se importa com ela.

Quando ele os abre novamente alguns segundos depois, ele os levanta para mim. A acusação está em suas profundezas. Ele me culpa porque não deixei que ele a visse. Eu me sentiria culpado se não fosse o fato de ele ter permitido que essas marcas fossem colocadas em seu corpo, colocando-as lá ou permitindo que outra pessoa fizesse isso.

Seguro o seu olhar e coloco um pouco de calor por trás dele, deixando-o saber que sei sobre elas, e não sinto nem um pingo de culpa por mantê-lo longe dela.

—Quando posso vê-la? — Ele pergunta depois de alguns segundos, afastando o olhar do meu.

—Não é tão fácil — responde Tavers.

Suas sobrancelhas caem em uma careta. —Eu não entendo.

—Há algumas perguntas que precisam ser respondidas primeiro.

—Como o quê?

—Como por que diabos ela tem todas as marcas em seu corpo. — rosno, incapaz de segurar a raiva mais.

—Detetive James — Tavers adverte, mas o ignoro.

—Você as colocou lá, Sr. Stewart?

Eu descruzo meus braços e dou um passo em sua direção. Pelo canto do olho, vejo Tavers de pé. Os ombros do Sr. Stewart caem, e suas mãos que estão entrelaçadas ficam brancas quando ele as aperta com força. A cabeça dele cai.

Estou a dois segundos de avançar para ele, puxando-o da cadeira e exigindo que ele responda.

—Eu não as coloquei lá. — diz ele calmamente.

—Então quem diabos fez? — Eu rosno.

—Maldição. — ouço Tavers murmurar. —Niko...

Stewart o interrompe quando levanta a cabeça. Mais lágrimas escorrem de seus olhos agora vermelhos. Tristeza, culpa e mágoa cobrem seu rosto.

—Ela as colocou lá sozinha.

Eu congelo e Tavers também. A negação tem meu coração palpitando no peito. Não tem como Doe fazer essas marcas em seu corpo. Ela não faria algo assim. Posso não saber muito sobre ela, ela pode não conhecer a si mesma, mas me recuso a acreditar que seria capaz de se machucar.

Suas palavras desde o primeiro dia no hospital vêm à mente, e elas enviam cacos de gelo no meu sangue.

—*Lembro de me machucar, mas não quem fez isso. Eu* acho... *acho* que *fui eu.*

—Foda. — murmuro.

Afasto-me de Tavers e do Sr. Stewart. O que diabos a levaria a se machucar, e realmente acredito que ela fez? Ela não se lembra quem é, muito menos onde esteve ou o que aconteceu com ela. Se não se lembra dessas coisas, por que ela acha que se machucou? Sua mente estava de alguma forma dizendo a ela sem lhe dar a razão pela qual faria uma coisa dessas? O que aconteceu com ela para recorrer a isso?

Giro de volta para o Sr. Stewart e o encaro com um olhar duro. No momento, ele é o único que pode nos dizer.

—Explique. — exijo. Sei que estou agindo de forma não profissional, mas não pude me importar no momento. Stewart parece não perceber de qualquer maneira, enquanto se levanta da cadeira com as pernas bambas, com a derrota e a dor estampadas no rosto. Tavers percebe, no entanto. Ele dá um passo em minha direção com olhos preocupados. Ele sabe que estou no limite.

Stewart caminha até a parede, onde ficam várias fotos de Rebecca quando criança e sua mãe. Sua voz é calma quando ele começa a falar.

—Quando Rebecca veio morar comigo depois que a mãe morreu, ela ficou perturbada. Tentei consolá-la, mas ela não queria ter nada a ver comigo. Tenho certeza que é porque a mãe disse a ela que não nos dávamos bem. Eu amei minha irmã, mas não concordávamos em algumas coisas. Nossa infância foi... intensa. Minha mãe me escolheu para abusar e Natalie para ignorar. —O dedo dele desliza levemente sobre a foto na frente dele. —Por mais estranho que seja, acho que Natalie estava com ciúmes da atenção que minha mãe me deu, mesmo que fosse do tipo errado e doloroso. Por sua vez, fiquei com ciúmes da negligência que Natalie recebeu. Ela era mais velha e foi embora assim que pôde. Eu tinha dezessete anos quando ela engravidou. Quando me mudei, procurei por ela, esperando que pudéssemos nos reconectar. Queria fazer parte da vida dela e de Rebecca. Acho que ela ainda nutria sentimentos ruins por mim, porque me afastou.

Ele fica quieto enquanto tira a moldura da parede e a traz de volta ao assento com ele.

—Isso ainda não explica as marcas no corpo de Rebecca, Sr. Stewart. — diz Tavers com mais calma do que estou me sentindo. Meu radar de merda ainda está desligado em relação a ele.

Ele não levanta os olhos da foto quando começa a falar novamente.

—Embora Natalie não me deixasse fazer parte de suas vidas, ainda mantinha um olho nelas, apenas para garantir que estavam bem. — Ele engole em seco. —Rebecca começou a se machucar uma semana depois que se mudou comigo. Eu estava de luto por minha irmã, então não percebi o quão ruim era para ela no começo. Quando fiz isso, tentei falar com ela, mas sempre recusou e me afastou. Sempre que mencionei ajuda, ela surtou e ameaçou se matar. Não era tão ruim no começo, ela só tinha marcas novas uma vez por mês, mas começaram a aparecer com mais frequência. Eu notava um novo duas vezes por semana. Quando não aguentei mais, disse a ela que iria pedir ajuda e ela prometeu que iria parar. Ela o fez por vários meses, mas depois eles começavam a voltar novamente. Isso continuou por anos, o processo repetidamente, e acreditei nela cada vez que ela dizia que iria parar. Sei que foi estúpido da minha parte, e deveria ter insistido para que ela buscasse ajuda, mas estava com tanto medo de perdê-la para sempre.

Ele finalmente olha para cima e a devastação em seu rosto é profunda. Uma pequena centelha de simpatia atinge meu estômago.

—Eu não poderia perder Rebecca também. — diz ele com agonia. —Eu não consegui consertar as coisas com minha irmã e não suportava a ideia de perder Rebecca também. Eu tentei tanto ajudá-la, você tem que acreditar em mim, mas ela sempre foi tão triste e retraída e com raiva. Foi por causa dessas marcas que ela nunca saiu de casa. Ela sentiu que estava muito desfigurada para alguém vê-la. Ela estava com nojo de sua aparência. —Sua voz é densa quando termina de falar.

—Você sabe por que ela era assim?

Ele olha para Tavers e balança a cabeça. —Não.

—Você sabe se ela se machucava antes de vir morar com você?

Afasto-me dos dois e vou até a mesa lateral que contém a foto de Doe. O nome dela é Rebecca, mas ela sempre será Doe para mim. Pego a foto e a examino. É uma foto antiga. Ela parece ter nove anos ou mais. O sorriso dela, o mesmo que tive a sorte de ver algumas vezes, parece brilhante e inocente enquanto fica embaixo de uma árvore de cerejeira. Seus olhos, porém - o sorriso não chega aos olhos dela. Se você não estivesse procurando, pensaria que ela estava feliz, mas há uma tristeza profunda por lá. Seu cabelo castanho é longo como agora, mas é mais claro como se ela passasse muito tempo ao sol. Sua pele é uma azeitona quente, não a pele pálida que ela tem agora. Nenhuma marca estraga seu rosto ou braços. Ela parece a mesma, embora muito mais jovem e sem sinais de auto mutilação.

Fico de costas para a sala, de olho na foto, enquanto o Sr. Stewart responde à pergunta de Tavers.

—Eu não sei. Elas moravam a dois estados de distância, então não conseguia vê-las com frequência, mas nas vezes que vi, Rebecca parecia triste. Mas nunca vi sinais de que ela estivesse se machucando.

—E Natalie? Você acha que ela sabia? Ou a causa de Rebecca se machucar?

O Sr. Stewart suspira pesadamente atrás de mim.

—Eu não quero pensar assim, mas não posso dizer. Acho que a negligência de nossa mãe estragou Natalie. Se tivesse a mínima

ideia de que ela abusava de Rebecca, teria me adiantado e feito alguma coisa.

Ele fica quieto por alguns momentos, e me viro para encarar a sala. Tavers está mais uma vez sentado na beira do sofá, enquanto o Sr. Stewart aperta a moldura contra o peito, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto. Ele dirige sua próxima pergunta para mim.

—Eu posso vê-la?

Por mais que não queira que isso aconteça, sei que não posso esconder Doe dele. Ela é sobrinha dele, e ele se importa profundamente com ela. No entanto, há algo que quero esclarecer.

—Ela não se lembra de você. — Seu rosto cai com arrependimento e dor. —Ela não se lembra de nada. E ela não quer ver você. —Quando ele se move para objetar, levanto minha mão. — Eu a convenci a fazer isso. — Alívio inunda seu rosto. —Ela está começando a terapia. Você alega que queria ajudá-la e, se for esse o caso, precisa garantir que ela faça parte de suas sessões de terapia.

Ele limpa a garganta antes de dizer com voz rouca. — Sim. Claro.

Minhas próximas palavras são mais pessoais que profissionais. —Se eu descobrir que ela não está sendo cuidada como deveria, voltarei para lhe fazer outra visita.

Tavers se mexe no assento, mas não diz nada. Ele sabe o quão importante Doe se tornou para mim. Stewart engole, mas sabiamente assente.

Eu troco a foto na mesa. —Venha para a delegacia amanhã às duas horas. Trarei Rebecca e as coisas dela.

Soltando um suspiro, ele se levanta e oferece um sorriso alegre. —Obrigado. — Ele olha para Tavers. —Obrigado a ambos. Você não tem ideia de como estou feliz em saber que ela está bem e tê-la de volta.

Concordo e depois viro para Tavers. —Está pronto?

Ele também se levanta e o Sr. Stewart nos leva até a porta. Quando pisamos na varanda, ele nos para com uma pergunta.

—Onde ela está agora?

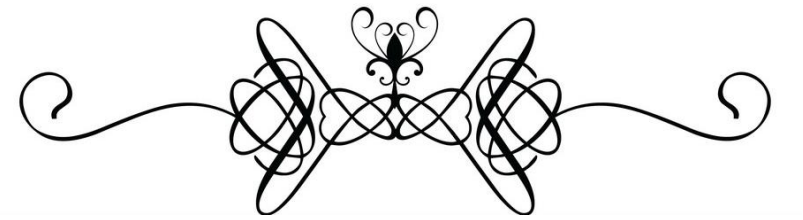
Eu volto. —Ela está ficando comigo desde que deixou o hospital.

Surpresa arregala os olhos por um momento, então ele assente. —Obrigado por cuidar dela, e obrigado por encontrá-la.

A viagem de volta à delegacia é tranquila, com minha mente turbulenta. Minha raiva contra o Sr. Stewart diminuiu. Sim, ele deveria ter conseguido ajuda para Doe, mas também entendo seu medo. Fazemos merdas por aqueles que amamos, mesmo que isso acabe prejudicando-os. E foi o que ele fez. Ele pode não ter colocado essas marcas nela, mas permitiu que ela fizesse isso. Eu quero odiar o cara, mas tudo que sinto é pena dele. Ele perdeu a irmã, e a sobrinha que ele queria amar não o deixou. Em vez disso, ele teve que vê-la destruir seu corpo.

Embora pareça errado colocá-la de volta na mesma casa em que ela se machucou continuamente, o Sr. Stewart ainda é a família dela. Doe é uma adulta, e se ela realmente não quiser voltar com ele, não vou forçá-la, mas acho que seria bom para ela, pelo menos, dar uma chance.

Só espero que, se ela se lembrar de quem é e o que a fez se machucar, seja forte o suficiente para superar essas necessidades.



Quando abro a porta da frente várias horas depois, me encolho com a dor de cabeça batendo nas têmporas. Estresse. Tanta merda de estresse.

Largo minhas chaves na mesinha ao lado da porta e tiro o coldre quando um barulho chama minha atenção. Girando minha cabeça em direção à cozinha, encontro Doe sentada no bar, olhando para mim.

—Ei — eu digo baixinho e vou até ela.

—Oi.

Meus olhos a examinam e noto os anéis escuros ao redor de seus olhos e a expressão cansada em seu rosto.

—Tudo bem? — Pergunto, querendo desesperadamente estender a mão e afastar os cabelos em seu rosto.

Seu olhar cai do meu e olha para o coldre que eu coloquei na barra antes de levantá-lo de volta para mim.

—Sim — ela responde suavemente.

—Por que você está aqui?

Não é que não goste de ela estar aqui; ela nunca está até eu voltar para casa.

—Senti sua falta e queria vê-lo assim que você chegasse em casa. — Suas bochechas coram de vergonha.

Sua admissão faz meu coração bater forte. Ela nunca admitiu sentimentos assim. Eu sei que é porque suas emoções estão altas agora, à luz de descobrir que ela tem um tio, mas ainda me sinto muito bem. Também é péssimo porque ela vai embora amanhã.

Eu me inclino contra o bar e sorrio para ela. —Eu também senti sua falta — admito.

Surpresa entra em seu rosto. —Você sentiu?

Eu aceno, e meu sorriso se transforma em um sorriso. —Senti.

—Oh.

Eu me endireito do bar. —Vamos fazer algo para comer e nos sentar lá fora por um tempo.

Assentindo agradecida, ela se levanta do banquinho e me segue até a cozinha. Parados lado a lado, fazemos sanduíches de almôndega e depois os carregamos para fora. Nós dois sorrimos enquanto assistimos Betsy correndo pelo quintal atrás de insetos. O vento sopra e, a cada poucos minutos, sinto o cheiro doce de pêssego de Doe. Ele envia uma descarga de eletricidade pelo meu sistema sempre. Meus olhos continuam flutuando para ela, e cada vez que o fazem, fico impressionado com a beleza dela. Não consigo imaginar o que fez essa mulher se machucar tanto que deixou uma infinidade de cicatrizes nela.

Decidi esperar contar a ela o que o Sr. Stewart disse. Não quero que nada atrapalhe nossa última noite juntos. Quero que se lembre dela como uma boa noite, não uma cheia de preocupação, ansiedade e medo. No entanto, preciso prepará-la para amanhã.

—Vou levá-la ao seu tio amanhã — digo a ela e quero xingar quando o sorriso desaparece de seu rosto. Ela não sorri o suficiente.

Ela olha para mim com olhos medrosos, e o olhar despedaça meu coração.

—O-ok. — ela gagueja.

—Doe. — Pego a mão dela. —Tudo vai ficar bem. Você tem seu telefone. Você pode me ligar sempre que quiser conversar. Só porque você não estará mais aqui não significa que ainda não podemos ser amigos.

Seu aceno de cabeça é pequeno, e o olhar permanece em seus olhos, mas a resolução se move ao lado dele. Minha garota é forte.

Ficamos um pouco mais. Doe lê um pouco de seu livro para mim e me pede para ler para ela. É agridoce, nós sentados na varanda lendo um para o outro. Essa ação se tornou nosso ritual. Enquanto nós dois gostamos da experiência, sabemos que esta será a última vez que fazemos. Se dependesse de mim, nunca sairíamos dessa varanda. A vida real nunca interferiria, e ficaríamos presos em nossa própria bolha segura para sempre.

Depois de lermos vários vários, conversamos. Ela me pergunta sobre o trabalho, se eu gosto.

—Sim e não. — As sobrancelhas dela se contraem em confusão. —Alguns dias eu gosto; nos dias em que posso dar boas notícias a uma pessoa sobre o que aconteceu com elas ou com seus familiares. Nos dias em que esses casos chegam, esses são os dias difíceis.

—Não consigo imaginar como deve ser, às vezes, sabendo que você não pode fazer nada, ou o que você pode fazer não é o que eles desejam.

Eu olho para longe. —Esses são os dias que gostaria de ter escolhido uma profissão diferente. — Paro por um momento. —Mas então penso em Aislin. — Trago meu olhar de volta para ela. — Quando ela foi levada pela primeira vez, ninguém acreditou em mim; todos pensaram que ela fugiu.

—Sinto muito, Niko — diz ela com tristeza.

—Eu sabia aqui— bato no meu peito —que ela não teria me deixado e estava determinado a provar que estavam errados. Apenas rezava para encontrá-la antes que fosse tarde demais.

Meu peito está apertado e meus olhos coçam. Forço as lágrimas que querem formar. Ainda dói tanto quanto no dia em que encontramos o corpo dela.

—Me faça um favor, por favor? — Ela pergunta calmamente.

—O que?

—Nunca pare o que você faz. — Ela pisca para afastar suas próprias lágrimas. —Você me ajudou muito. Você se importa, e isso significa muito.

Ficamos quietos depois disso. Quando o sol começa a se pôr e os insetos se tornam demais para tolerar, entramos. Pergunto a Doe se ela quer assistir a um filme e ela escolhe uma comédia romântica. Coloco pipoca para nós, pego duas garrafas de água e as trago de volta para a sala de estar.

Doe, sentada na almofada central, olha para mim com uma pergunta nos olhos.

—O que é?

Coloco a pipoca e a água na mesa e me sento ao lado dela. Ela morde o lábio enquanto seus olhos evitam os meus. Eu me inclino para frente para que ela seja forçada a olhar para mim.

—Você pode... uh... — Ela para.

Eu agarro sua mão gentilmente. —Seja o que for, você pode dizer, Doe. Está bem.

O que sai de sua boca a seguir é algo que não esperava, mas ainda me emociona.

—V-você pode... você pode me abraçar?

Minha mão inconscientemente aperta a dela. Sua pergunta me surpreende tanto que fico sem palavras por alguns segundos. Eu nunca teria pensado em ouvi-la perguntar uma coisa dessas, mas agora que ela fez, uma dor se forma no meu peito com o quanto eu quero. E se for honesto, há quanto tempo eu quero fazer isso. Essa mulher me faz sentir coisas que não sinto há muito tempo, se é que alguma vez senti. Coisas que não tenho muita certeza de que quero sentir, mas ainda sinto independentemente.

Eu tenho que limpar minha garganta antes de falar com medo de que fique rouco e revele minha forte necessidade.

—Você tem certeza?

Ela parece nervosa e sua mão fica suada na minha, mas seus ombros se afastam e ela assente.

—Sim. — Ela olha para as nossas mãos unidas. —Você me faz sentir segura, e esta é minha última noite aqui. Se está tudo bem

com você, realmente gostaria que você me abraçasse. Quero saber como é.

Ela levanta a cabeça e me mostra seus lindos olhos brilhantes. Neles, vejo algo que aquece meu corpo. Ela está assustada, mas quer que a segure tanto quanto eu quero. Não é um olhar carnal ou desejoso, mas um desejo de conforto, segurança e necessidade de estar perto de alguém que faz você se sentir bem.

—Ok.

Solto a mão dela e sento-me contra as almofadas. Eu descanso meu braço ao longo das costas do sofá, dando-lhe espaço para se mover ao meu lado, deixando-a escolher o quão perto ela quer estar. Ela fica parada por um momento, olhando para o espaço que deixei para ela, antes de inspirar profundamente e lentamente deslizar para mais perto. Assim que o calor dela me atinge, fecho meus olhos com o quão bom é. Seu perfume me atinge em seguida, e antes que perceba o que estou fazendo, respiro fundo para trazer mais.

Seu corpo está rígido no começo, e prendo a respiração, rezando para que ela não mude de ideia. Ela nunca esteve tão perto de mim. Mesmo quando dormiu comigo no hospital, ela não estava tão perto e estava inconsciente, então não é como se estivesse lá de propósito. Acho que é incrivelmente bom e certo tê-la em meus braços.

Uma vez que ela se recostou e parece continuar assim, levanto meu braço da parte de trás do sofá e gentilmente o coloco sobre seus ombros. Seu corpo endurece novamente por uma fração de segundo antes de relaxar. Ela solta um pequeno suspiro e deita a

cabeça na parte superior do meu peito. Tenho certeza que ela ouve meu batimento cardíaco irregular, mas não diz nada. Aposto que o batimento cardíaco dela está tão louco quanto o meu.

—Você está pronta para assistir ao filme? — Eu pergunto baixinho.

—Sim por favor.

Não posso deixar de sorrir com o tom de contentamento de sua voz.

Estendendo a mão, pego o controle remoto da mesa e pressiono play. Coloco a tigela de pipoca no meu colo e nós dois a comemos quando o filme começou a ser exibido.

Após cerca de trinta minutos, ela enrola as pernas no sofá e as encosta nas minhas coxas. As mãos dela descansam no colo. Assim que terminamos a pipoca, movo a tigela de volta para a mesa. Ela toma um gole de água, aparentemente absorvida pelo filme. Tento prestar atenção na televisão, mas estou tendo muita dificuldade em me concentrar. Faz muito tempo desde que eu segurei uma mulher, e a mulher lá agora é muito diferente de qualquer outra mulher com quem estive. Ela é mais. Muito mais.

A cada poucos minutos, olho para baixo. Não vejo muito do rosto dela, mas parece pacífica. Muito diferente de como estava quando cheguei em casa. Seus olhos pareciam assombrados, em seguida, com um pouco do medo que não estava lá na semana passada voltando. O olhar se foi agora, mas sei que voltará amanhã. Eu odeio que ela tenha medo, mas sei que ela é forte e vai superar isso. Ela já superou muito.

Quando os créditos começam a rolar na tela, olho para baixo e encontro os olhos fechados. Um sorriso toca meus lábios ao saber que ela se sentiu confortável o suficiente para adormecer em meus braços. Isso me fez sentir como o rei do universo.

Sento-me por um longo tempo, não estava pronto para desistir da sensação de tê-la aqui comigo assim. Meu braço começa a adormecer com a posição desajeitada, mas não me importo. Eu cortaria meu braço se isso significasse que poderia segurá-la por mais tempo.

Não sei quanto tempo passa, mas sei que preciso levá-la para a cama. Ela pode parecer confortável, mas sei que não pode estar tão confortável quanto ela precisa para ter uma boa noite de sono.

Eu levanto meu braço gentilmente, certificando-me de segurar seu corpo até que possa sair de trás dela. Quando estou sentado na beira do sofá, deslizo um braço sob os joelhos, outro sob os ombros e levanto cuidadosamente o corpo pequeno. Ela pesa quase nada. Ela suspira enquanto dorme e deita o rosto no meu pescoço. Sua respiração suave sussurra contra minha pele, e isso causa arrepios no meu corpo.

Ela não dorme nesta casa desde a primeira noite, mas eu realmente não quero acordá-la. Mantenho meus olhos fixos em seu rosto enquanto navego pelo corredor para o meu quarto. Uma vez na cama, gentilmente a deito. Não querendo ter a chance de acordá-la puxando as cobertas por baixo dela, pego uma do armário no corredor e volto para o quarto. Ela deitada de lado, com as mãos dobradas sob a bochecha. Parece inocente e despreocupada enquanto dorme, e isso causa uma pontada no meu peito.

Algo brilhante do luar chama minha atenção e meus olhos se movem para a pulseira no braço de Doe. Eu nunca pedi de volta porque, por algum motivo, sinto que agora deveria pertencer a ela. Ficou perdida por tanto tempo e tem tanto significado, portanto deve ser atribuída a alguém que a aprecie.

Inclino-me e dou um beijo suave na testa dela. A cama se mexe quando Betsy pula e se acomoda no final com um grunhido cansado.

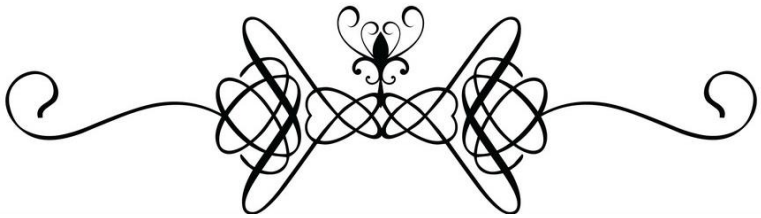
—Cuide dela hoje à noite, menina. — digo a ela com um tapinha gentil na cabeça.

Saio do quarto, apenas fechando a porta até a metade. Depois de depositar nossa tigela de pipoca e garrafas de água na cozinha, apago a luz e me sento no sofá. Não me preocupo em pegar um cobertor ou travesseiro, pois não vou dormir esta noite. Não tenho pesadelo há dias, mas não vou correr o risco de acordar Doe com um. A expressão aterrorizada dela da vez em que tive um pesadelo com ela em casa sempre ficará comigo, e a última coisa que quero é repetir.

No escuro, inclino a cabeça para trás e olho para o teto. Uma imagem de Aislin aparece na minha cabeça. Ela não sorria com frequência, mas quando sorria, iluminava qualquer sala em que estivéssemos. É o que vejo agora, como se estivesse olhando para mim sorrindo.

Por tanto tempo, senti como se precisasse dela, mas sei que alguém precisa mais dela agora.

—Por favor, cuide dela por mim, Aislin. — sussurro meu pedido.



Doe aperta minha mão com força enquanto nos sentamos em uma das mesas de conferência na delegacia. Suas pernas se movem inquietas, e estou surpreso que seu lábio não esteja sangrando de tanto que o morde. O Sr. Stewart deve chegar a qualquer momento.

Dizer que Doe está nervosa e assustada é um eufemismo, e se for honesto, também estou preocupado. E se esta for a escolha errada? E se enviá-la de volta para o tio a fizer regredir? Ou pior, e se ela começar a se machucar novamente?

Balanço a cabeça. A decisão não é minha a tomar. Ela está vendo um conselheiro agora para ajudá-la e, além disso, ela é mais forte do que era antes. Talvez eu não a conhecesse na época, mas sei que ela não recorreria a se machucar novamente.

—Niko. — Tavers espia a cabeça dentro da sala. —Sr. Stewart está aqui.

Sinto Doe endurecer ao meu lado e aperto a mão dela. Dando a Tavers uma elevação do queixo, me viro para ela.

—Doe. — Chamo o nome dela. Seus olhos estão apontados para a porta, mas quando eu chamo seu nome, ela olha para mim. —Está bem. Você consegue fazer isso.

Seus olhos ficam vermelhos como se quisesse chorar, mas ela solta um suspiro trêmulo e o olhar desaparece. Ela me dá um aceno

de cabeça e puxa sua mão da minha enquanto se levanta. As mãos dela nervosamente alisam a saia.

—Está pronta?

—Sim. — diz ela em voz baixa.

Eu ando na frente dela - talvez em um movimento protetor, não tenho certeza, mas quero ver o Sr. Stewart primeiro antes que ele a veja. Ele está de pé com Tavers e o Capitão, e quando ele me vê indo em sua direção, se vira para mim. Suas mãos tremem juntas na frente dele, como se ele estivesse nervoso também.

Enquanto ando em direção a ele, Doe se aproxima e pega minha mão por trás. Eu a agarro para nos dar conforto.

—Sr. Stewart. —Não posso evitar o tom duro da minha voz. Eu paro na frente dele com Doe ainda atrás de mim.

Ele engole. —Detetive.

Apertando minha outra mão em um punho, dou um passo para o lado. Os dedos de Doe cavam os meus enquanto ela aperta a mão em torno da minha no primeiro olhar para o Sr. Stewart.

Lágrimas imediatamente enchem seus olhos quando ele a olha.

—Rebecca. — ele respira. —Oh minha querida.

Doe não diz nada enquanto fica ali rígida como uma prancha. Olho para Tavers para encontrá-lo assistindo a troca.

Quando o Sr. Stewart estende os braços e se aproxima, Doe respira fundo e se afasta, escondendo parte do corpo dela atrás do meu. Minha primeira reação é dar um passo à frente e protegê-la da ameaça que ela sente, mas afasto o sentimento. Este homem não é seu inimigo, e ela não tem nada a temer.

—Dê-nos um minuto, Sr. Stewart. — murmuro, então não espero por sua resposta antes de dar as costas para ele.

Doe parece completamente aterrorizada enquanto olha para mim.

—Ei. — Me inclino para ficar no nível dos olhos e mantenho minha voz calma. —Você está segura. Nada e ninguém vai te machucar. Não há necessidade de ter medo.

—Sinto muito. — ela sussurra.

Movendo-me devagar, para não a assustar, estendo a mão e limpo as poucas lágrimas que percorrem suas bochechas.

—Não peça desculpas. Você ainda tem o seu telefone? —Ela assente e aperta a bolsa que segura na mão. —Você pode me ligar a qualquer hora do dia ou da noite, não importa o motivo.

Ela assente, mas não diz nada. Eu me viro, olho para Tavers e balanço minha cabeça. Quando ele se aproxima, mantenho minha voz baixa.

—Fique com ela por um minuto. — Virando-se para Doe, digo: —Eu já volto.

Esperando seu reconhecimento, vou até o Sr. Stewart. Meus olhos estão duros quando olho para ele. Eu odeio o cara, mas é por razões egoístas. Mesmo sabendo que isso é o melhor para Doe, ele ainda a está levando embora. Eu comecei a aproveitar meu tempo com ela, e agora não vou mais ter isso.

—O capitão Morgan está colocando uma patrulha fora de sua casa. Ele vai passar a cada hora. —Seus olhos se arregalam e sua boca se abre para falar, mas não permito que o faça. —Ainda não sabemos o que aconteceu com ela ou onde ela estava desde o

momento em que desapareceu da sua casa até o momento em que foi apanhada. — Minha mandíbula aperta. —Onde quer que estivesse, ela foi abusada sexualmente. Ainda estamos procurando respostas, mas com a memória dela inexistente e nenhuma evidência, tem andado devagar. Você ainda tem o meu número? — Ele assente. —Ligue-me se ela se lembrar de alguma coisa, ou se houver algum problema.

Seu rosto está vermelho e as lágrimas escorrem por suas bochechas. —Minha pobre Rebecca — ele chora baixinho e olha por cima do meu ombro para Doe. —Por que alguém iria querer machucá-la? Ela nem conhece ninguém além de mim.

—Eu não sei, mas pretendo descobrir — cerro entre os dentes cerrados. —Ela não gosta de ser tocada ou ficar perto de alguém. Você precisa manter distância e dar tempo a ela.

—Sim, é claro. — Ele engole e respira profundamente. —Eu só quero levá-la para casa, onde ela pode começar a se curar.

Dou-lhe um aceno apertado. —Cuide dela, Sr. Stewart, e me ligue se acontecer alguma coisa.

Eu o deixo e volto para Doe, que parece tão perdida. Isso é tão difícil para mim, mas não consigo imaginar o quão difícil é para ela. Ela não tem lembrança de quem é, e está tendo que deixar a única pessoa com quem se sentiu confortável - comigo.

Paro na frente dela e seguro sua mão. Tavers sai para nos dar alguns minutos.

—Coloquei o número de Tavers no seu telefone, se por algum motivo você não puder me encontrar. Você também tem Mindy, caso queira... conversar com garotas. — Sorrio, tentando aliviar um

pouco o clima. O sorriso dela é instável, mas ainda é um sorriso, então chamo isso de vitória.

—Obrigada, Niko. — diz ela chorosa. —Por ser meu amigo e por me ajudar.

Fico surpresa quando ela dá um passo à frente e coloca os braços em volta da minha cintura, descansando a cabeça no meu peito. Eu lentamente coloco meus braços em volta dela, mantendo-os soltos, quando tudo que quero fazer é esmagá-la contra mim. Eu respiro seu doce perfume de pêssego mais uma vez, sabendo que esta será a última vez que tenho o prazer de fazê-lo.

Doe é especial em muitos aspectos, e espero que um dia ela perceba o quanto.

Eu a solto e dou um passo para trás. Com um sorriso no rosto, agarro sua mão e nos viro para encarar o Sr. Stewart.

—Doe... — Limpo minha garganta. —Quero dizer Rebecca. — Esse nome parece estranho saindo dos meus lábios. —Gostaria que você conhecesse seu tio, Clem Stewart.

O Sr. Stewart dá um passo à frente, mas, atendendo ao meu aviso, ele não chega muito perto. — Olá, Rebecca. Estou tão feliz por te levar para casa.

Demora um minuto, mas ela responde trêmula. —Olá.

—Você está pronta?

Ela não está, posso dizer pela rigidez de seus ombros, mas sendo a pessoa corajosa que ela é, ela assente. —Sim.

Tavers entrega ao Sr. Stewart a mala de viagem dela. Doe olha mais uma vez para mim, e dou-lhe um aceno encorajador. Ela solta minha mão e caminha lentamente em direção a ele. Eu deveria levá-

los para fora e vê-los em seu carro, mas acho que não tenho forças para vê-los ir embora.

Em vez disso, fico ali com meu coração batendo forte no peito enquanto Doe se arrasta vários metros atrás dele, deixando-me sentir mais vazio do que há alguns minutos atrás.

CAPITULO 27

Niko

SÁBADO

18:52 Eu: Você se estabeleceu?

18:55 Doe: eu fiz.

18:57 Eu: Como você está?

19:03 Doe: Eu não gosto daqui.

19:04 Eu: Por quê? Aconteceu alguma coisa?

19:11 Doe: Não. Eu apenas... sinto sua falta.

19:15 Eu: Eu também sinto sua falta.

SEGUNDA-FEIRA

8:57 Eu: Bom dia.

9:05 Doe: Bom dia.

9:07 Eu: Como você dormiu ontem à noite?

9:09 Doe: Eu tive um sonho sobre o homem das sombras novamente.

9:11 Eu: Você deveria ter me ligado.

9:17 Doe: Eu não queria incomodá-lo. Já era muito tarde.

9:27 Eu: Você pode me ligar a qualquer momento. Eu já te disse isso antes. Se você tiver outro pesadelo, ligue para mim.

9:32 Doe: Ok.

9:33 Eu: Me prometa.

9:36 Doe: Eu prometo.

QUARTA-FEIRA

21:58 Doe: Sinto falta de Betsy.

22:02 Eu: Ela também sente sua falta. Ela está sentada na porta como se estivesse esperando você passar por ela.

22:05 Doe: Talvez eu possa vê-la em algum momento.

22:07 Eu: Nós dois gostaríamos disso.

22:32 Eu: Tenha uma boa noite. Ligue-me se você tiver um pesadelo.

22:35 Doe: Eu vou. Obrigada.

QUINTA-FEIRA

20:03 Eu: Seu tio vai levá-la a sua consulta amanhã?

20:15 Doe: Sim.

20:18 Eu: Se precisar conversar depois, ligue ou envie uma mensagem.

20:20 Doe: Eu vou.

SEXTA-FEIRA

11:34 Eu: Como foi sua consulta?

15:12 Eu: Alô?

18:05 Eu: Doe. Está tudo bem?

20:32 Eu: Me mande uma mensagem quando receber isso.

Olho para o meu telefone com uma careta, relendo as poucas mensagens entre Doe e eu. Minha última mensagem foi enviada há

três horas. Não tenho notícias dela desde a noite passada e não gosto disso. Eu tentei o meu melhor deixá-la em paz, dar tempo para se acostumar com sua nova casa, mas ela parecia tão triste quando saiu com o Sr. Stewart que queria ter certeza de que ela estava indo bem. Doe nunca foi uma pessoa de muitas palavras, nem pessoalmente, então seus textos foram curtos.

Betsy, que está deitada no sofá ao meu lado, levanta a cabeça quando solto um suspiro frustrado.

—Tudo bem, menina. — murmuro, passando a mão pelas costas dela.

Eu discuto comigo mesmo se devo ligar para ela e espero que ela atenda. Isso é tortura não estar com ela e ver por mim mesmo o quão bem está. Ela pode dizer que está bem o dia todo, mas isso não significa que seja verdade.

Em vez de ceder à minha necessidade de ouvir a voz dela, levanto-me do sofá e vou ao meu banheiro. Depois de ligar o chuveiro, dispo-me e passo sob o jato quente, deixando-o relaxar meus músculos tensos.

Uma imagem de Doe vem à mente quando descanso minhas mãos contra a parede do chuveiro e inclino minha cabeça. Ela está sempre em minha mente, e não tenho ideia de como tirá-la de lá. Ela se tornou uma obsessão, quase tão ruim quanto Aislin. A necessidade de descobrir mais sobre ela, onde ela estava quando desapareceu, o que aconteceu com ela, e agora, o que a fez acreditar que não tinha escolha a não ser se machucar, me consome. Eu não gosto de ser tão fixado, mas minha mente não me deixa descansar.

Eu rosno e jogo meu punho contra a parede de azulejos. Meus olhos apontam para o azulejo agora rachado. Por que não consigo tirá-la da minha cabeça? Não importa quantas vezes me pergunte, nenhuma resposta aparece.

Para não ficar louco, planejo parar na casa do Sr. Stewart amanhã, se não tiver notícias de Doe antes disso. Eu só preciso checá-la mais uma vez, e então vou trabalhar para extraí-la da minha mente. Tenho certeza que ela provavelmente sempre terá um lugar lá, mas preciso deixá-la ir e voltar meu foco para o caso de Aislin. Eu não a esqueci — jamais esquecerei — mas minha concentração está tanto em Doe ultimamente que perdi a noção do que é mais importante.

Torcendo o registro para desligar o chuveiro, saio, pego uma toalha e seco meu corpo. Só estou puxando uma camisa por cima da cabeça quando há uma batida forte na minha porta. Olho o relógio para verificar as horas. 00:05. Quem diabos está batendo na minha porta tão tarde?

Sendo o detetive que sou, pego meu revólver na mesa de cabeceira e caminho silenciosamente pelo meu corredor. Meu dedo permanece no trava de segurança, pronto para girá-la, se necessário, quando me aproximo da porta. Nunca é ruim ser cauteloso; está gravado em mim desde a academia de polícia.

Olho pelo olho mágico da minha porta e solto um suspiro para quem encontro do outro lado. Abrindo a fechadura, abro a porta.

—O que você está fazendo aqui tão tarde? — Pergunto aos dois homens na minha frente.

Tavers passa por mim e um ataque de irritação me atinge. Eu já estou no limite por não ter ouvido falar de Doe.

—Onde está o seu telefone? —pergunta o capitão Morgan, entrando atrás de Tavers.

Meus olhos se movem para o pequeno dispositivo que deixei em cima da mesa na sala de estar.

—Eu estava no chuveiro. — resmungo. —Por quê? O que está acontecendo?

Os olhos do capitão se movem para Tavers e depois para mim. —Houve um erro na análise de DNA que recebemos para Rebecca.

Meu corpo está tenso. —O que diabos você quer dizer?

—Eles foram misturados com outra amostra.

Os olhos do capitão voltam para Tavers. Eles compartilham um olhar, e meu sangue está congelando nas veias.

—O que você está dizendo exatamente? Você está me dizendo que mandamos Doe com um homem que *não* é seu tio, e ele a levou de bom grado sabendo disso?

Um grunhido escapa dos meus lábios quando o Capitão olha para Tavers. Definitivamente, algo não está bem aqui, e isso me irrita por não estarem me dizendo o que é.

—Pare de olhar para ele. — rosno. —E me diga o que diabos está acontecendo.

—Niko. — o capitão avisa.

Eu me afasto dele e encaro meu amigo. O olhar em seus olhos pode ser descrito como nada além de arrependimento.

—O DNA dela foi trocado pelo DNA que retiramos do corpo da floresta.

O corpo da floresta. O corpo de Aislin. Ele faz parecer tão... impessoal, como se nunca conhecesse Aislin e o que ela significava para mim, o que ela *ainda* significa para mim.

—Você quer dizer o corpo de Aislin — digo a ele com os olhos estreitados.

Ele respira fundo e dá um passo em minha direção. —Não é ela, Niko. De alguma forma, os resultados do corpo da floresta e do Doe foram alterados. O corpo da floresta é Rebecca.

Um zumbido começa nos meus ouvidos e meu estômago aperta. Minha visão se torna nebulosa, e tenho que agarrar as costas do sofá para me firmar. —Não. — eu digo com voz rouca. — Isso não pode ser verdade.

—Não sabemos como aconteceu, mas a equipe forense do laboratório deve ter rotulado incorretamente as amostras — diz o capitão atrás de mim.

—Então, quem é Doe? — Eu forço a pergunta. —E por que os resultados dela retornaram como os de Rebecca?

—Eles devem ter testado o DNA de Rebecca duas vezes, pensando que um era de Doe. Essa é a única explicação.

—O que então levanta a questão de porque ele diria que era a sobrinha quando ele sabia que ela não era, e por que ele a levou. Quem é ela para ele se Rebecca é a garota da floresta?

Não dou tempo para responder antes de me endireitar. Com passos determinados, ando pelo sofá, pego meu telefone e depois vou ao bar pegar meu coldre. Os dois homens assistem enquanto

eu pego minha arma e a deslizo para dentro do couro antes de prender ao meu lado.

—Porra! — Eu grito. —Não tenho notícias dela desde a noite passada. Enviei-lhe várias mensagens sem respostas. —Paro e encaro Tavers. —Ele colocou essas malditas marcas nela. Foi ele o tempo todo.

Ele assente, já chegando à mesma conclusão.

—Um novato encontrou o fax enterrado embaixo de uma pilha de papéis na delegacia — o capitão me diz enquanto pego minhas chaves. —Ele me ligou assim que o encontrou. Tentamos ligar para você, mas você não estava atendendo. —Raiva e culpa simultaneamente atingiram meu peito, sabendo que o tempo era desperdiçado porque não atendi meu telefone. —Liguei para Tavers e viemos para cá.

—Vamos.

Saímos pela minha porta e não demoro para trancar, pois minha necessidade de chegar a Doe me leva. Estamos de volta à estaca zero com ela. Não temos ideia de quem ela é e que relação ela tem com Clem Stewart, mas sei que ela está com problemas, e ele está na raiz disso.

Que Deus o ajude se ele colocou um dedo nela.

CAPITULO 28

Rebecca

DOMINGO

Sufocando.

Meus olhos se arregalam quando o ar é cortado. Meus pulmões doloridos queimam com o desespero de respirar. Os dedos arranham o aperto no meu pescoço, enredando-se nas massas dos meus cabelos castanhos. Sofro, desesperada para viver, assim como vivo apenas para sofrer.

Niko, me salve.

Meus pensamentos ficam sombrios quando uma escuridão cobre minha visão como uma tinta oleosa. O único som que ouço é o tambor galopante do meu próprio coração e o farfalhar dos lençóis enquanto me debato em uma dança feia pela sobrevivência. Um monstro está próximo, e ele está aqui para pegar e pegar e pegar.

O homem das sombras.

Rebecca.

Eu acordo com um sobressalto.

Dedos enrolados ao longo do estribo de ferro forjado, meu tio espia por cima de mim com um olhar áspero de preocupação colorindo seu rosto. —Você estava tendo um pesadelo — ele resmunga. Como se eu ainda não soubesse que, pela maneira turbulenta, fui expulsa dos meus sonhos.

—Por que você está aqui? — Eu choramingo, ainda nas garras do sono. A realidade se inclina e se distorce a essa hora, e dar sentido a ela se torna quase impossível.

—Seu grito me acordou. Eu queria ter certeza de que você estava bem. E-Eu... —Ele para, esfregando a parte de trás do pescoço e abaixando a cabeça. —Eu sei que você não se lembra de mim, mas você me amou. Você costumava me amar —ele implora. — Rezo para que você se lembre, porque a cada momento que você me olha com olhos vazios, me destrói.

—Me-me desculpe.

Ele balança a cabeça tristemente. —Não fique. Eu que sinto muito. Eu nunca te protegi do jeito que deveria. Se não fosse por mim... —Ele desvia o olhar como se estivesse com dor e solta um grunhido. —Algum dia, vamos superar isso, e tudo voltará ao que deveria ser.

O pesadelo persistente me aterroriza, intensificado pela escuridão da sala. E mesmo com esse medo, o desconhecido e a novidade da minha situação, não posso deixar de sentir uma simpatia incômoda por meu tio. Pelo que ele passou sentindo minha falta. Porque ele sentiu minha falta. Está escrito em todas as suas feições e na adoração com a qual ele me olha.

Eu quero que ele me deixe em paz, então dou a ele o que parece ser um pequeno pedaço de mim para fazê-lo ir. —Eu quero isso também.

Com um pequeno sorriso, ele levanta as calças na cintura e se afasta da cama. —Durma bem, Rebecca.

QUINTA-FEIRA

Olho para o telefone na minha mão e o último texto de Niko.

Se precisar conversar depois, ligue ou envie uma mensagem.

Com dedos desastrados, soco as palavras, *eu irei.* Meus dedos apertam o telefone pequeno e o seguro contra o peito, como se o movimento me trouxesse mais perto de Niko. Um dia, espero poder digitar o mais rápido possível, e podermos ter conversas inteiras apenas com as pontas dos dedos. É estranho escrever palavras e, de alguma forma, o telefone envia magicamente essas palavras para outra pessoa. É assim que as pessoas se comunicam. Sei que estou quieta e não tenho muito o que dizer a maior parte do tempo, mas ainda prefiro conversar. Prefiro pegar o telefone e ligar para Niko, mesmo que seja apenas ouvir voz a dele para me confortar.

Este lugar é estranho. Meu tio é estranho. Ele é legal o suficiente e se importa comigo, certificando-se de que estou comendo e não dormindo o tempo todo, mas não sinto uma conexão familiar com ele. Niko disse que isso pode levar tempo. Espero que minha memória volte agora que voltei para casa. Espero que aconteça em breve. A cada hora que passa, começo a me sentir cada vez mais sozinha.

Uma batida soa na porta do meu quarto. Eu pulo, o telefone caindo da ponta dos meus dedos para o tapete, e suspiro alto.

—Rebecca? Posso entrar?

Eu aprecio ele me dando a opção de dizer não. E tenho dito. Na primeira noite aqui, disse que não, quando ele fez a mesma pergunta. Ele me disse para não ter medo, e que ele estava lá se eu

precisasse dele. Quando não respondi, ele sussurrou: —*Durma bem*— e me deixou em paz.

Exceto que ele não o fez completamente.

Naquela noite, sonhei com o homem das sombras e, quando acordei do pesadelo, meu tio estava no meu quarto. Ele disse que me ouviu e veio me checar. E enquanto isso é legal, gostaria que ele não tivesse feito. Não gosto de saber que ele esteve aqui enquanto eu dormia. Mesmo que apenas por alguns minutos e mesmo se ele não tinha certeza do que fazer e simplesmente queria cuidar de mim.

Isso me incomoda.

—Ok. — respondo, levantando minha voz um pouco, mas dificilmente em um decibel normal.

A porta se abre, fazendo com que os pelos dos meus braços se arrepiem. Polegada por polegada, a barreira que nos separa se afasta do caminho até que ele está lá de repente, sorrindo para mim.

—Jantar está pronto. É tarde porque estava esperando você descer. Você não fez, então estou aqui pedindo para você descer.

—Oh, obrigada, mas não acho...

—Por quatro dias... — Meu tio faz uma pausa e enrola a mão em um punho. Seus ombros se erguem e caem visivelmente com a força de sua respiração profunda. —Eu deixei você em paz. Você não pode se esconder aqui para sempre. Eu sei que você não se lembra, mas a vida costumava ser difícil para você. Eu deixei você se safar tanto quando deveria estar ajudando você a se curar. Desta vez, eu recuso. Você se juntará a mim para jantar ou então ligarei

para o seu terapeuta para uma consulta de emergência, porque isso não é saudável.

Ele não levantou a voz para mim, mas o efeito é o mesmo. O medo desliza por minhas veias e fica lá. Começo a tremer tanto que ele percebe. Ele dá um passo à frente.

—Não! — Grito. Ele para de avançar. —Eu-eu vou me juntar a você. Preciso de um momento para me vestir.

Seus olhos caem para o meu corpo vestido de pijama, e esse medo se intensifica. Não sei por que, porque ele não está olhando para mim. Acho que ainda não estou confortável com ele.

Assim que concordo, ele relaxa visivelmente. —Obrigado, Rebecca.

Eu respondo com um aceno irregular.

Ele caminha até a porta, me lança um último olhar longo e depois se foi, puxando a maçaneta para fechá-la atrás dele.

Saindo da cama, caio de joelhos. A dor irradia pelas minhas coxas. Ignorando, encontro meu telefone, abro uma mensagem de texto para Niko e começo a digitar. *Você pode vir aqui?* Meus dedos tremem quando passo sobre o botão enviar. Em vez disso, apago minhas palavras desesperadas.

Eu posso fazer isso sozinha. Eu *tenho* que fazer isso. Não há como voltar para Niko. Não há como escapar do meu tio. Ele é a única família que tenho, então o mínimo que posso fazer é lhe dar uma chance.

Eu rapidamente visto uma camisa de mangas compridas e um jeans. Colocando o telefone no bolso de trás, vou para a cozinha. Meu tio já está sentado à mesa para quatro pessoas no

canto. Eu me junto a ele, sentada no lado oposto. Uma variedade de panquecas, ovos e bacon é apresentada junto com uma tigela de frutas cortadas. Café da manhã para o jantar? Parece uma escolha estranha. Começo a servir meu prato em silêncio.

Sinto seus olhos me observando, então adiciono uma segunda colher de frutas ao meu prato, sabendo que ele está julgando a quantidade de comida que estou comendo. Sua preocupação está no lugar certo. Ele também está sendo muito mais vigilante do que Niko.

—Obrigado pela comida. Parece bom. —Enquanto digo as palavras, meu estômago solta um rosnado todo-poderoso.

—Fico feliz que você esteja com fome e não se esgueirando para a geladeira quando não estou por perto. Há bastante. —Ele enfia sua própria garfada na boca e começamos a comer em silêncio.

No meio do caminho, depois de passar o tempo todo tentando encontrar um tópico de conversa, resolvo uma questão.

—Você... quero dizer, nós, temos um jardim?

A fatia de bacon à caminho dos lábios gordurosos faz uma pausa no ar. Ele o coloca no prato e limpa a boca com um guardanapo e depois enfia o papel usado no punho. —Não. Mas estou muito atrasado para alguma manutenção no quintal. Depois de limpar as ervas daninhas e cortar a grama, você pode me ajudar a encontrar um bom local para começar um.

—Gostaria disso. O detetive me mostrou o dele enquanto estava lá. Foi bom estar ao sol. — compartilho honestamente. Não

me lembro desse sentimento. Quero dizer, realmente não me lembro de nada do meu passado, tanto quanto as memórias.

Ele resmunga. —Você não passou muito tempo fora enquanto crescia. Ainda menos quando você ficou mais velha. Eu ficaria feliz em começar um jardim para você. Vou pegar alguns suprimentos depois do café da manhã. Amanhã podemos começar.

Pela primeira vez desde que cheguei, sinto uma pontada de felicidade. —Realmente?

Ele sorri. —Realmente. Vai ser bom ter você fazendo algumas tarefas domésticas.

De repente, não tenho mais fome. Seu comentário parece um peso de chumbo no meu estômago, e toda a comida que consumi ameaça subir. *Domesticada*. Como se tivesse sido domada.

Eu quero desesperadamente fugir para o meu quarto, mas me forço a ficar parada. Eu preciso fazer um esforço. Todos os pensamentos apontam para sair daqui, exceto que não tenho para onde ir.

Um pensamento me atinge com tanta força que não consigo acreditar que não pensei nisso antes. Imediatamente, tiro meu telefone do bolso e começo a escrever uma mensagem para Niko.

—Você está falando com esse *detetive de* novo? — Meu tio pergunta, uma aversão óbvia em sua voz. O telefone cai com um ruído na mesa quando desliza da ponta dos meus dedos.

—S-sim.

Seus olhos se voltam para o meu telefone antes de voltar cortantes para meu rosto. —Prefiro que não. Vamos seguir em frente, Rebecca.

—Mas por quê? Ele me ajudou —murmuro.

Meu tio suspira. —Ele fez sim. Eu não gostei do jeito que ele fez isso, no entanto. Se ele tivesse me ouvido em primeiro lugar, teria você de volta semanas atrás.

—O quê? — Isso foi novidade para mim.

Ele pega o prato e leva para a pia, então faço o mesmo enquanto espero por sua resposta. Ele lava o prato e o coloca na bancada limpa.

—Eu disse a ele quem você era no primeiro dia em que foi encontrada. Ele alegou que eu não sabia como era minha sobrinha e que tínhamos que esperar pelos resultados do DNA. Não ajudou que você não conseguisse se lembrar de nada. —Ele olha para mim com quase um olhar frio nos olhos, como se isso fosse minha culpa.

—Sinto muito. — sussurro e olho para o chão. Por que Niko faria isso? E manter essa informação de mim? Olho para meu tio quando ele gentilmente puxa meu prato sujo das minhas mãos.

—Não é sua culpa. E mesmo que o detetive James finalmente tenha trazido de volta para mim, não posso negar que formulei uma ligeira aversão ao homem pela maneira como ele falou comigo. Então, gostaria que você parasse de falar com ele. Pelo menos, dê-nos tempo para descobrir nosso relacionamento. Se suas memórias nunca voltarem... —Ele desvia o olhar e engole em seco.

—Elas vão. — forço. —Elas tem que voltar.

Ignorando-me, ele caminha para a mesa e empilha a louça suja. —Sobre o que você precisava falar com o detetive James?

—Oh, eu, hum, eu tive uma ideia.

Ele tropeça levemente quando a ponta da bota pega no chão de linóleo. —Ah? Compartilhe comigo.

—Eu pensei que poderia conseguir um emprego.

—Não. — Sua resposta é aguda e rápida. Eu inspiro duramente com a finalidade disso. —É muito cedo.

—Ok. — murmuro humildemente.

Ele suspira. —Vamos esperar até você ver seu terapeuta um pouco mais. Ela pode orientar você sobre o que é melhor para o seu processo de cura.

—Eu apenas pensei que, se ganhasse algum dinheiro, poderia trabalhar para conseguir meu próprio lugar.

—Seu *próprio* lugar? O que há de errado com a minha casa? — Ele abre o braço em um gesto.

Não posso dizer nada certo por ele. Minhas palavras parecem ofendê-lo, mesmo quando estou tentando ser útil. —Pensei que era a coisa certa a fazer. Eu sou uma adulta, certo? Não posso viver com você para sempre.

Seus olhos se arregalam e suas narinas se alargam. —Acabei de recuperar você. O detetive lhe deu essa merda?

—Não. — Começo a tremer, então dou um passo para trás por algum espaço. Ele está me assustando. —Acho que vou para a cama.

—Rebecca ...

—Boa noite. — ofereço a ele e saio correndo da sala. O mais rápido que posso, tirei minhas roupas e vesti uma calça de pijama e uma camisa. Vou ter que lavar a roupa assim que tudo que me resta são as camisolas que Niko me trouxe no hospital. Corro sob

as cobertas e apago a lâmpada de cabeceira, banhando o quarto na escuridão total.

Eu gostaria de ter uma luz noturna. Esgueirando-me para o lado da cama, caminho até a janela e me atrapalho no escuro, procurando as cordas na sombra. Cada segundo fora da cama faz meu couro cabeludo formigar. Fechando os olhos contra a escuridão da sala, quase choro de alívio quando finalmente localizo a corda e puxo.

O luar brilha através da janela agora aberta e adiciona um pouco de visibilidade ao escuro. Mergulho de volta sob as cobertas, puxando-as até o queixo e ouço os sons do meu tio se movendo.

As tábuas do assoalho rangem no corredor, seus passos se aproximando cada vez mais até que param do lado de fora da minha porta. Sinto meus olhos se arregalarem, tentando absorver todas as fendas escuras, todas as sombras escuras. As tábuas do piso mudam, e ouço minuciosamente: —*Durma bem* — antes que o som de seus passos se mova em direção ao quarto.

Se ao menos Betsy estivesse aqui com seu peso corporal reconfortante e seu pelo macio, poderia deslizar meus dedos. Em vez disso, fico acordada por horas com meus olhos treinados no teto preto e meus ouvidos se esforçando para decifrar cada som. Eventualmente, a exaustão e a barriga cheia pela primeira vez em dias dão lugar ao sono e sou levada a sonhos difíceis.

SEXTA-FEIRA

Eu tento fazer melhor hoje.

Penteio o cabelo e me visto assim que acordo, em vez de ficar deitada na cama e me esgueirar para a cozinha.

Niko não me ensinou muito, mas sei cozinhar um pouco, então começo a fritar bacon e picar legumes para omeletes. As frutas que sobraram da noite passada estão em uma tigela na geladeira, então pego e coloco na mesa com pratos e talheres. Só estou virando a primeira omelete quando meu tio entra.

—O que temos aqui? — Ele sorri para mim e caminha até a cafeteira que esqueci de começar.

—Eu sinto muito. Não sabia que você gostava de café — começo, mas ele me interrompe.

—Está tudo bem, Rebecca. Estou feliz em vê-la tão cedo. O café da manhã é um bônus.

Volto a virar a omelete.

—Você dormiu bem?

—Sim. — Movo a primeira omelete para um prato e entrego a ele.

—Obrigado. Isso parece delicioso.

Quando seus olhos demoram em mim um pouco demais, começo a montar a segunda omelete. —Você vai conseguir material de jardinagem hoje? — Peço corajosamente, esperando que minha saída rápida na noite passada não arruíne minha oportunidade de meu novo hobby. Eu adorava jardinagem na casa do Niko e, se vou morar aqui agora, adoraria ter algo para fazer.

Ele olha pela janela do outro lado da mesa da cadeira. — Parece que vai chover hoje. Posso pegar os suprimentos, mas teremos que esperar até que pare para começar.

Eu coloco no prato minha própria comida, pego um copo de leite e caminho até a cadeira em que me sentei ontem à noite.

—Você pode se sentar mais perto, sabe. Não mordo.

Um arrepio percorre minha espinha. —Eu estou bem aqui.

Continuamos a comer em silêncio. Assim que meu tio termina, ele lava o prato e pega as chaves.

—Se eu for rápido, poderemos começar antes que a chuva chegue.

—Ok. Vou limpar aqui.

Ele faz uma pausa, pegando as chaves do balcão. —Você tem certeza que ficará bem sozinha? — O nervosismo colore seu tom. — Talvez você deva vir comigo.

—Eu vou ficar bem. Acordei bem cedo, então vou tirar uma soneca.

Ele me dá um aceno de cabeça e depois se vai.

Termino minha comida e depois lavo a louça. Enquanto eu limpo a mesa, a exaustão bate e decido tirar essa soneca. Largo o pano úmido na pia e volto para o meu quarto.

— Rebecca? Rebecca! — Os gritos do meu tio me acordam de um sono sem sonhos. Não deve ter sido muito profundo, porque acordo me sentindo cansada, em vez de revigorada. Seus passos apressados soam perto da minha porta antes de uma batida em pânico soar.

—Rebecca, você está aí?

—Sim. Estou acordando.

Uma pausa. —Eu tenho alguns suprimentos, se você quiser ir lá fora.

—Eu estarei lá.

O som de seus passos se afastando lentamente acalmam meu batimento cardíaco, e saio da cama.

Meu tio não fez um trabalho ruim na coleta de suprimentos para minha jardinagem. Eu posso dizer que ele tentou me fazer feliz. Ele comprou pedras de pavimentação para o contorno para delinear o resto do quintal. Sacos de terra e várias flores alinhavam-se na garagem quando eu saí. Foi legal. Não era o mesmo que ir ao viveiro com Niko. Mas me contentaria com o que tinha.

Levou horas para preparar a área, principalmente porque ele teve que cortar a grama ao redor dela primeiro, para que não trabalhássemos no mato. Escavamos o perímetro e colocamos as pedras. Tudo isso levou horas antes que eu pudesse começar a diversão de jardinagem.

Quando começa a chover, já passam das cinco horas da noite. Meu tio pede que eu entre, e ele vai terminar de guardar tudo, então é isso que faço.

Uma vez no calor seco da casa, penso em mandar mensagens para Niko e contar a ele sobre o jardim. É por causa dele, afinal, que gosto do hobby. Levo a mão ao meu telefone no bolso de trás, mas ele não está lá. Eu dou um tapinha no outro, mas também está vazio. Onde o deixei?

A mesa de cabeceira está vazia, exceto a lâmpada, o relógio e o livro de palavras cruzadas que Niko me deu. A cama está arrumada e a cômoda só guarda meus itens de higiene pessoal. Caindo de joelhos, verifico debaixo da cama e da mesa, mas está vazio.

Eu forço meu cérebro enquanto saio para a sala e examino as superfícies lá. Além do controle remoto da televisão e algumas revistas, as mesas estão vazias.

Lembro-me de tê-lo na noite passada e mandar uma mensagem para Niko antes que meu tio me chamasse para jantar. E levei comigo para a mesa. Mas não me lembro do que fiz depois disso.

Distraída, entro na cozinha e verifico todas as superfícies lá, ficando vazias. Enquanto olho por cima do micro-ondas, meu tio volta de guardar as coisas de jardinagem na garagem. Sua camisa está encharcada e um pouco grudada em seu corpo barrigudo.

—Procurando por algo?

Lembrando-me de sua leve explosão na noite passada com a menção de Niko, não quero falar disso. Mas, ao mesmo tempo, se não o fizer, talvez nunca o encontre.

—Você viu meu telefone celular?

Suas sobrancelhas franzem e seus olhos flutuam como se ele estivesse procurando sua memória. — Não, não vi. Você estava com ele no jantar ontem à noite. Você não o levou para a cama?

Ele tira os sapatos molhados e joga as chaves no balcão, onde elas deslizam para o meio antes de parar.

—Talvez. Vou verificar meu quarto novamente.

Quando me viro para sair, ele me chama. —Você quer jantar primeiro?

Giro de volta e o encontro me olhando gentilmente com as mãos nos quadris. —Eu acho que estou cansada. Vou tomar um banho e me arrumar para dormir.

—Você deveria comer. Trabalhou muito hoje. Seus olhos examinam meu corpo coberto de terra.

—Eu ainda estou cheia do café da manhã. — minto. Só estou desesperada por ficar sozinha. E encontrar meu telefone.

Ele limpa a garganta e caminha até a geladeira. —Se você mudar de ideia, deixarei algumas sobras para você.

—Obrigada. — murmuro e vou para o meu quarto.

Minhas mãos tremem quando fecho a porta suavemente e caio de joelhos novamente em busca do meu telefone. Por que não consigo encontrá-lo? O que fiz com ele? E então o pensamento doloroso do que farei se nunca o encontrar? Meu tio vai me dar um novo? Mesmo se ele o fizer, não me lembro do número de telefone de Niko. Vou ter que vê-lo, mas, para fazer isso, preciso mandar uma mensagem para ele.

Ah não. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Limpo-as às pressas com as costas da mão. Tenho certeza de que vai aparecer, mas o pensamento de não estar conectada ao Niko, nem por uma noite, está me matando. Eu preciso seguir em frente, e talvez amanhã encontre.

É com esse pensamento que pego meu pijama. Uma camisola verde menta é a única coisa limpa desde que passei o dia todo jardinando e não pedindo ajuda para lavar a roupa. Estou muito acostumada a Niko sabendo tudo o que preciso e me ajudando, em vez de ter que pedir ajuda. Acrescento isso à minha lista de coisas para trabalhar e discutir com meu terapeuta.

Meu terapeuta! Eu esqueci de ver meu terapeuta!

Com o pijama nos braços, abro a porta e os coloco no banheiro antes de correr para a cozinha. O rosto do meu tio empalidece quando ele me vê correndo em sua direção, mas ele não se afasta do fogão onde está mexendo algo em uma panela.

—Esqueci minha consulta hoje!

Com minhas palavras, ele relaxa visivelmente no local. —Ah, merda, Rebecca, me desculpe. Vou ligar agora e reagendar.

Meus ombros caem. —Obrigada.

—Não se preocupe com isso. É apenas uma consulta. Vamos voltar aos trilhos.

Dou-lhe boa noite pela segunda vez e volto pelo corredor para o meu banho tão esperado.

E depois de mergulhar por um tempo extra na banheira, vesti minha camisola e me deitei na cama.

Sou acordada por um barulho. Fico imóvel, quase prendendo a respiração, tentando ouvi-lo novamente.

Um rangido.

Algo muda.

Um arranhão de metal em metal.

Um gemido.

Então um sussurro quase inaudível.

— *Lelu.*

Como uma represa quebrando, imagens inundam minha cabeça. Meu pulso dispara tanto que juro que ele pode ouvi-lo. Eu me forço a ficar parada enquanto as memórias suprimidas vêm à tona.

Sou jogada de volta no tempo para uma garotinha andando pelas ruas sozinha. Ela perdeu o ônibus, ou ele nunca chegou para pegá-la. De qualquer maneira, ela foi forçada a caminhar para a escola. Um carro branco chega. Um homem que ela reconhece se inclina e diz: —Você precisa de uma carona para a escola?

—Não. — ela responde, sorrindo de volta, mas continuando a avançar.

O homem franze a testa e sai em frente, apenas para parar o carro e sair.

Então a escuridão engoliu minha visão.

Uma floresta toma o lugar do meu quarto escuro. O cheiro de pinho e terra úmida assalta meus sentidos. Meus pulmões gritam de dor quando inspiro e expiro respirações superficiais. O chão irregular da floresta rasgou as solas dos meus pés enquanto eu me movia rapidamente pelo caminho não marcado. Eu estava correndo. Correndo sem um senso de direção. Correndo pela minha vida.

Eu não sabia se estava sendo perseguida, mas sabia que se parasse de me mover, acabaria morta. Igual a ela.

A imagem se transforma e se transforma novamente, desta vez em algo menos assustador.

Um garoto. Eu sou uma mulher agora, mas na época da memória, ele tinha mais ou menos a minha idade. Com cabelos castanhos e bagunçados e olhos gentis que olhavam para mim com medo e preocupação quando ele correu para o meu quarto e caiu de joelhos na minha frente.

—Norte. — ele sussurrou antes de estender a mão e pegar minha mão na dele. —Por favor fale comigo.

Outro gemido soa, me puxando das memórias. O medo me envolve como um cobertor pesado, ameaçando me manter aqui para sempre. Mas o rosto do garoto das minhas lembranças me dá a força que preciso desesperadamente. Eu me recuso a cair sem lutar. É hora de recuperar o que é meu, de uma vez por todas.

Ou morrer tentando.

Outro— *Lelu.* — escapa de seus lábios em um gemido repugnante, e é então que percebo que ele deve estar se tocando em cima da minha cama. O pensamento me enjoa ao mesmo tempo em que me estimula a agir. Cuidadosamente, deslizo minha mão sobre a cabeça e envolvo os dedos em torno da lâmpada na mesa de cabeceira. Engulo o vômito enquanto espero até que os grunhidos dele fiquem um pouco mais altos. Respirando fundo, eu grito me erguendo na posição sentada, e lancei a lâmpada na direção de sua cabeça.

—Porra! — Ele ruge como o monstro que ele é quando saio da cama e voo para o corredor. Minhas meias escorregam na madeira enquanto dobro a esquina para a sala de estar. Seus passos pesados trovejam atrás de mim, enviando terror em minhas veias.

Corro até a porta da frente e seguro a maçaneta, mas a encontro trancada. Consigo levantar a trava. Meus dedos tremem tanto que não consigo segurar o pequeno pedaço de metal dentro da alça. Meu sangue corre pelos meus ouvidos e posso senti-lo se aproximando. Assim que torço a peça e giro a alça, sou puxada de volta por um aperto esmagador no meu bíceps.

Eu choro de dor quando sou empurrada para trás, minha cabeça girando para ver o olhar assassino no rosto do Sr. Stewart.

—Nunca mais! — Ele grita enquanto se vira e me dá um tapa com as costas da mão direto no rosto. Meus lábios rasgam contra os dentes e o sangue enche minha boca. Bato de costas na parede do saguão e caio no chão.

O Sr. Stewart avança em minha direção com as calças ainda em volta das coxas, evidência do meu pensamento anterior de que ele estava se masturbando em cima de mim. Tento me afastar da parede e ficar de pé, mas ele sobe em cima de mim e me força a descer, então estou inclinada em um ângulo estranho contra a parede. Meu pescoço grita de dor com o peso dele colocando pressão no meu pescoço. Sem aviso, ele começa a se esfregar contra mim quando a bile corre pela minha garganta. Sua ereção dura e vil pressiona contra a parte inferior do meu estômago. Eu me viro e me afasto dele, mas a luta parece estimulá-lo.

—Você é minha. — ele zomba com gotas de saliva caindo no meu rosto. De repente, ele se levanta, agarra meus tornozelos e me arrasta para mais longe da parede. Me debato e chuto, mas não adianta quando ele tem meus dois tornozelos ao seu alcance. Ele me arrasta a uns seis metros da porta antes de me jogar de bruços. Seus dedos repugnantes começam a puxar as laterais da minha camisola e todo o sangue do meu corpo esfria.

—Não. — grito horrorizado.

—Sim. — ele arqueja alegremente. Ele cava um cotovelo no centro da minha espinha, fazendo-me achatar ao chão, e sua

respiração quente e nojenta se espalha pelo meu pescoço. —Eu vou levar o meu tempo com você, e vou aproveitar, minha Lelu.

Ele mói contra as minhas costas e, desta vez, não posso reprimir o vômito. Eu tusso e engasgo, arrastando o ar para os pulmões e então o impensável acontece.

A porta da casa se abre contra a parede, e uma voz que não apenas reconheço, mas estou desesperada para ouvir, grita: — Stewart!

Meio segundo depois, os olhos de Niko se voltam para nós dois lutando no chão e um olhar de pura raiva branca e quente cobre seu rosto. Ele dá dois passos gigantescos antes que o ruído audível de seu punho, conectado ao rosto de Stewart, ressoe pela sala.

O peso dele cai de cima de mim e meus pulmões se expandem com uma respiração muito necessária. Então Niko está lá, me carregando do chão e em seus braços.

—Doe — ele ofega. Olhando para o meu pijama coberto de vômito, ele arranca o casaco e o envolve em volta de mim enquanto outras pessoas entram no quarto. —Sinto muito, Doe.

Meus dentes batem alto quando os tremores começam, e seus olhos fazem uma varredura no meu rosto. Quando ele alcança meu lábio cortado e o sangue no meu queixo, ele solta um uivo de raiva. —Droga!

—Niko. — Estendo a mão e agarro seu rosto enquanto ele desvia o olhar, seu rosto uma máscara de arrependimento doloroso. Não quero demorar mais um minuto assim, então volto sua atenção para mim.

—Sinto muito. — Ele tenta novamente, mas pressiono os dois lados do rosto para silenciá-lo.

—Eu me lembro, Niko.

Sua mão muito maior cobre a minha. —Eu sei que você faz. Sinto muito por ter deixado você com esse monstro. — ele se desculpa, entendendo mal o que estou tentando dizer.

—Não, Niko. Eu me lembro de *tudo.* —enfatizo, observando a confusão roubar seu rosto. —Eu lembro de você.

CAPÍTULO 29

Niko

—*Eu sou Aislin.*

Eu fico lá congelado, em choque, e olho para a garota nos meus braços segurando minha camisa, querendo desesperadamente acreditar nas palavras que ela acabou de falar, mas não ousando. Isso vai me destruir se não forem verdadeiras. Vai quebrar o pouco de sanidade que me resta e me deixará em pedaços. Peças que *conheço* em todas as partes de mim nunca serão reunidas novamente. Depois de todos esses anos de busca por ela; todo o suor, sangue, lágrimas e relacionamentos quebrados; o tempo, esforço, frustração e *desesperança*. Para ela estar na minha frente agora... Não pode ser verdade. Não *pode*, mas nunca quis mais nada na minha vida.

—Não! — rosno e a vejo recuar. Eu quero me sentir mal, e uma parte de mim sente, mas o que ela está dizendo é incompreensível. Como ela poderia ser tão cruel? O que lhe dá o direito de pensar que ela pode me dar a única coisa que mais quero no mundo, apenas para arrebatar quando a verdade aparecer?

—Eu lembro. — ela rouca. —Eu lembro de você. A casa da árvore. O desenho que você fez no meu aniversário. Você me salvando dos valentões. —Ela olha para o bracelete e depois para o meu pulso, antes de levantar os olhos para mim. —A pulseira que te dei no último Natal. — Seus olhos ficam assustadores e sua voz

treme quando ela continua. —Lembro que o ônibus não chegou. Lembro-me de ter sido levada. — Os olhos dela se enchem de lágrimas. —Por favor, Niko. Por favor acredite em mim.

Meu coração para quando suas palavras me atingem. Meus olhos a absorvem. O sangue escorre do canto da boca e o roxo está começando a se formar acima do olho. Isso faz meu sangue ferver. As cicatrizes na testa e nas bochechas deixam a minha visão vermelha, sabendo que o cara no chão se contorce de dor e está sendo algemado no momento é a causa por trás deles. Eu me forço a olhar além dos ferimentos dela.

Olhos verdes me encaram. Verde brilhante, o mesmo verde que olhei tantas vezes quando criança. Meu peito aperta.

Sobrancelhas arqueadas. Mesmo quando criança, minha mãe costumava dizer que tinha sobrancelhas lindamente arqueadas. Minha respiração fica presa na garganta.

Cabelo castanho. É diferente do que era antes, mais escuro, mas olhando mais de perto, vejo os mesmos destaques dourados naturais. Minha visão fica embaçada e minhas mãos agarram a garota em meus braços com mais força.

Meus olhos se movem para os cabelos pendurados sobre o ombro dela. Quero afastá-lo para o lado, mas estou com medo. Estou com medo de que revele a verdade. Uma verdade que me libertará e uma verdade que me quebrará.

—Niko. — ela sussurra, o som saindo rouco e quebrado.

Eu quero dizer o nome dela. Eu quero respirar e observar os olhos dela enquanto faço isso. Quero gritar para o céu e exigir como Deus pode ser tão cruel.

Isso pode ser verdade? Tudo o que fiz nos últimos quinze anos da minha vida pode se resumir a isso? Estar centrado em torno dessa garota? Uma garota que conheço há algumas semanas? Tê-la ao meu alcance e não perceber quem ela é?

Lágrimas se acumulam nos meus olhos, e não tenho força de vontade para afastá-las.

—A-Aislin? — Eu resmungo.

—Eu lembro, Niko. Eu me lembro —ela diz, os olhos arregalados, como se estivesse tendo dificuldade em acreditar nela mesma.

Meus joelhos ficam fracos demais para me segurar, e a arrasto comigo no chão. Aislin... Eu arrasto Aislin comigo. Minha bunda bate no chão, mas eu garanto que ela não seja atingida pelo impacto. Sento-me com as pernas abertas, os joelhos dobrados, com Aislin de joelhos entre eles. Ela ainda parece incerta.

Minha mão treme, e ela me observa enquanto estendo a mão lentamente. Meus dedos tocam seu cabelo, e é tão macio. Meu olhar trava na orelha esquerda dela, e engulo em seco quando empurro seu cabelo para trás. Sem perguntar, ela inclina a cabeça para o lado, sabendo o que estou procurando. Demoro um minuto para reunir coragem para me inclinar para a frente. Quando faço, cada grama de ar nos meus pulmões sai em uma corrida dolorosa com a marca de nascença que vejo. Meu dedo esfrega suavemente a estrela elevada.

Meus olhos voam de volta para os dela. —Como isso é possível?

Mais lágrimas vazam de seus olhos, e ela diz. —Eu não sei.

Não sou capaz de me segurar por mais tempo, e orando tanto que ela não se afaste de mim, a puxo em meus braços. Seu corpo enrijece um pouco, mas depois relaxa. Eu sei que ela passou por muita coisa, e mesmo sendo Aislin e me conhecendo melhor do que ninguém, sua aversão ao toque não mudou, tenho certeza. Mas não posso *não* a segurar no momento. Eu preciso mais do que preciso da minha próxima respiração. Tê-la aqui, meus braços em volta dela e sentir seu coração bater contra o meu, é mais do que jamais pensei que era possível. Ela estava morta, desapareceu deste mundo, minha luz se apagou para sempre e me deixou no escuro.

Eu enterro meu rosto em seus cabelos e respiro profundamente. Lágrimas caem livremente dos meus olhos e encharcam sua blusa enquanto eu choro cada pedaço de lágrimas que forcei a voltar ao longo dos anos. Ela está aqui. Ela está realmente aqui, porra.

—Você nunca me esqueceu. — ela chora no meu ombro. — Você nunca me esqueceu, Niko.

—Nunca. — rosno bruscamente.

Enquanto as luzes piscam ao nosso redor e as ordens são brandidas de uma pessoa para outra, nós dois nos sentamos no chão nos braços um do outro e deixamos escapar toda a dor que sentimos por tanto tempo.

Ainda é difícil acreditar que Aislin esteja sentada ao meu lado agora. Minha Aislin. A garota que consumiu minha mente por anos. É surreal, mas me sinto tão bem. A cadeira dela está o mais perto possível da minha, e nós apertamos nossas mãos com força. Não tenho planos de soltá-la tão cedo. Mesmo se fizesse, não acho que ela me deixaria. Ela está colada ao meu lado desde que saímos da casa do Sr. Stewart há três horas.

Quando chegamos à delegacia, o capitão queria conversar comigo em particular, mas o olhar de medo de Aislin — ainda é estranho usar esse nome para ela — os olhos me disseram que isso não estava acontecendo. Eu me recuso a colocá-la em algo mais no momento. Disse a ele que conversaríamos mais tarde. Ele deu uma olhada na própria Aislin e cedeu. Os rostos de Capitão e Tavers ainda mantêm a descrença cada vez que olham para Aislin, e não os culpo. Parte de mim ainda está em negação, mas sei que no fundo é verdade. Só não entendo por que não percebi isso antes. Ela parece diferente de 13 anos, mas partes dela são iguais. Eu quero cortar minha própria garganta por não ter visto antes. As muitas cicatrizes marcando seu rosto são o que a escondeu de mim no começo, mas agora, quando a olho, por trás das cicatrizes, a *vejo*. Eu vejo o meu norte.

—Eu realmente gostaria que você fosse ao hospital. — murmuro.

Ela me encara, o pequeno corte no lábio agora limpo. Isso me irrita além da medida toda vez que olho para ela.

—Eu estou bem, Niko. Ele nunca... — Ela respira fundo. —Ele nunca me tocou, exceto pelo único golpe.

Não gosto disso. Eu a quero verificada, mas seguro minha língua por enquanto.

Meu corpo fica tenso quando Tavers e Capitão entram na sala de conferências. O olhar em seus rostos me diz o que eles têm a dizer não será bom. Aislin endurece ao meu lado. Ela percebe também. Quando os olhos de Tavers se movem para ela, eles suavizam com simpatia.

— Há algumas perguntas que quero fazer... Aislin. — O capitão diz o nome dela, hesitante, como se fosse difícil para ele pronunciar. É difícil para mim dizer o nome dela também.

Sua mão aperta a minha, e estou prestes a dizer ao capitão que isso pode esperar, mas sua voz baixa me impede.

—O que você quer saber?

Os olhos do capitão se movem para os meus e olho para Aislin. —Você tem certeza?

Aislin ainda não foi questionada sobre o que ela realmente se lembra. Ela me disse que não se lembra de tudo, mas lembra do sequestro e pedaços de sua vida antes e durante. Não quero aumentar a dor dela, mas *preciso* saber. Eu preciso conhecer todos os detalhes que ela tem para dar sobre tudo o que passou. Vai me matar ouvir, mas não é nada mais do que mereço por não a salvar a tempo, por não a reconhecer a partir do momento em que ela voltou à minha vida.

Ainda não sabemos se Clem Stewart teve Aislin esse tempo todo, e isso está me dando nos nervos por não ter essas respostas. O capitão e Tavers estiveram lá nas últimas duas horas

interrogando-o. A última vez que ouvi, os investigadores da cena do crime ainda estão vasculhando sua casa.

—Apenas fique comigo. Segure minha mão e não solte. — ela diz suavemente.

—Os cães do inferno não poderiam me afastar.

Olho para o capitão e aceno. Ele coloca um bloco de notas em cima da mesa e se senta. Tavers permanece em pé no final da mesa. Olho para ele e vejo olhos duros me encarando. Isso desperta minha própria raiva.

—Você precisa manter a calma Niko — diz Tavers. —O que você está prestes a ouvir será difícil.

Dou-lhe um aceno de cabeça e aperto meus dedos ao redor dos de Aislin.

—Você sabe quem a levou? — O capitão faz sua primeira pergunta e me preparo para a resposta.

—Eu acho que me lembro. — Seus olhos se estreitam em pensamento. —Era o Sr. C, não era?

O Capitão franze a testa, olha para mim e depois para Aislin. —Sr. C? Quem é o Sr. C, Aislin?

Leva apenas uma fração de segundo para reconhecer o nome. Não ouvi há anos, mas sei de cor o arquivo de Aislin. Sr. C. também conhecido como Clay Campbell, nosso maldito motorista de ônibus. Um dos seis suspeitos iniciais que foram liberados quando seu álibi apareceu.

—Como diabos isso é possível? Aquele homem lá é Clem Stewart. — Aponto para a cela de retenção através da parede. —Eu mesmo corri sua licença. — rosno, meu corpo rígido encostado na

mesa. É apenas a mão de Aislin que me mantém enraizado no meu lugar e não correndo atrás do filho da puta.

Os olhos do capitão piscam para mim. —Ele mudou de nome seis meses depois de tomar Aislin. Dois meses depois disso, quando o ano letivo terminou e a mudança de nome completada, ele deixou o emprego.

Eu juro que a fumaça deve estar saindo dos meus ouvidos. É a raiva que sinto no momento. Todo esse tempo, era o nosso motorista de ônibus de infância. Eu penso nas minhas memórias dele. Ele tinha cabelos loiros na época e pesava cerca de quinze quilos a mais do que agora. Ele parece diferente, mas seus olhos... Seus olhos são os mesmos.

—Você se lembra do que aconteceu naquele dia, Aislin? — A pergunta do capitão me puxa de volta ao presente.

Ela estremece ao meu lado. —Eu estava caminhando para a escola porque o ônibus nunca chegou. O Sr. C parou e começou a falar comigo. Lembro-me de pensar que era estranho vê-lo em um carro, e não no ônibus. Ele perguntou se eu queria uma carona para a escola e eu disse que não. Ele saiu do carro, sorrindo, e disse que queria me mostrar uma coisa. Antes que eu soubesse o que havia acontecido, havia uma dor na minha cabeça e depois tudo ficou preto.

Os lábios do capitão estão em uma linha reta enquanto ele escreve tudo o que Aislin diz a ele. Meu próprio corpo vibra de raiva. Não quero nada além de invadir sua cela e bater no homem até que ele pare de respirar. O único soco que desferi na casa dele

não foi suficiente para me satisfazer. Eu quero destruí-lo, rasgá-lo pedaço por pedaço.

—Você se lembra de que cor era o carro?

—Eu acho que era branco.

—Um Honda Civic branco foi encontrado embaixo de uma lona atrás da casa dele. — A declaração silenciosa de Tavers me fez virar a cabeça em sua direção. —Cabelos castanhos foram encontrados no porta-malas. As amostras foram enviadas para a perícia, mas estou bastante confiante de que voltarão como de Aislin.

Eu aceno com a cabeça em reconhecimento.

—Ele já disse alguma coisa para você? Te disse por que ele te levou?

Ela franze a testa novamente, como se estivesse tentando pensar em seu tempo com ele. Eu cerro os dentes porque sei que isso é difícil para ela. Todas as suas cicatrizes... elas vieram dele e do tempo dela lá. Eu gostaria de poder apagar essas memórias, mas ainda precisamos delas agora.

Ela balança a cabeça. —Não. — ela responde com um tremor. —Ele nunca disse o porquê.

O Capitão assente, rabisca no bloco por mais alguns segundos e, em seguida, coloca a caneta na mesa. Ele olha para mim. —Há algo que você precisa ver, mas não tenho certeza se Aislin deveria. Pode ser demais para ela.

—Não. — ela afirma com veemência. — Eu também quero ver. Contanto que tenha Niko comigo, eu ficarei bem.

Me viro para ela e inclino minha cabeça para baixo, para que nossos rostos fiquem a poucos centímetros de distância. A velha

Aislin da minha infância brilha na inclinação teimosa de seu queixo.

—Aislin. — chamo o nome dela gentilmente. —Eu sei que isso não pode ser fácil para você. Tavers vai ficar aqui enquanto eu for.

Ela balança a cabeça antes que fale as palavras. —Preciso saber. Por favor. Eu *preciso* saber por que isso foi feito comigo.

Meus olhos piscam concentrados nos dela, procurando por algum sinal de que isso não é uma boa ideia. Eu sei que não, mas reconheço sua necessidade de entender por que sua vida foi arrancada dela. Ela foi torturada por anos; merece saber a verdade.

— Tudo bem, mas se por um momento for demais, diga-me e a levarei embora. Me prometa.

A respiração que ela puxa é instável, mas assente, aumentando minha crença de que ela é uma das mulheres mais fortes que já conheci.

O capitão nos leva para fora da sala de conferências com Tavers atrás de nós. Nossas mãos ficam interligadas enquanto somos levados a outra sala de conferências menor. Uma pequena TV fica em pé ao lado da mesa, com o controle remoto em cima. Vários livros estão sobre a mesa também. O Capitão gesticula para que nos sentemos em uma posição em que possamos ver a TV e então ele pega o controle remoto.

Os olhos preocupados do capitão se movem para Aislin. —Você tem certeza?

— Sim, capitão Morgan. Por favor, apenas toque.

Dando um aceno firme, ele pressiona um botão e a tela é ligada. É estático no começo, e então a sala de interrogatório

aparece na tela. Meu medidor de raiva vai de quente a fervendi quando vejo o Sr. Stewart na tela com o Capitão sentado à sua frente. Noto Tavers no fundo encostado na parede.

—Por que você levou Aislin, Sr. Stewart? — Capitão pergunta na tela.

O Sr. Stewart levanta a cabeça. —Porque ela é minha! — ele afirma, sua voz dura.

—Por que você acha que ela é sua?

Ele muda de posição. —Ela simplesmente é. Eu a criei, então ela é *minha*. — Ele rosna a palavra minha e, mesmo na tela, vejo o cuspe voando de sua boca.

Franzo a testa, sem entender sua afirmação.

—Como assim, você a criou?

Stewart se inclina sobre a mesa como se estivesse contando um segredo, com as algemas tocando o metal. Sua voz é baixa, mas o que ele diz ecoa pela sala e deixa meu estômago revirar.

—Eu e mamãe a fizemos. Ela é meu bebê. Ela e Aaliyah são minhas, então as peguei. Mamãe as fez ir embora, mas as recuperei. Eu as recuperei e as amei como mamãe sempre me amou. — Ele se recosta na cadeira, uma carranca franzindo as sobrancelhas. — Aaliyah morreu. Ela ficou doente e morreu. Minha Lelu era a mais forte e sabia exatamente como eu queria amá-la. — Sua voz fica dura novamente. —Ela não gostou no começo, mas aprendeu muito rápido o que aconteceria se ela fosse ruim. Meninos e meninas maus são punidos quando não fazem o que seus pais dizem. Ensinei a Lelu como me agradar. Eu a ensinei como...

—Pare! — Aislin grita ao meu lado. —Oh Deus, por favor, pare com isso.

A tela fica preta e me viro para encará-la. Ela fechou os olhos com lágrimas escorrendo pelos cantos. Empurro as duas cadeiras para trás e caio de joelhos na frente dela. Todo o seu corpo está tremendo como a porra de uma folha.

—Aislin.

—Havia outra. — ela me interrompe, abrindo os olhos vermelhos. —H-havia outra g-garota. No quarto p-próximo ao m-meu. Lembro-me dela. E-ela chorava todos os dias, e podia ouvi-la através da parede. — Ela para e agarra minha mão em um aperto doloroso. — Lembro-me do dia em que ela parou de chorar. Lembro-me dele gritando com ela e ouvindo sons esmagadores. Esse foi o dia em que escapei.

—Como? — Pergunto antes que o capitão tenha uma chance.

— Comecei a gritar com ele através da parede para parar de machucá-la. Não sei por quê. Eu nunca ergui minha voz. Nunca falei com ele, a menos que precisasse, mas naquele dia eu falei. Ele entrou no quarto e começou a me bater também. Doeu muito. Eu devo ter desmaiado. Quando retornei, ele tinha ido, e não havia mais gritos. Levantei-me para checá-la, e ela não estava mais. Notei que a porta do meu quarto estava aberta. Acho que ele deixou aberto, e escapei.

Lágrimas escorrem de seus olhos e choro são soluços. Eu a puxo em meus braços. —Shh... está tudo bem, bebê. Está tudo bem agora.

Meus olhos encontram os de Tavers e os do capitão por cima do ombro de Aislin. Eu os deixo saber silenciosamente que ela já teve o suficiente. Pego sua forma trêmula, a carrego da sala e a levo para a mesma sala onde dormi em minha compulsão várias semanas atrás.

Ela não diz nada enquanto deito nós dois no pequeno colchão. Ela está exausta — nós dois estamos — mas sei que ainda não podemos ir para casa. Precisamos passar por mais coisas, mas me recuso a fazê-la passar por mais agora.

Ela enrola seu corpo contra o meu, seus soluços cessam, mas sua respiração ainda está ofegante. O som parte meu coração. Minhas mãos esfregam suas costas suavemente. Quando acho que ela está dormindo, olho para sua forma imóvel, apenas para encontrar seus lindos olhos verdes me encarando.

—Eu tentei tanto não te esquecer. — ela sussurra, rouca. — Mas quanto mais tempo eu estava lá, mais você se afastava. As coisas que ele fez... não — ela interrompe meu protesto. —Eu preciso que você saiba. As coisas que ele fez comigo me machucaram, machucaram muito, mas não tanto quanto saber que eu estava esquecendo algo tão importante.

—Oh, Aislin. Sinto muito não ter encontrado você. —Seu dedo toca meus lábios, me silenciando.

—Não, Niko. — Ela balança a cabeça, mais lágrimas escorrendo pelo rosto. —Sabia que você estava me procurando. Eu sabia que você faria qualquer coisa para me encontrar, mas depois de um tempo, sua memória começou a desaparecer. Talvez fosse a maneira do meu corpo me proteger, tirando a única coisa que a

tornaria mais insuportável, sabendo que você estava lá fora olhando. Talvez fosse a maneira de Deus me tornar mais forte, me fazendo lutar por conta própria, para que não tivesse falsas esperanças se houvesse uma chance de que isso terminasse... de maneira diferente.

Suas palavras me rasgam. Terminar de forma diferente significa terminar com ela morta. Durante meses, foi o que pensei, que ela estava morta e, antes disso, não fazia ideia do que havia acontecido com ela. Havia infinitas possibilidades, e pensei em todas elas, mas nunca me passou pela cabeça que o homem gentil do nosso ônibus estivesse na raiz de tudo. O homem que vimos todos os dias durante anos, aquele que nos deu doces pela manhã, aquele que sorriu e nos desejou um bom dia, e aquele que nos deu cartões em nossos aniversários. Mesmo quando o nome dele apareceu na lista de suspeitos, nunca, nem uma vez, acreditei que fosse ele. Eu era um idiota e deveria saber melhor. Mais de três quartos dos sequestros são de familiares ou conhecidos da família ou da criança. Eu sou detetive; Porra, sei as estatísticas. Isso é o que mais me incomoda. Tínhamos o cara em nossas garras e ele escapou.

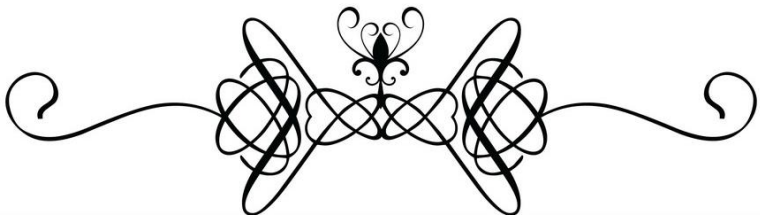
—Você está aqui agora e está segura — digo através de uma garganta apertada. —E juro, Aislin, ninguém nunca mais tocará em você.

—Eu acredito em você.

Suas palavras significam o mundo para mim. Ela não tem motivos para confiar em mim, não tem motivos para acreditar em uma palavra que digo, mas ela faz. Os olhos dela me dizem isso.

Eu observo seus olhos enquanto passo minha mão ao longo de sua bochecha. Eu vejo vulnerabilidade e medo do meu toque nos olhos dela, mas ela não se afasta. Em vez disso, ela fecha os olhos e se apoia na minha mão. Afasto os cabelos do rosto dela, meu olhar observando suas cicatrizes. Afasto a raiva sempre presente causada por vê-los. As pontas dos meus dedos encontram a marca de nascença levantada abaixo da orelha dela, e fecho os olhos. Mantenho meus dedos lá, esfregando levemente meu polegar sobre sua bochecha úmida.

—Meu Norte. — eu sussurro.



Não sei quanto tempo passa, mas algum tempo depois, sinto outra presença na sala. Olho para Aislin e a encontro dormindo. Levanto meu olhar para a porta e vejo Tavers parado lá.

Eu beijo a cabeça de Aislin antes de levantá-la cuidadosamente e puxar meu braço livre. Não quero deixá-la, mas preciso falar com Tavers. Dou uma última olhada nela antes de deixá-la dormindo na cama. Paro do lado de fora da porta, fechando-a até a metade para que Tavers e eu não a acordemos.

—Encontramos diários — diz ele, com o queixo duro. —Anos de trabalho. Tem alguma merda aí, Niko. E isso praticamente nos mostra uma imagem de tudo o que aconteceu.

Enfio meus punhos cerrados nos bolsos. —Diga-me. — exijo.

Ele leva um minuto, seus olhos se movendo para a porta parcialmente fechada e depois olhando para mim.

—Os diários começam há 26 anos. — Ele para e me olha de perto.

—Apenas me diga, Tavers. — rosno.

Ele balança a cabeça rigidamente.

—Eles começam com ele contando uma história sobre sua mãe o molestando. Todos os dias, durante seis meses, há uma entrada. Eles são gráficos, fornecendo detalhes minuto a minuto. Há um intervalo de três meses entre as próximas entradas. Quando eles começam de novo, é sobre a mãe dele estar grávida. Ele estava empolgado e mal podia esperar para ser pai. O abuso continua, mas sete meses depois, em 22 de julho de 1989, as inscrições param novamente por um mês.

Porra! Esse é o dia seguinte ao aniversário de Aislin. Um sentimento de mal-estar agita meu estômago.

Ele respira fundo e olha para os sapatos. Quando ele olha para cima novamente, seus olhos estão mais frios do que já os vi.

—Quando recomeçam, ele está com raiva. Irritado com a mãe por levar seus bebês. Ele entra em detalhes sobre o que quer fazer com eles. Suas perversões doentias, as mesmas coisas que a mãe fez com ele. — Empurro a bile que sobe na minha garganta. Pela expressão de Tavers, parece que ele está fazendo a mesma coisa.

—Espera. Você disse bebês? O olhar dele me diz o que preciso saber. —Filho da puta— eu murmuro. —Gêmeos do caralho?

Ele assente e continua. —Quando ele procurava a certidão de nascimento, foi assim que descobriu que ela tinha gêmeos. O nome

da mãe estava no certificado, mas nenhum pai foi listado. Ele fala sobre procurá-los. Os detalhes do abuso da mãe ainda estão lá, mas o foco de cada entrada é sobre sua obsessão em encontrar seus bebês.

—Ela não podia colocar o nome do pai porque isso a implicaria em estuprar seu filho.

Tavers assente e continua. —Ele ficou furioso com a mãe por esconder esse segredo dele, por esconder os dois bebês dele. Ele procurou por eles por dois anos, quando percebeu que não podia encontrá-los por conta própria. Ele passou a torturar a mãe por respostas. A mãe vendeu um dos gêmeos por dinheiro, e a irmã, Natalie, roubou o outro e se afastou. Ele fala sobre encontrar sua irmã e como ele ficou com raiva quando ela o afastou. Sem o conhecimento de Natalie, ele visitava a menina com frequência. Mais uma vez, havia detalhes de como ele a abusou e ameaçou a garota para não dizer nada. Quando ela tinha dez anos, ele a levou. Ele havia planejado esperar até os quatorze anos, a mesma idade que ele tinha quando a mãe teve os gêmeos, ele mencionou ser poético, mas mudou seus planos quando descobriu que sua irmã estava deixando o país com a garota. Foi no verão de 96, quando ele encontrou Aislin.

Eu tiro minhas mãos dos bolsos e me afasto de Tavers. Apoiando minhas mãos no batente da porta, penduro minha cabeça, meu peito subindo e descendo. Um ano depois que ela se mudou para a casa ao lado. Penso naquela época e lembro que o ano letivo seguinte foi quando o Sr. C começou a dirigir meu ônibus. Merda.

Giro de volta para Tavers.

—Se ele estava esperando uma idade específica para levar a irmã, ele também esperaria para levar Aislin. Por que pegá-la cedo?

—Isso é da entrevista dele que você não viu, mas é tão simples quanto ele a encontrar sozinha. Suas... necessidades doentes o superaram, e ele agiu. Ele tinha um compromisso naquele dia em que chegou. Ele estava a caminho quando a viu caminhando para a escola. Ele a nocauteou, colocou-a no porta-malas e chegou à hora marcada.

Eu cerro os dentes. —Ele teve uma grande chance de ela acordar e alertar as pessoas.

—Eu concordo, mas acho que em sua mente fodida, ele estava disposto a arriscar ou nem sequer pensou nessa possibilidade. Ele a teve em vista por anos e sabia que o dia estava se aproximando, então acho que ele meio que estalou.

—Qual é o nome da irmã?

—Aaliyah.

—Então Aislin foi vendida e tinha uma irmã gêmea. — afirmo.

—Sim. Aislin foi vendida dois dias depois que ela nasceu. Natalie roubou Aaliyah duas semanas depois que ela voltou para casa do hospital com a mãe. Ela tinha uma marca de nascença como Aislin. É por isso que todos pensamos que o corpo da floresta, juntamente com o DNA correspondente de gêmeos, fosse Aislin. No diário, Stewart fala sobre ele ter a mesma marca de nascença na omoplata. Foi assim que ele confirmou que Aaliyah era dele e, uma vez que viu Aislin, ele sabia que ela era gêmea, porque

eram idênticas. Estamos executando uma análise de DNA para confirmar.

Ele faz uma pausa por um momento e depois abaixa a voz. — Tem mais.

—O quê? — Eu latido.

—Dois corpos foram encontrados enterrados atrás da casa dele. Eles estão lá há anos, mas achamos que são a irmã e a mãe. Depois que ele pegou as duas garotas, ele nunca mais as mencionou.

Eu tomo um momento e respiro fundo. Raiva mal contida percorre meu sistema, e é preciso tudo em mim para não encontrar o filho da puta distorcido e mutilá-lo. Quando estou razoavelmente no controle, olho para Tavers.

—Como diabos tudo isso é possível? Como diabos perdemos tanto quando ele estava bem debaixo do nosso nariz todos esses anos? —Pergunto calorosamente.

—Você sabe que as autoridades nunca pensaram que ela foi sequestrada, Niko. Para eles, não havia razão para procurá-la. Aaliyah nunca foi reportada como desaparecida. Os quartos em que estavam presas não estavam em nenhuma planta. Levou anos para modificar o porão e construir os aposentos em que eram mantidas; Meu palpite é que as pessoas não ficariam desconfiadas se ele fosse interrogado ou suspeito. Ele foi cuidadoso e passou anos planejando. Não se culpe por isso. Não havia como você saber. Você era criança quando ela foi levada e, quando conseguiu procurar pistas, já havia passado muito tempo.

Eu tomo suas palavras, mas não acredito nelas. Não quando as respostas estavam bem na nossa frente. Eu sempre me culpo por não a encontrar. Quando criança, não havia muito que pudesse fazer, mas, quando me tornei adulto e comecei a trabalhar para a força, fui treinado para casos como esses. Não foi o suficiente, não fui o suficiente, e isso ficará comigo para sempre.

Viro as costas para ele e encaro a porta. Através do quarto escuro, vejo Aislin deitada de lado, de frente para mim. Tanta dor, tanto tempo perdido e mágoa, tudo de um homem com um senso de propriedade doentio e pensamentos depravados de amor.

—Um dos últimos diários afirma que ele sabia quem você era o tempo todo. Quando pegamos o caso da sobrinha desaparecida, ele sabia que você era o melhor amigo de infância dela e achou engraçado que você seria a pessoa que a trouxera de volta para ele. Ele também foi quem atirou no seu quintal naquela noite. Ele sabia que Aislin estava invadindo a casa ao lado e foi agarrá-la. Ela correu e foi quando ele deu um tiro.

—Jesus porra Cristo — rosno, minha mão coçando para atingir algo sólido. —Ele estava brincando conosco o tempo todo.

A mandíbula de Tavers se aperta quando ele assente. — Também encontramos um canil em sua garagem e fita adesiva e corda no porta-malas de seu carro.

—Foda. Ele estava se preparando para movê-la. — A cor desaparece do meu rosto, sabendo que eu estava tão perto de perdê-la para sempre. Se ele a tivesse movido, as chances de encontrá-la novamente, ou encontrá-la viva, eram quase inexistentes.

—É assim que parece. — Ele dá um passo ao meu lado e espia dentro da sala. —Há algo mais que você deveria saber — diz ele calmamente. Não olho para ele, mas, em vez disso, olho para Aislin. *Quanto pior pode ficar?* Levanto minha cabeça para ele continuar. —Ele fala sobre ela estar grávida. Ele menciona apenas uma vez, depois nada mais, mas menciona estar animado por ela ter seu bebê.

Meus joelhos ficam fracos e agarro o batente da porta para me impedir de cair. O gemido que sai dos meus lábios soa como um animal ferido. Tento tanto respirar, mas dói demais.

Ele coloca a mão no meu ombro. —Leve-a para casa, Niko. Não há mais nada que possamos fazer hoje à noite. Avisarei o Capitão que você voltará amanhã. Vamos trabalhar para encontrar respostas então.

Meu coração está pesado e meu estômago está com um nó quando entro na sala. Eu fico de pé ao lado de Aislin por alguns momentos, apenas olhando para ela, ainda tendo dificuldade em acreditar que ela está deitada aqui diante de mim.

Vários minutos se passam e ela começa a choramingar enquanto dorme. Caio de joelhos ao lado da cama e coloco a palma da mão na bochecha dela. Sua primeira reação é um empurrão, e seus olhos se abrem. Alarme brilha em seus olhos antes que ela perceba que sou eu, e então eles suavizam. Me agrada muito que lhe dê conforto. A maioria das mulheres que passaram pelo que ela passou ainda tem medo de qualquer homem, mesmo que o conhecesse desde a infância. Mas acredito que, desde o primeiro dia no hospital, ela sabia no fundo que podia confiar em mim. Foi por

isso que ela finalmente me deixou entrar. Foi também por isso que senti uma conexão com ela. Sei disso agora.

—Ei. — ela diz sonolenta.

—Você quer ir para casa? — pergunto, acariciando meu polegar ao longo de sua bochecha.

Ela boceja, e é tão fofo que faz meu peito doer. —Sim.

Levanto e estendo minha mão. Ela a agarra e, juntos, de mãos dadas, saímos da sala. Dou um aceno para Captão e Tavers do outro lado da sala, enquanto caminhamos em direção à saída. Estamos apenas passando pela meia porta que separa o saguão de trás do balcão quando há uma comoção no outro lado da sala.

—Lelu!

Aislin endurece ao meu lado, e a puxo para mais perto de mim. Eu me viro para encarar o homem algemado que está lutando entre dois policiais. Meus olhos se estreitam. O filho da puta tem os olhos de Aislin, embora eles pareçam loucos agora. Não sei por que não vi isso antes.

É preciso cada grama de força no meu corpo para não ir atrás dele. O olhar em seus olhos quando olha para Aislin quase me faz vomitar.

—Lelu! Diga a eles que você é minha! Diga a eles, Lelu! — ele grita.

Meus olhos se movem para Tavers, e ele dá um breve aceno antes de ir para o outro lado da sala. Ele está na frente do Sr. Stewart, bloqueando sua visão de Aislin e eu.

Com o braço em volta dos ombros dela, me viro. —Vamos. — digo, incapaz de manter a raiva fora da minha voz.

—Lelu. — ele grita quando a conduzo para a porta na escuridão da noite.

CAPITULO 30

Niko

Faz uma semana que a verdade veio à tona e recuperei minha Aislin. Embora tenham sido os sete dias mais dolorosos e tensos da minha vida, também foram os melhores. Ter Doe nas últimas semanas tinha sido maravilhoso, mesmo que tenha admitido recentemente para mim mesmo. Saber que Doe é Aislin, o que significa ter as duas, está além de qualquer coisa que poderia imaginar.

Tem sido difícil para nós dois. Observá-la reviver suas memórias repetidas vezes e ouvi-la recontar as partes que ela lembra e lutar com as partes que não lembra é uma das coisas mais difíceis que já tive que fazer. Mas minha dor não é nada comparada à dela. Ela foi protegida daqueles anos horríveis com o Sr. Stewart por sua perda de memória. Agora que estão voltando, é quase como se ela as estivesse vivendo novamente. Se pudesse levá-las embora, mesmo que as carregasse em mim, faria sem hesitação. Eu faria qualquer coisa para tirar a dor dela.

Estamos na cama agora, e ela está dormindo profundamente nos meus braços. Olho para o teto enquanto penso na manhã depois que tudo aconteceu. Aislin e eu voltamos para minha casa. Não querendo que ela desaparecesse, estava preocupado que ela quisesse ir para a casa ao lado, então foi uma surpresa quando pediu para ficar aqui...

Betsy nos cumprimenta no momento em que entramos pela porta. Doe se curva e joga os braços em volta do canino, enterrando o rosto nos pelos do pescoço. Ela murmura baixinho, tão baixo que não consigo entender o que ela diz. Quando ela levanta a cabeça do pescoço do cachorro e olha para mim, lágrimas estão nadando em seus olhos. Uma dor feroz perfura meu peito.

Eu estendo minha mão para ela. —Vamos lá — resmungo além da dor. —Você precisa dormir um pouco.

Ela pega minha mão e eu a puxo para seus pés. Quando começo à conduzir para a porta dos fundos, ela me puxa para uma parada pela minha mão.

—Você acha que ficaria tudo bem se eu ficasse aqui hoje à noite? — Ela pergunta timidamente.

Meus dedos apertam os dela com sua pergunta incerta. A razão pela qual a mudei para a porta ao lado foi porque não queria assustá-la com meus pesadelos. Embora não tenha certeza, tenho a sensação de que não vou mais tê-los. Mesmo assim, quero lembrá-la do risco.

—E se eu acordar você tendo um pesadelo?

Ela balança a cabeça. —Eu não ligo. Não estou pronta para ficar longe de você.

Eu aceno porque é tudo que posso fazer. Suas palavras deixam minha garganta apertada.

Tê-la em meus braços enquanto dormimos, sabendo que vou acordar com o cheiro dela ao meu redor, é algo que não percebi que queria desesperadamente até agora.

—Ok.

Seu sorriso aliviado tem meus próprios lábios se levantando. Eu nos afasto da porta dos fundos e caminhamos pelo corredor até o meu quarto. Ligo o interruptor, e ela para na porta para olhar em volta. Ela não vem neste quarto desde a primeira noite e estava escuro. Eu assisto enquanto ela entra na habitação. Seus olhos disparam da enorme cama king-size, para as pequenas mesas de cada lado, para a janela da sacada que ainda carrega os travesseiros que mamãe fez anos atrás, para a cômoda e a pequena escrivaninha ao lado. Quando seus olhos pousam na cama, vejo sua garganta tremer quando ela engole.

Eu me movo, então estou de pé na frente dela e seguro sua mão na minha.

—Eu posso dormir no quarto de hóspedes — a informo em voz baixa.

Ela morde o lábio inferior por um momento antes de responder. —Não. Quero que nós dois durmamos aqui. Ela aponta os olhos para a cama.

—Se é o que você quer.

Depois que me dá um pequeno aceno, solto a mão dela e vou para a minha cômoda. Pego dois pares de calças de moletom, uma camisa de mangas compridas e um decote em V para mim. Entrego um par de moletom para ela e a manga longa.

—Vá se vestir. Estarei aqui quando você terminar.

Quando a porta do banheiro se fecha, vou para o banheiro do corredor e me troco, deixando as roupas sujas no chão. Estou puxando as cobertas da cama quando a porta se abre. Eu me viro para encará-la. Ela parece tão pequena e incerta ali de pé com

minhas roupas enormes. Mas tenho que admitir que adoro vê-la nelas. Aquece algo dentro de mim.

Estendo minha mão. —Venha aqui, Norte.

Ela respira com o uso do apelido, mas depois de um momento, ela dá um passo à frente. Ela rasteja na cama para o meio, e eu sigo. Assim que estou acomodado, ela se aproxima de mim. Meu braço envolve sua cintura e sua cabeça repousa no meu peito com a mão enfiada sob a bochecha. Seu corpo não está tão perto do meu como eu gostaria, mas ela também não está mantendo muita distância entre nós. Se dependesse de mim, não haveria uma polegada de espaço livre entre nós, mas não quero fazer nada com que ela não se sinta confortável. Eu deixei que ela se acomodasse o mais perto que ela quisesse.

—Durma, Aislin — murmuro contra o topo de sua cabeça.

—Boa noite, Niko — ela diz sonolenta.

Todas as noites desde então, ela dormia na minha cama, e não tenho certeza se poderia ter sido de outra maneira. Para ser honesto, sempre que ela não está na mesma sala que eu, o pânico aperta meu peito, com medo de que tudo tenha sido um sonho e ela não está realmente aqui. Eu disse ao capitão que tiraria uma folga e ele concordou sem hesitar, mas sei que terei que voltar eventualmente. Já não estou ansioso por isso e sei que será difícil para nós dois. Liguei para Tavers e pedi que ele perguntasse a Mindy se ela não se importaria de aparecer nos primeiros dias para manter sua companhia. Ela disse que tinha planos antes mesmo de eu perguntar. Deus, eu amo essa mulher.

Alguns dias depois que tudo aconteceu, Aislin perguntou sobre sua mãe. Mesmo que não pudesse suportar a puta pelo que ela colocou Aislin quando criança, ainda entendo por que Aislin queria encontrá-la. Ela é mãe dela, e uma criança nunca esquece isso. Eu fiz Tavers procurar, mas aparentemente a mulher não quer ser encontrada porque ele não teve sorte. Quando contei a notícia a Aislin, esperava que ela estivesse triste, mas ela não estava. Não havia emoção nela.

Olho para baixo quando Aislin choraminga e suas pernas se movem contra as minhas sem descanso. Do luar filtrando pela janela, vejo a carranca em seu rosto. As respirações dela vêm em arquejos, e os lábios dela se fecham. Esta não é a primeira vez que ela teve um pesadelo na semana passada, e cada vez faz meu coração parecer como se estivesse sendo esfaqueado repetidamente com uma faca cega.

Coloquei minha mão em sua bochecha e inclinei seu rosto. — Aislin, bebê, está tudo bem. Eu estou com você.

Ela choraminga novamente, então seus olhos se abrem e imediatamente encontram os meus, exatamente como queria que eles fizessem. Queria que ela me visse assim que acordasse, não as sombras escuras que assolam seus sonhos.

Lágrimas enchem seus olhos e escorrem por suas bochechas, e me pergunto quanta dor um coração pode aguentar.

—Diga-me. — digo e enxugo as lágrimas. Toda noite que ela tem um pesadelo, peço que me conte sobre eles, esperando que, quando o fizer, ajude a exorcizá-los de sua mente.

Ela enterra o rosto no meu peito e seu corpo se agita com o choro pesado. Meus próprios olhos coçavam por querer chorar, mas estou determinado a ser forte por ela. Dou-lhe um momento, não querendo empurrar, mas querendo desesperadamente ajudá-la. Eventualmente, ela levanta a cabeça e me devolve seus lindos olhos cheios de dor.

—Eu tive um b-bebê — ela soluça. Fecho os olhos e respiro fundo antes de abri-los novamente. Seus olhos estão nos meus, mas ela não está mais me vendo. —Era um menino. Ele morreu porque nasceu muito cedo. Eu tive um bebê, Niko. —Seus olhos se voltam para mim, mais uma vez as lágrimas escorrendo por suas bochechas. —E nunca consegui segurá-lo. Eu nunca consegui vê-lo.

—Oh, Aislin, sinto muito.

Me sento na cama e a levanto comigo. Encosto minhas costas na cabeceira da cama, abro minhas pernas e a puxo para meus braços. Seus braços vão ao redor do meu pescoço, e ela quase aperta meu fôlego. Eu não ligo. Ela pode me segurar tão forte quanto precisa. Eu quero que ela tenha conforto de mim. Eu *preciso* dela também.

Esfrego suavemente minha mão nas costas dela e a deixo chorar por seu bebê que nunca teve a chance de conhecer. As circunstâncias de sua concepção podem ter sido horríveis, mas é óbvio que isso não importava para ela. Ela amava a criança apesar disso, o que a torna ainda mais maravilhosa aos meus olhos, porque nem todas as mães o fariam.

—Ele tirou tanto de mim. — diz ela com um soluço, seu choro se acalmando. —Como uma pessoa, *um pai*, pode fazer isso com sua própria filha?

—Eu não sei. Não há como dizer o que passa pela mente de uma pessoa como ele. Tudo o que sei é que vamos superar isso juntos.

Ela levanta a cabeça e me olha através dos olhos lacrimejantes. —Obrigada por me encontrar e por não desistir.

Eu encosto minha testa na dela, superado pela emoção, e estou feliz que ela não vacila ou tenta se afastar. —Não me agradeça. Nunca me agradeça. Por um longo tempo, pensei que falhei com você, que não a encontrei quando sempre prometi que o faria. Você era minha Estrela do Norte, meu farol, e ainda é. E juro, Aislin, que nunca mais vou te perder.

O sorriso que ela me dá toca lugares dentro de mim que eu pensei que estavam mortos há muito tempo. Eles estavam apenas dormentes, esperando seu retorno.

Eu nos movo de volta para a cama e nos deitamos novamente. Ela se coloca de volta contra mim. A luz da lua brilha na pulseira de plástico prateado em seu pulso enquanto as pontas dos dedos tocam a que ainda estava ao redor da minha. A dela está em muito melhor forma do que a minha.

—Tirei a minha naquela manhã quando entrei no chuveiro e esqueci de colocá-la novamente antes de sair para o ônibus. — ela diz suavemente, passando o dedo sobre a palavra *Melhor*. —Quando ele me levou, esse foi um dos meus maiores arrependimentos; não ter essa pulseira comigo.

Meu intestino torce, e tenho que limpar minha garganta antes de falar.

—Você tem agora.

—Eu tenho. — Sua cabeça acena contra o meu peito. —Eu não posso acreditar que você manteve a sua esse tempo todo. — diz ela com reverência.

—Eu tive que mudar o fio algumas vezes porque cresci, mas fora isso, nada poderia me fazer tirá-lo.

Eu levanto minha mão, e a dela cai da pulseira. Torcendo meu pulso, entrelaço nossos dedos.

—Você vai me levar para a casa da árvore amanhã?

Eu sorrio na escuridão. —Se você quiser.

—Eu gostaria.

Ficamos quietos por um tempo, e então uma pergunta surge na minha cabeça. É algo em que pensei muito, pois é a razão pela qual fui visitá-la naquele primeiro dia no hospital. Já perguntei a ela antes, mas quero perguntar novamente.

—Você se lembra por que foi a sua casa que você veio quando escapou pela primeira vez?

Seus dedos entrelaçados nos meus se apertam por um breve segundo antes de se soltarem novamente.

—Eu não sei. — ela responde em voz baixa. —Eu estava andando pelas ruas, assustada, sem ter para onde ir. Nada ao meu redor parecia familiar. Quando cheguei à nossa rua, eu continuaria em frente, mas algo me fez recusar. Quanto mais andava, mais segura me sentia. Quando vi a casa, as janelas estavam escuras e deveriam ter me assustado ao pensar em entrar, mas fez o

contrário. Parecia o meu porto seguro. Quando entrei no porão e entrei na casa, senti mais conforto do que jamais me lembrava de ter. Parecia que pertencia ali.

Meus dedos acariciam os longos fios de seu cabelo. —Isso é porque você pertence.

Ela olha para mim. —Você acha que Deus estava me levando de volta para você? De volta para onde ele sabia que estaria segura?

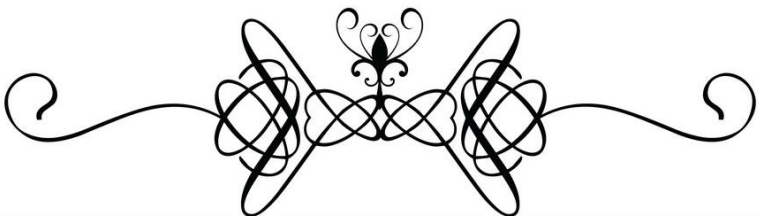
Antes que possa me parar, eu me inclino e beijo sua testa. — Eu acho.

—Estou feliz. — ela sussurra.

—Eu também.

Ficou quieto novamente depois disso, nós dois em nossos próprios pensamentos. Depois de um tempo, ela respira uniformemente enquanto adormece. Estou bem acordado e sei que ficarei por um tempo. Eu quero ter certeza de que ela não acorde com mais pesadelos.

Enquanto estou deitado, cercado pelo calor e pelo conhecimento de que ela está aqui comigo, envio um agradecimento silencioso aos céus por trazê-la de volta para mim, e um voto para sempre mantê-la assim.



Eu tenho Aislin aninhada ao meu lado, esfregando suas costas suavemente. A tristeza pela pequena vida que ela nunca conheceu a

faz soluçar baixinho no meu peito. Eu cerro os dentes para manter minhas próprias emoções sob controle. Meus olhos se voltam para a pequena lápide em que estamos diante.

Oliver Mathers

Data de Nascimento Desconhecida

Data de falecimento desconhecido

Há um pequeno anjo gravado sob as palavras.

Aislin se foi por tanto tempo e não tinha como acompanhar as datas, então ela não sabia quando seu bebê nasceu. Ela disse que pareceu muitos anos, mas não há como ter certeza. Decidimos deixar em branco em vez de colocar uma data adivinhada.

Somos apenas nós dois. Ela não queria um funeral de verdade com outras pessoas presentes e um padre. Ela disse que só queria colocar o bebê para descansar em silêncio; que ela precisava abandonar o passado e tentar seguir em frente. O terapeuta que ela está vendo há três semanas também achou uma boa ideia.

O que torna mais difícil é que os médicos lhe disseram que ela provavelmente não pode ter mais filhos devido as cicatrizes causadas pelo abuso que sofreu. O filho da puta distorcido não só tirou sua infância e inocência, mas também tirou sua única chance de ter um bebê.

Meus olhos se movem para a lápide ao lado dela. É a irmã gêmea dela, Aaliyah. Mudamos a lápide no mesmo dia em que a do bebê de Aislin foi colocada. Pareceu certo reuni-los, pois ambos nasceram do mesmo sofrimento. Dá a Aislin o conforto de estarem juntos agora.

Dou-lhe mais alguns minutos antes de inclinar seu rosto para o meu.

—Está pronta?

Ela funga e me dá um aceno de cabeça antes de voltar para as lápides. Ela deixa meus braços e caminha para ficar entre eles, descansando a mão em ambos.

—Eu amo vocês dois. — ela murmura chorosa.

Depois de mais um minuto, ela enxuga as lágrimas e volta para mim. Ela entrelaça os dedos nos meus.

—Vamos para casa.

Suas palavras enchem meu coração dolorido. Esta mulher foi o meu começo, e ela será o meu fim. Através de toda a dor e mágoa, os anos de separação e anos de busca, ela está de volta aonde pertence e aonde ficará. Nossas vidas ficaram escuras por tanto tempo; é hora de começar a viver na luz.

EPÍLOGO

Niko

Quatro meses depois...

Areia macia penetra entre os dedos dos meus pés enquanto caminho pela a praia tranquila. As ondas batem suavemente contra a costa. Quando chego à beira, continuo até o oceano alcançar meus pés e encharcar a bainha das calças. O sol quente da manhã bate nos ombros da minha camisa branca e sorrio quando ouço as gaivotas no alto. Aislin vai amá-los.

Reece se junta a mim ao meu lado e sorri para mim. —Você está pronto, irmão?

Eu sorrio para ele. —Você precisa perguntar?

—Não. Esse sorriso estúpido no seu rosto é mais do que óbvio.

—Cala a boca.

Ele se aproxima e me puxa para um abraço rápido. — Feliz por você. Esperava e orava por esse resultado, mas com o passar dos anos, essa chance diminuiu. Se algum de nós merece esse final, é você.

—Sim. — respondo quando o ministro chega ao meu lado.

—Está pronto?

—Mais do que nunca. — murmuro, movendo meus olhos para o pano branco rolado para a areia.

Um guitarrista começa tocando suavemente — Canon in D — enquanto meus pais caminham pelo corredor de braços dados. Os

dois sorriem para mim — mamãe com lágrimas óbvias nos olhos — enquanto se aproximam de mim.

—Estou orgulhoso de você, filho. — diz papai enquanto me puxa para um abraço.

—Não sei o que faria se você não pudesse estar aqui. — murmuro de volta antes de me afastar. Papai me dá um olhar conhecedor enquanto mamãe me puxa para seus braços. Aquele ataque cardíaco o assustou no início deste ano e ele está cuidando muito melhor de si mesmo. Desacelerando e aproveitando a aposentadoria do jeito que deveria.

—Oh, querido, estou tão feliz por você. — minha mãe chora baixinho no meu ouvido enquanto me abraça. — Eu sabia que havia algo especial nela na primeira vez que vocês vieram aqui. Eu amo muito vocês dois.

—Mãe. — respondo com voz rouca, tentando manter minhas emoções sob controle. —Eu também te amo.

Com um último aperto no meu bíceps, mamãe pega a mão de papai e eles se movem para ficar à nossa frente, no lado esquerdo do altar.

Em seguida Tori e Michael, caminham, que convenientemente deixaram seus filhos com uma babá no hotel. Eles ocupam seus lugares do outro lado do tapete, em frente a mamãe e papai, começando a se fechar em nosso círculo.

Mindy segue, segurando uma Shelly tagarela, e fica ao lado de minha irmã.

O guitarrista toca mais alto quando minha linda noiva chega ao início do corredor, de braços dados com meu melhor amigo e

parceiro, Tavers. Depois de todo o tempo que ele passou a me ajudar a procurá-la sem parar, parecia adequado que ele a acompanhasse ao altar até mim.

Aislin está absolutamente deslumbrante, e não consigo segurar as emoções ao vê-la pela primeira vez.

Seu cabelo castanho cresceu ainda mais desde que a recuperei, os reflexos em ouro natural se destacando mais pelo brilho saudável. Minha irmã arrumou o cabelo em grandes cachos. Puxados para baixo do alto da cabeça, eles caem em cascata pelas costas e por cima dos ombros. Uma simples coroa de flores brancas é tecida nas gavinhas.

O estilo de seu vestido é tão simples quanto a coroa. Um corpete branco e sem alças, que se ajusta às curvas e se espalha nos quadris, com uma saia esvoaçante, mais curta na frente e que segue ao chão nas costas. Seus pés estão descalços - como os meus - enquanto ela caminha pela areia no final do corredor. Um simples buquê de lírios cerrados em seu punho.

Seus olhos se fixam nos meus enquanto ela praticamente arrasta Tavers pelo corredor para mim, e solto uma risada quando ela se aproxima do fim. Dou um passo à frente para encontrá-la e puxo Tavers para um abraço rápido antes de pegar sua mão na minha. —Obrigado por tudo, cara.

—Foi um caminho difícil. — diz ele com voz rouca. —Valeu cada maldito segundo.

Antes de se juntar à esposa, ele se inclina e beija Aislin na bochecha. —Parabéns, querida.

—Obrigada, Tavers. — ela responde timidamente.

Aislin fez grandes progressos em sua recuperação, mas ela ainda tem algumas coisas para trabalhar. A timidez é uma das maiores. Ela até começou a superar sua aversão ao toque de alguém que não seja eu. Ela abraça minha família, mesmo que seja rápido, e ficou confortável com apertos de mãos. Eu não poderia estar mais orgulhoso dela, especialmente conhecendo os demônios que ela teve que superar.

Mas hoje não é um dia para deixar que a maldade se infiltre. Hoje é o dia em que faço de Aislin minha esposa. Há duas semanas, pedi que ela se casasse comigo e, sem hesitar, ela disse que sim.

Com a mão na minha, conduzo minha noiva para frente até que seus pés pisem nas ondas frias e suaves. A parte de baixo do vestido flutua atrás dela e quase faz parecer que ela está andando sobre a água. Seu sorriso é contagiante quando me olha com tanta felicidade que irradia dela.

—Hoje é o dia em que esses dois se tornam marido e mulher. Cercados apenas pela família e amigos mais próximos, esses dois pediram a todos que testemunhassem sua união. Se você estiver disposto a amá-los e apoiá-los em seu vínculo, responda: 'Estou'.

As pessoas que escolhemos se juntar a nós hoje respondem, incluindo meu irmão nas minhas costas.

—Aislin Mathers, você aceita Niko James como seu marido? Para amar e cuidar, na doença e na saúde, de agora até o seu último suspiro?

Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas enquanto olha nos meus e me dá as palavras que me unem novamente de todo o tormento que sofremos. —Aceito.

—E Niko James, você aceita Aislin Mathers como sua esposa? Para amar e cuidar, na doença e na saúde, de agora até o seu último suspiro?

Aperto as duas mãos. —Aceito.

—É hora dos anéis.

Reece enfia a mão no bolso e estende os anéis, meu e de Aislin, para nós pegarmos.

—Aislin, você primeiro. — o ministro instrui.

Ela segura minha mão esquerda e cuidadosamente desliza a faixa de prata lisa no meu dedo. —Niko, tome este anel como um sinal de que eu sempre vou encontrar o caminho de volta para você. — Sua voz falha na última palavra, fazendo com que a minha falhe quando meu coração pula na garganta.

—Deus, eu amo você. — Aperto seus dedos e beijo as costas da mão. Nossos espectadores riem.

Eu aperto a mão esquerda e deslizo a faixa de prata com um *verdadeiro* diamante chocolate retangular em seu dedo esquerdo. Ela solta um suspiro audível e não pode mais conter as lágrimas brotando em seus olhos enquanto elas escorrem por suas bochechas.

—Aislin, tome este anel como um sinal de que eu sempre vou te encontrar.

—Família e amigos, tenho o prazer de pronunciar esses dois como marido e mulher. Sr. e Sra. Niko James!

Não espero mais um segundo antes de puxar Aislin em meus braços e lhe dar um beijo longo e doce. Nossa família e amigos aplaudem e comemoram em meio aos sons de gaivotas e ondas a nossos pés. Estendo a mão sem perder os lábios de Aislin, a seguro pelos joelhos e levanto minha nova esposa em meus braços.

Depois do jantar com nossa família e amigos em um restaurante à beira-mar, Aislin e eu nos retiramos para o nosso quarto em um hotel local para um relaxamento muito necessário. Embora nosso casamento tenha sido pequeno e simples, as festividades da noite cansaram Aislin. Além disso, quero passar um tempo com minha nova esposa.

Eu a carrego para o quarto e a coloco de pé ao lado da cama. Ela sorri sonolenta para mim. Segurando o rosto dela em ambas as mãos, tomo suas feições, cicatrizes e tudo, antes de puxá-la para outro beijo doce e profundo.

—Posso te despir? — Peço gentilmente, pronto para parar se ela disser não. Em vez disso, minha linda esposa me dá um aceno de confiança.

Mantendo meus olhos firmes nos dela, chego à suas costas e lentamente puxo o zíper para baixo. Seu vestido cai a seus pés, deixando-a com nada além de um sutiã sem alças e calcinha.

—Você é tão linda.

Ela morde o lábio e olha para mim timidamente. Tomando as mãos dela, coloco-as na frente da minha camisa e movo os dedos para os meus botões. Ela entende e começa a desabotoar a minha camisa.

Tiro o cinto, observando-a por qualquer sinal de que devo parar e deixo minhas calças caírem no chão com o vestido. Saindo deles apenas com minha cueca, jogo a camisa agora aberta no chão.

—Posso segurar minha linda esposa na cama?

—Eu gostaria disso. — Ela assente e começa a engatinhar.

Eu a sigo e nos acomodamos no meio, meus braços em volta dela e a cabeça no meu peito. Em minutos, nossos lábios se encontram e passamos um tempo simplesmente nos beijando; explorando um ao outro com nossas bocas.

Ela me deixa passar meus lábios na bochecha, no pescoço, na clavícula e no peito. Então ela tem a vez dela, beijando meu peitoral e meu estômago antes de voltar para minha boca. Nossas línguas deslizam juntas em uma queima lenta que aquece meu corpo.

Quando ela se afasta, eu pressiono um beijo de boca aberta em seu pescoço antes de me deitar para olhá-la nos olhos.

—Nós... vamos fazer sexo hoje à noite?

Sua pergunta me assusta, considerando que nem sequer foi levantada. Ao ouvir Aislin mencionar a palavra sexo em referência a nós dois, o sangue corre direto para o meu pênis já latejante. De repente, sou um garoto adolescente hormonal novamente.

Antes que eu possa responder, ela continua. —Eu li livros e vi filmes. E desde que recuperei minha memória, lembro... de coisas. Sei que é costume um novo marido e mulher fazer sexo na noite de núpcias. — A ligeira oscilação em sua voz é preocupante. —Apenas não conversamos sobre isso ainda.

Deslizando um dedo sob o queixo, inclino a cabeça para trás até ter toda a atenção dela. —Não, Aislin, não vamos fazer sexo hoje à noite. Você não está pronta e, até que esteja, não vamos atravessar essa ponte. Não tenho pressa de cumprir esse marco com você, querida. Estou perfeitamente contente em abraçá-la a noite toda, se é isso que você quer fazer.

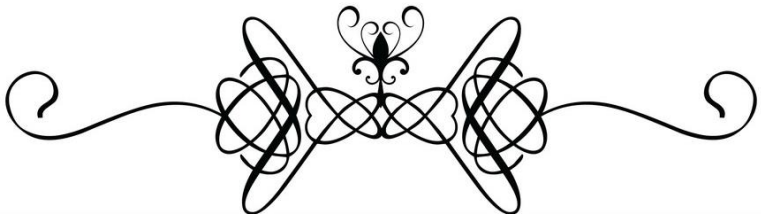
—Eu faria isso por você. Eu sei que você provavelmente quer...

Eu a silencio com um beijo casto em seus lábios carnudos. — E eu vou esperar você estar cem por cento, sem dúvida, pronta. Até lá. — beijo sua linda boca de novo — Isso é tudo o que quero fazer.

Ela não diz, mas o alívio em seu rosto é evidente. Eu sabia que ela não estava pronta.

—Obrigada, marido.

—Não há necessidade de me agradecer, esposa.



Nove meses depois...

Quando passo pela porta, uma música suave está tocando no aparelho de som na sala de estar. Largo minhas chaves na mesinha da entrada e coloco o coldre ao lado. Meus olhos se movem imediatamente pela sala, sem encontrar o que estou

procurando. Sempre procuro a coisa mais importante da minha vida quando chego em casa do trabalho.

Paro na porta da cozinha, espio e encontro-a vazia. Estou prestes a ir para o corredor que leva ao nosso quarto, mas o latido de Betsy me faz virar em direção à porta dos fundos. Sorrio quando paro na porta de vidro e olho para fora. Aislin está de joelhos ao lado do canteiro, mas em vez de jardinar, ela está brincando com Betsy.

Ela está linda, com os cabelos compridos recolhidos no alto da cabeça. Demorou um pouco, mas ela finalmente começou a se sentir mais confortável com suas cicatrizes. No começo, ela só usava o cabelo longe do rosto ao meu redor, mas depois eram amigos e família. Agora, porém, ela usa o tempo todo, não importa onde estamos ou quem está por perto. Tenho orgulho dela por sua bravura. Não é fácil deixar as pessoas verem as cicatrizes do seu passado.

Abro a porta e saio para a varanda dos fundos. Betsy late e corre em minha direção enquanto eu desço os degraus. Dou um tapinha em sua cabeça e murmuro algumas palavras para ela, mas meus olhos permanecem treinados na mulher que se levanta do chão. Ela me surpreende todos os dias com sua força. Seu sorriso é impressionante quando eu paro na frente dela.

—Ei, você. — envolvo meus braços em volta dela, em seguida, me inclino e coloco meus lábios nos dela. Eu provoco com minha língua contra a costura de seus lábios, e ela abre de bom grado. Seus dedos cravam no meu bíceps enquanto nossas bocas tocam sensualmente.

—Eu senti sua falta. — ela sussurra depois que relutantemente me afasto.

—Também senti sua falta, Norte.

Essa mulher é tudo para mim. Se eu nunca tivesse mais nada na minha vida além dela, morreria de bom grado como um homem feliz. Ela foi arrancada de mim por tanto tempo, e tê-la de volta, tê-la como minha esposa, me faz a porra do homem mais feliz do mundo.

—O jantar está no forno, aquecendo.

Eu empurro uma mecha de cabelo que se soltou e passo na ponta do nariz dela. —Vamos comer, senhora James.

Sua risada é doce e faz meu peito expandir. Eu a ergo em meus braços e caminho em direção a casa.

—Eu não sei se algum dia vou me acostumar a ouvir você dizer isso. — diz ela, passando os braços em volta do meu pescoço e apoiando a cabeça no meu ombro.

—Você pode muito bem se acostumar com isso, porque nunca vou parar de dizer.

—Mmmhmm... — Ela beija a parte de baixo do meu queixo. — Você promete?

—Eu juro pela minha vida.

Ela abre a porta para mim e Betsy entra primeiro. Ainda segurando Aislin em meus braços, a carrego para a cozinha. Eu a coloco no balcão com um doce beijo em seus lábios.

—Fique aqui. Vou pegar a comida do forno.

Quando me viro para fazer exatamente isso, ela agarra a parte de trás da minha camisa, me puxando para trás. Eu me viro e ela

estica as pernas, envolvendo-as na minha cintura e me puxando de volta para ela. Embora ela ainda tenha momentos de timidez, definitivamente não é a garota tímida que era quando voltou à minha vida. Mais e mais da garota extrovertida que eu conhecia antes está saindo.

Eu me acomodo entre as pernas dela e sinto a agitação muito familiar no meu jeans. Eu ignoro o sentimento e coloco minhas mãos na cintura dela. Olhando nos olhos dela, vejo incerteza. Franzo a testa quando ela desvia o olhar de mim e sua testa atinge o centro do meu peito.

A preocupação penetra, e coloco um dedo sob o queixo para levantar a cabeça. —O que há de errado?

Ela não responde imediatamente enquanto morde o lábio e olha para mim com as sobrancelhas inclinadas. Estou prestes a sair da minha pele quando ela finalmente abre a boca.

—Estou pronta, Niko. — diz ela suavemente.

Demoro um minuto para entender o significado das palavras e, assim que faço, meu pau sacode na calça jeans. Estamos casados há nove meses e ainda não fizemos amor. Embora soubesse que ela se entregaria voluntariamente a mim na nossa noite de núpcias e em qualquer outra noite, sabia no fundo que ela não estava pronta. Quando ela olhou para mim com seus lindos olhos verdes e perguntou se íamos fazer amor, ela não conseguia esconder o medo que ainda estava lá. Quase me rasgou em pedaços ver aquele olhar. Não porque eu não poderia senti-la da maneira mais íntima, mas porque esse medo ainda estava muito arraigado nela por toda a

merda que passou nas mãos do Sr. Stewart. Quando disse que não, o alívio foi instantâneo e sabia que fiz a escolha certa.

Desde então, houve várias vezes em que nos acariciamos e tocamos, mas cada vez que minha mão se aproximava de sua área mais privada, sentia o corpo dela enrijecer um pouco e eu recuava instantaneamente, recusando-me a ter esse medo em nossa cama. Serei paciente para sempre, se for preciso. Se nunca tivermos a chance de fazer amor, ainda a amarei e a quero da mesma forma feroz na minha vida.

—Aislin, eu não...

—Não, Niko. Eu te amo por ser tão paciente comigo. Eu sei que não foi fácil para você, mas estou pronta. Eu quero sentir você contra mim em todos os lugares. Eu quero que você faça amor comigo.

Um rubor fofo percorre seu rosto com suas palavras, e isso aquece meu corpo. Quero tanto essa mulher que dói, mas vou sofrer essa dor um milhão de vezes por machucá-la.

Enlaço meus dedos em seus cabelos e coloco meus polegares em suas bochechas. —Você tem certeza?

Ela sorri, e eu juro que ilumina a cozinha mais que dez sóis. —Sim.

Eu olho para ela por um momento, contemplando seus olhos, e não vejo nenhum medo do que já vi tantas vezes antes. A única coisa que vejo agora é puro amor e devoção, e isso faz meu coração pular no peito.

—Segure, bebê.

Ela envolve seus braços e pernas apertados em volta de mim, fazendo-nos ficar juntos. Eu cerro os dentes para morder meu gemido. Levanto-a no balcão e, com passos determinados, a carrego pela casa e vou direto para a nossa cama, onde a coloco suavemente no colchão.

Eu pairo sobre ela, deixando apenas alguns centímetros entre nós.

—Eu te amo, Norte. — murmuro e vejo seus olhos amolecerem.

—Eu também te amo, Niko.

—Você tem que me dizer se ficar com medo ou precisar parar — digo a ela, segurando seu olhar. —Me prometa.

Ela se inclina e me beija e depois deita a cabeça no colchão. — Eu prometo, mas sei que não vou querer parar ou ficar com medo. É você, Niko. Você me deixa sem medo. Você me faz forte. Estou pronta para sentir você completamente.

As palavras dela são demais; eles me dão muito crédito quando era tudo ela. Ela é quem *me* fortalece. Mesmo quando pensei que a perdi, foi a memória dela que me manteve. Agora que a tenho de volta, nada nesta terra pode nos separar novamente.

Colocando meus cotovelos em cada lado da cabeça dela, lentamente largo meu corpo no dela. Quando meus lábios tocam os dela, uma necessidade feroz assume. Uma necessidade que segurei por medo de assustá-la. Ainda levo meu tempo e ainda lentamente adoro o corpo dela, como se fosse a coisa mais preciosa do mundo. Para mim, ela é, e sempre será.

Suas mãos travam nos meus ombros, as pontas cravando nos músculos. Eu me afasto e levemente trilho meus lábios através de sua bochecha até sua orelha. Sua cabeça vira para o lado e meus olhos pousam na marca de nascença estrelada. Eu a beijo suavemente antes de descer pelo pescoço até a clavícula. Seus gemidos chegam aos meus ouvidos, e é o som mais bonito que já ouvi.

Me levanto e sento-me nos meus calcanhares. Ela pega a mão que estendo para ela. Quando está sentada na minha frente, observo seus olhos em busca de alguma incerteza quando agarro a parte inferior da blusa e começo a levantá-la. Mas não encontro nada além de antecipação em suas profundezas.

Depois que a camisa se foi, levo um minuto para olhá-la. Eu a vi sem camisa antes, mas desta vez é diferente. É diferente, porque eu sei que finalmente vou sentir cada pedaço dela, cada centímetro bonito.

Hesito porque me assusta para caralho que isso é um erro. Sentindo minha hesitação, ela se volta e abre o sutiã, deixando as alças caírem pelos braços. Quando seus seios deslumbrantes aparecem, minha boca enche de saliva para provar seu sabor. Movendo-me devagar, caso ela peça para parar, coloco meus braços em volta de sua cintura e a levanto em cima das minhas coxas. Isso coloca seus seios em um ângulo perfeito, e mergulho e bato minha língua contra seu mamilo. Ela se engasga e joga a cabeça para trás. O gosto dela contra a minha língua é muito mais do que eu imaginava.

—Oh, Niko. — ela geme, enfiando os dedos no meu cabelo.

Eu solto seu mamilo e a coloco de volta contra a cama. Seus lindos cabelos castanhos se espalham ao seu redor. Ela parece um anjo inocente. Ela é um anjo inocente, e agradeço a Deus todos os dias por ele a enviar para mim.

Tiro a camisa e seus olhos brilham no meu peito. Ela lambe os lábios como se gostasse do que vê. Eu espero que ela faça isso.

—Você tem certeza? — Pergunto a ela mais uma vez, precisando dessa garantia de que está tudo bem.

Ela assente imediatamente. —Sim.

Seguro a cintura da saia e começo a tirá-la. Ela ajuda levantando as pernas quando atinge os joelhos. Sua linda calcinha rosa aparece, e minha necessidade por ela cresce. Deslizo-as pelas pernas dela em seguida, deixando-a completamente nua para mim. Nunca na minha vida tive uma visão mais bonita.

Eu engulo, de repente nervoso. Muitos marcos nesta primeira vez. Embora ela tecnicamente não seja mais virgem, todas as outras vezes não contam. Nos meus olhos e no meu coração, ela ainda é. Rezo a Deus que isso seja bom para ela e não a assuste.

Eu recuo e paro no final da cama. Ela se levanta nos cotovelos e observa enquanto desabotoo e abro o zíper. Minhas mãos tremem enquanto puxo minha calça, levando minha cueca junto. Seus olhos pousam no meu eixo. Meu corpo fica tenso como se precisasse me contorcer sob seu escrutínio. Isso é estúpido. Eu sou um homem adulto e certamente não sou virgem, mas ter a aprovação de Aislin significa tudo para mim.

Ela olha por vários segundos, os olhos arregalados, antes de levantá-los. O olhar dela me diz que está nervosa, mas o jeito que

sua respiração sai em ofegos mostra sua emoção. Minha própria excitação aumenta.

Eu rastejo de volta na cama e me deito sobre ela, não permitindo que meu corpo toque o dela ainda. Timidamente, ela estende a mão e coloca as palmas no meu peito. Seus olhos piscam entre as mãos e o meu rosto. Eu vejo o desejo nos olhos dela enquanto ela lentamente os desliza até o abdômen superior, me dando arrepios no processo e voltando por cima dos ombros. Não posso evitar o gemido que escapa. Seus olhos se voltam para os meus, e eu sorrio.

—Isso é bom, bebê. — murmuro.

—Faça amor comigo. — ela sussurra. Embora eu sinta um tremor na voz dela, o tom dela também é confiante.

Me abaixo e dou um beijo em seus lábios antes de envolver meu braço em volta de sua cintura e gentilmente içá-la na cama.

—Eu preciso pegar uma camisinha. — digo a ela, em seguida, estendo a mão para a mesa de cabeceira.

—Não. — Ela me para, agarrando meu pulso. —Eu não quero nada entre nós.

Com o abuso sexual que ela sofreu ao longo dos anos, ela foi testada várias vezes. Felizmente, o bastardo não a deixou com nenhuma doença. E as chances de ela engravidar são praticamente nulas. Mesmo assim, se ela engravidasse, eu gritaria aos céus. Eu adoraria vê-la inchada com meu bebê.

Depois de um momento, aceno. Fazer amor com ela sem qualquer tipo de barreira será o céu e o inferno. Só espero que dure mais de cinco segundos.

Eu lentamente abaixo meu corpo ao dela. No instante em que sua pele quente toca a minha, um gemido profundo me deixa. A sensação dela é tão boa. Tão perfeito.

Deslizo minha mão pelo lado dela até a coxa e a levanto para que ela envolva minha cintura. Ela olha para mim com amor nos olhos. É difícil de acreditar, depois de tudo o que ela passou, que está confiando em mim com seu corpo agora. Eu nunca a machucaria, mas é uma bênção saber que *ela também* sabe disso.

Meu eixo encontra a carne quente de seu centro, e tenho que fechar meus olhos e respirar fundo. Nada neste mundo me faria apressar isso, mas tê-la contra mim com certeza dificulta o controle.

Por sua própria vontade, ela levanta a outra perna e envolve-a em volta da minha cintura, aproximando seu corpo do meu. Sinto a ponta cutucá-la e balanço lentamente ao mesmo tempo em que me inclino e tomo seus lábios em um beijo doce. Ela choraminga lindamente, e suas pernas tremem contra os meus quadris.

Eu me afasto e olho profundamente em seus olhos, silenciosamente pedindo mais uma vez sua permissão. Em vez de me responder verbalmente, ela levanta os quadris, deixando-me saber que ela quer isso tanto quanto eu. Estendendo a mão, agarro a base e a coloco na abertura dela. Me certifico de manter meus olhos nos dela enquanto empurro dentro dela lentamente. Eu paro quando estou no meio do caminho.

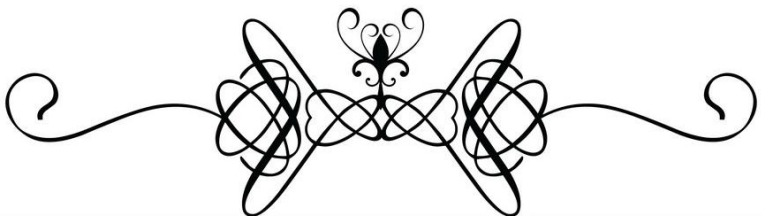
—Você está bem?

Seu rosto fica vermelho, mas ela sorri e assente. —Sim.

Eu solto uma respiração, e empurro para frente novamente, deixando mais de mim entrar dentro dela. Faço isso várias vezes até ter todo o meu comprimento em seu canal quente. Eu nunca senti nada tão bom quanto finalmente estar dentro da mulher que amo.

Meus movimentos são lentos, mas firmes, pois nenhum de nós deixa de olhar o outro. Fazemos amor por minutos, horas, dias; o tempo parece parado ao nosso redor. Tudo o que sei é que quero ficar aqui para sempre, com ela, e pelo jeito que ela está me olhando, ela quer o mesmo. Nunca em um milhão de anos eu pensei que minha vida chegaria a isso, mas agora que chegou, não consigo imaginar a vida de maneira diferente.

Faço amor com minha linda e incrivelmente forte esposa, e quando chegamos ao pico do céu e lentamente voltamos à terra, a seguro em meus braços. Eu murmuro palavras doces em seu ouvido, dizendo que a amo e quantas maneiras a farei tão feliz quanto ela me faz. O sol começa a flutuar atrás do horizonte, deixando-nos em uma névoa arroxeada. Adormecemos envoltos nos braços um do outro, ambos sabendo que nossos pesadelos acabaram e que apenas bons sonhos são deixados para trás.



Seis meses depois...

Eu chego de um dia agitado no trabalho e largo minhas chaves na mesa ao lado da porta. A casa está quieta quando entro. Sabendo que Aislin poderia estar tirando uma soneca, ando com cuidado pela casa e para o nosso quarto. Ela tem algumas deficiências de vitaminas por ficar em cativeiro por tanto tempo, então se cansa facilmente. Isso geralmente não a impede de fazer o que ama, como brincar com Betsy ou trabalhar no jardim. Significa apenas que uma ou duas vezes por semana, chego em casa para ela dormindo em nossa cama. Hoje, no entanto, quando entro em nosso quarto, encontro-o vazio.

Coloco meu coldre na gaveta da minha mesa de cabeceira. Depois disso, procuro minha esposa.

Assim que saio do quarto, a porta do banheiro se abre e Aislin sai. Eu sorrio. Ela é tão bonita. Enquanto eu me movo em direção a ela, ela cobre a boca e é então que percebo o quanto ela está pálida.

—Aislin, linda, o que há de errado? — Eu exijo, fechando a distância entre nós em dois passos e arrastando-a em meus braços. De perto, vejo os anéis escuros sob seus olhos. Parece que ela se sente terrível.

—Eu-eu estava me sentindo doente. — ela murmura e cobre a boca novamente.

—Vamos para o hospital. — Começo a puxá-la pelo corredor, mas ela não se mexe.

—Não, Niko. Eu não preciso ir.

—Bebê, você parece um inferno. Eu acho que você deveria ser verificada.

—Você não está ouvindo, Niko. Eu estava *doente.* E eu já fui ao médico.

Minhas sobrancelhas franzem em confusão. —Você... o que?

—Niko... — Lágrimas inundam seus olhos e caem por suas bochechas enquanto ela se mexe em minhas mãos. Colocando a mão entre nós, ela segura uma foto na minha frente e sussurra: — Estou grávida.

Puta merda. —Você está falando sério? — Pergunto surpreso, olhando para a foto em preto e branco do bebê A e do bebê B antes de virar para Aislin com um sorriso extasiado. —Você está grávida? De gêmeos?

Ela assente, um sorriso se espalhando por seu rosto com a minha reação.

—Eu vou ser pai de dois bebês lindos?

Ela assente novamente.

—Mas eu pensei que você não podia...? — Eu deixo meu olhar para sua barriga ainda plana.

—Eu também pensei. Acho que os médicos estavam errados.

—Nós vamos ser pais. Puta merda, nós conseguimos, baby!

—Eu sei! — Ela grita e abruptamente cobre a boca novamente.

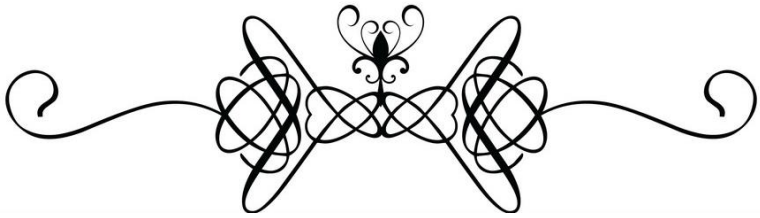
—Ah, inferno, você tem enjoo matinal.

—Mais como enjoo da tarde. — ela geme. —Isso acontece todos os dias por volta das quatro horas.

Agarrando seus ombros, a viro de volta para o banheiro. — Continue. Vou pegar uma compressa fria para você. Então vou correr para a loja para comprar uma água tônica e biscoitos.

—Obrigada. — ela geme, e fecho a porta para lhe dar um pouco de privacidade.

Corro para a loja e faço alguns telefonemas para minha família, compartilhando as boas novas com eles. O tempo todo, não consigo parar de sorrir e imaginar como Aislin ficará com a barriga arredondada com meus bebês lá dentro. Encontrá-la novamente foi um milagre. Me casar com ela era o destino. Mas ela me dar bebês é um maldito sonho tornado realidade.



Oito meses depois...

—Baby, por que você não quer algo para dor? — Eu imploro pela sexta vez quando outra contração ocorre. Elas estão chegando a cada dois minutos agora, e a médica está vestindo uma bata e luvas.

—Não. — ela ofega quando acaba, gotas de suor pontilhando sua testa. —Eu posso fazer isso. Eu sou forte.

Aperto a mão dela com mais força. —A mulher mais forte que eu conheço, Aislin. Só não suporto vê-la com tanta dor.

—Vai valer a pena. — diz ela antes de gemer através de outra contração.

A médica puxa um banquinho com rodas e se senta perto do final da cama. —Espere aí, papai. — diz ela. —Tenho a sensação de que este será rápido.

Esfrego a mão sobre a cabeça enquanto observo a determinação encher os olhos da minha esposa. Porra, mas ela me inspira. Se ela pode se manter sob controle, então certamente também posso.

—Estou bem aqui, Aislin. Aperte minha mão o mais forte que puder, se ajudar.

A próxima contração acontece, e juro que ela vai quebrar a maldita coisa. Eu não me importo, desde que a ajude a lidar com a dor.

—Ok, Aislin, espere. Vou checar você. — A médica verifica o colo do útero, e posso dizer que é desconfortável. Aislin fecha os olhos com força, então coloco sua cabeça debaixo do meu queixo.

—Quase acabando. Você consegue. Mal posso esperar para conhecer nossos bebês. Você fez tão bem, mamãe.

—Parece que você está com dez centímetros! Na próxima contração, preciso que você empurre. Vamos ver se esses bebês estão prontos para sair.

Eu continuo a murmurar meu encorajamento em seu ouvido enquanto outra contração ocorre. Aislin empurra com tudo o que ela tem, e envolvo meu braço em torno de suas costas em busca de apoio. Eu posso sentir a tensão apertada lá, e a quantidade de

esforço que ela libera quando a contração termina. Não posso deixar de admirar sua força.

Na terceira contração, a médica nos informa que pode ver a cabeça, então me inclino para dar uma olhada.

—Eu vejo cabelos escuros, Aislin!

Ela só tem tempo para um sorriso apressado antes de outra contração.

—Empurre, empurre, empurre! Você consegue! Continue... Sim! — a médica instrui. —Parabéns, você tem um menino! Papai, você gostaria de cortar o cordão? — Ela me entrega uma tesoura cirúrgica e, sem hesitar, corto a linha de salvação que mantinha meu garoto saudável dentro de sua mãe.

Uma enfermeira rapidamente o envolve em uma toalha antes de entregá-lo para mim. Ele não pesa nada nos meus braços, tão pequeno e leve. Envolvo-o de forma protetora, como se meus braços fossem a única coisa que o mantivesse seguro neste grande e novo mundo, e o aproximo de Aislin.

—Diga oi para mamãe, querido.

No segundo em que ela põe os olhos em seu filho, lágrimas escorrem por suas bochechas. —Ele é tão bonito — ela respira, estendendo a mão para tocar sua pequena mão. —Qual deve ser o seu nome, homenzinho? — Ela pergunta, mas olha para mim.

—Eu estava pensando em Christopher... pelo meu pai. Christopher Aaron.

—Christopher Aaron James. — Ela repete o nome completo em um tom cheio de orgulho. —Bem-vindo ao mundo, menino.

O momento passa quando outra contração ocorre, e uma enfermeira assume meu posto segurando a mão de Aislin. Enquanto seguro nosso filho primogênito, continuo incentivando e elogiando-a. — Você está indo muito bem, querida. Quase lá.

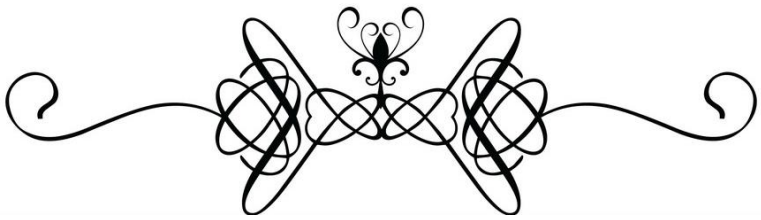
Após mais dez minutos de contração, nosso segundo filho nasce.

—É uma menina! — Exclama a médica, permitindo-me mais uma vez cortar o cordão antes que ela seja enrolada e desta vez entregue a sua mãe.

Nós babamos sobre ela, da mesma forma que fizemos para o irmão antes de começarmos a discutir um nome. Desta vez, pergunto a Aislin.

—Que tal Maggie. Maggie Aaliyah James.

—Christopher e Maggie. Eu amei. Adoro eles. Obrigado por me dar eles.



O juiz está sentado e todos na sala retomam seus assentos. Enquanto as pessoas se acalmam, o homem de túnica preta com cabelos grisalhos fala com a mesa à sua frente, à direita. —O estado reconhece a presença do júri?

—Sim, meritíssimo.

E para a mesa à sua esquerda. —E a defesa?

—Sim.

—Obrigado. — Ele aborda ambos antes de se virar para as duas fileiras de homens e mulheres ao longo do lado direito da sala. —O júri chegou a um veredicto?

Um coro de doze vozes ecoa: —Sim, meritíssimo.

Ele concorda. —Por favor, entregue o formulário do veredicto ao oficial da corte. — Enquanto eles fazem isso, ele se dirige ao homem que eu gostaria de nunca mais olhar de novo.

—O réu, juntamente com o advogado, por favor, se levante.

O juiz cataloga uma pilha de papéis entregues a ele pelo oficial, presumivelmente lendo cada um antes de segurar a pilha na frente dele e dizendo: — Senhora escriturária, por favor, publique o veredicto no registro do tribunal.

Uma mulher alta na frente levanta e pega os papéis da mão do juiz e começa a ler em voz alta as informações relativas ao caso. Niko ajusta seu aperto na minha mão e aperta meus dedos com mais força. Eu sinto que se eu apertar mais, vou machucá-lo. Também sinto que, se não me controlar, posso desmaiar. Meu coração bate violentamente no meu peito enquanto espero o veredicto.

— No caso do Estado de Ohio contra o senhor Clem Dixon Stewart, quanto à acusação de sequestro em primeiro grau, nós, o júri, consideramos o réu culpado.

—Quanto a acusação de agressão sexual de primeiro grau, nós, o júri, consideramos o réu culpado.

—Quanto à acusação de fornecer informações falsas a um agente da lei, nós, o júri, consideramos o réu culpado.

A mulher embaralha seus papéis de volta em uma pilha organizada e se senta.

Em 3 de maio de 2019, Clem Stewart recebeu uma sentença de 326 anos.